

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE **UM DE NÓS MENTE**

KAREN M. McMANUS



NADA
MAIS
A DIZER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Karen M. McManus

NADA MAIS A DIZER

Ficha Técnica

Título: Nada Mais a Dizer
Título original: Nothing More to Tell
Autora: Karen M. McManus
Edição: Ana Maduro
Tradução: Sofia Goes
Revisão: Isabel Garcia

Capa: Adaptação de Rui Rosa/Leya sobre design de Alison Impey
Fotografias da capa: © 2022, Design Pics/Getty Images
e © 2022, iStock/Getty Images
Lettering de capa de Kerri Resnick
ISBN: 9789892360997

Copyright para Portugal: © Gailivro, uma chancela das Edições ASA II
(uma editora do Grupo LeYa)
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

Copyright: © 2022 by Karen M. McManus
Publicado originalmente nos EUA por Delacorte Press (2022),
uma chancela da Random House Children's Books,
uma empresa da Penguin Random House LLC, Nova Iorque
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
Email: gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.pt
www.leya.com

Ficha Técnica

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Epílogo

Agradecimentos

Para o Ro e a Allison

Capítulo 1

Brynn

– Tens um crime preferido?

A rapariga sentada ao meu lado na espaçosa zona da receção faz a pergunta tão descontraidamente e com um sorriso tão rasgado, que tenho a certeza de que ouvi mal.

– Um quê? – pergunto.

– Crime – repete ela, ainda a sorrir.

Okay. Não ouvi mal.

– Em geral, ou... – digo cautelosamente.

– Do programa – responde ela, com uma nota de impaciência na voz, o que é justo. Eu deveria saber ao que ela se referia, visto estarmos sentadas nas instalações temporárias do *Motivo*.

Tento recuperar.

– Ah, sim, claro. É difícil de escolher. São todos tão... – Qual é a palavra certa? – Emocionantes.

– Estou obcecada com o caso «História» – declara ela, e pimba, já ninguém a para. Estou impressionada com a quantidade de pormenores de que ela se lembra de um programa que passou há mais de um ano. É óbvio que é uma especialista no *Motivo*, enquanto eu só me converti recentemente ao ramo do jornalismo de *true crime*. Verdade seja dita, não estava à espera de conseguir uma entrevista para este estágio. A minha candidatura era, pouco convencional, digamos sim.

Mas tempos desesperados e tudo isso...

Há menos de dois meses, em outubro, no meu ano como finalista do secundário, a minha vida estava bem encaminhada. Vivía em Chicago, era chefe de redação do jornal da escola e estava a candidatar-me à universidade dos meus sonhos, a Northwestern. Dois dos meus melhores amigos também planeavam ficar por cá, por isso já estávamos a sonhar em arranjar um apartamento juntos. Mas, depois, houve desastre atrás de desastre. Fui despedida do jornal, entrei na lista de espera da Northwestern e os meus pais informaram-me que o meu pai ia ser transferido para a sede da empresa.

O que significava regressar à minha cidade natal, Sturgis, em Massachusetts, e mudar-nos para a casa que os meus pais tinham arrendado ao meu tio Nick desde que tínhamos partido.

– Será um novo começo – dissera a minha mãe, esquecendo-se convenientemente da parte em que eu estava desesperada por me vir embora de lá há quatro anos.

Desde então, tenho-me esforçado ao máximo para encontrar um estágio que faça com que a Northwestern me veja novamente como uma candidata. A minha primeira meia dúzia de rejeições foram todas cartas curtas e impessoais. Ninguém teve a coragem de dizer o que estava realmente a pensar: *Cara senhora Gallagher, uma vez que o seu artigo mais visto como editora do jornal da escola foi uma compilação de fotografias de pénis, não é adequada para este cargo.*

Só para esclarecer, não tirei nem publiquei fotografias de pénis. Sou apenas a miúda patética que deixou a porta da sede do jornal destrancada e se esqueceu de fazer *log out* do computador portátil principal. Mas isso agora não importa, porque o meu nome estava no cabeçalho que foi partilhado milhares de vezes e acabou no BuzzFeed com o título ESCÂNDALO NO LICEU DE WINDY CITY: PARTIDA OU PORNOGRAFIA?

As duas coisas, obviamente. Depois da sétima rejeição educada, ocorreu-me que, quando a primeira coisa que aparece numa pesquisa do Google é uma coisa deste tipo, não vale a pena tentar escondê-la. Por isso, quando me candidatei ao *Motivo*, tentei uma abordagem diferente.

A rapariga sentada ao meu lado ainda está a falar, embrenhada numa análise aprofundada da saga da família do «História».

– Em que escola é que andas? – pergunta ela. Está a usar um casaco de cabedal giro por cima de uma *t-shirt* gráfica e umas calças de ganga pretas. Conforta-me estarmos vestidas de forma um pouco parecida. – Estou no segundo ano da Emerson. Estou a tirar o curso de comunicação social com especialização em jornalismo, mas estou a pensar em mudar de área.

– Ainda estou no secundário – respondo.

– A sério? – Ela arregala os olhos. – Ena, não sabia que este estágio estava aberto a alunos do secundário.

– Também fiquei surpreendida – digo.

O *Motivo* não estava na lista de estágios que compilei com a ajuda do meu antigo orientador; eu e a minha irmã de catorze anos, Ellie, encontrámo-lo quando estávamos a vasculhar o Boston.com. Até fazermos uma pesquisa no Google sobre o *Motivo*, eu não tinha percebido que a apresentadora do programa, Carly Diaz, se havia mudado temporariamente de Nova Iorque para Boston no verão passado para ficar perto do pai doente. O *Motivo* não é propriamente conhecido, mas é um programa de *true crime* em ascensão. Atualmente, o programa só vai para o ar numa pequena estação de televisão por cabo, mas há rumores de que poderá ser escolhido por uma das grandes cadeias de televisão em breve.

O artigo do Boston.com tinha como título: CARLY DIAZ FAZ E QUEBRA AS SUAS PRÓPRIAS REGRAS, acompanhado de uma fotografia de Carly com uma gabardina cor-de-rosa brilhante, de braços cruzados no meio da Newbury Street. Ela não parecia o tipo de pessoa que julga os outros por um contratempo público; parecia mais o tipo de pessoa que espera que se assuma quando se comete um erro.

– Então, trabalhas no jornal do teu liceu? – pergunta a rapariga.

Que bela maneira de dar um golpe ainda mais profundo, Rapariga de Emerson.

– Atualmente, não.

– A sério? – Ela franze o sobrolho. – Então como é que...

– Brynn Gallagher? – chama a rececionista. – A Carly vai recebê-la agora.

– A Carly? – Os olhos da Rapariga de Emerson arregalam-se quando me levanto. – Ena. Não sabia que era ela que estava a fazer as entrevistas.

– É agora ou nunca – digo. De repente, a Rapariga de Emerson e as suas perguntas intermináveis parecem um porto seguro. Sorrio-lhe como se fosse uma velha amiga enquanto ponho a mala ao ombro. – Deseja-me sorte.

Ela levanta o polegar.

– Tu consegues.

Sigo a rececionista por um corredor curto e estreito até uma grande sala de conferências com janelas do chão até ao teto, com vista para Back Bay. Mas não consigo concentrar-me na vista, porque Carly Diaz levanta-se da sua cadeira ao fundo da mesa com um mega sorriso e estende-me a mão.

– Bem-vinda, Brynn – cumprimenta ela.

Estou tão nervosa que quase respondo «de nada» em troca, mas consigo controlar-me a tempo.

– Obrigada – digo, e aperto-lhe a mão. – É um prazer conhecê-la. – A frase «maior que a vida» vem-me à cabeça, apesar de Carly ser minúscula sem os seus saltos de dez centímetros. Mas ela irradia energia, como se estivesse iluminada por dentro. O seu cabelo escuro é incrivelmente espesso e brilhante, a maquilhagem está perfeita e usa um vestido simples, mas tão elegante que me dá vontade de deitar fora todo o meu guarda-roupa e começar de novo.

– Por favor, senta-te – pede Carly, recostando-se na cadeira enquanto a rececionista sai para o corredor. – Serve-te de uma bebida, se quiseres.

Os copos de vidro estão diante de nós, ao lado de um jarro cheio até cima com água e gelo. Pondero a minha ligeira sede com a forte possibilidade de entornar o conteúdo do jarro em cima de mim ou, pior, no computador portátil de Carly.

– Obrigada, mas estou bem.

Carly cruza as mãos em cima da mesa e não consigo deixar de reparar nos seus anéis. Está a usar um em quase todos os dedos, sempre com desenhos arrojados em ouro. Tem as unhas pintadas de vermelho-escuro brilhante e perfeitamente arranjadas, mas curtas.

– Muito bem – continua ela, sorrindo ligeiramente. – Sabes porque estás aqui, certo?

– Para uma entrevista? – pergunto esperançosa.

– Claro. – O seu sorriso aumenta. – Recebemos quase quinhentos currículos para este estágio. A maioria são de estudantes universitários e licenciados locais, mas alguns estão dispostos a deslocar-se para aproveitar a oportunidade. – O meu coração afunda-se um pouco quando ela acrescenta: – É difícil uma pessoa destacar-se quando há tanta concorrência, mas tenho de admitir que nunca me deparei com uma candidatura como a tua. Uma das minhas produtoras, a Lindzi, viu-a primeiro e reencaminhou-a de imediato.

Carly carrega numa tecla do portátil, vira o ecrã na minha direção e ali está ele. O meu *e-mail*, com as suas dez palavras: *Não é o meu melhor trabalho*, escrevi e depois coloquei o *link* para o BuzzFeed relativo ao artigo das fotografias dos pénis. *Obrigada pela vossa atenção*.

Sinto a cara a aquecer quando Carly diz:

– Conseguiste algumas coisas interessantes com este *e-mail*. Primeiro, fizeste-me rir à gargalhada quando cliquei no *link*. Depois, fui mesmo à procura de artigos que tivesses escrito, já que não te deste ao trabalho de incluir nenhum. Perdi quinze minutos de um dia muito ocupado para os procurar. – Ela inclina-se para trás na cadeira, com os dedos debaixo do queixo enquanto os seus olhos escuros se fixam nos meus. – Isso nunca aconteceu antes.

Quero sorrir, mas não tenho a certeza se ela me está a elogiar.

– Estava à espera que apreciasses a honestidade – arrisco. – E, bem, a brevidade.

– Foi uma jogada arriscada – afirma Carly. – Mas ousada, o que eu respeito. Já agora, foi uma treta teres sido despedida por causa disto. Fazes ideia de quem publicou as fotografias?

– Sei perfeitamente quem foi – respondo e cruzo os braços com firmeza. Na altura estava a investigar uma história sobre a atribuição de notas falsas e que envolvia alguns jogadores da nossa equipa de basquetebol, campeã estadual. O capitão da equipa, um desbocado chamado Jason Pruitt, encurralou-me um dia no meu cacifo depois da aula de Inglês e disse-me a única palavra que alguma vez me dirigiu: «afasta-te». Não o fiz e, uma semana depois, as fotografias dos pénis apareceram, quase exatamente à mesma hora em que terminou o treino de basquetebol. – Mas o tipo negou e eu não consegui provar nada.

– Sinto muito – lamenta Carly. – Merecias mais apoio do que o que tiveste. O teu trabalho é excelente. – A minha postura rígida relaxa e quase sorrio, porque está tudo a correr muito melhor do que esperava, até que ela acrescenta: – Mas não tinha planeado contratar uma estudante do secundário.

– A descrição do estágio não dizia que era preciso andar na faculdade – replico.

– Foi um lapso – diz Carly.

Sinto-me a desanimar, mas por pouco tempo. Ela não me teria chamado se não estivesse a pensar em passar por cima desse requisito.

– Vou trabalhar o dobro do que qualquer estudante universitário – prometo. – Posso estar na redação sempre que não estiver na escola, incluindo noites e fins de semana. – *Porque não tenho vida social aqui*, quase acrescento, mas ela não precisa de saber isso. – Sei que não sou a pessoa com mais experiência que está a entrevistar, mas tenho trabalhado para me tornar jornalista desde o oitavo ano. É a única coisa que sempre quis ser.

– Porquê? – pergunta ela.

Porque é a única coisa em que sou boa.

Venho de uma daquelas famílias em que as pessoas são talentosas sem esforço. O meu pai é um investigador brilhante, a minha mãe é uma ilustradora de livros infantis premiada e a minha irmã mais nova, Ellie, é praticamente um prodígio musical na flauta. Todos sabiam, praticamente desde que nasceram, o que queriam fazer. Eu andei às voltas durante quase toda a minha infância a tentar encontrar a minha *cena* – o talento que me definiria –, enquanto me preocupava secretamente em me tornar como o tio Nick.

«Ele simplesmente não sabe o que quer da vida», suspirava o meu pai sempre que o seu meio-irmão muito mais novo mudava de curso outra vez. «Nunca soube.»

Parecia que a pior característica que um Gallagher podia ter era não saber o que queria ser. Por mais que gostasse do meu tio Nick, não queria ser a segunda preguiçosa da família. Por isso, foi um alívio quando cheguei ao oitavo ano e o meu professor de Inglês me destacou pela minha escrita.

«Devias trabalhar no jornal da escola», sugeriu ele.

Assim o fiz e, pela primeira vez, encontrei algo que era natural para mim. Tem sido a minha identidade desde então. «Um dia destes a Brynn vai ser pivô da CNN», gostam de dizer os meus pais e foi aterrador perder isso no último outono. Ver algo pelo qual trabalhei imenso e de que me orgulhava tanto transformar-se numa piada.

Mas não sei como explicar isso numa entrevista.

– Porque se pode fazer a diferença com cada história e dar voz a pessoas que não a têm – respondo.

– Muito bem – diz Carly educadamente. No entanto, pela primeira vez desde que nos sentámos, ela parece um pouco aborrecida e eu corro. Dei o que pensei ser uma resposta segura, mas isso provavelmente foi um erro para uma pessoa como Carly. Ela não me chamou aqui por a minha candidatura ser *segura*. – Mas sabes que não somos o *The New York Times*, não sabes? As reportagens de *true crime* são um nicho muito específico e, se não fores apaixonada por isso...

– Mas eu sou. – Eu sei que é arriscado interrompê-la, mas não posso deixar que ela me mande embora. Quanto mais investigava o *Motivo*, mais me apercebia de que era exatamente o tipo de oportunidade de que precisava: uma

oportunidade em que pudesse fazer mais do que apenas pôr uma cruz nas minhas candidaturas à faculdade. – Era sobre isso que queria falar consigo. Já fiz tudo o que mencionou no anúncio de emprego, redes sociais, revisão de textos, verificação de factos, etc. Tenho aqui o meu currículo atual que lhe posso mostrar, bem como algumas referências. Mas, se estiver interessada, tenho uma ideia para uma história.

– Ah, tens? – pergunta Carly.

– Sim. – Vasculho a minha pasta e tiro a pasta dos documentos que compilei com bastante cuidado quando me estava a preparar para a entrevista.

– Um assassinio não resolvido da minha cidade natal.

Carly ergue as sobrancelhas.

– Estás a apresentar-me a tua ideia agora? A meio de uma entrevista?

Fico paralisada com a pasta entreaberta, incapaz de perceber pelo tom dela se está impressionada, divertida ou irritada.

– Sim – admito. – Pode ser?

– Por quem sois – diz ela, a tentar conter um sorriso. – Continua.

Está divertida. Podia ser pior.

O recorte de que estou à procura está mesmo no início. É uma fotografia do *Sturgis Times*, com a legenda «Os alunos do Saint Ambrose Brynn Gallagher e Noah Talbot Ganham Competição de Escrita a Nível Estadual do Oitavo Ano». Eu, quando tinha treze anos, estou de pé entre duas outras pessoas, com um enorme sorriso e a segurar a medalha olímpica que tenho ao pescoço.

– Ah, eras tão fofinha – afirma Carly. – Parabéns.

– Obrigada, mas não foi por causa do prémio que guardei este recorte. Guardei-o por ele. – Toco com o dedo no homem da fotografia: jovem, bonito e sorridente. Mesmo numa fotografia bidimensional, ele está a transbordar de energia. – Este era o meu professor de Inglês, William Larkin. Era o seu primeiro ano a dar aulas em Saint Ambrose e foi ele que insistiu para que eu participasse no concurso de escrita. Também me influenciou a escrever para o jornal da escola.

A minha voz fica mais grossa quando ouço a voz do *stôr* Larkin na minha cabeça, tão clara hoje como há quatro anos. *Tens um dom*, disse ele, e acho que não se apercebeu do quanto aquelas palavras significaram para mim. Nunca lhe disse e arrependo-me até hoje.

– Ele estava constantemente a tentar fazer com que os alunos vivessem de acordo com o seu potencial – digo. – Ou que o vissem, se achassem que não o tinham.

Olho para cima para me certificar de que tenho toda a atenção de Carly antes de acrescentar:

– Dois meses depois de esta fotografia ter sido tirada, o *stôr* Larkin estava morto. Foi espancado com uma pedra no bosque atrás de Saint Ambrose. Três dos meus colegas de turma encontraram o corpo. – Desta vez, toco no rapaz da fotografia, que está a usar uma medalha idêntica à minha. –

Incluindo ele.

Capítulo 2

Brynn

Faço uma pausa, à espera de que as minhas palavras surtam o efeito pretendido, mantendo os olhos fixos na fotografia do *stôr* Larkin. Ele está a usar uma gravata cor de limão, a sua imagem de marca, com as cores vivas apagadas na fotografia a preto e branco. Uma vez perguntei-lhe porque gostava tanto dela e ele disse-me que lhe fazia lembrar o seu lema preferido: «Quando a vida te dá limões, faz bolo de limão.»

– O ditado não é assim – repliquei, sentindo uma pequena pontada de orgulho por saber mais do que um professor. – O correto é «faz limonada».

– Sim, mas eu odeio limonada – respondeu ele com um encolher de ombros. – E adoro bolo.

Carly cruza as pernas e bate com a biqueira do sapato na perna da mesa antes de pegar no portátil.

– Disseste que este caso não está resolvido? – pergunta ela.

A minha pulsação acelera com a sua demonstração de interesse.

– Mais ou menos.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Normalmente é uma resposta de sim ou não.

– Bem, a teoria é que foi um vagabundo que o matou – explico. – Houve um tipo que começou a andar pela baixa da cidade umas semanas antes de o *stôr* Larkin morrer, a praguejar e a gritar com as pessoas. Ninguém sabia quem era ou o que se passava com ele. Um dia passou por Saint Ambrose e começou a gritar com os miúdos durante o intervalo, por isso o *stôr* Larkin chamou a polícia e eles prenderam-no. Passou alguns dias na cadeia e o *stôr* Larkin morreu logo a seguir a ele ter sido libertado. – Aliso uma ponta dobrada do recorte. – O tipo desapareceu depois disso, portanto pensa-se que foi ele quem o matou por vingança e fugiu.

– Bem, isso é uma boa conclusão – diz Carly. – Não acreditas?

– Eu costumava acreditar – admito. Quando andava no oitavo ano, esta teoria fazia todo o sentido para mim. A ideia de um desconhecido violento a passar pela cidade era quase reconfortante, de uma forma estranha, porque

significava que o perigo tinha desaparecido e que o perigo não éramos nós: a minha cidade, os meus vizinhos, as pessoas com quem cresci. Pensei muito na morte do stôr Larkin ao longo dos anos, mas, de alguma forma, nunca lhe tinha aplicado a lente jornalística até ter visto uma temporada do *Motivo* para me preparar para esta entrevista. Enquanto via Carly a desmontar metodicamente álibis frágeis e teorias incompletas, só conseguia pensar que nunca ninguém fizera isso pelo stôr Larkin.

Depois apercebi-me, finalmente, de que eu podia ser a primeira pessoa a fazê-lo.

– Mas tenho pensado muito nisso desde que voltei para Sturgis – continuo. – E parece-me uma conclusão demasiado... bem, exatamente o que disse: boa.

– Sem dúvida. – Carly fica em silêncio durante alguns instantes enquanto tecla no computador. – Não vejo muita cobertura mediática sobre isto. Apenas o jornal local e algumas breves menções no *Boston Globe*. A última notícia foi em maio, umas semanas depois de ele ter morrido. – Ela olha para o ecrã e lê: – «Escola muito unida abalada pela morte de um professor.»

Nem sequer lhe chamaram homicídio.

Na altura, os meus amigos e eu revirámos os olhos àquele «muito unida», apesar de o lema de Saint Ambrose ser literalmente «Somos Mais Fortes Juntos». Saint Ambrose tem turmas desde o jardim de infância até ao décimo segundo ano para que, teoricamente, os alunos possam ser «mais fortes juntos» até à faculdade.

No entanto, Saint Ambrose é uma escola privada estranha: cobra dezenas de milhares de dólares em propinas, mas está localizada na degradada e sem *glamour* cidade de Sturgis. Todos os alunos inteligentes da zona candidatam-se a uma bolsa de estudo na esperança de verem as suas propinas pagas e, assim, poderem evitar a escola pública de Sturgis, que tem uma baixa classificação. Mas o colégio não tem prestígio suficiente entre as pessoas que podem escolher qualquer outra escola privada, portanto os alunos que pagam tendem a ser alunos medíocres. O que cria um fosso entre aqueles que têm e não têm dinheiro e que não foi ultrapassado por muitos alunos quando lá andei.

No sétimo ano, antes de o meu pai ter conseguido a grande promoção que nos obrigou a mudar para Chicago, Ellie e eu éramos estudantes com bolsa. Agora podemos pagar as propinas e os meus pais não queriam que fôssemos para o liceu de Sturgis, por isso, vamos voltar para Saint Ambrose daqui a umas semanas. Somos mais fortes juntos.

– Sim, nunca se falou em mais lado nenhum. Não sei porquê – digo.

Carly ainda está a olhar para o ecrã.

– Eu também não. Isto é um caso de *true crime*. Uma escola privada chique, um professor jovem e bonito assassinado, e o corpo é encontrado por três miúdos ricos? – Ela toca na margem da fotografia do *Sturgis Times*. –

Incluindo o teu amigo... Como é que ele se chama? Noah Talbot?

– Tripp – corrijo. – Chamamo-lo Tripp. E ele não é rico. – Ou meu amigo.

Carly pestaneja.

– Queres dizer que um miúdo chamado Tripp Talbot não é rico?

– Porque ele era o terceiro Noah da família dele – explico. – O pai dele é o Júnior e ele é o Tripp. Sabe, como «terceiro»? Ele é um miúdo bolseiro, como eu era.

– E os outros? – Carly volta a olhar para o ecrã enquanto faz *scroll down*. – Não vejo aqui nenhum nome, embora isso não seja de estranhar, dadas as idades deles na altura.

– O Shane Delgado e a Charlotte Holbrook – digo.

– Também eram bolseiros?

– Não. O Shane era provavelmente o miúdo mais rico de Saint Ambrose – explico. No quarto ano, quando fizemos a árvore genealógica, Shane contou-nos que os pais o tinham adotado quando ele era pequeno. Eu costumava tentar imaginar como teria sido passar de uma vida de incerteza para uma totalmente luxosa. No entanto, ele era tão novo que se calhar nem se lembra. – E a Charlotte era...

Não sei qual é a melhor forma de a descrever. Rica, sim, e quase chocantemente bonita para uma miúda de treze anos, mas a minha memória mais forte de Charlotte é a de ela estar completamente apaixonada por Shane, que parecia nunca reparar nela. Não me parece o tipo de pormenor para partilhar com Carly, por isso digo apenas:

– Também era rica.

– Então, qual é a história deles? – pergunta-me. – Dos três miúdos, quero dizer. Porque é que eles estavam na floresta naquele dia?

– Estavam a recolher folhas para um projeto de ciências – digo. – O Tripp era o parceiro do Shane e a Charlotte... A Charlotte ia praticamente para todo o lado onde o Shane ia.

– Quem fazia par com a Charlotte? – pergunta Carly.

– Eu – respondo.

– Tu? – Ela arregala os olhos. – Mas não estavas com eles?

Abano a cabeça, e ela pergunta:

– Porque não?

– Estava ocupada. – Os meus olhos desviam-se para a fotografia e observo o Tripp de treze anos: membros magros, aparelho nos dentes e cabelo louro demasiado curto. Quando soube que ia voltar para Sturgis, a minha curiosidade levou a melhor. Procurei-o nas redes sociais e fiquei chocada ao ver que ele tinha mudado epicamente desde a última vez que o vi. Agora é alto e tem ombros largos, e o cabelo que costumava estar sempre cortado à escovinha está mais comprido e atrativamente despenteado, emoldurando os olhos azuis brilhantes que sempre foram o seu ponto forte. Tirou o aparelho dos dentes e o seu sorriso é largo e confiante – não, convencido, decidi eu.

Tripp Talbot ficou injusta e imerecidamente um bonzão, e o pior de tudo é que ele o sabe. Acrescentei tudo isto à minha lista de razões para não gostar dele.

– Estavas demasiado ocupada para fazer os trabalhos de casa? – pergunta Carly.

– Estava a acabar uma história para o jornal da escola – respondo.

É verdade. Naquela altura, estava sempre a acabar uma história. A *Sentinela de Saint Ambrose*, o nosso jornal escolar, tinha-se tornado a minha vida e eu trabalhava lá quase todas as tardes. Ainda assim, podia ter arranjado tempo para a excursão de recolha de folhas. Mas não o fiz, porque sabia que Tripp ia lá estar.

Costumávamos ser amigos. De facto, entre o sexto e o oitavo ano, entrávamos e saíamos tanto da casa um do outro que o pai dele costumava dizer a brincar que me ia adotar e os meus pais tinham o hábito de ter em casa os *snacks* preferidos de Tripp. Tínhamos as mesmas aulas e uma competição amigável pelas notas. Depois, na véspera da morte do *stôr* Larkin, Tripp dissera em voz alta, à frente de toda a turma, na aula de Educação Física, para eu parar de o seguir e de lhe pedir para ser meu namorado. Quando me ri, achando que ele estava a brincar, chamou-me perseguidora.

Ainda agora sinto arrepios ao lembrar-me da humilhação, de como foi horrível a sensação de ter os meus colegas a rir-se, enquanto o treinador Ramirez tentava acalmar a situação. E o pior é que eu não fazia ideia porque é que ele tinha dito aquilo. Estivera em casa dele a fazer os trabalhos de casa no dia anterior e estava tudo bem entre nós. Não havia nada que eu tivesse dito ou feito que ele pudesse ter interpretado mal. Nunca me tinha atirado a ele, nunca; nem isso me passara pela cabeça.

Depois de Charlotte, Shane e Tripp terem encontrado o *stôr* Larkin, havia algo estranhamente glamoroso nos três – como se tivessem envelhecido uma década naquele dia, na floresta, e soubessem coisas que nós não poderíamos entender. Tripp, que nunca se tinha dado com Shane e com Charlotte, foi absorvido pelo grupo deles como se sempre tivesse feito parte dele. Nunca mais falei com ele. As pessoas costumavam revirar os olhos se eu olhasse na sua direção, como se a minha alegada paixoneta fosse ainda mais patética agora que ele era uma espécie de celebridade. Para mim foi um alívio quando, dois meses depois, a transferência do meu pai para Chicago se concretizou e nos mudámos.

Não vou entrar nesse nível de pormenores com Carly. Nada grita mais alto que ainda estou no secundário do que estar zangada com um rapaz por me ter envergonhado na aula de Educação Física.

– É fascinante pensar que quase foste testemunha de um homicídio, não é? – interroga Carly. Ela olha para o portátil. – Aqui diz que não havia provas físicas no local, para além das impressões digitais de um dos rapazes que pegou na arma do crime. Foi o Tripp?

– Não, foi o Shane.

Ela ergue uma sobrancelha.

– Na altura acharam que ele podia ter sido o culpado?

– Não – respondo. Na altura eu não achei e, apesar de não ver Shane desde o oitavo ano, continua a ser difícil de imaginar. Não porque ele fosse rico e popular, mas porque sempre me pareceu tão descontraído e, bem, descomplicado. – Era apenas um miúdo e dava-se muito bem com o *stôr* Larkin. Não tinha motivos para o magoar.

Carly apenas acena com a cabeça, como se estivesse a guardar para mais tarde um julgamento sobre isso.

– Alguém tinha?

– Que eu saiba, não.

Carly aponta para o ecrã do portátil.

– Este artigo diz que o teu professor andou a investigar um roubo recente que tinha havido na escola?

– Sim. Alguém roubou um envelope cheio de dinheiro que fora angariado para uma visita de estudo do oitavo ano a Nova Iorque. Eram mais de mil dólares – explico. Estávamos no fim de março quando isto aconteceu e eu estava muito entusiasmada por ter notícias para relatar. Foi pedido ao *stôr* Larkin que liderasse a investigação interna em Saint Ambrose, por isso entrevistei-o quase todos os dias. – A escola revistou os nossos cacifos depois da morte do *stôr* Larkin e encontraram o envelope no cacifo de Charlotte.

– A Charlotte que estava na floresta? – questiona Carly, com uma nota de incredulidade na voz. – Deixa-me ver se percebi bem. Uma das testemunhas deixa as suas impressões digitais na arma do crime, outra tem o dinheiro que o teu professor procurava, e... nada? Não acontece nada a nenhum deles? – Aceno com a cabeça, e ela cruza os braços. – Deixa-me dizer-te uma coisa. As coisas teriam sido muito diferentes se tivessem estado envolvidos miúdos negros.

– Eu sei. – Não tinha pensado nisso na altura, mas fi-lo quando me lembrei do caso durante a minha apresentação ao *Motivo*. A forma como Tripp, Charlotte e Shane tinham sido consideradas crianças. Ninguém duvidou deles, não foram escrutinados, não foram acusados, apesar de ninguém, para além deles, poder corroborar a sua história. – Mas a Charlotte disse que não sabia como é que o envelope tinha ido lá parar – acrescentei.

Na altura tive esperança de a entrevistar sobre o assunto, mas nunca tive a oportunidade. Depois da morte do *stôr* Larkin, todas as atividades extracurriculares foram suspensas durante algumas semanas e, quando recomeçaram, o diretor Griswell proibiu-me de continuar a escrever sobre o roubo. «Esta escola precisa de sarar», foram as palavras dele, e eu estava demasiado abalada com o homicídio do *stôr* Larkin para argumentar.

– Está bem. – Carly inclina-se para trás na cadeira e gira lentamente. – Parabéns, Brynn Gallagher, conseguiste oficialmente o meu interesse.

Quase que salto na cadeira.

– Então vai investigar o caso do *stôr* Larkin?

Carly levanta uma mão.

– Vamos com calma. Há muito mais coisas envolvidas para se tomar essa decisão do que apenas isto. – Ela acena com a mão para a minha pasta e eu corro, sentindo-me de repente ingénua e fora do meu meio. Carly parece notar e o seu tom de voz é mais suave quando acrescenta: – Mas gosto dos teus instintos. Este é, sem dúvida, o tipo de caso que consideraríamos. Além disso, o teu portefólio é bom e não te deixas abater por fotografias de pénis. Por isso, que se lixe. Porque não, certo? – Ela faz uma pausa, à espera da minha resposta, mas aquela informação não é suficiente para eu continuar.

– Porque não o quê? – pergunto.

Carly para de mexer a cadeira.

– Isto era eu a oferecer-te o emprego.

– A sério? – guincho.

– A sério – confirma Carly, e uma onda de excitação misturada com alívio assome-me. É a primeira boa notícia que recebo em muito tempo e o primeiro sinal de que talvez, possivelmente, eu não tenha estragado todo o meu futuro. Carly olha para um calendário no quadro branco, onde o mês de dezembro está tão sobrecarregado que é impossível ler alguma coisa de onde estou sentada. – Tens aulas ou já estás de férias?

– Não. Quer dizer, ainda não estamos de férias, mas só nos mudámos na semana passada, por isso os meus pais acharam que podia começar as aulas só no segundo período, em janeiro.

– Ótimo. Que tal vires amanhã por volta das dez da manhã, para começares o estágio? – Limito-me a acenar com a cabeça, porque não confio em mim própria para não voltar a guinchar. A seguir acrescenta: – E, por favor, escreve aquilo que discutimos sobre o teu professor. Depois eu peço a um dos nossos jornalistas para dar uma vista de olhos quando tiver tempo. Não faz mal, pois não? E aí, quem sabe? – Carly fecha o portátil e levanta-se, dando a entender que o meu tempo acabou, por agora. – Talvez haja uma história.

Capítulo 3

Tripp

Pousei a candidatura no balcão que acabei de limpar na pastelaria Lugar Feliz e estudei as palavras no topo da página. *A Bolsa de Estudos Kendrick será atribuída ao aluno com o perfil mais completo da turma de finalistas de Saint Ambrose, escolhido pelos administradores da escola.* Examino o resto do documento, mas não há nenhuma definição de «completo» – nada sobre notas, necessidades financeiras ou experiência profissional.

– Isto não faz sentido – suspiro para a sala vazia. Bem, quase sempre vazia. O cão da dona, *Al*, um *samoyed* ridiculamente fofo, bate com a cauda ao ouvir as minhas palavras. – Não fiques feliz. Nós não estamos felizes – digo-lhe, mas ele apenas se baba em resposta. Felizmente.

Suspiro, frustrado, quando a dona da pastelaria Lugar Feliz, Regina Young, sai da cozinha com um tabuleiro de *Pop-Tarts*. Não são muito parecidas com as verdadeiras, exceto pela sua forma e tamanho, e pelo granulado colorido no topo. Regina fá-las com bolo de baunilha, cobertura de queijo creme e o seu recheio de compota secreto, que eu comeria aos montes se ela me deixasse.

– Porque é que não estamos felizes? – pergunta ela, pousando o tabuleiro no balcão ao lado da caixa registadora. *Al* levanta-se ao ouvir a sua voz e corre em direção ao balcão, depois senta-se a tremer ao lado dela, à espera de uma guloseima que nunca recebe. Quem me dera ser assim tão otimista em relação a tudo na vida.

Levanto-me do banco onde estou sentado para a ajudar a carregar os bolos para a montra. Regina acabou de fazer esta fornada, por isso temos tempo antes de as pessoas começarem a fazer fila às quatro e meia. Não sou a única pessoa em Sturgis que é obcecada por estes bolos.

– A Bolsa de Estudos Kendrick é uma anedota – digo-lhe.

Ela encolhe os ombros e ajusta o lenço que usa para cobrir as suas trancinhas curtas enquanto está a cozinhar, depois afasta-se para me dar acesso à montra.

– Como assim?

Sinto o cheiro doce e frutado dos bolos e fico com água na boca.

– Vai para o aluno com o perfil mais «completo» do último ano – explico, fazendo com os dedos aspas no ar, antes de tirar um par de luvas de plástico de uma caixa por baixo do balcão. – Mas não definem os critérios, por isso, basicamente, o *Urso* vai dar a bolsa ao seu aluno preferido. O que significa que estou lixado, visto que ele me odeia. Nem vale a pena tentar.

Começo a arrumar as *Pop Tart* em fileiras organizadas, certificando-me de que estão exatamente a um quarto de polegada de distância.

Regina encosta-se ao balcão.

– Sabes o que é que mais gosto em ti, Tripp?

– A minha paixão por medidas exatas? – pergunto, semicerrando os olhos ao olhar para a montra.

– A tua atitude de que és capaz de tudo – diz ela secamente.

Sorrio, apesar de o meu humor estar a azedar rapidamente.

– Eu só digo a verdade.

– Continua, então, continua a falar – diz Regina. – Tira toda essa negatividade do teu sistema. Depois preenche a candidatura, envia-a, e espera pelo melhor.

Faço uma careta para esconder o facto de que gosto quando ela soa como uma mãe. Bem, não como a *minha mãe*. O último postal que recebi de Lisa Marie Talbot, há sete meses, era do casino em Las Vegas onde ela trabalha e tudo o que dizia no verso era «Cheio de tretas!»

– Eu vou preencher – resmungo. – Eventualmente. – Depois, franzo os lábios antes de poder começar a enumerar mais queixas que Regina já ouviu.

Mas ela consegue ler-me a mente. Enquanto muda o rolo de papel na caixa registadora, acrescenta:

– A oferta mantém-se, sabes?

Sempre que eu reclamo de que, seja qual for o pacote de ajuda financeira que eu consiga arranjar para ir para a faculdade, provavelmente não cobrirá o alojamento e a alimentação, Regina lembra-me que ela e o marido têm um quarto vago agora que apenas dois dos seus filhos vivem em casa.

– Eu sei que continua a ser em Sturgis – continua ela –, mas se precisares de uma mudança de cenário, basta dizeres.

Recebi uma oferta semelhante do meu amigo Shane, só que foi mais do género:

«Meu, vamos viver para o apartamento dos meus pais em South End quando acabarmos o curso.»

Só que quando o levei a sério e lhe perguntei quando é que nos podíamos mudar, ele lembrou-se de que o apartamento estava arrendado.

«Mas a casa em Madrid é de graça», dissera ele, como se Espanha e Massachusetts fossem intercambiáveis para alguém que nem sequer tem passaporte.

Não interessa. Não é que eu queira mesmo ir viver com Shane. Mas com Regina... talvez. Depois de anos a viver só com o meu pai, preciso de uma

mudança de ambiente. Mas esperava que o meu próximo passo envolvesse também uma nova cidade.

Quando ouvi falar da Bolsa de Estudo Kendrick pela primeira vez tive esperança. É novinha em folha, financiada por um ex-aluno rico, e dá vinte e cinco mil dólares por *ano*. Durante quatro anos. Isso cobriria algumas universidades públicas e seria quase uma bolsa completa na UMass Amherst, que é para onde eu gostava mesmo de ir. Disse ao meu orientador que era por causa do programa Exploratory Track, para que eu pudesse «considerar possíveis cursos com base nos meus interesses e aspirações». No entanto, a verdadeira razão não é tão fácil de explicar: porque é grande e longe o suficiente para que eu possa começar a sentir-me como uma nova pessoa.

– O que te faz pensar que o diretor Griswell não gosta de ti? – pergunta Regina, desviando-se de *Al* para tirar uma mancha de pó da frente da vitrina. Todos os filhos dela andaram em Saint Ambrose, por isso conhece bem a alcunha do diretor, *Urso*, e ainda está bastante ligada à Associação de Pais. Muitas vezes, ela sabe mais sobre o que se passa na escola do que eu.

– Por causa das prateleiras.

– Oh, vá lá. – Regina põe as mãos nas ancas. – Ele não pode usar um desentendimento que aconteceu há anos com um antigo empreiteiro contra o filho desse empreiteiro.

– Ele pode e fá-lo – respondo.

Quando eu era mais novo, o meu pai fazia de vez em quando trabalhos de carpintaria em Saint Ambrose. No oitavo ano, o *Urso* pediu-lhe para fazer estantes embutidas para o seu escritório, o que o meu pai fez. Mas quando acabou e apresentou a fatura ao *Urso*, este insistiu que nunca tinha concordado com aquele preço e que só iria pagar três quartos do mesmo. Discutiram durante alguns dias e, quando se tornou claro que o *Urso* não cederia, o meu pai fez a sua jogada. Foi à escola no fim de semana, desmontou todas as prateleiras e pintou a parede como se nunca lá tivessem estado. Exceto pelo bilhete que deixou a dizer: *Mudei de ideias quanto a aceitar o trabalho*.

O meu pai é assim calmo até o pressionarmos demasiado, e depois é como se ligassem um interruptor. O *Urso* teve sorte por só ter ficado sem as prateleiras, mas não viu as coisas dessa forma. Ficou bastante chateado, por isso não ia, de maneira nenhuma, dar ao filho de Junior Talbot cem mil dólares para a universidade.

– Está bem, talvez o diretor Griswell não seja o teu fã número um – diz Regina. – Mas sabes que ele não é o único que toma decisões, certo? A professora Kelso tem uma grande palavra a dizer. Talvez a maior. E bem, deixa-me ver – bate com o dedo no queixo, fingindo estar perdida em pensamentos –, ela não veio aqui no outro dia pedir-te um favor? Um favor que tu, estupidamente, recusaste fazer?

– Não – respondo.

– Oh, vá lá, Tripp.

– Não o vou fazer.

– Estás a dizer que *não* à universidade gratuita?

– Estou a dizer que *não* a esse projeto. É demasiado estranho – protesto.

Regina cruza os braços e olha para mim. Eu acrescento:

– Seria demasiado estranho para mim ajudar a fazer um jardim memorial para alguém que eu... – faço uma pausa, engolindo com dificuldade – ... encontrei.

Passei anos a tentar esquecer aquele dia na floresta com o *stôr* Larkin, embora não pelas razões que Regina possa pensar. Por isso, acho que não a posso culpar por acreditar que o Comité do Jardim Memorial para homenagear o *stôr* Larkin é uma ótima oportunidade e não um pesadelo completo.

– Não é estranho. É útil e respeitoso – corrige Regina. – E talvez tenha o efeito de curar. – A sua voz fica tão gentil quanto ela consegue, o que não é muito, mas ainda assim ganha pontos pelo esforço. – Mereces sarar tanto como qualquer outra pessoa, Tripp.

Não lhe respondo, porque a minha garganta parece estar cheia de cimento. Consigo lidar com muita coisa, mas não com Regina Young a dizer-me sinceramente o que mereço, quando ela não faz a mínima ideia das coisas que eu fiz.

– Além disso, sabes muito bem que a professora Kelso precisa de músculos – acrescenta ela. – Há trabalho pesado envolvido e vocês, rapazes de Saint Ambrose, não são famosos por se voluntariarem para os projetos escolares. – Ela recua para trás do balcão e aponta-me um dedo. – Por isso, para de te queixar e fá-lo, ou despeço-te.

– Estás a fazer *bluff* – digo, embora não tenha a certeza. Não quero nada perder este emprego. Regina paga melhor do que qualquer outra pessoa em Sturgis, e a pastelaria Lugar Feliz é como uma segunda casa. Uma que é muito mais limpa e cheirosa do que a minha primeira casa.

A campanha da porta da frente tilinta e entram meia dúzia de rapazes com camisolas às riscas amarelas e azuis por baixo das suas *parkas*, rindo e empurrando-se uns aos outros. A época de outono do lacrosse pode ter acabado, mas a liga *indoor* continua em força.

– Como é que é, T.? – cumprimenta Shane com uma voz estrondosa, largando o saco ao lado de uma das grandes mesas perto da vitrina. Depois, vira-se para a minha chefe e presenteia-a com o seu sorriso mais encantador. – Olá, Regina. Queremos as *Pop-Tart* todas, por favor.

Regina abana a cabeça.

– Cada um leva duas e mais nada – diz ela, enquanto os outros começam a pegar em guardanapos e bebidas. – Não vou ficar sem nada antes de os meus clientes habituais chegarem.

Shane leva a mão ao peito como se tivesse sido baleado, e afasta uma madeixa de cabelo escuro dos olhos. O meu pai chama Shane de *Ronaldo*, em homenagem à estrela portuguesa do futebol mundial com quem o meu pai diz

que ele se parece.

– Como é possível, ao fim deste tempo todo, ainda não sermos considerados clientes habituais? – pergunta Shane.

– Duas para cada um – repete Regina com firmeza, com a boca a dobrar-se ligeiramente num dos cantos. Apesar de Shane se comportar sempre bem ao pé dela, Regina nunca consegue decidir se ele a diverte ou irrita.

– Um dia – suspira Shane, atirando-se para uma cadeira. – Um dia que será glorioso, vais deixar-me comer todos os bolos que eu quiser e, nessa altura, a minha vida estará completa.

– A tua vida já está demasiado completa – digo.

Ele ri-se e vira-me as costas.

Regina aproxima-se de mim e puxa-me a manga.

– Preciso de pôr uns *muffins* no forno – diz ela. – Põe o *Al* lá atrás, está bem? – Tecnicamente, não é suposto o *Al* estar na zona das refeições, por isso, apesar de ninguém em Sturgis se importar com isso (incluindo os polícias habituais que cá vêm) ele vai sempre para a arrecadação quando a pastelaria fica cheia.

– Sim, senhora – respondo, e faço-lhe uma continência, que ela ignora enquanto abre a porta da cozinha e a fecha atrás de si. Atraio o *Al* com a promessa de um biscoito, que ele aceita sempre, e ofereço-lhe uma taça de água como prémio de consolação. Depois volto para trás do balcão e registo uma encomenda gigantesca em vários cartões bancários diferentes.

Assim que termino e todos se sentam para comer, a porta volta a tocar e entra uma rapariga.

– Acabou a brincadeira, Shaney – ouço um dos rapazes murmurar. – A tua miúda chegou.

O sorriso de Shane esmorece apenas por um segundo antes de dizer:

– Olá, amor. – Aceita um beijo de Charlotte. – Queres uma *Pop-Tart*?

– Não, vou só buscar um café – diz Charlotte. Ela está a usar um casaco preto com muitos botões e tiras, e demora o seu tempo a desabotoá-lo antes de o colocar nas costas de uma cadeira vazia.

– Simples só com mel? – pergunto-lhe quando ela se aproxima.

Ela encosta-se ao balcão.

– Conheces-me bem.

– Sabes que é uma combinação estranha, não sabes? Trabalho aqui há quase dois anos e tu és a única pessoa que conheço que põe mel no café.

Os lábios de Charlotte curvam-se num sorriso.

– Gosto de me destacar.

Ela não tem problemas em fazer isso. Charlotte é o tipo de rapariga que ouviu dizer que devia ser modelo a vida toda. Nunca há fases embaraçosas para Charlotte Holbrook. Mas também não há nada nela que seja extraordinário. Quando Regina me pediu para descrever a namorada de Shane, eu disse:

– É bonita. Cabelo castanho, olhos azuis, um pouco mais alta do que tu.

Depois a Charlotte entrou e Regina abanou a cabeça.

– Bonita – murmurou Regina, quase sem respirar. – Aquela rapariga é tão bonita como o Monte Everest é alto.

Enquanto preparo o café de Charlotte, ela pergunta:

– Já foste à Intranet hoje?

– Não, estamos de férias – lembro-lhe.

– Eu sei, mas saíram as listas das turmas e eu queria ver com quem vou passar o meu último semestre. – Limito-me a resmungar e ela bate-me levemente no braço. – Alguns de nós preocupam-se com essas coisas, sabes? De qualquer forma, adivinha que nome é que eu vi?

– Quem? – pergunto, abrindo uma embalagem de mel e espremendo-a na chávina de Charlotte.

– Brynn Gallagher. – Os olhos de Charlotte desviam-se para a mesa de Shane enquanto ele solta uma gargalhada alta, por isso não repara que quase deixo cair o mel. Acho que Charlotte não sabe que eu e Brynn éramos amigos; durante todos os anos que eu e Charlotte passámos juntos, nunca falámos de Brynn Gallagher.

– Como?

– Brynn Gallagher – repete Charlotte, voltando a sua atenção para mim. Depois franze o sobrolho. – Tripp, isso é muito.

Oh, bolas. Há mel aos montes no café de Charlotte.

– Desculpa – digo, e deito tudo para o lixo, e começo de novo. Não vale a pena tentar convencê-la a aceitar o doce extra. – Disseste Brynn Gallagher?

– Duas vezes – confirma Charlotte de olhos semicerrados enquanto observa a minha segunda tentativa.

– Isso é estranho – afirmo, num tom o mais neutro possível. Não preciso que Charlotte me pergunte porque é que de repente sou incapaz de fazer as tarefas mais simples. – Tendo em conta que ela já não vive cá.

Charlotte encolhe os ombros.

– Talvez tenha regressado.

– Pior para ela – digo, e passo-lhe um café perfeito. – Aqui tens.

– Obrigada, Tripp – agradece Charlotte, e vira-se sem pagar. Ela sabe que vou pôr no cartão de Shane. Encaminha-se para a mesa, mas não pega no casaco que deixou na cadeira vazia. Em vez disso, fica parada com um sorriso expectante até que um dos rapazes sentado ao lado de Shane se levanta para que ela se possa sentar no lugar dele.

Charlotte não dá espaço nenhum a Shane. Nunca deu, desde que se tornaram namorados oficiais no final do oitavo ano. Ele costumava ser tão cola como ela, mas ultimamente vejo sinais de que ele começa a estar um pouco farto de estarem sempre grudados. Como agora, em que ele faz um esgar com a boca, quando Charlotte se encosta a ele. Mas depois relaxa num sorriso de boas-vindas e eu penso se estarei a imaginar coisas.

Não é que alguma vez tenha perguntado. Shane, Charlotte e eu somos amigos há quase quatro anos, mas somos amigos superficiais. Falamos da

escola, do TikTok, de desporto, ou do assunto preferido da Charlotte, que é Shane-e-Charlotte. Há uma lista muito maior de coisas de que não falamos, incluindo a regra não dita sob a qual vivemos desde o oitavo ano.

Nós nunca, em circunstância alguma, falamos do que aconteceu na floresta naquele dia.

Tripp

Quatro anos antes

Estou na floresta que fica nas traseiras de Saint Ambrose, numa quarta-feira à tarde, a ouvir música com os meus auscultadores, e a ver a condesação da minha respiração a desaparecer no ar, enquanto espero por Shane Delgado. Já estamos a meio de abril, mas está um daqueles dias frios que mais parece a continuação do inverno, e as árvores ainda não estão completamente verdes. Também não tenho a certeza se é a época certa, enquanto o senhor Singh explica:

– Criem uma coleção de folhas que mostre a diversidade das espécies que existe nesta zona. – Mas, enfim, ninguém perguntou a minha opinião.

O meu dossiê de três argolas está mais grosso do que é preciso para um projeto de doze folhas, com as pastas de plástico cheias de folhas que eu apanhei no meu quintal esta manhã. Achei que era melhor começar, porque tenho sido parceiro de laboratório de Shane desde janeiro, e sei que vou acabar por fazer o trabalho todo.

Shane é o tipo de aluno de Saint Ambrose que não está nem aí, porque não tem de se preocupar com uma bolsa de estudo. Não tem de se preocupar com nada. Na verdade, ele é tão descontraído que é conhecido por fazer sesta nos bengaleiros das salas de aula. Os professores até brincam com isso, de um modo que nunca fariam se fosse eu a adormecer sempre que me apetecesse.

Sei que não vale a pena ter inveja de alguém como Shane, mas hoje tenho. Hoje queria ser ele ou, na verdade, qualquer outra pessoa que não eu.

Capítulo 4

Tripp

A primeira vez que estive numa esquadra da polícia foi quando fora interrogado depois do assassinio do *stôr* Larkin. Telefonámos freneticamente aos nossos pais – bem, aos pais de Shane, apesar de estarem a trabalhar em Boston, porque toda a gente sabia instintivamente que o meu pai não estava preparado para lidar com a situação. Os Delgado contactaram a polícia de Sturgis e encontrámo-nos todos no parque de estacionamento de Saint Ambrose para podermos levar os polícias até ao corpo do *stôr* Larkin. Parece-me tudo um borrão, tão surreal que mal me lembro, até sermos levados para a esquadra para prestar declarações.

Quando o meu pai apareceu, fui levado para uma sala pequena, longe de Shane e de Charlotte. Compreendi, já nessa altura, que a polícia precisava de saber se as nossas histórias coincidiam. Afastei a imagem do *stôr* Larkin da minha mente e fiz o meu melhor para responder às perguntas do agente Patz. Na altura, pensei que ele estava na casa dos quarenta, como o meu pai, porque a maioria dos adultos parecia-me de meia-idade. Sobreretudo os que tinham entradas no cabelo. Soube mais tarde que o agente Patz tinha apenas vinte e cinco anos, a mesma idade que o *stôr* Larkin.

– Porque é que estavas na floresta, Tripp?

– Estava a recolher folhas de árvores para um projeto de ciências. É suposto identificarmos doze espécies e desenhá-las. – Levara o meu caderno comigo para a esquadra. Quando chegámos, um dos outros agentes pediu-mo e desapareceu com ele, mas cerca de meia hora depois devolveu-mo.

– Porque é que estavas com o Shane e com a Charlotte?

– O Shane é o meu parceiro de laboratório e a Charlotte é amiga dele.

– Porque é que eles não tinham os seus cadernos como tu?

Porque sabiam que podiam atirar o trabalho todo para cima de mim, que eu fazia. Era essa a verdade, mas não o disse, porque é suposto os alunos bolseiros de Saint Ambrose serem gratos, não amargos. Portanto o que eu disse foi:

– Esqueceram-se.

– Onde estava o par da Charlotte?

Não me conseguia afastar de Brynn Gallagher; mesmo quando ela não aparecia, estava lá.

– Não sei. – Foi tudo o que disse e ele não insistiu.

– Tu, o Shane e a Charlotte alguma vez se separaram? Deixaram de se ver uns aos outros?

Antes de a minha mãe sair de casa, raramente falava comigo como os pais costumam fazer. Lisa Marie deixava as coisas básicas da vida, como lavar os dentes ou preparar uma tigela de cereais, para o meu pai. Mas, às vezes, gostava de divagar sobre coisas que achava interessantes quando eu estava por perto. Era mais como se ela estivesse a falar *perto* de mim do que *para* mim, mas mesmo assim eu absorvia tudo. Mais do que uma vez, ela disse: «O mundo seria um lugar melhor se as pessoas soubessem quando parar de falar. Toda a gente fala demais, a toda a hora. Se lhes fizermos uma simples pergunta, contam-nos a história da vida delas. Ninguém quer saber! Basta dizer sim ou não. Nem sequer interessa qual das respostas é verdade.»

Esfreguei o calo do meu polegar com o indicador e respondi:

– Não.

– Nem mesmo por um minuto ou dois?

– Não.

– Como é que encontraste o professor Larkin?

Eu sabia que esta era a parte importante, por isso demorei alguns segundos a organizar as minhas ideias antes de lhe contar o que aconteceu nessa tarde.

– Estávamos perto da orla do Parque Shelton... Sabe, onde as pessoas às vezes vão para observar os pássaros? Havia um ramo de uma árvore enorme que tinha caído, como se tivesse sido atingido por um raio ou algo do género. A Charlotte disse que seria fácil de encontrar folhas boas perto dele. Por isso, caminhamos em direção ao ramo e vimos uma coisa branca atrás dele. Era um ténis.

– Percebeste logo que era um ténis?

– Não, pensei que talvez fosse lixo. Um saco de papel ou algo do género. Mas depois aproximámo-nos mais...

– Quão perto?

– Não sei. O suficiente para ver que era um ténis.

– Muito bem. E o que aconteceu depois?

– Vimos o *stôr* Larkin.

Ficámos muito tempo naquela parte. Pareceram horas, com o agente Patz a fazer perguntas atrás de perguntas sobre o *stôr* Larkin e o espaço à sua volta. Soubemos logo que ele estava morto? Tocámos-lhe? Vimos ou ouvimos alguém por perto?

– Havia uma pedra ao lado dele. Era grande e afiada e tinha sangue.

– Como é que sabias que era sangue?

– Era vermelho e parecia húmido.

– Tocaste-lhe?

– O Shane tocou. Pegou na pedra e ficou com as mãos cheias de sangue. Também sujou as calças.

– Achaste que foi uma boa ideia pegar na pedra?

Uma longa pausa, enquanto eu olhava para quatro arranhões profundos e uniformes na superfície da mesa e imaginava que tinham sido feitos por uma garra demoníaca. Alguma criatura que a polícia de Sturgis tinha tentado capturar e prender, mas não conseguiu.

– Não sei. Acho que não pensei muito nisso.

– Há mais alguma coisa que me queiras contar, Tripp?

– Não. Não há mais nada para contar.

Quando finalmente terminámos, o agente Patz agradeceu-me e mandou-me para casa com o meu pai. Mais tarde, o meu pai soube, através de um boato, que nós os três tínhamos dito exatamente a mesma coisa. Toda a gente se mostrou solidária com a experiência traumática que deve ter sido encontrar o cadáver do nosso professor, e os nossos vizinhos não paravam de deixar caçarolas de comida e sobremesas para mim e para o meu pai. Não tinham feito nada disso quatro anos antes, quando a minha mãe se foi embora. Acho que não é uma grande tragédia quando as pessoas decidem ir-se embora.

Então, menos de uma semana depois, fui chamado à esquadra da polícia outra vez.

– Tripp, sabes que foi roubado dinheiro da tua escola recentemente?

Claro que sabia. O dinheiro desaparecera no final de março e tinha causado um grande alvoroço em Saint Ambrose. Era praticamente a única coisa sobre a qual Brynn escrevia na *Sentinela* há semanas.

– Sim. Era para a visita de estudo do oitavo ano a Nova Iorque.

– Sabes quanto é que era?

– Não. Mas devia ser muito dinheiro. Agora os miúdos com bolsa não podem ir, por isso ninguém pode. – Aquilo causou uma grande divisão na nossa turma, entre os miúdos que pagavam as mensalidades e os que recebiam bolsas de estudo. Em Saint Ambrose gostavam de fingir que éramos todos iguais, mas toda a gente sabia quem era quem.

– Sabias que o professor Larkin estava a liderar a investigação da escola sobre o roubo?

– Sim, claro.

– Tripp, vou partilhar contigo uma informação que veio a lume recentemente. O dinheiro roubado da vossa escola foi encontrado no cacifo da Charlotte Holbrook na sexta-feira passada, durante uma busca de rotina em Saint Ambrose. O que achas disso?

Podia ter-lhe dito que não havia nada de *rotineiro* nisso. Os alunos de Saint Ambrose nunca tinham sido revistados antes, muito menos por um polícia de Sturgis. Mas o dinheiro da turma já estava desaparecido há duas semanas, e o *Urso* estava nervoso e à procura de alguém para culpar.

Mas duvido que o *Urso* quisesse que essa pessoa fosse Charlotte

Holbrook. No entanto, não acreditava que ela se metesse em sarilhos. Mas aquilo parecia ser o tipo de coisas que o agente Patz podia descobrir por si próprio.

– Acho que estou surpreso – respondi.

– O que é que te surpreende?

– O dinheiro estar ali. A Charlotte levou-o?

O agente Patz não gostava quando eu fazia perguntas; ou pelo menos, raramente respondia.

– Tu e a Charlotte são amigos, Tripp?

– Não. – Isso era verdade, na altura.

– És amigo do Shane Delgado?

– Não. – Também era verdade.

Não me lembro de todas as perguntas que se seguiram, mas a determinado momento o agente Patz apontou a conversa para mim.

– Temos conversado com os teus colegas de turma, Tripp. Parece que tens bons conhecimentos. Mas alguns miúdos disseram-nos que por vezes podes ser mauzinho.

– A sério? Quem? – perguntei como quem não quer a coisa, como se não soubesse do que é que ele estava a falar, embora tivesse a certeza absoluta de que ele se referia a Brynn. O meu pai, que parecia estar meio a dormir durante quase toda a conversa, regressou à vida e inclinou-se para a frente, com os cotovelos na mesa.

– O que é que isso interessa? – perguntou ele. – Os miúdos não se darem bem não é um crime.

– Claro que não, senhor Talbot. Estou só a tentar conhecer melhor o Tripp.

– Ele é um bom miúdo. Tem bom coração, é honesto, e está a fazer o melhor que pode para ajudar.

Devia sentir-me grato por ele dizer aquilo, mas não senti. Naquele momento só queria que o meu pai se calasse para nos podermos ir embora.

*

Já passa das seis quando saio do trabalho, por isso mando uma mensagem ao meu pai depois de me despedir de Regina e de fechar a porta da pastelaria atrás de mim.

Como é com o jantar?

Não existente, escreve ele de volta. *Hoje não consegui ir ao supermercado.*

Vou buscar comida chinesa?

Isso era ótimo. Depois pago-te.

E paga, eventualmente.

Ligo para o Golden Palace e faço o nosso pedido habitual: arroz frito com camarão e carne de vaca com brócolos, que são de longe os melhores

pratos do menu. Os donos gostam de mergulhar a proteína em óleo e de fritar tudo até à morte. Há uns anos, os pais de Shane levaram alguns de nós a Chinatown para comermos *dim sum*, e foi a primeira vez que comi comida chinesa autêntica. Devo ter comido o meu peso em *dumplings*; mal podia acreditar como eram deliciosos. Desde então que me sinto ressentido com o Golden Palace, mas eles são rápidos, baratos, e ficam mesmo no fim da rua.

Passo por Ricci Hardware, e paro na Barbearia do Mo, quando a porta se entreabre. Alguém está a ter dificuldade em abri-la por completo, por isso seguro nela.

– Olá, senhor S. – cumprimento, quando um homem pequeno e grisalho aparece diante de mim, com os seus olhos azuis lacrimejantes.

– Desculpa – diz ele desconcertado, mas a sua expressão suaviza-se de seguida. – Ah, olá, Noah. – O senhor Solomon, que costumava ser o jardineiro de Saint Ambrose antes de se ter reformado, nunca foi um fã de alcunhas. – Nem te estava a reconhecer. Meu Deus, vocês agora estão tão crescidos. Já são praticamente adultos.

– Acontece – digo num tom estranho e sem alma, que não tem nada a ver com a minha voz normal. Não sei porque é que as pessoas idosas trazem este meu lado ao de cima. Sobretudo o senhor Solomon, que ultimamente tem andado um bocado desorientado. Segura uma caixa de equipamento vermelha na mão esquerda, mas nem pensar que lhe vou perguntar se vai à pesca. Começou a usá-la como um banco portátil, tirando de dentro dela uma pilha de notas amassadas sempre que o vejo na mercearia ou na farmácia. Fico triste de uma forma que não consigo explicar, e dou por mim a perguntar:

– Como está a sua horta? – Esta é uma pergunta que não faz sentido em janeiro, mas ele ilumina-se na mesma.

– Já viu melhores dias, mas fiz alguns melhoramentos no jardim.

O senhor Solomon vive na fronteira entre Sturgis e Stafford, uma cidade muito mais simpática de onde Shane é natural. Quando eu era miúdo, costumava imaginar que a casa do senhor Solomon era um portal para uma dimensão diferente, porque parecia uma espécie de jardim mágico que não pertencia à Nova Inglaterra. Havia trepadeiras por todo o lado, árvores de fruto e flores do tamanho da nossa cabeça. – Devias passar por lá para o ver um dia destes. Púnhamos a conversa em dia. Eu faço um chá para nós.

– Parece-me ótimo – digo, mas espero que ele saiba tão bem como eu que isso não vai acontecer. – Tenho de ir, senhor S. Vou buscar o jantar. Tem essa porta bem segura?

Ainda a estou a segurar, porque ele não se mexeu, e uma careta passa-lhe pelo rosto enrugado.

– Estás a atralhar-me – diz ele, enervado. Acho que a hora da nostalgia acabou.

– Desculpe – digo, afastando-me para que ele possa passar por mim a olhar-me de soslaio. Sei que ele é apenas um velho confuso, mas são coisas como esta – eu não conseguir dar dois passos nesta cidade sem sentir que

alguém me está a julgar – que me fazem sentir desesperado por partir.

Chego ao Golden Palace muito antes de a comida estar pronta, por isso, depois de pagar, instalo-me no banco do vestíbulo, e mal me apercebo de que já lá está um homem sentado na outra ponta, até ele falar.

– Olha, se não é o Tripp Talbot.

Acabei de gastar todas as minhas capacidades de sociabilidade a ser simpático com o senhor Solomon, por isso fico superirritado mesmo antes de ver quem é.

– Oh, olá, agente Patz.

Está vestido com um casaco de penas, cachecol e gorro de lã dos Patriots. Apesar de o gorro lhe estar a tapar a cabeça por completo, já vi o agente Patz pela cidade vezes suficientes para saber que ele aceitou a calvície e optou por rapar o cabelo.

– Vieste buscar o jantar? – pergunta ele.

Não, eu adoro este banco, penso eu. Mas não o digo, porque não sou idiota.

– Sim. O senhor também?

– A minha mulher adora este sítio – diz ele.

– Fixe – respondo, e fico a pensar por breves momentos se já sabia que o agente Patz era casado. Depois decido que não me interessa e volto ao telemóvel. Mas antes de poder abrir um jogo para me manter ocupado, o agente Patz fala novamente.

– Ouvei dizer que Saint Ambrose está a fazer um jardim memorial em homenagem ao professor Larkin – diz ele. Limito-me a acenar com a cabeça, sem compromisso, e o silêncio cai entre nós, até que ele acrescenta: – Às vezes ainda penso nesse caso. Sabes, foste a primeira testemunha que interroguei numa investigação de homicídio.

A primeira e a última, provavelmente. Em Sturgis há muitos pequenos crimes, mas não houve outro assassinio desde o *stôr* Larkin. Mas essa não parece ser a resposta certa, por isso digo apenas:

– A sério? – No meu tom mais educado.

– É uma coisa complicada, interrogar miúdos – diz ele, e não sei o que é que ele quer de mim. É suposto eu pedir desculpa por ter treze anos? – O último miúdo com quem falei, testemunha de um assalto, estava sempre a mudar a sua história. Primeiro dizia uma coisa, depois dizia outra. Estava sempre a esquecer-se de coisas, ou a omitir informações porque não as achava importantes.

Há um aquecedor no canto que está a tornar o vestíbulo do Golden Palace demasiado quente. Afasto o cabelo da testa e digo:

– Parece que ele não era grande testemunha.

O agente Patz também deve estar cheio de calor, porque tira o gorro e dobra-o entre as mãos.

– Na verdade, aprendi que isso é habitual nas crianças. As memórias delas estão menos desenvolvidas do que as dos adultos. Além disso, são mais

sugestionáveis e menos fiáveis. Mas tu não. Sempre foste muito consistente nas tuas declarações.

– Tenho uma boa memória – digo, e lanço um olhar à rapariga atrás do balcão. Onde raio está a nossa comida?

– O Shane e a Charlotte tiveram sorte por tu lá estares – diz o agente Patz. – Na floresta, quero dizer. As coisas poderiam ter sido diferentes se os dois estivessem sozinhos quando encontraram o corpo. Mesmo quando se trata de crianças, se uma delas deixa impressões digitais e a outra está na posse de bens roubados... bem, é preciso continuar a fazer perguntas.

– Pedido para Patz – diz a rapariga atrás do balcão.

Ele não se levanta, por isso digo-lhe:

– É o senhor.

O agente Patz age como se não tivesse ouvido nenhum de nós. Tem o olhar fixo na parede à nossa frente, com a testa franzida, como se estivesse perdido em pensamentos. E eu até acreditaria que ele estava, se não visse os seus olhos a desviarem-se para o meu reflexo na janela.

– Mas tu não eras amigo do Shane nem da Charlotte. Falei com os miúdos da tua turma e todos disseram o mesmo. Mesmo os que não gostavam de ti. – *O raio da Brynn*. – Tu e o Shane não se davam bem como parceiros de laboratório, e tu e a Charlotte mal se falavam antes de ela vir convosco para fazer esse trabalho. Não havia razão para mentires por nenhum deles.

– Certo – digo, e esfrego o polegar. Eu sabia que aquele jardim memorial ia dar problemas, e aqui está a prova; já nem sequer consigo ir buscar comida chinesa falsa em paz. – Porque é que eu faria isso?

– Pedido para Patz – repete a rapariga do balcão.

– Aqui, obrigado – diz o agente Patz, e levanta-se finalmente.

Relaxo os ombros, a achar que já terminámos, mas antes de avançar, ele lança-me um último olhar perscrutador.

– Essa é a pergunta que me mantém acordado à noite. Porque é que o farias? – Depois volta a pôr o gorro e pega na comida que está no balcão. – Tem uma boa noite, Tripp. Bom jantar.

Capítulo 5

Brynn

– Sentiste falta desta animação frenética, connosco a prepararmo-nos todos ao mesmo tempo de manhã? – pergunto ao meu tio Nick na terça-feira a seguir à passagem de ano, enquanto passo por cima das suas pernas esticadas na cozinha, a caminho da máquina do café.

Ele boceja e esfrega a barba cor de ferrugem no queixo, que não teve a oportunidade de barbear, porque Ellie ainda está na casa de banho. Regressámos a Sturgis há mais de três semanas, mas como as aulas começam hoje, é a primeira vez que toda a gente na casa tem o mesmo horário.

– Não. Vocês multiplicaram-se durante a noite? Juro que havia duas raparigas quando fui dormir, e pelo menos quatro a lutar pela minha casa de banho esta manhã.

– A *nossa* casa de banho – relembro-o, servindo-me do último café. Depois viro-me para o frigorífico, mas sou interrompida pela mão estendida do tio Nick.

– Não ias tirar o último café sem o substituir, pois não? – pergunta ele num tom que pretende ser autoritário, mas falha completamente. Coloca os óculos de massa no nariz e acrescenta: – Há regras nesta casa.

Passo por ele, abro o frigorífico e pego no leite.

– As tuas regras não são as minhas regras, querido tio.

– Então o meu café não é o teu café, querida sobrinha. Devolve-mo.

– Demasiado tarde. – Deito uma boa dose leite no meu café e levanto-o.

– Este café já não é sem lactose.

– És do priorio – diz ele com um suspiro de sofrimento, e eu deito-lhe a língua de fora enquanto subo as escadas para me acabar de arranjar.

O tio Nick é apenas sete anos mais velho do que eu, e sempre foi mais um irmão mais velho do que um tio. O meu avô e a sua segunda mulher, a mãe do tio Nick, retiraram-se para a Costa Rica quando Nick estava na faculdade, por isso ele veio viver connosco. Um ano depois fomos para Chicago e os meus pais, que decidiram ficar com a casa de Sturgis para o caso de terem de regressar, perguntaram ao tio Nick se queria continuar a viver lá.

Ele aceitou e, na maior parte das vezes, correu tudo bem, exceto o facto de o meu pai passar muito tempo ao telefone com o irmão a chateá-lo com a manutenção da casa e a faculdade, pois o tio Nick não conseguia escolher uma área para estudar. Tentou programação, cinema e ciências políticas antes de finalmente se licenciar em contabilidade, que nunca exerceu, porque afinal detesta contabilidade. Agora está inscrito num programa de mestrado em ensino, no qual eu acho que ele vai ser ótimo – ele costumava ajudar em Saint Ambrose quando estava na faculdade –, mas o meu pai não o deixa em paz.

– Quando é que vais começar a receber um ordenado? – perguntou ele ao tio Nick na semana passada. Adoro o meu pai, mas às vezes ele consegue ser um cientista estereotipado; brusco ao ponto de ser cruel. Não se apercebe de como é desmoralizante vê-lo rejeitar alguém que não tem a vida toda planeada aos vinte e quatro anos.

O tio Nick está a dar o seu melhor para nos aturar, mas provavelmente vai mudar-se em breve, o que é outro rude golpe para a casa de Sturgis. Já me tinha esquecido de como é fria e cheia de correntes de ar no inverno, de como os armários são pequenos e de como o sistema elétrico não está apto para o século xxi. De cada vez que entro no meu quarto, fico em pânico que a ficha tripla que liguei à única tomada vá queimar um fusível.

Hoje, porém, não; o portátil na minha secretária ainda mostra o *site* de Saint Ambrose. Ontem à noite, fui lá para verificar o meu horário das aulas e, depois, entrei numa espiral, e dei por mim a percorrer fotografias antigas de 2017 a 2018, na altura em que o *stôr* Larkin lá ensinava. Após a sua morte, a polícia entrevistou todos os nossos professores e o pessoal administrativo, o que fazia sentido, porque o *stôr* Larkin tinha sido visto pela última vez na sua sala de aula e tinha morrido na floresta das traseiras de Saint Ambrose. Até o tio Nick, um mero assistente escolar, teve de prestar declarações. Mas nunca ninguém perguntou realmente se um dos colegas do *stôr* Larkin tinha tido algum problema com ele, tal como nunca suspeitaram de Shane, Charlotte ou Tripp.

– Mais fortes juntos – murmuro, com o olhar fixo numa fotografia do diretor Griswell, a apontar para uma faixa com o lema da escola. – Éramos?

– Éramos o quê? – Olho para cima e vejo Ellie a entrar no meu quarto, com uma toalha enrolada à volta da cabeça. Mas ela não está muito interessada na resposta, porque logo a seguir a fazer a pergunta acrescenta: – Tens uma *t-shirt* branca? Esqueci-me de como as camisas do uniforme são transparentes. O meu único sutiã lavado é preto, e esta escola não merece vê-lo.

Levanto-me e vasculho na minha cómoda.

– Parece que estás tão entusiasmada como eu – digo enquanto pego numa *t-shirt* e lha atiro.

– Tu pelo menos só tens de andar em Saint Ambroes durante mais cinco meses. A mim ainda me faltam *anos*.

– Talvez o pai seja transferido antes disso – replico.

Ela suspira.

– Esperemos que sim.

O meu telemóvel toca e eu pego nele para ver uma nova mensagem.

Mason: *Pronta para hoje? Estou feliz por te ter de volta!*

Sorrio e envio um coração de volta, sentindo uma rápida explosão de alívio. A maioria dos meus antigos amigos de Saint Ambrose já não estão lá, mas Mason Rafferty e Nadia Amin ainda lá andam, e quando me encontrei com eles para um café no fim de semana passado, foi fácil, confortável e divertido. O que é exatamente o que eu preciso se quiser aguentar este semestre.

Ellie tem razão, só me faltam cinco meses, mas cinco meses é uma eternidade se não tivermos ninguém com quem conviver, exceto a nossa irmã de catorze anos. Especialmente quando todos os meus amigos em Chicago já estão a encher as redes sociais de nostalgia: «Últimas férias de inverno!»; «A última época de *softball* vai começar em breve!»; «Quem está pronto para o último fim de semana de arrasar em Four Lakes?»; «Estão a chegar as inscrições para a viagem de finalistas!» Izzy, Jackson, Olivia, Sanjay e Quentin continuam com as suas vidas como se nada tivesse mudado e eu não tivesse sido arrancada do nosso grupo de seis supostamente inquebrável.

Sei que não os posso culpar. Não foi por causa deles que tive de me mudar, e também não estou à espera de que eles se comecem a vestir de preto e a deixar de ir a eventos sociais. No entanto, não os mataria se me identificassem com um *Temos saudades tuas!* de vez em quando. Especialmente Quentin, que me convidou para sair mesmo antes de eu saber que me ia mudar para Sturgis e depois voltou atrás quando soube que eu me ia embora.

– Longa distância, certo? Quem é que precisa disso? – disse ele.

É justo, mas não foi propriamente maravilhoso para o meu ego.

Visto o meu uniforme de Saint Ambrose, e franzo o sobrolho quando a minha pulseira de ouro preferida fica presa na saia xadrez de poliéster. A pulseira era da minha mãe quando ela andava no secundário, e eu gosto da aleatoriedade dos berloques – um beija-flor, uma caveira, um trevo, uma estrela e um boneco de neve.

– Estes continuam a ser os uniformes mais baratos de sempre – murmuro, e aliso o fio que se soltou da minha saia.

– E os mais feios. – Ellie tira a toalha da cabeça e pega no meu secador.

– Ainda bem que não tiveste de ir à entrevista para o *Motivo* depois de saíres das aulas. Eles teriam olhado para este pesadelo de escola e mandavam-te logo para casa.

– Exato – digo, e tiro o *blazer* de Saint Ambrose da cabeceira da cama.

Ellie liga o secador.

– Vais dizer aos nossos colegas que os andas a espiar para o teu estágio?

– grita ela por cima do barulho de ar quente.

– Não os estou a espiar – replico, e observo-me ao espelho com um olhar

crítico. – Tanto eu como Ellie somos baixas, mais do que gostaríamos, com sardas e cabelo ruivo volumoso que temos de alisar até ele ficar submisso. Somos quase gémeas, exceto nos olhos: os dela são castanhos como os da nossa mãe e os meus são verdes. Também estão com a maquilhagem borrada, e eu inclino-me para a frente para limpar cuidadosamente o excesso de rímel. – Estou a observá-los.

Foi a mesma coisa que disse aos meus pais, que estavam entusiasmados com o meu estágio no *Motivo* até eu lhes contar que tinha proposto a Carly uma história sobre o *stôr* Larkin.

– Queremos que tenhas todas as oportunidades, Brynn – disse a minha mãe. – Sobretudo depois do que aconteceu com... Bem, tu sabes. – As fotografias dos pénis continuam a ser um assunto delicado à mesa de jantar dos Gallagher. – Mas tens de compreender como isso pode ter um impacto negativo. Se for mesmo para o ar um programa sobre o professor Larkin, pode ser muito perturbador para a comunidade de Saint Ambrose. E para ti.

– Eu já estou perturbada – lembrei-a. A mudança foi fácil para os nossos pais; o meu pai trabalha na mesma empresa de biotecnologia desde sempre, por isso continua a ter os seus colegas habituais. A minha mãe sempre trabalhou em casa a fazer as suas ilustrações. A maioria da nossa família está cá, e muitos dos seus velhos amigos também. Não foram despedidos, nem colocados em lista de espera, nem apareceram no BuzzFeed. – De qualquer forma, não é que a Carly tenha concordado em fazê-lo. Ela mal aceitou considerar a hipótese.

Por fim, deram-me a sua bênção e deixaram-me ir para o *Motivo* estagiar, mas antes fizeram-me prometer que, como o meu pai dizia, eu seria «ética em relação ao que partilhasse». Tenho a certeza de que se referia aos *alunos* do Saint Ambrose e não a eles. Não penso em partilhar nada com os quase estranhos que não voltarei a ver daqui a cinco meses.

– Então isso é um não? – pergunta Ellie, desligando o secador de cabelo. Pega num elástico da minha cómoda e prende o cabelo ainda húmido num carrapito desarrumado. Não há tempo para o alisar. – Vais deixar toda a gente às escuras?

– É um não – admito, e Ellie sorri.

– Infiltrada – diz ela. – Gosto disso.

Capítulo 6

Brynn

Saint-Ambrose não mudou nada. Continua a ser um aglomerado de edifícios em tijolo vermelho com pilares brancos, rodeado por campos cuidadosamente cuidados e uma vedação em ferro forjado que separa o colégio das pequenas casas degradadas que pontilham o resto do bairro. O *Volkswagen*, que eu estaciono num dos últimos lugares do parque atrás do edifício principal, apareceria a meio num *ranking* de carros de estudantes; estamos rodeados por tudo, desde *BMW* novinhos em folha a armadilhas mortíferas tão enferrujadas e velhas que qualquer emblema que possam ter tido em tempos já desapareceu há muito.

Há um pequeno grupo de rapazes amontoados junto a uma das escadas das traseiras, a fumar.

– Talvez arranjes um namorado novo todo bonzão aqui em Saint Ambrose, e depois podes exibi-lo nas redes sociais e mostrar ao Quentin o que ele está a perder.

– Espetacular. Mal posso esperar para mergulhar no mundo dos namoros em Saint Ambrose – digo secamente. – Também vais arranjar uma namorada nova?

– Fui eu que acabei com ela – lembra-me Ellie. – Não tenho nada a provar.

A maioria dos rapazes ignora-nos à medida que nos aproximamos, mas um deles levanta a cabeça para nos observar. É alto e robusto, com um corte à escovinha e uma mancha de barba no queixo, e dá uma cotovelada a um dos amigos.

– Temos raparigas novas – diz ele, e depois aponta com o queixo na minha direção. – Tudo bem, giraça? Fazes parte da elite, ou da ralé?

Aquilo choca-me tanto que paro com um pé no primeiro degrau.

– Desculpa?

– Fazes parte da elite ou da ralé? – repete ele, e olha-me de cima a baixo tão minuciosamente que me sinto muito feliz por estar com o casaco vestido.

– Não faço ideia do que estás a falar – respondo, e continuo a subir as

escadas.

- Elite – afirma um dos outros rapazes, e desatam todos a rir.
- Mas que raio – murmuro para Ellie enquanto abro a porta.
- Ele parece simpático – diz ela e entra. – Vejo aí potencial.

Lá dentro, tudo fervilha de atividade, e Ellie e eu vamos à secretaria, onde nos informam de quais são os nossos cacifos e os nossos horários e mostram-nos o caminho para o auditório, apesar de já lá termos estado centenas de vezes.

– Aproveitem o vosso primeiro dia em Saint Ambrose – diz uma mulher que nunca vi antes e que, claramente, não reparou na parte do «regresso» nas nossas inscrições.

– Achas que nos devemos separar e ir aos nossos cacifos, ou simplesmente levar os casacos para a assembleia? – pergunto a Ellie quando nos juntamos ao fluxo de alunos no corredor. O *blazer* azul-marinho de todos, com botões dourados, tem o brasão de Saint Ambrose no bolso esquerdo do peito, como uma marca. *Somos mais fortes juntos.*

– Traz os nossos casacos – diz Ellie, e agarra-me no braço num sinal pouco habitual de vulnerabilidade.

Vejo rostos familiares à medida que caminhamos, mas é como olhar para as pessoas através de um espelho distorcido; todos são bastante diferentes do que me recordo e, quando me lembro dos seus nomes, já passei por eles. Isso deixa-me desorientada, até que viramos uma esquina e quase esbarramos em alguém que reconheço de imediato.

– Oh – faz Charlotte Holbrook e para. – Aí estás tu.

– Aqui estou eu? – pergunto confusa.

Charlotte está deslumbrante como sempre, com seus olhos azuis-claros, pele luminosa e estrutura óssea perfeita. Em vez da camisa de uniforme branca, que é obrigatória em Saint Ambrose, está a usar uma com uma renda subtil no colarinho que combina com a bandolete de pérolas e cristais que lhe prende o cabelo castanho brilhante. Tudo em Charlotte Holbrook foi concebido para fazer com que os meros mortais se sintam simples, desajeitados e malvestidos.

– Brynn Gallagher – continua Charlotte, como se eu precisasse de ser apresentada. – Vi o teu nome na lista da turma e fiquei a pensar se serias mesmo tu, ou apenas alguém com o mesmo nome. Mas aqui estás tu.

Antes de eu ter tempo de registar as palavras dela, esboça um ligeiro sorriso e diz:

– Bem-vinda de volta.

Depois desaparece na direção errada, penso eu, até que a vejo abraçar um rapaz de cabelo escuro. Não consigo vê-lo bem o suficiente para saber se é Shane Delgado, mas se for, Charlotte conseguiu finalmente o seu homem.

– Imagina só como deve ser andar todos os dias com uma cara daquelas – murmura Ellie enquanto seguimos em frente, entramos no auditório e nos deparamos com um mar de azul-marinho e xadrez. – Como é que ias

conseguir fazer alguma coisa?

– Brynn! – chama alguém. Eu viro-me e vejo Mason Rafferty de pé na segunda fila do auditório, com a mão no ar. Mason é um pouco mais alto do que a maioria dos nossos colegas – exageradamente alto, dizia ele –, tem caracóis escuros e um sorriso que mostra os seus dentes de mentiroso. Põe as mãos à volta da boca para que a sua voz se ouça acima do burburinho da multidão e acrescenta: – Guardámo-te um lugar.

Vejo Nadia ao seu lado e avanço na direção deles, feliz por me sentir incluída.

– Também há lugar para a Ellie? – pergunto quando chegamos à fila onde eles estão.

– Claro – responde Mason, e tira um casaco de duas cadeiras vazias. – Olá, Eleanor. É bom voltar a ver-te. Continuas a *arrasar* na flauta?

– Olá, Mason. Não sei se a *arrasar* é o termo técnico correto, mas sim – diz Ellie, e sorriem um para o outro. Mason e Ellie sempre se deram bem – era o que Ellie costumava dizer sempre que eu falava dele em Chicago. Ela tinha dez anos quando nos mudámos e não sabia bem de quem gostava, mas sempre se sentiu mais à vontade com Mason do que com qualquer outro dos meus amigos.

Enquanto Mason e Ellie põem a conversa em dia, eu sento-me ao lado de Nadia.

– Como é estar de volta? – pergunta ela com o seu ligeiro sotaque britânico. Ela nasceu em Inglaterra e só veio para cá aos dez anos, depois de os pais terem morrido num acidente de viação e ela ter tido de atravessar o Atlântico para vir viver com os tios. Eles têm uma casa colonial antiga superbem restaurada em Stafford, mas não sei se ela alguma vez se sentiu verdadeiramente em casa ali. – Está tudo como te lembrás?

– Não propriamente – respondo. – O que é a ralé?

– Uma *drag*?^[1] – pergunta com curiosidade.

Mason senta-se ao meu lado, com o casaco no colo e as pernas compridas esticadas por baixo da cadeira à sua frente.

– Não, ralé. Quando eu e a Ellie vínhamos a chegar à escola, um rapaz qualquer perguntou-nos se éramos elite ou ralé – explico e franzo o sobrolho ao lembrar-me.

– Ah – diz a Nadia, e revira os olhos. – Já vi que foste apresentada à nossa crescente divisão de classes.

Ellie inclina-se no banco ao lado de Mason.

– As pessoas chamam-se mesmo assim umas às outras?

– A maioria das pessoas, não – responde Nadia, e afasta uma madeixa do cabelo preto curto e a direito. – Mas Saint Ambrose tornou-se muito mais... extremista, nalguns aspetos, desde que se foram embora. Tornaram mais acessíveis os critérios de atribuição de bolsas de estudo, por isso há muitos mais miúdos locais que não têm tanta apetência académica. Há algum ressentimento entre eles e os alunos mais ricos.

– As elites? – pergunto, e ergo as sobrancelhas enquanto olho de Mason para Nadia. – Vocês fazem parte de qual?

A família de Nadia vive bem, mas não é rica, e Mason vive a algumas ruas de distância de mim, em Sturgis. Para ele, bolsa de estudo até ao fim.

– Somos como a Suíça na segunda guerra – diz Nadia. – A verdade é que achamos tudo isto uma estupidez, mas não se pode dizer isso aos Collin Jeffries deste mundo. – Olha por cima do meu ombro, viro-me e vejo o mesmo rapaz que nos abordou nas escadas a dirigir-se para o fundo do auditório. – Isso só iria estragar a imagem que tem de si próprio como sendo injustamente maltratado pelos poderes que existem.

– Que poderes são esses? – pergunto.

Nadia inclina a cabeça para a entrada.

– Ali vão os três principais.

De alguma forma, sei quem vou ver antes de me virar. Charlotte, claro, tão majestosa como uma rainha, com o braço firmemente enfiado no braço do belo rapaz ao seu lado, que é sem dúvida Shane Delgado. À sua esquerda está outro rapaz alto, de ombros largos e cabelo louro, que eu teria tomado por um príncipe de uma escola privada igualmente mimado se não tivesse passado horas na sua casa com decoração dos anos setenta.

– Então o Tripp Talbot agora faz parte da elite? O pai dele ganhou a lotaria ou assim? – pergunto, antes de me aperceber de que ao admitir que o reconheço estou a revelar que andei a ver as redes sociais dele.

Mason sorri com conhecimento de causa.

– O Tripp faz parte da elite por associação – diz ele. – As regras não fazem sentido, obviamente, mas é essa a lógica da elite ou da ralé.

– É tão bom estar de volta – suspiro e recosto-me na cadeira, quando o diretor Griswell ocupa o seu lugar atrás do pódio colocado no palco. Tem um cavalete coberto de tecido à sua esquerda e um copo de água à sua frente, do qual bebe um longo gole.

– As pessoas ainda o chamam de *Urso*? – pergunta Ellie.

– Sempre – responde Mason.

O cabelo do *Urso* está completamente grisalho, mas, tirando isso, está exatamente como me lembro dele: impecavelmente vestido, com um colete por baixo do casaco, de baixa estatura, mas com uma presença imponente, e um bronzado que dura todo o ano.

– Bem-vindos de volta a Saint Ambrose – diz ele, e inclina-se para a frente para que o microfone possa projetar bem as suas palavras no auditório agora silencioso. – Espero que tenham descansado nas férias de inverno, e que as festas vos tenham dado energia para o período que se avizinha. Estamos muito contentes por vos ter de volta, porque, como sempre, somos mais fortes juntos.

Deixo de o ouvir e olho à minha volta, enquanto absorvo os pormenores familiares e o que é novo; as vigas do teto estão decoradas com mais algumas faixas azuis e amarelas do campeonato, as cortinas cinzentas que costumavam

emoldurar o palco foram substituídas por umas de veludo azul-marinho exuberante e todos os nossos assentos parecem ter sido estofados há pouco tempo. Os rostos que eu já conhecia começam a aparecer com mais nitidez: Katie Christo, que era uma espécie de amiga até começar a chamar-me «a *stalker* do Tripp» ou *Trippstalker*, depois da explosão de Tripp na aula de Educação Física; Martina Zielinski, uma das melhores alunas, que provavelmente está a caminho de se tornar a oradora da turma; e Pavan Deshpande, que foi o meu primeiro beijo atrás do edifício de ciências no sétimo ano.

– E há mais uma coisa. – Obrigo-me a prestar atenção ao que o *Urso* está a dizer quando ele levanta a voz; o volume da conversa na sala tem aumentado constantemente à medida que os alunos ficam inquietos. – Este ano assinalamos um triste aniversário na história da nossa escola. Passaram quase quatro anos desde que o professor do oitavo ano William Larkin morreu, deixando um grande legado de sucesso e dedicação aos seus alunos. A nossa diretora-adjunta, a professora Kelso, está a liderar um grupo para criarem um jardim memorial que será inaugurado no final da primavera, e eu peço a todos os que tiverem espaço nas vossas agendas para se oferecerem como voluntários.

Endireito-me no meu lugar. Comité do Jardim Memorial? Claro que sim! É a oportunidade perfeita para obter informações sobre o *stôr* Larkin sem ser demasiado óbvia.

Ellie inclina-se novamente diante de Mason.

– Tens espaço? – sussurra ela. – Acho que sim.

– Cala-te – sibilo enquanto Mason inclina a cabeça, curioso.

– Entretanto – continua o *Urso*, e aponta para o cavalete ao lado dele –, na nossa tradição de homenagear professores ilustres, encomendámos um retrato do professor Larkin que será pendurado no corredor da direção. É com grande prazer que hoje vos revelo o retrato. – Ele retira o pano do cavalete com um floreado, e depois recua quando o auditório se enche com uma mistura ruidosa de suspiros, gritos e sussurros confusos.

– Mas que raio? – Nadia inclina-se para a frente, semicerrando os olhos.

– O que é que está lá escrito?

Sempre vi melhor do que ela.

– Parvalhão – respondo, a olhar para as letras vermelhas brilhantes, rabiscadas na cara do *stôr* Larkin e que tapam parcialmente a sua característica gravata cor de limão.

– Oh, não! – exclama Nadia, enquanto o *Urso* tenta acalmar a sala com garantias estrondosas de que a pessoa responsável por um ato tão vergonhoso será encontrada e punida. Mason ficou pálido, como se toda a situação o estivesse a deixar fisicamente doente, e lembro-me de como ele sempre admirou o *stôr* Larkin. – Quem faria uma coisa destas?

Ellie enrola uma madeixa de cabelo que lhe escapa do coque, com os olhos postos no palco enquanto o *Urso*, ainda a gritar, volta a tapar o cavalete

com o pano.

– Que calorosa recepção de boas-vindas a Saint Ambrose, não é? – diz ela. – População completamente lixada.

[1] Jogo de palavras com *dreg*, que significa «ralé» em inglês, e *drag*, de *drag queen*. (N. da T.)

Capítulo 7

Tripp

A minha cabeça está a latejar quando acordo às seis da manhã na quarta-feira. Tudo o que quero fazer é voltar a dormir, mas forço-me a atirar os cobertores para o lado e a sair da cama. A única coisa que odeio mais do que correr é como me sinto quando *não* corro.

Visto-me rapidamente, desligo o telemóvel do carregador e procuro os auscultadores na secretária. Não tenho sorte nenhuma. Também não estão nas gavetas da secretária nem no chão, por isso pego nos ténis e dirijo-me para a sala de estar, e os meus passos são abafados pela carpete verde felpuda. A nossa casa é um edifício de dois andares que o meu pai herdou dos pais dele e que não sofreu praticamente nenhuma remodelação desde os anos setenta. Uma das últimas coisas que a minha mãe fez antes de se ir embora foi tirar o papel de parede às flores e pintar todas as divisões com uma cor diferente, todas vivas. Ainda me lembro dela parada no meio da sala de jantar quando finalmente terminou, com o pincel na mão, a olhar acusadoramente para as paredes como se tivessem quebrado uma promessa.

– Isto não está melhor – disse ela.

Mesmo na altura, eu sabia que ela não estava a falar de papel de parede.

Ela nunca chegou a tirar a alcatifa. Ainda bem. É feia, mas isola do frio, o que é importante quando não se pode regular o termóstato para mais de dezoito graus. Abrando quando me aproximo da cozinha, e bocejo com tanta força que o meu maxilar estala. O cheiro amargo a café queimado vem na minha direção, o que não deveria acontecer, uma vez que sou a única pessoa acordada...

– Bom dia – diz uma voz, assustando-me de tal forma que deixo cair o telemóvel no pé. Bate mesmo no sítio errado e a dor irradia por um dedo do meu pé enquanto me baixo para o apanhar.

– Credo, pai! – Coxeio em direção à cozinha e olho para ele. – Pregaste-me um susto do caracas. O que é que estás aqui a fazer?

Ele está a usar uma *t-shirt* que um dos amigos lhe deu como piada, onde se lê «Atingi o auge no secundário», e acho que temos de lhe dar crédito por

ter aceitado a ideia. O meu pai era uma espécie de estrela do futebol quando tinha a minha idade; suficientemente bom para que o seu nome estivesse em algumas placas no liceu de Sturgis, mas não tão bom para ser recrutado para jogar depois disso.

O meu pai passa a mão pelo cabelo grisalho e espesso antes de beber um gole de café simples.

– Eu vivo aqui, lembras-te?

Vejo o fio dos meus auscultadores por baixo de uma confusão metalizada em cima da mesa. O porta-chaves dele, que ocupa demasiado espaço porque está cheio de placas aleatórias a que ele chama os seus «medalhões da sorte». Gostava delas quando era miúdo, em parte porque havia algo de reconfortante no barulho que faziam e em parte porque ainda acreditava na sorte. Agora evito olhar para elas enquanto liberto os meus auscultadores.

– Sim, mas porque é que estás acordado? – pergunto-lhe. O meu pai trabalha no turno da noite como segurança no Hospital de Sturgis e chega a casa mais ou menos uma hora antes de eu me levantar para ir para a escola. Dorme grande parte do dia e normalmente não o vejo até quase à hora do jantar.

– Vou trabalhar no Home Depot hoje de manhã – diz o meu pai com um bocejo. – Não vale a pena ir dormir duas horas.

– Vais fazer dois turnos de seguida? Porquê? – Os trabalhos ocasionais dele no Home Depot são normalmente ao fim de semana, para evitar exatamente este cenário.

– O carro precisa de uma transmissão nova – suspira ele.

É assim a vida na casa dos Talbot. O meu pai trabalha arduamente, mas em empregos que não pagam muito e não oferecem qualquer estabilidade. Já foi despedido mais vezes do que eu consigo contar. Por um lado, há que reconhecer o mérito do tipo por se aguentar, por conseguir sempre fazer alguma coisa bem antes de as coisas se desmoronarem. Por outro lado, seria bom não ter de escolher quais as contas a pagar todos os meses.

Mas não falamos sobre isso. Há muitas coisas de que não falamos.

– Vou correr – digo, e ponho os auscultadores nos ouvidos. – Até logo. – O que quer que o meu pai diga em resposta é abafado pela minha lista de reprodução de música, e eu puxo o capuz da camisola e tapo a cabeça enquanto sou impulsionado porta fora pelos Rage Against the Machine.

Os meus pés levam-me automaticamente pelo meu caminho habitual: sigo pela minha rua, um quilómetro até passar pela Sturgis High School e depois viro à esquerda para a Main Street. A parte alta da Main é a melhor zona de Sturgis, cheia de casas antigas de estilo vitoriano que têm bom aspeto, por mais que a tinta esteja a descascar. Acelero de forma constante o meu ritmo nos quilómetros seguintes até chegar ao fim da Main Street. Estou agora na minha velocidade máxima, o mais rápido que consigo correr de forma confortável por qualquer período de tempo. Os meus membros bombeiam,

suaves e decididos, à medida que as endorfinas me percorrem o corpo e enchem as veias com uma sensação de bem-estar.

É por isto que corro. Porque é a única altura em que me sinto assim.

A esta hora, quase tudo na Main Street está fechado, até mesmo a pastelaria Lugar Feliz. As ruas estão silenciosas e quase desertas; só consigo ver um carro na minha visão periférica quando me aproximo da passadeira. Não diminuo a velocidade, já que os peões têm prioridade, mas quem está a conduzir decide ser um idiota e acelera para passar por mim antes de eu poder atravessar.

– Idiota – murmuro, e encosto-me ao passeio.

Depois, olho melhor e consigo ver o condutor de relance. É só por um momento, e pisco os olhos para o para-choques, confuso e desorientado. *Não. Não pode ser.* O carro é um *sedan* cinzento que nunca vi antes, com uma matrícula de New Jersey.

Não pode ser.

Continuo a correr e viro na Prospect Hill. O meu coração bate com mais força enquanto me esforço para manter o ritmo na subida, e os meus pulmões começam a arder. A música ressoa-me nos ouvidos, incitando-me a avançar, embora tudo em mim queira abrandar, até que, de repente, sou interrompido pelo som de uma mensagem no telemóvel.

Não devia olhar a meio da parte mais difícil da corrida. Mas aquele lampejo de familiaridade do carro cinzento faz-me pegar no telemóvel, porque não há mais ninguém que me envie mensagens tão cedo. Paro abruptamente, ofegante, e preparo-me para o que aí vem. Não é o que eu temia. Na verdade, é pior.

A mensagem é de um número desconhecido e uma única palavra.

Assassinos.

Capítulo 8

Tripp

– Quem é que faria uma coisas destas? – exige saber Charlotte ao almoço, brandindo o telemóvel como se fosse uma acusação. – Como é que se atrevem? É obsceno!

– É uma piada estúpida – diz Shane. Ele inclina-se para trás na cadeira e põe um braço à volta dos ombros de Charlotte, mas, por uma vez, ela está demasiado distraída para se aninhar nele. – Aquela cena do retrato deixou toda a gente irritada.

– Bem, deviam decidir-se – diz Charlotte diz com firmeza. – Odeiam o *stôr* Larkin, ou odeiam-nos a nós? Se somos *assassin*os, não se pode ter as duas coisas, certo?

– Para de agir como se fosse suposto isto fazer sentido – digo-lhe, e espero soar tão indiferente como Shane. Se Charlotte soubesse o quanto aquela mensagem me assustou, ela só iria passar-se ainda mais. Além disso, comecei a sentir-me melhor – pelo menos não era o único visado – quando percebi que Shane e Charlotte também receberam uma.

– Detesto ser falsamente acusada. – Charlotte atira o telemóvel para cima da mesa e cruza os braços. – Traz-me *recordações*. – Shane e eu olhamos para ela, confusos, até que ela diz: – Então, não se lembram? O dinheiro da visita de estudo? As pessoas diziam que eu era uma ladra.

– Nunca ninguém acreditou nisso – tranquiliza-a Shane.

Charlotte parece pronta a rebater, por isso mudo de assunto.

– Pergunto-me como é que a pessoa que enviou isto conseguiu os nossos números de telefone – digo.

Shane encolhe os ombros.

– No diretório da escola? A secretaria tem os nossos números. Não deve ser difícil.

– Então é alguém daqui – diz Charlotte, e semicerra os olhos enquanto passam pelo refeitório. – Provavelmente um dos da ralé.

– Vá lá, Charlotte. Não vás por aí – digo. O termo *ralé* deixa-me desconfortável, e não apenas porque o tipo que o inventou, Colin Jeffries, vive

a dois quarteirões de mim, em Sturgis. Se existe alguém que seja da ralé em Saint Ambrose, sou eu. Mas Shane e Charlotte esquecem-se sempre disso, talvez por nunca terem ido a minha casa. Mesmo quando me vão buscar para ir a algum lado, vou ter com eles à escola. Isso começou no oitavo ano, quando eu era um idiota que tinha vergonha do sítio onde vivia, e nunca mais parou.

Sim, é estranho. Mas é provavelmente mais estranho que eles nunca o tenham questionado.

– Esquece isso, está bem? – murmura Shane quando a mesa se começa a encher. Abby Liu coloca o seu tabuleiro ao lado do meu, baixando-se a meio caminho de uma cadeira, antes de se voltar a levantar com um suspiro frustrado. – Esqueci-me de ir buscar uma bebida – diz ela. – Mais alguém quer alguma coisa?

– Podes trazer-me outra maçã? – pergunta Charlotte, e franze o sobrolho para a que tem no tabuleiro. – Esta tem uma nódoa negra.

Parece-me estar ótima, mas Charlotte é como aquele conto de fadas da princesa e da ervilha – sempre a apontar defeitos que mais ninguém nota.

– Claro – diz Abby, torcendo o rabo-de-cavalo escuro e brilhante sobre um ombro. – Tripp?

– Estou bem, obrigado – respondo.

Charlotte observa Abby a afastar-se antes de se virar para mim com um sorriso conhecedor.

– Ela está interessada em ti – diz ela.

Suspiro.

– Dizes isso de toda a gente.

– Que culpa tenho eu se toda a gente está interessada em ti? – pergunta Charlotte, e atira o cabelo por cima dos ombros. *Exceto eu* está implícito. Pelo menos por enquanto a mensagem a dizer *Assassinos* parece estar esquecida.

– E tu precisas de uma namorada. Estás sozinho há demasiado tempo.

– Ninguém *precisa* de uma namorada – diz Shane, e recebe um olhar cortante de Charlotte. – Só estou a dizer para o deixares em paz, querida. O Tripp pode ter muita ação se quiser.

– Não sejas um homem das cavernas – diz Charlotte, e observa as mesas à nossa volta. – *Hum* – acrescenta ela, pensativa –, a Brynn Gallagher ficou bonita, não ficou?

Não sigo o olhar dela. É engraçado como Charlotte é a rapariga mais gira da escola, mas se tivesse de dizer porquê, ficaria encalhado, porque, apesar de ser o pacote completo, não há nada nela que se destaque. Pelo menos, não para mim. Por outro lado, em Brynn tudo se destaca: os olhos verdes, a leve camada de sardas, o cabelo acobreado. Mas parece-me uma má ideia reparar nisso, portanto faço de conta que não ouvi Charlotte e digo:

– Aí vem a Abby com a tua maçã.

Charlotte sorri enquanto arranca a maçã vermelha e brilhante da mão estendida de Abby. Depois, parece desiludida quando a coloca

cuidadosamente ao lado da outra. – Esta também está pisada, mas obrigada na mesma.

Não consigo ouvir exatamente o que Shane murmura, mas parece-se muito com «porra, é impossível de agradar».

*

Horas mais tarde, estou na estufa de Saint Ambrose, no meio de um grupo de miúdos que mal conheço, à espera da *stôra* Kelso, porque tenho medo de que Regina me despeça se não me inscrever no maldito Comité do Jardim Memorial.

Não há aqui ninguém com quem falar, por isso distraio-me a olhar para o telemóvel. Por alguma razão, ainda não apaguei a mensagem a chamar-me assassino; talvez porque estou sempre a pensar se haverá algum tipo de pista sobre quem a enviou, mas isso é inútil com um número bloqueado. Antes de me poder livrar dela, porém, chega uma mensagem de um número familiar e indesejado.

Lisa Marie: *Continuas a correr de manhã cedo, não é, Trey?*

Fecho os olhos por um instante. É sempre «Trey», como se a minha mãe precisasse da sua própria versão especial da minha alcunha, e é um bónus que eu deteste. O condutor do *sedan* cinzento que passou por mim esta manhã não era afinal uma miragem. Este dia está a ficar cada vez melhor.

Uma segunda mensagem obriga-me a voltar a olhar para o telemóvel. *Queres ir tomar café depois das aulas? Vi uma pastelaria gira na Main.*

Estás a falar da pastelaria onde trabalho? Quase escrevo, mas penso melhor. Não é como se a minha mãe se fosse lembrar que agora tenho um emprego. Além disso, não lhe devo uma resposta imediata só porque ela decidiu aparecer do nada e passear pelas ruas de Sturgis, em vez de me avisar, como uma pessoa normal. Lisa Marie acha que este tipo de coisas é divertido, que está a trazer uma mancha de cor vibrante à vida monótona que deixou para trás.

Mas eu acho que é uma treta e estou farto de jogar os jogos dela.

– Olá a todos. Peço desculpa pelo atraso! – A *stôra* Kelso entra com alguns alunos atrás dela, cheia de pastas nos braços. – É um prazer ver tantas pessoas aqui. Estou muito agradecida e entusiasmada por trabalhar com todos neste projeto tão importante.

Abre uma das pastas, tira um monte de papéis agrafados e entrega-os ao miúdo que está mais perto dela.

– Peguem num e passem, por favor. Este é um esboço de como acho que o processo vai decorrer, mas agradeço todo e qualquer *feedback*. – Depois os seus olhos fixam-se em mim e o seu rosto ilumina-se. Sou um dos favoritos dela, apesar de não ter feito nada para o merecer. – Tripp, afinal conseguiste vir! Estou tão feliz por te teres decidido juntar a nós.

– Claro – murmuro e baixo a cabeça enquanto pego num dos papéis e

passo o molho a quem está ao meu lado, sem sequer olhar. Não preciso de mais olhares curiosos; já os estou a receber desde que apareci na estufa. Afinal, fui eu que encontrei o *stôr* Larkin.

– Estou a pensar nisto por fases – continua a *stôra* Kelso. – Primeiro, há o planeamento. Temos de decidir o que o jardim deve conter, tanto em termos de plantas como se deve ter algum tipo de objeto, como um banco ou uma placa. Vamos ter de avaliar essas opções. E depois...

Está calor na estufa, por isso abro o fecho do casaco e olho à minha volta enquanto a *stôra* Kelso continua a falar. Há demasiadas plantas aqui, decido. Não gosto. Não gosto de estar rodeado de tanto verde desde aquele dia na floresta.

Não. Não estou a pensar nisso.

Normalmente funciona; a memória ameaça vir à superfície e eu empurro-a para baixo. Mas desta vez, talvez por estar no meio de um bosque falso sobreaquecido, não consigo. Durante alguns segundos, tudo à minha volta se desvanece. Tudo o que consigo ver são árvores, com os seus troncos nodosos e os seus ramos a torcerem-se para todos os lados, bloqueando a luz do sol e cercando-me. Alguém está a gritar, tornando impossível pensar, e eu *tenho* de pensar.

– Tripp?

Pisco os olhos até a minha visão ficar clara. A *stôra* Kelso está a olhar para mim, o que provavelmente significa que todos os outros também estão.

– Ouviste o que eu disse? – pergunta ela. – Não te importas de liderar essa reunião?

Merda. Que reunião? Em que é que eu me fui meter? Devia simplesmente aceitar que Martina Zielinski vai receber a bolsa de estudo Kendrick, e não eu, e então podia abandonar este inferno frondoso e nunca mais voltar. Exceto na parte em que Regina me despediria ou me mataria. Possivelmente as duas coisas.

– Sim, acho que sim – murmuro, e baixo os olhos para o meu folheto. As palavras contorcem-se à minha frente, impossíveis de ler.

– Ótimo – diz a *stôra* Kelso. – Tu e a outra presidente vão fazer uma grande equipa.

Outra presidente? A *stôra* Kelso está a sorrir para alguém à minha esquerda, a pessoa para quem empurrei os folhetos sem olhar, há uns minutos. Olho agora e dou por mim diante dos olhos verdes brilhantes de Brynn Gallagher.

– Olá, parceiro – diz ela.

Capítulo 9

Brynn

– Brynn. Uma pergunta para ti. Quantos homicídios cometeu a Patty LaRusso?

– *Hum.* – Levanto os olhos da minha folha de Excel e vejo Lindzi Bell, uma das produtoras associadas do *Motivo*, inclinada expectante da porta. – Bem, ela esteve envolvida em três mortes, mas uma delas foi considerada um acidente. Portanto, tecnicamente, dois.

É a minha terceira semana no *Motivo* e, até agora, o meu horário parece ser «sempre que puderes aparecer», como diz Lindzi. Ela é a minha supervisora e eu passo a maior parte do tempo aqui, no que Lindzi chama de «fosso» – uma sala sem janelas com uma mesa comprida onde uma dúzia de assistentes de investigação se sentam atrás de computadores portáteis – a trabalhar em projetos como a catalogação de mulheres assassinas em série.

Lindzi abana a cabeça, com os caracóis cor de areia a balançar enquanto arregaça as mangas da sua camisa perfeitamente ajustada. Tem trinta e poucos anos, um rosto cheio de sardas e veste-se como se tivesse acabado de vir de uma aula de ioga muito cara. daquelas em que se usam as melhores joias.

– Vamos apagá-la. Dois não são suficientes para entrar nesta seleção.

O tipo ao meu lado, um *hipster* desengonçado chamado Gideon, murmura:

– Que preguiçosa, Patty. – Enquanto isso eu apago Patty LaRusso da folha de Excel.

Lindzi ignora-o, com os olhos ainda postos em mim.

– Além disso, queria falar contigo sobre a mesa-redonda que vamos ter mais tarde na Scarlet – diz ela.

Quando comecei a trabalhar aqui, só percebia metade do que Lindzi dizia, porque grande parte do que diz é com abreviaturas. Mas agora já falo um pouco melhor a linguagem do *Motivo*. Sei que as mesas-redondas são reuniões em que os produtores dão informações sobre as histórias em curso e que Scarlet é a grande sala de conferências ao lado da receção. Todas as salas de conferências têm nomes de personagens do *Cluedo*.

– Tenta evitar fazer reuniões na Mustard, se puderes – disse-me o Gideon no meu primeiro dia. – A mesa está sempre pegajosa. Ninguém sabe porquê.

– O que é que tem? – pergunto, ansiosa, enquanto giro a minha cadeira.

A mesa-redonda de hoje é muito importante para mim. Assim que cheguei, dei a Lindzi o meu resumo da história do *stôr* Larkin e ela respondeu-me uns dias depois com notas.

– Agrada-me. Há ali qualquer coisa – disse ela, e eu senti uma rápida e enorme explosão de orgulho. Então, na semana passada, ela sugeriu que eu apresentasse a história na próxima mesa-redonda.

– Estás a falar a sério? – Engoli em seco. – O *Motivo* vai investigar o caso do *stôr* Larkin?

– Não é isso que significa *apresentar* – disse ela gentilmente. – É apenas uma oportunidade de dares mais informação sobre um conceito inicial, por isso não fiques muito entusiasmada.

– Tens a certeza de que queres que o faça? – perguntei, mas depois arrependi-me imediatamente da pergunta. Precisava de ser confiante, não hesitante.

– Porque não? A ideia é tua – disse ela. Depois piscou-me o olho. – Além disso, para ser sincera, vai ser uma mesa-redonda bastante esparsa, com uma agenda ligeira. Muitas pessoas estão a viajar, ou ainda de férias. Por isso, considera-a um treino entre amigos.

Lindzi cruza os braços e encosta-se à porta.

– Na verdade, a mesa-redonda de hoje vai ser muito menos informal do que eu pensava. Ramon d’Arturo vai assistir.

Todos os investigadores associados murmuram «Ooooh» em uníssono, enquanto eu pestanejo para Lindzi.

– Quem é Ramon d’Arturo? – pergunto.

– O novo executivo sénior, que veio da ABC há uns meses. O trabalho dele é fazer com que sejamos escolhidos por uma plataforma maior. – Lindzi baixa a voz e acrescenta: – O Ramon e a Carly chocam muito. Ele só pensa em *fazer crescer a marca* e as suas ideias podem ser bastante antiquadas. Também adora mostrar falhas nas histórias, por isso acho que hoje não é um bom dia para apresentares a história do William Larkin.

– O quê? Não, está tudo bem – insisto, a sentir o estômago às voltas com a ideia de toda a minha apresentação ir para o lixo. – Não me importo. A crítica faz parte do trabalho, certo?

Lindzi hesita.

– Normalmente, não faz parte do trabalho de uma estagiária. Tu só estavas no programa da mesa-redonda porque... – Ela mostra-se indiferente à minha expressão *abatida*.

– Porque achavas que não ia lá estar ninguém para me ouvir? – Termino por ela.

– É para o teu próprio bem, a sério – diz Lindzi. – Detesto fazer

apresentações em frente ao Ramon e sou produtora há cinco anos.

– Eu quero fazer – digo, teimosa, apesar de não ter a certeza se isso é mesmo verdade.

– Deixa-me ver o que a Carly acha – responde Lindzi. Depois vai-se embora, com as pulseiras a tilintar enquanto acena a alguém no corredor.

Gideon solta um suspiro pesaroso.

– Foi bom conhecer-te, Brynn.

– A sério? Quão mau pode ser? – pergunto. – Vou só apresentar uma ideia.

– Oh, minha doce e inocente criança. – Gideon abana a cabeça. – Não há *apresentações* quando se trata de Ramon. Posso garantir-te que, se a história de William Larkin está na agenda da mesa-redonda, o Ramon já sabe mais sobre o caso do que tu alguma vez saberás.

– Isso é impossível – protesto. – Fui aluna do *stôr* Larkin.

– Como já te disse – diz Gideon –, foi um prazer conhecer-te.

– Agora estou a ignorar-te. – Volto à minha folha de Excel, a tentar fingir que aquela conversa não me provocou bastante ansiedade. Continuo a trabalhar até pouco antes das quatro e meia, altura em que me dirijo para a Scarlet. Há dez cadeiras de couro à volta da mesa, a maioria ocupada por produtores como Lindzi. É uma reunião muito maior do que o «ensaio entre amigos» que Lindzi me descreveu inicialmente. Ela acena-me enquanto dá uma palmadinha na cadeira vazia ao seu lado e sinto borboletas no estômago.

– A Carly disse para ires em frente – murmura ela, quando me aproximo.

– Ótimo – engulo em seco. Agora não há mais volta a dar.

Sento-me no momento em que Carly entra na sala, a conversar com um homem alto, com cabelo grisalho e óculos de aros finos. A minha primeira impressão dos dois é que combinam; mesmo à distância, posso dizer que ele é o tipo de pessoa que comanda uma sala sem sequer tentar. Carly chama-me a atenção e sorri antes de se sentar numa cadeira à cabeceira da mesa. O homem alto senta-se ao lado dela, ajeitando a gravata no peito.

– Muito bem, pessoal – diz Carly, e a conversa para instantaneamente. – O Ramon veio de Nova Iorque para a mesa-redonda de hoje, por isso vamos dar-lhe as boas-vindas. – O homem alto inclina a cabeça, e um coro de cumprimentos e aplausos enche a sala. – Estou entusiasmada, como sempre, por ter a vossa opinião sobre aquilo que eu acho serem alguns conceitos muito interessantes. – Carly olha à volta da mesa até que os seus olhos se fixam em mim. – A maioria de vocês conhece a nossa estagiária, a Brynn, que hoje vai partilhar uma ideia para uma história para nossa apreciação. É uma história com a qual ela tem uma ligação pessoal, uma vez que a vítima em questão já foi seu professor. Brynn, queres começar com o caso do William Larkin?

Oh, meu Deus! Nada como ir direto ao assunto.

– Claro – respondo, e abro o portátil.

Ramon olha para mim por cima dos óculos.

– Agora deixamos os estagiários sugerirem histórias? – pergunta ele com

uma voz rica e profunda.

Engulo nervosamente enquanto Carly diz:

– Somos uma organização igualitária, Ramon. As ideias podem vir de qualquer lado e, pessoalmente, adoro a iniciativa. Força, Brynn.

– *Okay* – digo, mas a minha voz está muito mais trémula do que estava há dez segundos. *Relaxa*, digo a mim própria. *Faz tudo o que praticaste ontem à noite*. – Pensei que podíamos começar por conhecer o senhor... por conhecer William Larkin nas suas próprias palavras.

Carrego numa tecla do meu computador. Um vídeo ganha vida no quadro branco em frente à sala, e lá está ele – o meu antigo professor, com uma camisa branca e a sua gravata cor de limão. O *stôr* Larkin está sentado na minha antiga sala de aula, a sorrir para quem quer que esteja a filmá-lo.

– Gostei de trabalhar na Eliot School – diz ele, e afasta dos olhos uma madeixa de cabelo escuro ondulado. – Mas Saint Ambrose é especial. Adoro o empenho desta escola em educar alunos de todos os estratos sociais com padrões excecionalmente elevados.

Carrego no botão do *pause* e digo:

– William Larkin gravou isto para o *Sturgis Cable Access* em março de 2018. Um mês depois, a doze de abril, estava morto, encontrado espancado até à morte na floresta das traseiras de Saint Ambrose. – Carrego noutra botão e uma colagem de fotografias enche o ecrã. A fotografia do diretório do *stôr* Larkin, a fotografia da nossa turma do oitavo ano e várias fotografias espontâneas – ele a ajudar o senhor Solomon a transportar um saco de fertilizante durante o recreio, a servir chili no piquenique anual da escola e a montar uma banca na feira anual do livro. – Ele era um professor popular, amado por todos os seus alunos, e era também...

– Um vazio – interrompe Ramon d'Arturo.

Algumas pessoas respiram profundamente, e sinto-me a corar instantaneamente.

– Desculpe? – digo. A minha mão voa instintivamente para a minha pulseira de amuletos e puxa os elos familiares.

– Ramon – diz Carly, de forma concisa. – A Brynn estava a falar.

– Peço desculpa por interromper – diz Ramon. – Mas há uma questão central que precisamos de resolver. – Levanta-se, pega num marcador do quadro branco e escreve «QUEM SE IMPORTA?» em letras maiúsculas gigantes sobre a cabeça do *stôr* Larkin.

O meu queixo cai enquanto Carly diz:

– Ela estava mesmo a dizer isso.

– Ela estava a dizer que ele era um bom professor – replica Ramon. – O que é ótimo. Mas, normalmente, quando procuramos uma história desta natureza, há uma família em luto à procura de respostas. Pais que partilham memórias de infância. Uma noiva ou parceiro que perdeu o amor da sua vida. Irmãos que apontam o dedo a pessoas de quem nunca gostaram. Mas William Larkin? – Ele encolhe os ombros. – O seu corpo foi identificado pelo colega

de casa. Os jornais locais entrevistaram os seus colegas, não a sua família. Porque aparentemente ele não tem família.

– Espere, o quê? – digo.

Ramon franze o sobrolho.

– Não sabias?

– Eu... – Fico sem palavras.

– O teu professor alguma vez falou da família dele na aula? – insiste

Ramon. – Ou de um amigo íntimo? Ou de uma namorada, talvez?

– *Hum.* – Todos os olhares se voltam para mim enquanto procuro lembrar-me. De certeza que sim, mas, no entanto, não me ocorre absolutamente nada. Quando o *stôr* Larkin falava connosco, era sempre *sobre* nós, e nunca me ocorreu questionar isso. Partia do princípio de que o seu trabalho era preocupar-se mais com os alunos do que consigo próprio. Nem sequer pensei na família e nos amigos dele enquanto estava a preparar a minha apresentação para a mesa-redonda, o que agora me parece completamente amador.

Lindzi tinha razão; devia ter desistido quando tive a oportunidade.

– Não – admito. – Nunca.

Ramon acena com a cabeça.

– Não me surpreende. A polícia de Sturgis não conseguiu encontrar nenhum parente, e não apareceu ninguém. Os pormenores do funeral foram tratados pela equipa do Saint Ambrose. Como eu disse, o homem era um vazio.

Não sei o que é pior – se o facto de Ramon ter demorado menos de cinco minutos a expor-me como uma novata em *true crime* que negligencia aspetos básicos da investigação, ou ele continuar a chamar o *stôr* Larkin de *vazio*. Quero defender o *stôr* Larkin, e talvez a mim mesma, mas Carly fala antes que eu possa dizer qualquer coisa.

– Mas isto é uma história, não é? – pergunta ela. – Porque é que este jovem bonito e inteligente, que era muito apreciado pelos alunos e colegas, estava tão isolado?

– Não é a nossa história – diz Ramon. – O *Motivo* precisa do elemento pessoal para que os nossos espectadores se interessem, e são precisos demasiados recursos para conseguirmos sequer arranhar a superfície. A minha recomendação é que coloquemos esta ideia de parte.

Estremeço, é horrível ouvir aquilo enquanto olho para a cara sorridente do *stôr* Larkin. É quase como se ele estivesse a morrer outra vez.

– Nem sequer lhe estás a dar uma oportunidade, Ramon – diz Carly. – E os miúdos envolvidos? Mal foram interrogados e não me parece que seja coincidência o facto de alguns deles terem pais muito ricos e influentes...

– Há mais uma coisa – interrompe Ramon. Ajeita a gravata, com os botões de punho dourados a brilhar e, apesar de eu nunca ter jogado póquer, lembro-me subitamente de alguém que está prestes a revelar uma mão vencedora. – Uma das minhas fontes em Las Vegas disse-me que Gunnar Fox

anda atrás da mesma história.

Toda a gente reage como se Ramon tivesse atirado um monte de lixo para cima da mesa. Os rostos contorcem-se, as narinas dilatam-se e mais do que uma pessoa diz «*bah*». Começam uma série de conversas paralelas enquanto eu desbloqueio o meu telemóvel e procuro apressadamente o nome no Google. Os resultados aparecem rapidamente: é um antigo apresentador desportivo de Las Vegas que foi despedido por assédio sexual e que recentemente lançou um programa de *true crime* chamado *Não Cometas o Crime*, que transmite no YouTube e na sua página do Facebook. Basicamente, um imitador do *Motivo*, com um apresentador tarado e sem credibilidade.

– Porque é que Gunnar Fox andaria atrás desta história? – pergunta Carly.

– De acordo com a minha fonte, ele afirma ter algum tipo de informação privilegiada – diz Ramon. – Mas não importa a razão, pois não? O que interessa é que, se avançares, vais ter de lutar com aquele porco por entrevistas. Vais sujar-te e ele vai gostar. Há demasiadas outras histórias que merecem o teu talento, para perderes tempo com esta. – Ele olha na minha direção, e se queria fazer-me sentir minúscula, missão cumprida.

Carly lança um olhar penetrante a Ramon, mas tudo o que diz é:

– Registrado. Vamos continuar por agora. Tucker, queres falar-nos do caso de Echo Ridge?

Deixo-me cair no meu lugar enquanto Lindzi escreve freneticamente uma nota no seu bloco e o empurra para a minha frente: *NÃO TE SINTAS MAL*, escreveu ela em maiúsculas. *ELE É ASSIM COM TODA A GENTE*. Devolvo-lhe um ligeiro sorriso e empurro o bloco de notas de volta para ela, tentando voltar a concentrar a minha atenção no resto da reunião. Ela tem razão; todas as outras apresentações são criticadas, mas nenhuma tanto como a minha.

Quando a mesa-redonda termina finalmente, pego nas minhas coisas, ansiosa por voltar para a relativa segurança do Fosso, apesar de poder contar com o «Eu bem te disse» de Gideon à minha espera.

– Brynn! – A voz de Carly detém-me no caminho. Quando olho para cima, os olhos dela estão no telemóvel, enquanto acrescenta: – Tenho de atender esta chamada, mas depois gostava de ter uma conversa rápida contigo e com a Lindzi no Mustard. Espera lá por mim, por favor.

– *Bah!* O Mustard – murmura Lindzi, e o meu coração despenha-se enquanto a sigo pelo corredor. Carly não parecia nada feliz. Em vez de a impressionar, envergonhei-a e, provavelmente, arruinei a minha hipótese de redenção jornalística.

– Vou ser despedida, não vou? – pergunto de rompante quando Lindzi fecha a porta atrás de nós.

– Como? – Ela pestaneja confusa enquanto pousa o portátil na cadeira ao lado dela, depois estende a mão quando eu me aproximo para colocar o meu na mesa. – Não faças isso. Vai ficar todo pegajoso.

– Não pode vir alguém e, enfim, limpar isto? – pergunto, distraída por momentos, enquanto equilíbrio o computador e o bloco de notas nos joelhos.

Lindzi solta um suspiro profundo.

– Acredita em mim, já tentámos.

A porta abre-se de repente e a minha pulsação acelera quando vejo a cara da Carly. Parece zangada e, quando abre a boca, preparo-me para ouvir as palavras «Estás despedida.» Em vez disso, fecha a porta, encosta-se a ela com os braços cruzados e sibila:

– Aquele idiota precisa de aprender quem manda aqui.

Capítulo 10

Brynn

– Como? – pergunto enquanto Lindzi tenta, mas não consegue, suprimir um sorriso.

– Quem é que ele pensa que é para interromper a minha equipa no meio de uma apresentação? – pergunta Carly, e começa a andar pela sala com os seus saltos altos. – Para *me* interromper? E questionar o meu discernimento, como se eu fosse uma novata que precisa de orientação e não a pessoa que, sozinha, construiu este programa desde o início?

– Isso mesmo – diz Lindzi em voz baixa.

O alívio inunda-me as veias à medida que assimilo as palavras de Carly e percebo que a raiva dela não é dirigida a mim.

– Não concordas com o que o Ramon disse sobre o *stôr* Larkin? – pergunto-lhe.

– Não cheguei onde estou a deixar que um lambe-botas me diga o que fazer – diz Carly. Atira-se para uma cadeira e suspira alto, compondo-se visivelmente antes de acrescentar:

– Vamos dar alguns passos preliminares em relação a esta história. Lindzi, quero que entres em contacto com a polícia de Sturgis e vejas que provas estão dispostos a partilhar.

Controlo-me para não saltar da cadeira, mas por pouco, quando Lindzi pega no portátil e começa a escrever.

– Sim, chefe – diz ela.

– E põe um anúncio a pedir informações no *site* – continua Carly. – Com o nome de William Larkin, a fotografia, a idade à data da morte, a data em que morreu e o *e-mail* da nossa linha direta.

Lindzi faz uma pausa nas suas anotações, com as sobranceiras erguidas.

– Se William Larkin aparecer no *site*, o Ramon vai saber... – Ela interrompe-se ao ver a expressão de Carly a ficar séria de novo.

– Que estamos a investigar uma história? – pergunta Carly com frieza. – Que é a razão de ser desta organização e o motivo pelo qual toda a gente envolvida nela, incluindo ele, tem um emprego? Ótimo.

– É mesmo ótimo – diz Lindzi, voltando a olhar para o ecrã.

Olho para uma e para outra, mal podendo acreditar no que estou a ver. Duas jornalistas brilhantes e de renome estão a dar toda a sua atenção à história do *stôr* Larkin – tudo por causa de uma sugestão que eu fiz. Bem, e pelo facto de um tipo de quem Carly não gosta ter acabado de destruir a história, mas, por agora, vou concentrar-me nos aspetos positivos.

– O que posso fazer? – pergunto.

Carly franze o sobrolho.

– Talvez investigar um pouco aqueles miúdos da floresta – diz ela. – O que é que eles andam a fazer agora? O que é que as famílias deles andam a fazer? Esse tipo de coisas.

Aceno com a cabeça, lembrando-me da reunião desta manhã do Comité do Jardim Memorial. Quando lá fui, não estava à espera de ver Tripp Talbot e passei os primeiros dez minutos da reunião irritada por ele me estar a ignorar antes de eu ter tido oportunidade de o ignorar a ele. Depois, a *stôra* Kelso juntou-nos, o que valeu a pena só pela expressão na cara dele. Mas parece que essa não é a única vantagem de estar presa com a minha antiga némesis.

– Já estou a tratar disso – respondo.

*

Mais tarde, nessa noite, ainda estou cheia de adrenalina e não consigo adormecer. Tentei por breves instantes, por volta das onze horas, mas desisti e peguei no telemóvel, que é um tesouro e uma fonte inesgotável de resultados no Google sobre as famílias Delgado e Holbrook. O que os pais do Shane e da Charlotte andam a fazer, aparentemente, é ganhar ainda mais dinheiro.

A empresa do senhor Holbrook é uma empresa de capital de risco conhecida por financiar uma popular aplicação de encontros. Os Delgado são coproprietários de uma empresa de promoção imobiliária e publicam comunicados de imprensa semanalmente. Já percorri as notícias dos últimos dois anos e agora estou a verificar o que se passou no ano em que o *stôr* Larkin morreu.

As propriedades delgado completam a venda de oito imóveis em new hampshire; as propriedades delgado lançam um projeto inovador de utilização mista; as propriedades delgado anunciam ano recorde em ações de beneficiência...

Copio algumas das ligações para uma folha Excel a que dei o nome «Pesquisa Larkin», pois é o meu processo para todas as histórias em que já trabalhei: colocar todos os detalhes que consigo encontrar num documento e procurar padrões. O que é que se repete? O que é que se destaca? Mas a minha folha de Excel relativa ao *stôr* Larkin já parece diferente, quase caótica,

e lembro-me do que Carly me disse quando nos conhecemos: *Sabes que não somos o The New York Times, certo? As reportagens sobre true crime são um nicho muito específico e se não fores apaixonada por isso...*

Não a deixei acabar, mas acho que percebi o que ela queria dizer. É preciso ter paixão, porque o crime – especialmente o homicídio – vem da parte mais profunda e obscura do coração humano. É quase impossível pensar nisso durante muito tempo, a não ser que se esteja desesperado por respostas.

Começa a doer-me a cabeça. Está na altura de ir dormir, mas em vez disso vou às redes sociais ver o que os meus amigos de Chicago andam a fazer. Izzy publicou um novo TikTok do seu cão, e eu respondo com o *emoji* de um coração. A última publicação de Olivia no Instagram é uma fotografia dela sozinha que está a receber muitos comentários. Quando vou adicionar o meu, vejo uma série de *emojis* de fogo de nada menos do que o idiota do capitão da equipa de basquetebol Jason Pruitt. Clico na única resposta ao seu comentário, que é de Olivia: *Vai-te embora*.

«Estou contigo, irmã», digo, sentindo uma explosão de gratidão pela minha amiga. Clico na página de Jason e irrito-me ao ver uma fotografia dele a girar uma bola de basquetebol num dedo. Quando o *Motivo* der a notícia do caso do *stôr* Larkin, Izzy e Olivia vão certificar-se de que toda a gente na minha antiga escola sabe que eu estava por detrás dela, e depois vão perceber como estavam enganados a meu respeito.

Ouçó uma batida ligeira na minha porta e olho para o relógio ao lado da cama. São quase duas da manhã e só há uma outra pessoa em casa que se deita tão tarde.

– Entra – digo, e a porta abre-se, revelando o tio Nick.

– Pensei que te tinha ouvido – diz ele. Não está a usar os óculos, e o seu rosto parece incompleto sem eles. – Não consegues dormir?

– Estou a fazer pesquisa – digo, e fecho o Instagram antes que o tio Nick repare que estou na página de Jason. – Olha, quando estavas em Saint Ambrose, o *stôr* Larkin alguma vez mencionou a família dele? Ou uma namorada, ou algo do género?

– Ele... – O tio Nick inclina a cabeça, intrigado. – Que me lembre, não. Qual é a urgência? Pensava que o *Motivo* tinha a história do Will em segundo plano?

– Bem, tem havido um interesse renovado – digo. E espero que ele não pergunte mais nada, porque não quero ter de explicar o fiasco com Ramon d'Arturo.

– A sério? – O tio Nick ergue as sobrancelhas. – Já contaste isso aos teus pais?

– Ainda não. Pode acabar por não dar em nada. Mas sabes como é. – O rosto presunçoso de Jason Pruitt vem-me à cabeça, sem ser convidado. – Estou a tentar fazer um bom trabalho. Impressionar as pessoas, espero.

– Devias falar com a tua chefe sobre o que aconteceu em Carlton. Foi mesmo aqui ao lado. Bem, umas duas cidades mais à frente. – Pestanejo para

o tio Nick e ele acrescenta: – Ah, é verdade. Nessa altura, vocês ainda estavam em Chicago. Foi um grande escândalo local: três miúdos faltaram à escola e acabaram por encontrar o cadáver de um colega. Como *O Rei dos Gazeteiros*, mas com um homicídio. – Ele suspira ao ver o meu ar confuso. – Tens mesmo de ver esse filme um dia destes. De qualquer forma, procura na Internet.

– Vou ver – respondo. – Então, não há nada sobre o *stôr* Larkin que me possas dizer? E sobre o Tripp? Alguma vez falaste com ele sobre como foi encontrar o *stôr* Larkin na floresta daquela forma? – Eu não falei, porque eu e o Tripp já não nos dávamos nessa altura.

– Não, mas tenho a certeza de que ficou horrorizado. Traumatizado. Todos eles devem ter ficado. – O tio Nick cruza os braços e encosta-se à ombreira da porta. – Ouve, sei que isto é entusiasmante para ti, mas... não te esqueças do que o teu pai te disse há pouco, está bem?

– Como assim?

– Sê ética com aquilo que partilhas – diz ele.

– Desde quando é que dás ouvidos ao meu pai? – replico.

Os cantos da boca do meu tio tremem.

– Basicamente nunca, e olha onde isso me levou. Ainda vivo com ele aos vinte e quatro anos. Por isso, aprende com os meus erros, está bem? – Ele boceja e coça o queixo. – E dorme um pouco. Preciso de fazer o mesmo.

– Está bem. Boa noite – digo, e aceno quando ele fecha a porta. Depois desbloqueio o telemóvel e volto ao *site* das Propriedades Delgado. Ainda estou no comunicado de imprensa sobre o donativo de caridade e passo os olhos até encontrar uma citação do pai de Shane. *As Propriedades Delgado orgulham-se de apoiar as empresas e os serviços locais com mais de dez milhões de dólares em doações de solidariedade, afirma o fundador e copresidente Marco Delgado. Uma lista completa dos donativos é fornecida no relatório anual dos 10 milhões da empresa.*

As últimas palavras têm uma hiperligação e, quando clico, abre-se um ficheiro PDF. Quase o fecho, porque são incompreensíveis no telemóvel, mas depois vejo um nome que reconheço: Escola Saint Ambrose. A empresa do pai do Shane deu cem mil dólares à escola no ano em que o *stôr* Larkin morreu. Faço uma anotação mental para verificar se eles fazem esse tipo de doações todos os anos. Depois o meu olhar desvia-se para o nome que se segue na lista, por baixo de Saint Ambrose e solto um suspiro profundo e surpreendido.

Associação da Polícia de Sturgis: 250 mil dólares.

Tripp

Quatro anos antes

Shane é um parceiro de trabalho horrível. Apesar de se ter esquecido da pasta, bem como de quase todas as instruções da senhora Singh, ele parece achar que deve liderar esta expedição de recolha de folhas.

– Por aí não – diz ele quando eu começo a seguir o caminho da direita. Por aqui.

– Porquê? – pergunto.

– Devíamos ir para perto da fogueira. – Há uma área descampada mais para dentro da floresta, perto do Parque Shelton, onde os miúdos do secundário fazem fogueiras às vezes.

– Porquê? – repito. – Lá não há nada além de pinheiros.

Shane faz um olhar matreiro.

– Combinei com uma pessoa encontrar-me lá com ela.

– Com quem?

– Com a Charlotte – responde Shane, e eu resmungo. Shane Delgado consegue transformar um projeto científico num encontro.

– Sim, tudo bem, diverte-te. Eu vou por aqui.

– Não faças isso! – diz Shane. Demasiado depressa. Quando me viro, fico surpreendido por ver que ele quase parece nervoso. – Não quero ir sozinho.

– Porque não? – pergunto. Tenho a certeza de que todos os outros rapazes da nossa turma gostariam de estar sozinhos na floresta com Charlotte Holbrook.

– Porque a Charlotte é... muito intensa. – Shane contrai um músculo da mandíbula. – Sabes como algumas raparigas querem, tipo, ser praticamente donas de ti? Ela é assim.

Não consigo perceber. As raparigas não querem ser donas de mim; elas olham através de mim. Exceto Brynn, mas ela olha para mim como se eu fosse o irmão dela, e isso ainda é pior. Ou olhava, pelo menos, antes de eu a humilhar ontem na aula de Educação Física. Hoje ela nem sequer olhou para mim, que é exatamente o que eu queria, por isso não vale a pena queixar-me.

– Não vim aqui para fazer de pau de cabeleira – digo a Shane. Ponho os auscultadores, aumento o volume da música no meu telemóvel para abafar qualquer protesto que ele esteja prestes a fazer, e continuo em frente pelo caminho da direita. O mais longe possível da fogueira.

Capítulo 11

Tripp

Não me podes ignorar para sempre, Trey.

Ora vê só, penso eu. Depois deixo cair o telemóvel ao lado da caixa registadora da pastelaria Lugar Feliz e volto a varrer o chão.

Já se passaram mais de vinte e quatro horas desde que vi Lisa Marie a andar pelas ruas de Sturgis, e ainda não sei por que razão ela aqui está. Presumo que esteja na casa de uma amiga da escola, a Valerie, já que é para lá que vai sempre que passa pela cidade, mas não perguntei. Não lhe respondi a uma única mensagem. Não vejo porque o deveria fazer.

Exceto, talvez, para evitar o tipo de acusações que estou a receber neste momento. O meu telemóvel não para de tocar até que Regina, que está sentada atrás do balcão a escrever nos quadros as especialidades para amanhã, aclara a garganta.

– Pensei que os teus amigos soubessem que não te devem incomodar quando é suposto estares a trabalhar – diz ela, a fingir uma severidade que não sente.

– Não são os meus amigos – digo, e encosto a vassoura à parede ao lado de um *Al* adormecido, antes de pegar no meu telemóvel. Ponho-o no silêncio e percorro as mensagens da minha mãe que se seguiram.

Que tal jantar na sexta à noite no Atirador?

Adoro aquele sítio.

Eu ofereço.

Estou lá às seis.

– Claro que sim – digo em voz alta. O Atirador é mais um bar rasca do que um restaurante, e Lisa Marie é uma grande fã das *happy hours*.

Regina pouisa o marcador.

– Conheço esse tom – diz ela. – O que é que se passa com a tua mãe?

– Queres dizer com a Lisa Marie? – Faço uma careta. – Ela está cá e quer ir jantar.

– Bem, isso parece-me uma coisa boa – diz a Regina.

– Não há nada de *bom* nisso.

– O que diz o Júnior?

– Nada de especial. – Quando contei ao meu pai que Lisa Marie estava de volta à cidade, ele limitou-se a franzir os lábios, como se ela não merecesse uma reação maior do que esta.

– Sei que já te queimaste antes, Tripp – diz Regina num tom amável que eu odeio, porque isso significa que ela tem pena de mim. – Mas talvez desta vez seja diferente.

Quando a minha mãe saiu de casa, fê-lo por fases. Primeiro, passou o fim de semana com Valerie e, depois, mudou-se para um motel na Estrada 6. Já tinha saído há uma semana quando decidi ir até lá de bicicleta e convencê-la a voltar para casa. Era uma tarde de outubro, fresca e soalheira, e lembro-me de me sentir aliviado enquanto pedalava ao longo da estreita faixa de rodagem que passava por uma ciclovía. Só tinha de prometer ser um miúdo melhor e tudo voltaria ao normal.

No entanto, assim que ela me abriu a porta, toda a esperança me abandonou. A minha mãe estava diferente, a sua silhueta delineada pela fraca iluminação do quarto. Tinha o cabelo apanhado e usava mais maquilhagem do que eu estava habituado, mas não era só isso. As rugas à volta da boca tinham desaparecido, os olhos estavam mais brilhantes e os ombros mais direitos.

Ela parecia *feliz*. Como se deixar-nos fosse a melhor coisa que já tinha feito.

Mesmo assim, eu tinha ido lá com uma missão, e ia cumpri-la. Lisa Marie ouviu-me enquanto eu lhe dizia tudo o que faria de diferente quando ela voltasse. Depois levou-me à máquina de venda automática exterior e deixou-me escolher o meu lanche – uma *Coca-Cola* e um pacote de batatas fritas *Lay's* – antes de nos instalarmos de novo no quarto dela, cada um sentado numa das camas de solteiro.

– O problema é o seguinte, Trey, estou farta desta coisa de ser mãe – disse ela.

Nem sabia muito bem o que responder àquilo. Como é que alguém podia simplesmente «estar farta»? Tinha medo de perguntar, por isso disse apenas:

– Mas tu és uma boa mãe. – Estava prestes a abrir as minhas batatas fritas, mas estava nervoso e, sem querer, apertei-as com demasiada força, esmagando-as.

– Ambos sabemos que não sou – disse ela, enquanto eu enfiava apressadamente as batatas atrás das costas. Senti-me ameaçado por ter estragado algo que ela me tinha dado antes de ter tido a oportunidade de as saborear.

– Quero que venhas para casa, mãe. – Ainda a chamava assim na altura; só entrámos na fase «Lisa Maria» passado alguns anos de ter partido.

– Não vou fazer isso – respondeu ela, e a certeza das suas palavras arrepiou-me. – Ouve, Trey, tens de compreender uma coisa. – Ela soltou um profundo e longo suspiro. – Nunca planeei ser mãe. Sempre tive a sensação de que não estava talhada para isso, mas o Júnior queria tanto um bebé que

concordei em tentar. *Tentar*. Como se eu fosse um sabor invulgar de gelado. – Tenho dado o meu melhor, mas esta coisa do dia a dia? – Ela encolheu os ombros. – Não é para mim. Já estou farta.

Oito anos depois, ainda não acredito que ela tenha dito aquilo a um miúdo de nove anos. De todas as coisas que a minha mãe me fez ao longo dos anos, ser honesta talvez tenha sido a pior.

A campainha da porta toca e *Al* levanta a cabeça quando uma rapariga de casaco cinzento e chapéu preto descaído entra. Ela tira o chapéu, fazendo com que o seu cabelo ruivo voe em todas as direções, e eu apercebo-me, com o coração a afundar-se no peito, que é Brynn. Quando ela sugeriu, depois da reunião marcada pela *stôra* Kelso na estufa, que nos juntássemos para começar a planear a disposição do jardim do *stôr* Larkin, não pensei que quisesse dizer *hoje*.

– Quem é esta linda bolinha de pelo? – pergunta ela, e estende a mão para *Al*. Ele olha de relance para Regina, pois está demasiado bem treinado para não se aproximar até de clientes amigáveis sem autorização, e levanta-se quando Regina faz um pequeno aceno com a cabeça. Ele trota em direção a Brynn e encosta-se a ela com todo o seu peso, com a cauda a abanar. Surpreende-me não a derrubar, porque Brynn continua tão pequena como era no oitavo ano. «Uma amostra de gente com uma língua afiada», costumava dizer o meu pai. Pode soar como se ele não gostasse dela, mas gostava.

– Olá, és lindo – diz Brynn meigamente para *Al*, afagando-lhe vigorosamente o pescoço como se soubesse que é o seu sítio preferido. – Sim, és mesmo.

– Este é o *Al*, um cão muito obediente à dona – digo com cautela. – Olha, eu sei que querias falar sobre assuntos do Comité, mas agora estou a trabalhar, por isso...

Brynn olha para cima e vê Regina, que está debruçada sobre o balcão a observar-nos.

– Olá – cumprimenta ela. – É a dona? Adoro o seu cão.

– Sou. Ele também te adora – responde Regina. – Mas não te sintas lisonjeada. Ele não é muito exigente. – Brynn ri-se, e Regina olha para nós como se estivesse à espera de uma apresentação. Como não digo nada, ela continua: – És colega de escola do Tripp?

– Sim – afirma a Brynn. – Fomos colegas há uns anos e voltámos a sê-lo desde a semana passada. A minha família mudou-se de Sturgis durante algum tempo, mas agora regressámos. – Ela olha à sua volta, observa os azulejos brancos fumados, as mesas de madeira clara, os candeeiros de bom gosto e os esboços emoldurados de produtos de pastelaria. – Este sítio é novo, não é? Bem, pelo menos nos últimos quatro anos. É lindo.

– Abrimos há dois anos – diz Regina, a olhar na minha direção. – Parece que ali o charmoso se esqueceu das boas maneiras, por isso vou ter de perguntar. Como é que te chamas, querida?

Brynn aproxima-se da caixa registadora, com *Al* nos calcanhares, e

aperta a mão estendida de Regina.

– Brynn Gallagher.

– Regina. Muito prazer em conhecer-te, Brynn. O que te traz por cá? Café?

– Não. Bem, adorava beber um, mas vinha falar com o Tripp por causa do projeto de um jardim que estamos a fazer em Saint Ambrose.

– Só que estou a trabalhar – repito, e pego novamente na vassoura passando-a pelo chão reluzente. – Tem de ficar para depois.

Tarde demais. Regina já arrebitou as orelhas.

– Falaste do projeto de um jardim? – pergunta ela, olhando para mim com um ar de aprovação. – O jardim memorial em honra do professor Larkin?

– Sim – diz Brynn. – Sabe do que se trata?

– Sei, sim. – Regina sai de trás da caixa registadora e arranca a vassoura das minhas mãos. – O chão está limpo. Faz um intervalo, Tripp, e trabalha no projeto com a tua colega. Como queres o teu café, Brynn? É oferta da casa.

– A sério? Obrigada – agradece Brynn. – Uma meia de leite, por favor.

Regina volta para trás do balcão e liga a máquina de café, enquanto Brynn se dirige a uma mesa alta junto à janela e sobe para um dos bancos. Ela despe o casaco, tira um caderno e uma caneta da mala e vira-se para mim, que ainda estou no mesmo sítio onde a Regina me deixou.

– Oh, por amor de Deus – diz Brynn, e revira os olhos. – Podes parar de te armar em importante e sentares-te durante dez minutos? Não é como se te estivesse a pedir para seres meu *namorado*.

Fantástico. Estava mesmo à espera de que aquilo viesse à baila, e quando digo «mesmo» quero dizer «nem pensar». Mas Brynn volta a remexer na mala enquanto eu me sento no banco à frente dela.

– Estava a pensar que devíamos ter uma mistura de plantas anuais e perenes – diz ela, sacando do telemóvel. – E coisas que florescem em diferentes alturas do ano, e algumas que têm sempre folhas. Para que fique sempre bonito, mesmo no inverno. Obrigada – acrescenta quando Regina traz a meia de leite dela.

– Tanto faz – digo, mas recebo um olhar de crítica de Regina. – Quero dizer, sim. Parece-me bem.

– Podíamos escolher plantas que tenham algum significado – diz Brynn, com a cabeça inclinada sobre o caderno. – Como a miosótis. As tulipas amarelas para a amizade. Ou alecrim, para a memória. Que mais? – Ela olha para cima com expectativa.

– Não percebo nada de plantas – respondo.

– Bem, também não é que eu faça propriamente jardinagem nos meus tempos livres – diz Brynn. – É por isso que existe o Google. – Ela bebe um gole da sua meia de leite. – E especialistas. O senhor Solomon ainda é o jardineiro de Saint Ambrose?

– Não, ele reformou-se. O novo tipo só trabalha a tempo parcial e é um bocado parvo. Mas podias perguntar ao senhor Solomon – digo, lembrando-

me do meu encontro com ele há uns dias. – Ele adora falar sobre essa treta.

– *Eu* podia? – pergunta Brynn, com as sobrancelhas levantadas. – Porque sou um grupo de uma só mulher?

Reprimo um suspiro.

– *Nós* podíamos. Na verdade, ele acabou de me pedir para passar por lá, por isso...

– Perfeito. Tens o número de telefone dele?

– Não. *Nós* não saímos propriamente. Só o vejo de vez em quando no centro da cidade.

– Vou perguntar à *stôra* Kelso – diz Brynn, e anota no caderno. Bate com a caneta na mesa, e olha para mim fixamente com aqueles seus olhos perturbantes. – Então, como tens passado, Tripp? O que é que há de novo?

– Nada de especial – digo.

Ela espera um pouco, com a caneta ainda a bater no tampo da mesa, antes de dizer:

– Este é o momento na nossa conversa educada em que me perguntas como é que *eu* tenho passado.

Os cantos da minha boca quase se levantam, mas eu impeço-os. Não estou a tentar encorajar a simpatia.

– Como tens passado, Brynn?

– Muito bem. – Se ela não parar de bater com a caneta, vou pegar nela e atirá-la para trás do balcão. – Até ao momento em que tive de me vir embora da escola que frequentei nos últimos três anos e meio e acabar o último ano com um grupo de estranhos.

– Não somos estranhos – replico. – Conheces a maioria de nós.

– Já não. – Ela finalmente pouisa a caneta, graças a Deus. – Não te teria reconhecido se alguém não me tivesse dito que eras tu. Mudaste muito.

– Isso costuma acontecer entre os treze e os dezassete anos.

– Quase dezoito – diz ela. – Fazes anos no próximo mês, certo?

Aceno com a cabeça. O meu aniversário não é difícil de lembrar; faço anos a vinte e nove de fevereiro, o que significa que só celebro esse dia de quatro em quatro anos. No último ano bissexto em que Brynn esteve por cá, deu-me uma garrafa isotérmica que dizia «Ser meu amigo é o único presente de que precisas.» Perdi a tampa há anos, mas ainda a uso para guardar canetas.

Ela dá um gole na sua meia de leite, pouisa a chávena e pergunta:

– É estranho fazer parte do projeto do jardim memorial?

– Não – respondo bruscamente, uma vez que não tenciono falar de nada relacionado com este projeto para além de plantas, mas Brynn continua.

– Deve ter sido horrível encontrar o *stôr* Larkin. Nunca falámos sobre isso.

Claro que não falámos. Certifiquei-me, há quatro anos, de que eu e Brynn nunca mais falaríamos um com o outro. Mas ela já não se parece importar que eu a tenha humilhado na aula de Educação Física. Quando

muito, parece que agora até se diverte com isso.

– Não falo disso com ninguém – respondo.

– Nem mesmo com o Shane e a Charlotte?

Muito menos com o Shane e a Charlotte.

Mas encolho os ombros e Brynn acrescenta:

– Tenho de admitir que fiquei surpreendida por ver que vocês se tinham tornado tão bons amigos. O Shane ainda dorme a sesta no bengaleiro da sala de aula?

– Não. Vá lá. Somos praticamente adultos – digo, antes que a honestidade me obrigue a acrescentar: – Ele deixou de caber naqueles bancos no nono ano.

Brynn ri-se, quase cuspidando a meia de leite, e eu sorrio e passo-lhe um guardanapo. Por um segundo, é quase como se fôssemos amigos outra vez, a rir à mesa da cozinha da casa dela por causa dos trabalhos de casa. Depois, ela limpa a boca e diz:

– Então, agora és da elite, é isso?

O meu sorriso desvanece-se.

– Credo. Tu também.

– Só estou a repetir o que ouço. – Ela põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Saint Ambrose mudou muito desde o oitavo ano.

– Agora eles deixam qualquer um entrar – digo, e, caramba, aquilo faz-me soar como um cretino.

Os lábios de Brynn franzem-se.

– Que elitista da tua parte.

– Ser da elite não é uma *coisa* – rosno. Obviamente. Se fosse, eu não estaria a tentar ganhar uma bolsa de estudos a fazer-me de simpático com a Brynn Gallagher e a falar de tulipas.

Os nossos telemóveis tocam ao mesmo tempo, e eu olho para o meu. *Vou dar uma festa no sábado*, escreve Charlotte. *Conto com a tua presença*. Respondo-lhe com o *emoji* de um polegar para cima, e ela acrescenta: *Vou convidar a Brynn*.

Raios.

Não o faças, respondo de volta. A Charlotte responde com um monte de pontos de interrogação, e eu acrescento: *Ela é uma chata do caraças*. A Charlotte envia um *emoji* de encolher de ombros. *Demasiado tarde*.

Olho para Brynn, que está a segurar no telemóvel.

– A Charlotte vai dar uma festa, não é? – diz ela.

– Sim, mas eu não posso ir – digo, e esfrego o polegar no indicador.

– Eu também não – diz Brynn. – Mas é bom ter sido convidada. – Ela termina a meia de leite e olha para o balcão, mas Regina desapareceu nas traseiras com Al. – Podes dizer à Regina que lhe agradeço muito pelo café? Tenho de me despachar ou já vou chegar tarde para ir buscar a Ellie à aula de flauta.

– Claro – respondo, aliviado.

– Depois dou-te notícias sobre o senhor Solomon – diz Brynn, e deixa cair o telemóvel e o caderno na mala, antes de a colocar ao ombro. Ela põe o chapéu, tapando o cabelo que me distrai, e acrescenta: – Só mais uma coisa. – Antes que eu possa responder, ela inclina-se para a frente até os lábios ficarem a centímetros da minha orelha, e o seu hálito faz-me cócegas no pescoço enquanto sussurra: – És um péssimo mentiroso, Tripp Talbot. Sempre foste.

Capítulo 12

Brynn

– Esta é a única aula em que não só podem, como são incentivados a usar o telemóvel – disse-nos o *stôr* Forrest no início da minha disciplina opcional de Tecnologia de Informação, na sexta-feira à tarde. Por isso, é natural que toda a gente se debruce sobre os telemóveis quando ele fala de plataformas emergentes. No entanto, se os outros alunos forem como eu, continuam a distrair-se com as plataformas existentes.

Estou na página de Instagram da Charlotte, que está desbloqueada agora que ela aceitou o meu pedido para a seguir. Estou a percorrê-la para ver como é uma festa da Charlotte Holbrook. Porque é claro que vou amanhã à noite, apesar de ter dito ao Tripp que não ia. *Dá uma vista de olhos*, disse-me Carly.

Investiguei a doação anual das Propriedades Delgado nos últimos dez anos, e a única vez em que eles deram dinheiro para a Associação da Polícia de Sturgis foi no ano em que o *stôr* Larkin morreu. Enviei a informação por SMS à Lindzi, que me respondeu: *Interessante! Vou ver se consigo encontrar a data real da doação*. Mas ela ainda não disse mais nada.

Tecnologia de informação é a única aula que tenho com o Shane e a Charlotte, e olho para o canto da sala onde eles estão agrupados com o Tripp, a Abby Liu e um rapaz e uma rapariga que não conheço. Estou o mais longe possível deles, encurralada num canto ao lado de Colin Jeffries. Ele está a usar uma quantidade avassaladora de água-de-colónia que não cobre o cheiro a tabaco que se desprende das suas roupas, e está sempre a bater o pé no chão, demasiado perto do meu. Este é o meu castigo por ter aparecido no último segundo antes da campanha tocar, quando todos os outros lugares da sala de aula já estavam ocupados.

– Então, eis o que vamos fazer – diz o *stôr* Forrest, e eu obrigo-me a prestar-lhe atenção. Ele vira-se para o quadro branco e escreve *Nike*, *Apple* e *Purina* de um lado, e TikTok, YouTube e Instagram do outro. – Vão trabalhar em pares e escolher uma empresa e uma plataforma. Procurem um vídeo promocional da empresa escolhida na plataforma que elegeram e preparem-se para partilhar com a turma o que gostam e o que não gostam nele.

Os meus olhos desviam-se para o canto da elite – não consigo deixar de usar a alcunha; é estranhamente cativante – onde Charlotte se debruça sobre Shane, e Abby olha para Tripp com um sorriso esperançoso.

Tripp, que ontem me mentiu com todos os dentes ao dizer que não podia ir à festa de Charlotte. Sei isso porque ele esfrega sempre o polegar no indicador quando mente. Faz isso desde miúdo, embora não tenha a certeza se mais alguém reparou alguma vez. Se ele não estivesse a agarrar numa bola de voleibol com ambas as mãos na aula de Educação Física, há quatro anos, enquanto me acusava, saberia se ele acreditava mesmo no que estava a dizer.

É um conhecimento útil para se ter na manga. Quando andava no oitavo ano, aceitei tudo o que Tripp, Shane e Charlotte disseram sobre a morte do *stôr* Larkin. Estava zangada com o Tripp, é verdade, mas não imaginava que ele mentisse sobre algo tão importante. Mas Carly e Lindzi estão a começar a contagiar-me e, de repente, estou a questionar tudo.

O que é que sabes, Tripp?, penso enquanto ele faz um sinal com o polegar a Abby e o sorriso dela aumenta. *E o que é que tu fizeste?*

– Muito bem, formem pares – diz o *stôr* Forrest.

Mason também está nesta turma, mas a várias filas de distância. Quando lhe chamo a atenção, ele encolhe os ombros, desculpando-se, e já está a mover a cadeira para mais perto de Pavan Deshpande. Que também teria sido um bom parceiro, porque Pavan continua a ser giro e, pelo que me lembro, beijava bem para um aluno do sétimo ano. Rápido e ligeiro, sem qualquer tentativa de língua.

– Queres fazer comigo? – ouço uma voz à minha direita.

Oh, meu Deus! É Colin Jeffries, a ralé mor. Sentir-me-ia mal por chamar isso a alguém, se não fossem eles próprios a chamarem-se. Os meus olhos desviam-se, à procura de uma saída de emergência, mas toda a gente da turma já formou os seus pares.

– Claro – digo, reprimindo um suspiro. – Tens preferência por uma marca ou...

– Estou-me nas tintas – diz Colin.

Começa bem.

– Então eu escolho a *Purina*, por causa dos cães. Quanto à plataforma...

– YouTube – diz Colin, e se ele me interrompe mais uma vez, vou-me embora e meto-me no meio de Mason e Pavan. Que se lixem as regras.

– Tudo bem – digo com os dentes cerrados.

Há um momento de silêncio abençoado enquanto ambos olhamos para os nossos telemóveis, e eu começo a acalmar ao ver o vídeo de um cachorrinho. Depois Colin tem de estragar tudo e dizer:

– Devias usar a saia mais curta.

Sei, antes mesmo de as palavras saírem da minha boca, que me vou arrependar profundamente de me ter juntado a ele, mas...

– Desculpa? – pergunto.

– Tu sabes. – Os olhos dele demoram-se nos meus joelhos, o que me

deixa enojada. – Algumas das raparigas daqui põem as saias mais curtas do que é suposto serem. Devias fazer o mesmo.

– Se eu quisesse os teus conselhos de moda, já tos tinha pedido – digo num tom cortante. – Mas não pedi, porque não tens nada a ver com isso.

Colin bufa.

– Típica cabra de elite.

– Usas muitos rótulos para alguém que é tão rude – digo. – Talvez as pessoas a quem chamas *elite* simplesmente não queiram falar contigo.

– Tanto faz – resmunga Colin, e volta para o telemóvel.

Ele que se lixe. Estou a pegar na minha mochila para me juntar a Mason e a Pavan, quando o *stôr* Forrest pergunta:

– Já alguém tem alguma coisa para partilhar? – Começou a andar de um lado para o outro quando nos dividimos em pares, mas agora regressa à parte da frente da sala e faz um gesto para o computador pousado na beira da secretária. – Podem ligar o vosso telemóvel ao quadro branco e mostrar-nos o que vos chamou a atenção, mesmo que ainda não tenham feito uma análise completa do conteúdo – diz ele.

Ouve-se um coro de «nãos» por toda a sala, porque ainda mal começámos, até que Colin diz:

– Sim, claro. Há uma coisa que *me chamou a atenção*.

– O que estás a fazer? – protesto quando Colin se levanta. – Ainda não falámos de nada.

– Não te preocupes – sorri, e pisca-me o olho lúbrico, o que me faz querer revirar os olhos. – Eu trato disto.

Desvio o olhar, repugnada, e apanho Tripp a observar-nos do outro lado da sala com o sobrolho franzido. Assim que os nossos olhos se encontram, ele desvia o olhar. Inclina a cabeça na direção de Abby e diz qualquer coisa que a faz olhar na minha direção.

Olho fixamente para Tripp, apesar de ele já não estar a olhar para mim. Parvalhão. Não é que eu tenha *escolhido* Colin.

Colin liga o telemóvel ao cabo que está pendurado no portátil do *stôr* Forrest e um vídeo do YouTube em pausa enche o quadro branco.

– Muito bem, Colin – diz o *stôr* Forrest. – Mas isso não me parece...

Colin carrega no telemóvel e a música demasiado alta faz toda a gente saltar. Depois, aparece o rosto de um homem: queixo fendido, nariz largo, olhos cinzentos como aço, demasiado próximos um do outro, uma cabeça com um volumoso cabelo espesso, suspeitosamente castanho para alguém com tantas rugas. Sinto uma sensação de *déjà vu* – já o tinha visto antes, e há pouco tempo –, quando o homem anuncia:

– Sou Gunnar Fox e vocês estão a ver *Não Cometas o Crime*, o único programa de *true crime* que analisa até ao limite o que significa literalmente escapar impune a um homicídio.

O *stôr* Forrest inclina a cabeça e franze o sobrolho.

– Não aborda o tópico que vos pedi.

– Espere mais um pouco – diz Colin.

A câmara volta a mostrar Gunnar Fox a caminhar de propósito num ângulo estranho, como se o chão debaixo dele estivesse inclinado.

– Esta primavera vou lançar uma nova série chamada *Jovens Assassinos*, sobre rapazes e raparigas envolvidos em casos de homicídio que podem não ser tão inocentes como parecem. Começamos na próxima semana com a morte de um professor de uma escola secundária no Massachusetts, em que um aluno abastado de treze anos deixou impressões digitais na arma do crime, mas saiu ileso. – Gunnar faz uma pausa e olha diretamente para a câmara – Impune.

E depois, para meu choque, a cara de Shane aparece no ecrã. Parece uma fotografia do livro de curso de Saint Ambrose; ele está vestido com o seu *blazer* azul-marinho e gravata às riscas, e sorri confiante, tal como a versão da vida real faria.

A *vida real*. Que, tenho de me lembrar, está a acontecer agora. Shane está apenas a três metros de mim, a olhar fixamente para o ecrã do quadro branco, enquanto Colin diz:

– Alguém quer explicar porque é que deixamos assassinos andarem livres pela escola?

As imagens aparecem no ecrã: a fita da polícia, o contorno a giz de um corpo e um *campus* de tijolo vermelho e frondoso que não é realmente Saint Ambrose. Quem quer que tenha juntado estas imagens, fê-lo de forma descuidada, sem ligar muito à veracidade dos factos. Por um segundo, há um silêncio total na sala, e depois toda a gente começa a falar ao mesmo tempo.

– O que há de *errado* contigo? – grita Charlotte, a sua voz elevando-se acima do ruído. – Desliga isso!

– Colin, pelo amor de Deus! – O *stôr* Forrest faz um movimento para o portátil, mas Tripp é mais rápido. Nem sequer o vi levantar-se, mas de repente está ao lado de Colin, arranca-lhe o telefone das mãos e desliga-o com um puxão violento.

– És um idiota – sibila Tripp enquanto o ecrã do quadro branco fica vazio.

– Dá-me o meu telemóvel! – ordena Colin, e tenta pegar nele. Tripp salta agilmente para trás, e Colin tropeça no seu próprio impulso, batendo com o joelho na perna de uma secretária. O seu rosto contorce-se quando puxa o braço para trás e dá um soco selvagem em Tripp, mas falha por muito.

– Rapazes, parem! – O *stôr* Forrest tenta sair de trás da secretária, mas não está a olhar para onde vai e fica enredado num monte de fios de cabos. Vira-se para a esquerda, depois para a direita, mas só piora a situação e quase cai. – Não lutem! – ordena, saltitando num pé enquanto tenta libertar-se.

– Belo murro – diz Tripp em tom de provocação, segurando o telemóvel de Colin por cima da cabeça. Quase toda a gente está de pé, formando um semicírculo à volta de Tripp e Colin – exceto Shane, que continua congelado na sua cadeira. – Queres tentar outra vez?

– Se o fizer, acabo contigo. – Colin faz mais uma tentativa inútil para agarrar no telemóvel, à qual Tripp se esquia facilmente. – Tu também estavas na floresta. Tu e...

Ele vira-se para Charlotte e Tripp move-se com ele.

– Olha para mim, Colin – diz Tripp, enquanto tira a capa do telemóvel de Colin e a manda para o chão. Depois atira o telemóvel ao ar e apanha-o com uma mão. – Ou posso deixar cair isto acidentalmente enquanto não estás a olhar.

– É bom que não, seu assassino – rosna Colin. – Bando de psicopatas de elite, vocês os três. Pensam que podem matar um professor e safar-se.

– Vai-te lixar – diz Tripp, com os olhos a faiscar enquanto passa o telemóvel de Colin para a mão esquerda e fecha a direita num punho. O seu rosto torna-se subitamente uma máscara dura, e deixa-se cegar pela raiva, ao ponto de quase parecer uma outra pessoa. E por um segundo – apenas uma fração de segundo – imagino-o a perder o controlo e a fazer algo terrível.

A ideia devia fazer-me recuar, mas em vez disso faz-me sair do lugar. Passo pelos meus colegas com um único pensamento: *Detenham-no antes que ele faça algo que não possa desfazer.*

– Tripp, não! – grita Abby. – Os braços dela rodeiam Charlotte, que está a olhar furiosamente para Colin, como se quisesse queimá-lo vivo com o olhar. – Vais ser expulso. Ele não vale a pena!

– Luta! – grita um rapaz, e um grupo de outros alunos começa a entoar o cântico: – Luta, luta, luta, luta!

Mason esgueira-se para o corredor, provavelmente para pedir ajuda, porque o *stôr* Forrest é inútil.

– Acalmem-se todos imediatamente! – grita ele a plenos pulmões, enquanto arranca um cabo da parede noutra tentativa frustrada para se libertar. O som alto de *feedback* ressoa na sala, uma rapariga grita, e Colin e Tripp continuam a andar às voltas um do outro quando chego ao pé de Tripp.

Tripp leva o braço para trás e eu tento puxá-lo pela manga. Depois disso, tudo acontece ao mesmo tempo: eu fico a agarrar no ar, porque Shane materializou-se atrás de Tripp para o arrastar para longe; Colin solta um grito alucinado ao mesmo tempo que tropeça para a frente enquanto tenta dar outro soco falhado; e quando me viro para o encarar, ele está desequilibrado e muito perto.

É então que a minha cabeça de lado explode de dor, e eu caio no chão.

*

– Explica-me lá isso outra vez. Como se eu tivesse cinco anos – diz o tio Nick depois de me ir buscar à enfermaria uma hora mais tarde. Teve de apanhar um Uber até à escola, para me poderem dar alta e conduzir o meu *Volkswagen* para casa. A enfermeira não me ia deixar sair sem um familiar adulto e o tio Nick era de longe a melhor escolha. A administração conhece-o

de quando ele trabalhava como assistente escolar, além de que é estudante universitário com um horário flexível.

– Não é suposto eu dizer aos teus pais que levaste um murro na cabeça porque...

– Porque eles se vão passar – conclui Ellie no banco de trás.

– Não é uma boa razão – diz o tio Nick. – Podes ter um traumatismo craniano, Brynn.

– A enfermeira diz que não tenho – replico, embora as suas palavras exatas tenham sido «neste momento não apresentas sintomas, mas eles nem sempre se manifestam imediatamente, por isso certifica-te de que és vista pelo teu médico de família». *É quase* a mesma coisa. – Não é como se tivesse desmaiado ou algo do género.

Assim que caí no chão, tentei levantar-me, mas o *stôr* Forrest, que por fim se tinha conseguido libertar dos cabos, não me deixou. Pediu a outro professor que assumisse a nossa aula e levou-me ao gabinete da enfermeira com a ajuda de Mason, apesar de eu insistir que conseguia andar sozinha. Agora tenho uma dor de cabeça e uma nódoa negra na têmpora que o meu cabelo cobre, mas é só isso.

– Meu Deus! – murmura o tio Nick, travando a fundo num sinal vermelho. – O que raio está a acontecer naquela escola? Não costumava ser assim.

– O que aconteceu foi o Gunnar Fox – digo. – É um parasita sem qualquer credibilidade jornalística. – Estou a citar a Lindzi diretamente.

– Está bem, mas isso não te diz nada? Reabrir velhas feridas por causa do que aconteceu ao Will está a deixar as pessoas nervosas – diz o tio Nick. – Talvez devesses dizer ao *Motivo* para recuar.

– O *Motivo* não tem nada a ver com o *Não Cometas o Crime!* – protesto.

– Os teus pais é que deviam decidir – diz ele.

Ellie faz um som de desapontamento.

– Pareces mesmo o pai, tio Nick – diz ela.

– A minha sobrinha. Levou um murro. *Na cabeça* – responde ele.

A minha irmã inclina-se para a frente, entre os bancos.

– Preciso de te lembrar o acidente com o vaso, tio Nick? – pergunta ela.

Ele geme.

– Ellie. Vá lá. Eu tinha dezasseis anos.

– E eu tinha *seis* – recorda-o Ellie. – Mas mesmo assim fiquei com as culpas depois de teres derrubado o vaso preferido da mãe quando te embebedaste no churrasco de aniversário do pai.

– Não te devia ter deixado fazer isso – diz o tio Nick. – Foi uma atitude terrível e irresponsável da minha parte. E olha onde isso me levou. A encobrir duas adolescentes.

– Deixem-me fora disso – diz Ellie com altivez, voltando a encostar-se ao banco. – Sou uma observadora e consultora ocasional neste drama. Não sou uma participante.

– Então, vais encobrir-me, tio Nick? – insisto.

Há um longo silêncio, durante o qual desconfio que o tio Nick se está a debater entre o anjo, que de um lado insiste que o irmão precisa de saber, e o demónio que o relembra que o meu pai pode ser um crítico muito chato.

– Só se me deixares levar-te às Urgências para te examinarem a cabeça – diz ele finalmente. – Nada de conduzires até lá.

– Obrigada! – exclamo. Até o abraçava, se não quisesse provar a minha maturidade evitando fazer com que ele se desviasse acidentalmente para a faixa contrária. – És o melhor. Adoro-te.

– Sou um banana, é o que sou – resmunga o tio Nick. – Promete-me só que vais manter distância dos miúdos envolvidos nesta confusão.

– Prometo – digo, cruzando os dedos mentalmente enquanto respondo à mensagem preocupada de Charlotte.

Estou ótima. Mal posso esperar por amanhã à noite!

Mas não digas ao Tripp que eu vou. Quero que seja uma surpresa.

Capítulo 13

Tripp

– O teu pai disse para começarmos sem ele. Vai chegar um pouco atrasado para o jantar – diz a senhora Delgado a Shane, sentando-se à cabeceira da enorme mesa da sala de jantar. Shane e eu estamos sentados cada um ao lado dela; estou a comer aqui em vez de no Atirador com a minha mãe, e já pus o telemóvel no silêncio para não ter de ouvir as suas mensagens de texto indignadas. – Ele está ao telefone com o Edward. Aquele vídeo não vai ficar no ar por muito tempo.

Não sei quem é Edward, mas acho que é um advogado. Os Delgado têm pelo menos uma dúzia deles. Acho que faz parte do pacote quando se é dono de uma das maiores imobiliárias de Boston.

– Ótimo – murmura Shane, e deixa cair o guardanapo no colo. Os nossos pratos estão cheios de frango assado, feijão-verde e uma espécie de grão fofo, preparado pelo *chef* pessoal dos Delgado. De todas as coisas que o dinheiro pode comprar, ter todas as refeições a saber assim e com este aspeto sem ter de levantar um dedo, deve ser uma das melhores. – Não é como se a Internet fosse eterna ou algo do género.

A senhora Delgado põe a mão sobre a dele. É morena e elegante, e parece-se tanto com Shane que é difícil acreditar que ele foi adotado.

– Pelo menos ele não usou o teu nome – diz ela. Shane limita-se a bufar, e a senhora Delgado vira-se para mim. – Obrigada pelo que fizeste, Tripp. Sempre foste um grande amigo do Shane.

Baixo a cabeça e espeto o garfo no que quer que seja aquele grão. Cuscuz, talvez?

– Não foi nada. Eu é que tenho de agradecer. Provavelmente seria expulso se ele não me tivesse puxado para trás.

Aquilo só me bateu uma hora depois de tudo ter acontecido – que eu podia ter deitado todo o meu futuro pelo cano abaixo por causa do idiota do Colin Jeffries. Não só a bolsa de estudos Kendrick, mas a bolsa de estudos que me permite estudar em Saint Ambrose. Depois de passar doze anos naquela maldita escola, podia ter acabado com um diploma da escola secundária de

Sturgis. Se eles me aceitassem, claro. Pelo menos agora sei, desde que Colin me humilhou, bem como a Shane e a Charlotte em frente de toda a turma de tecnologia de informação, quem enviou as mensagens a chamar-nos assassinos.

A senhora Delgado contrai a boca, e também nisso ela e Shane são parecidos. Normalmente, é a única forma de saber que estão zangados.

– Eu e o Marco nunca permitiríamos que isso acontecesse – diz ela, com a confiança absoluta de alguém que está habituada a conseguir o que quer. – Mas vamos certamente fazer pressão para que seja isso que aconteça ao Colin Jeffries. Para começar, nunca o deviam ter aceitado em Saint Ambrose. – Ela bebe um gole de vinho e acrescenta: – Como está a pobre rapariga? A Brianne, não é? – A senhora Delgado raramente presta atenção aos outros alunos de Saint Ambrose que não são amigos de Shane. Ela e Charlotte têm muito em comum nesse aspeto.

Shane não se dá ao trabalho de a corrigir.

– A Charlotte diz que ela está bem.

– Devias tentar saber como ela está – insiste a senhora Delgado gentilmente. Ela está a falar com Shane, mas sinto uma onda quente de vergonha. *Eu* devia tentar saber com está Brynn, tendo em conta que aquele murro era para mim. Mas tenho andado a evitar isso, porque mandar mensagens a Brynn é como abrir uma porta que tem de ficar fechada. Ela desequilibra-me de uma forma que detesto.

– E vou – diz Shane.

– Queria dizer agora. – A senhora Delgado corta um feijão-verde ao meio. – Acho que por hoje podemos ignorar a regra de não usar o telemóvel à mesa, para que possas agir como um cavalheiro.

– Tudo bem – suspira Shane, e tira o telemóvel do bolso. – Mas preciso de pedir o número dela à Charlotte. Não o tenho.

Já chega; não posso ser o único idiota que não tenta saber como está Brynn. Pego no telemóvel, ignoro a pilha de mensagens de Lisa Marie, e abro os meus contactos. Brynn Gallagher ainda lá está, mas é perfeitamente possível que me tenha apagado há anos ou que agora tenha um número diferente. Se for esse o caso, escrevo: *Olá, sou o Tripp. Desculpa o que aconteceu hoje, espero que estejas bem.*

Muito bem. Já está. Consegui ser educado.

O senhor Delgado entra nessa altura, com o cabelo prateado a brilhar sob a luz do candeeiro. É pelo menos vinte anos mais velho do que a mulher, mas está incrivelmente em forma para um homem de sessenta anos. Às vezes jogo *squash* com ele no clube a que os Delgado pertencem e ele nunca fica cansado.

– Desculpa, Laura – diz ele, dando um beijo na face da mulher. – Demorou mais do que eu pensava.

– Está tudo bem? – pergunta ela.

– O Edward vai instaurar um processo por difamação contra aquele

bandalho de Las Vegas – diz o senhor Delgado, sentando-se ao lado de Shane. Sempre apreciei que, apesar de os Delgado terem uma mesa ridiculamente grande para uma família de três pessoas, eles não se sentam a metros de distância uns dos outros. – Isso deve mantê-lo longe de nós.

A senhora Delgado parece ter algumas perguntas a fazer quanto a isso, mas tudo o que diz é:

– E o vídeo já foi removido?

– Em breve – diz o senhor Delgado, com as narinas a tremer. Sei que é bastante frustrante para ele não poder simplesmente passar um cheque e fazê-lo desaparecer.

O meu telemóvel toca no meu bolso e, por alguma razão, tenho a certeza de que é Brynn. Seria rude ignorá-la depois de uma lesão, por isso violo mais uma vez a política dos Delgado de não usar o telemóvel à mesa, para ver as minhas mensagens. De facto, ela enviou uma fotografia dela a fazer uma careta e a afastar o cabelo da impressionante nódoa negra que tem na têmpora. *Devias ter sido tu*, escreveu ela.

Não sei se trema ou ria. A nódoa negra não é engraçada, obviamente, mas a expressão dela é, e ela sente-se claramente bem o suficiente para se meter comigo. *Desculpa lá isso*, respondo-lhe.

Queres compensar-me?

Aquela é uma pergunta com muitas armadilhas, se é que já ouvi uma. *Como?*

Falei com o senhor Solomon e ele convidou-me para passar por lá amanhã às duas. Podes vir?

Os meus ombros relaxam. Não é a forma que eu escolheria para passar a minha tarde de sábado, mas poderia ser muito pior. *Claro*, respondo.

Capítulo 14

Tripp

– Talvez tenha exagerado um pouco – diz Brynn quando entro no *Volkswagen* dela no dia seguinte. Está tão limpo que eu até podia pensar que era novo, se não fosse o facto de não ter aquele cheiro a carro novo. A pessoa que normalmente se senta no lugar do passageiro – a Ellie, provavelmente – é muito mais baixa do que eu, por isso tenho de ajustar o banco. Depois de o fazer, viro-me para procurar o cinto de segurança.

– Em relação a quê? – pergunto.

– Bem, tecnicamente não falei com o senhor Solomon. Deixei-lhe uma mensagem.

Congelo a meio caminho de apertar o cinto.

– Deixaste-lhe uma... Espera aí. Estás a dizer-me que ele não está à nossa espera? Que vamos simplesmente aparecer?

Começa a apitar um sinal vermelho no *tablier* do carro de Brynn, quando ela sai da minha entrada.

– Tens de pôr o cinto de segurança – diz ela calmamente. – E sim, é isso mesmo que te estou a dizer.

– Não podemos fazer isso – protesto.

– Porque não? Disseste que ele te convidou. Além disso, ele pode nunca ver as mensagens. Muitas pessoas não o fazem, e depois onde é que isso nos deixaria?

– Não a irromper pela casa dele, para começar. – O apito está a deixar-me louco, por isso aperto o cinto de segurança, embora preferisse sair do carro. – Sabes, para alguém que me chamou de mentiroso, tu gostas mesmo de jogar depressa e usar a verdade como bem te apetece.

– Não te chamei de mentiroso – diz Brynn. – Disse que eras *mau* mentiroso.

Sim, pois disse, e isso tem-me incomodado desde então. Porque é que ela diria uma coisa daquelas? Talvez estivesse só à procura de uma desculpa para me chatear, o que ela parece gostar. Acho que não a posso culpar, e não é que lhe vá perguntar. Em vez disso, contento-me com um rabugento:

– Não teria vindo se soubesse.

– Estás em dívida para comigo. Levei um murro por ti – diz e ajeita o gorro de malha, que está tão descaído que é impossível ver se a nódoa negra piorou. Mas ela parece perfeitamente saudável, com as bochechas rosadas pelo frio e os olhos claros e brilhantes.

O que eu noto como uma observação clínica, para me certificar de que uma pessoa com concussão não está a conduzir pela cidade, comigo ao lado, e não por outra razão qualquer.

– Não devias estar ao pé de mim – digo, antes de me aperceber de que é uma atitude bastante idiota culpar alguém por ter levado um murro. Além disso, lembro-me da mão de Brynn a roçar a minha manga mesmo antes de Shane me ter afastado. Ela estava lá porque estava a tentar impedir-me de cometer um grande erro. – Desculpa. Isto foi despropositado. Eu só estou...

Baralhado. Tu baralhas-me, Brynn. Sempre me baralhaste.

– Não faz mal – diz Brynn, e acena com a mão. – São águas passadas. E eu sei que estou a ser um pouco insistente com o senhor Solomon, mas seria bom dar à *stôra* Kelso alguma coisa positiva na segunda-feira. Ela teve uma semana difícil.

– Como assim? – pergunto.

– Bem, primeiro foi o retrato do *stôr* Larkin. Isso deixou-a muito aborrecida. Ela estava encarregada de o mandar fazer e sente-se responsável pelo que aconteceu porque não o guardou num sítio seguro. Estava nos bastidores do auditório, onde praticamente qualquer pessoa podia ter acesso a ele – conta Brynn. – Além disso, quando ontem lhe pedi o número de telefone do senhor Solomon, ela disse-me que alguém tinha destruído todos os panfletos que ela tinha feito para o Comité do Jardim Memorial.

– Deitaram fora? – pergunto.

– Não. Rabiscaram por cima da cara do *stôr* Larkin em todos eles. Bem, *rabiscar* soa um bocado inofensivo, não soa? Foi mais como... riscos vermelhos furiosos.

– Bem, que grande treta. – Fico quieto por momentos, a absorver aquilo.

– Alguém não gostava mesmo do *stôr* Larkin, não é?

– A *stôra* Kelso acha que é dirigido a ela.

– A sério? – pergunto. Não consigo imaginar isso. A *stôra* Kelso é como a avó preferida de toda a gente. Até os que se autoproclamam de ralé não lhe fazem a vida negra. – Porque é que ela ia achar uma coisa dessas?

– Acho que ela não consegue imaginar que alguém odiasse tanto o *stôr* Larkin. – Brynn vira na Spruce Road, a longa e sinuosa rua que leva à casa do senhor Solomon. A maioria dos miúdos de Sturgis sabe onde ele vive, porque a casa dele fica em frente ao campo de futebol e nós passávamos sempre por lá a caminho de comprar gelados depois do treino. Ele normalmente trabalhava no seu jardim aos fins de semana e acenava quando passávamos. – Sobretudo porque ele já não está entre nós há quase quatro anos. Quer dizer, *consegues* pensar numa razão?

Não gosto da maneira como ela faz a pergunta; como se tivesse de haver uma resposta sinistra que só eu sei.

– Não – digo baixinho, e recosto-me no banco para olhar pela janela.

Conduzimos em silêncio até Brynn passar por uma caixa de correio com o número trinta e nove e dizer:

– Chegámos. – Ela abranda e vira para a entrada não pavimentada. Levanto a pala do sol, à espera de ver o mesmo *bungalow* imaculado de que me lembrava, mas não é isso que aparece à nossa frente. O pátio está cheio de ferramentas, detritos e uma lona azul enorme meio coberta de gelo. As floreiras por baixo das janelas e os dois grandes vasos que ladeiam as escadas que levam à porta da frente estão cheios de plantas mortas. – De certeza que ele ainda vive aqui? – pergunta Brynn, parando ao lado de uma carrinha preta ferrugenta.

– Nós não temos a certeza de nada – respondo. – Esta é a tua visita de estudo. – Ela morde o lábio, parecendo suficientemente preocupada para que eu ceda e diga: – Sim, ele mora aqui. Aquela é a carrinha dele.

– Okay, bem, aqui vamos nós – diz ela.

Saímos do carro e aproximamo-nos do alpendre da frente, passando por cima de um monte de tijolos soltos que parecem estar ali há algum tempo. Brynn carrega na campainha amarelada e ouve-se um toque alto. Esperamos em silêncio durante um minuto, e ela volta a carregar. Desta vez, ouço um barulho algures dentro de casa, mas ninguém aparece à porta.

– Senhor Solomon? – chama Brynn, e coloca a mão por cima dos olhos para espreitar através dos vidros empoeirados da janela ao lado da porta. – É a Brynn Gallagher de Saint Ambrose. Está em casa?

– Se estiver, não quer falar contigo – digo por fim. – Vamos embora.

– Ainda não – diz Brynn. – Podia jurar que ouvi alguém. Talvez devêssemos tentar a porta das traseiras.

Ela não espera por uma resposta, desce as escadas e dá a volta à casa. Depois de um momento de hesitação, sigo-a.

O quintal do senhor Solomon é pior do que a parte da frente, cheio de meia dúzia de carrinhos de mão enferrujados e vasos vazios empilhados tão alto que se inclinam perigosamente. O espaço costumava ser aberto quando éramos miúdos, mas agora está rodeado por uma pequena vedação de madeira. Brynn está ao pé do portão, com as sobrancelhas franzidas enquanto se atrapalha com o trinco.

– O que estás a fazer? – pergunto, e apresso o passo. – Não podes abrir isso assim.

– É a única maneira de chegar à porta das traseiras – diz Brynn, de cabeça baixa. – Mas não percebo como é que isto funciona.

Tinha-me esquecido de que Brynn não tem jeito para nada que exija consciência espacial.

– Puxa-se e levanta-se – digo, abrindo o trinco. – Mas acho que não...

Ouve-se um estalido alto vindo da direção da casa. A mão de Brynn

agarra na minha e aperta-a com tanta força que até dói. Ela ficou completamente hirta, com os olhos fixos à nossa frente. Quando sigo o seu olhar, dou por mim a ver o cano de uma caçadeira.

– Oh, merda! – digo. – O meu coração dá um salto de pânico e a minha boca fica seca. Nunca tinha visto uma arma antes, exceto atrás de um vidro num museu. Esta, a poucos metros de distância, parece do tamanho de um canhão e mortífera. Meia dúzia de pensamentos atravessam-me o cérebro ao mesmo tempo. *Vou ter saudades da Regina e do Al. Não vejo a minha mãe há dois anos. Nunca saí de Sturgis. Nunca compensei nenhuma das coisas que fiz de errado e nunca pedi desculpa a...*

– Brynn – digo, com a voz rouca. – Peço imensa desculpa.

– Porquê? – murmura Brynn, apertando ainda mais a minha mão. – Sabias que isto ia acontecer?

– Não, é só que... – Não sei como terminar a frase.

Os segundos passam e não se ouve nenhum som, exceto a nossa respiração, e a minha visão foca-se e observa o homem à nossa frente. É baixo e tem cabelo branco, veste uma camisa de flanela axadrezada demasiado grande para o seu tamanho e, apesar de o rosto estar meio escondido pelo cano da arma, o meu ritmo cardíaco abranda à medida que me apercebo de quem é.

Nunca esperei que o senhor Solomon apontasse uma arma a alguém, por isso tudo isto é um território novo, mas estou razoavelmente confiante de que ele não vai puxar o gatilho.

– Senhor S.! – chamo-o. – Sou o Tri... o Noah Talbot. Pediu-me para passar por cá, lembra-se?

– Ladrões! – grita ele. – Acham que podem chegar aqui e levar o que é meu?

– Não. Claro que não. – De alguma forma, sem me dar conta, levantei a mão que Brynn não estava a segurar, em sinal de rendição, como se fosse o caixa de um banco a ser assaltado. – Só queríamos falar consigo.

– Malditos ladrões e invasores – rosna ele. Depois baixa um pouco a arma, como se as minhas palavras tivessem finalmente ressoado na cabeça dele. – Espera. Noah? – pergunta ele hesitante. – És mesmo tu?

– Sou eu – confirmo. – Pode baixar a arma, por favor?

Ele ignora o meu pedido e vira a cabeça na direção de Brynn.

– Quem é esta?

– Sou a Brynn Gallagher, senhor Solomon. Andei em Saint Ambrose, lembra-se? – responde Brynn.

– Não – diz ele baixinho. Mas baixa a arma finalmente, e tanto eu como a Brynn respiramos fundo. – Porque é que estão a tentar entrar no meu jardim?

– Sim, Brynn, porque é que estás a tentar entrar? – murmuro, o que me vale um olhar de reprovação.

– Bem, na verdade, senhor Solomon, queríamos falar consigo sobre

jardins. – Ela olha à nossa volta para as ruínas do que costumava ser o orgulho e a alegria do senhor Solomon. – A escola está a fazer um para o *stôr* Larkin, um jardim em memória dele. E eu e o Tripp, quero dizer, eu e o Noah, estamos encarregados de plantar, mas não sabemos o que escolher. Não fazemos a mínima ideia do que é bom para uma coisa dessas. – O senhor Solomon fica a olhar para ela sem mexer um músculo, e Brynn lança-me um olhar impotente. Não sei como é que ela pensou que isto ia correr, mas tenho a certeza de que não se imaginou a gritar perguntas por cima de um portão para um homem armado. – Então, pensámos em perguntar-lhe. – Não propriamente uma pergunta, mas a voz dela hesita esperançosa no final.

– Estou ocupado – diz o senhor Solomon.

– Oh, claro – diz Brynn. – Devíamos ter ligado antes. Bem, eu telefonei, mas... de qualquer forma. Podemos voltar depois? Talvez noutra altura?

– Podem voltar – diz o senhor Solomon, a sua voz finalmente a ficar mais suave. – É sempre bom ver alunos de Saint Ambrose. Mas não vou falar convosco sobre nenhum maldito jardim.

– Não vai? – pergunta Brynn hesitante, e olha em redor para o terreno baldio do quintal do senhor Solomon. – Já não gosta de jardinagem?

– Gosto muito – diz o senhor Solomon. Brynn olha para mim, confusa.

Eu encolho os ombros, e murmuro: *Ele já não está cá.*

Por fim ela percebe que ainda está a segurar a minha mão e deixa-a cair como se eu a estivesse a queimar, o que me deixa irritado por não me ter afastado primeiro.

– Talvez não me tenha explicado bem – diz ela. – O jardim que vamos fazer é um jardim memorial para o *stôr* Larkin, para celebrar o seu...

– Eu sei o que é um jardim memorial – interrompe o senhor Solomon. – Mas não estou interessado em ajudar-vos com este. – O senhor Solomon enfia a arma debaixo do braço e vira-se para a porta, dizendo por cima do ombro: – Cuida-te, Noah. Vejo-te no Lugar Feliz.

– Mas que raio? – murmura Brynn. Ela levanta a voz e diz: – Porque não?

O senhor Solomon está agora à porta e, a princípio, penso que ele a vai ignorar. Mas em vez de pegar na maçaneta, para com a mão no corrimão, e quase que se vira para nos encarar.

– Porque aquele filho da mãe teve o que merecia – responde. Depois entra e bate com a porta atrás de si.

Capítulo 15

Brynn

– Ele disse *o quê?* – pergunta Nadia.

Estamos a jogar pingue-pongue na minha cave no sábado à noite, eu e a Nadia contra Mason e Ellie. Ellie está a fazer uma pausa na prática da flauta e nós estamos a matar o tempo, porque, embora não saiba ao certo a que horas deve começar uma festa em casa de Charlotte Holbrook – uma vez que ela não se deu ao trabalho de me dizer – tenho quase a certeza de que não é às oito horas.

– «Aquele filho da mãe teve o que merecia» – repito.

Ellie manda a bola de volta para o lado de Nadia, e eu atiro-me a ela porque Nadia está a olhar para mim, de boca aberta. Falho e a bola sai a voar da mesa. O tio Nick está sentado a uns metros de distância, a remexer na coleção de discos antigos dos meus pais, porque também ele vai a uma festa e o tema é vinil dos anos oitenta. Inclina-se para um lado, tira a bola de um dos cantos e atira-ma.

– Tens a certeza de que ele estava a falar do Will? – pergunta o tio Nick.

– Não sei de quem mais poderia estar a falar – respondo e entrego a bola a Mason para que ele possa servir.

Mason pega na bola, mas não faz qualquer movimento para recomençar a jogar.

– Se calhar estava confuso. Disseste que ele não te reconheceu, certo?

– Certo – digo. – No início, ele também não parecia estar a reconhecer o Tripp. Mas depois reconheceu-o, e pareceu-me bem a partir daí. Até que... disse o que disse.

– Isso é horrível – diz Nadia. – Pobre *stôr* Larkin. Primeiro o retrato, e agora isto. Esta semana tem sido uma afronta à sua memória.

Ellie bate com a raquete de pingue-pongue na palma da mão, pensativa.

– Acham que é possível que não conhecessem o *stôr* Larkin tão bem como pensam? Se calhar ele não era propriamente boa pessoa para toda a gente.

Lanço-lhe um olhar duro. Ellie é a única pessoa na sala, para além do tio

Nick, que sabe do meu estágio, e é a única que está a par do comentário de Ramon d'Arturo, *O homem era um vazio*. Ela está a aproximar-se demasiado de coisas que não estou preparada para partilhar.

– Conhecia-o bastante bem – replico. – E toda a gente em Saint Ambrose o adorava. Incluindo o senhor Solomon.

O tio Nick recosta-se de cócoras, com um álbum dos Blondie numa mão.

– Não ponhas o Will num pedestal, Brynn – diz ele. – O tipo era apenas humano, como todos nós. Ele conseguia despertar todos os nervos às pessoas.

– Despertar todos os nervos? – repito. – O que é que isso quer dizer?

– Tu sabes. – O tio Nick continua a remexer na pilha até tirar um álbum dos Simple Minds. – Sim. Encontrei – diz ele alegremente. – *Don't, don't, don't, don't, don't, don't you forget about me*.

– *Nerd* – suspira Ellie.

Aclaro a garganta.

– Na verdade, *não sei* – respondo. O tio Nick pisca-me o olho, e já perdeu claramente o fio à meada da nossa conversa anterior, por isso acrescento: – O que queres dizer com isso de o *stôr* Larkin conseguir despertar todos os nervos às pessoas?

– Discutir. Perder a cabeça – esclarece o tio Nick. – Não convosco – acrescenta ele, quando ergo as sobrancelhas. – Mas com os pais dos alunos. Eu ouvia-o por vezes, quando estava a fazer os trabalhos de casa depois da escola. Havia alturas em que aquilo descambava numa verdadeira discussão, com gritos e tudo.

– Uma discussão com gritos? – pergunta Nadia. – Com quem?

– Na maior parte das vezes não dava para perceber – diz o tio Nick. – Estava a tentar não me meter onde não era chamado. Mas vi a Laura Delgado sair de lá a correr mais do que uma vez.

– A mãe do Shane? – pergunto. Não conheço bem a senhora Delgado, mas sempre que a vi, ela estava calma e serena. – Nunca a tomei por uma pessoa que grita.

– Ela não era das que gritavam – diz o tio Nick. – Mas estava aborrecida, e é aí que quero chegar. O Will tinha uma maneira de tocar no ponto fraco. Talvez toda esta atenção dos meios de comunicação social esteja a abrir velhas feridas. – Depois, parece aperceber-se do que acabou de dizer – *toda esta atenção dos meios de comunicação social*, incluindo a potencial história para o *Motivo* que ninguém, com exceção de Ellie, conhece – e acrescenta apressadamente: – Ou talvez tenham apanhado o senhor Solomon num dia mau. Envelhecer é uma treta, pelo menos foi o que ouvi dizer.

Ele levanta-se, estremecendo um pouco quando alguma coisa estala, e Ellie sorri.

– Magoaste as costas, avô Nick? – pergunta ela.

– Vai tocar um pouco de Mozart – responde ele.

– Muito bem, vou-me embora. E tu? – Olho para o relógio da parede e vejo que ainda são oito e meia. – Acho que ainda é muito cedo.

– Já decidiram quem é que vai conduzir, certo? – pergunta ele, naquele tom meio sério que acha que o faz parecer o meu pai.

Nadia arranca a bola da mão de Mason e fá-la saltar com precisão na sua raquete.

– Sou eu – diz ela. – Como sempre.

Mason parece não ver a hora de sair da minha cave.

– Falas como se fôssemos a festas todos os fins de semana – diz ele. – Esta é a primeira festa a que vamos durante *tudo o ano*.

– Hoje é dia 8 de janeiro – relembra-o ela.

– Eu estava a incluir a véspera de Ano Novo nessa equação.

– Pois bem, não incluas – diz Nadia. – Novo ano, nova vida social.

É possível que, no nosso esforço para parecermos demasiado ocupados e importantes para aparecermos demasiado cedo, tenhamos acabado por nos atrasar algumas horas.

– Bem, é uma festa e peras – diz Mason quando a enorme casa de traços contemporâneos de Charlotte aparece no fim de uma longa estrada. A parte da frente da casa é quase toda em janelas, e todas as divisões estão cheias de pessoas a falar, a beber e a dançar.

– Não te vão deixar entrar se usares expressões como essa – diz Nadia.

– Imagino que os pais dela não estão em casa – digo, o que é outro pormenor que Charlotte não mencionou.

– Acho que não devo avançar mais – diz Nadia, e abranda o carro até parar. – Parece que as pessoas estão a bloquear a entrada umas às outras e eu não quero ficar presa. Vou estacionar na relva. – Os carros estão estacionados paralelamente em ambos os lados da entrada da casa de Charlotte, e Nadia coloca o seu *Subaru* no fim da fila.

Inclino-me para a frente do banco de trás para bater nos ombros de ambos.

– Muito bem. Vamos lá ver como é uma festa da elite.

– Só se deixares de lhe chamar isso – diz Nadia.

Mason faz beicinho quando sai do carro.

– Para de controlar o que podemos ou não dizer.

Descemos o resto da rua, e passamos por carros que estão estacionados demasiado perto uns dos outros. Quando chegamos à casa, paramos, e percorremos a fachada com o olhar. Nadia é a primeira a dizê-lo:

– Onde é que está a porta?

É uma pergunta pertinente, porque tudo parece uma janela gigante. Depois, um rapaz sai a correr do interior em direção a um dos vidros e empurra-o para fora. Mal consegue passar por nós antes de cair de joelhos e vomitar num arbusto. A música pulsa da porta aberta, enquanto Mason agarra a fina barra de prata que passa por uma maçaneta e diz:

– Obrigado pela ajuda.

– Devemos ir ajudá-lo? – pergunta Nadia, e olha por cima do ombro.

Franzo o nariz.

– Com o quê?

O rapaz levanta-se então, ainda com uma bebida na mão, e acena para nós enquanto cambaleia de volta para a porta.

– Esta foi demais – diz ele.

– É um começo auspicioso – afirma Mason. – Vamos lá.

A primeira coisa em que reparo quando somos absorvidos por uma multidão de pessoas é que estamos malvestidos. Bem, pelo menos eu e a Nadia. Os rapazes estão com roupas mais casuais, mas a maioria das raparigas está a usar vestidos de *cocktail* giros. Algumas delas estão de saltos altos, mas outras estão descalças, como se tivessem descalçado os sapatos há algum tempo.

– Abby – chama Nadia, e eu viro-me para ver Abby Liu encostada à parede com um vestido vermelho curto, a abanar-se. – Estás tão bonita. É suposto isto ser meio formal?

Outra pessoa que não Abby podia trocar por sermos obviamente convidados de segunda categoria, mas ela sorri gentilmente.

– Oh, não, foi só uma coisa que algumas de nós fizemos para nos divertirmos. Quantas vezes é que nos podemos arranjar, não é? – Ela abana-se de novo. – Ia buscar uma bebida. Querem alguma coisa?

– Sim – responde Mason, acenando vigorosamente com a cabeça. – Adorava.

– Estão na cozinha – diz Abby. – Sigam-me.

Bato no braço de Nadia.

– Vão andando – digo-lhe. – Vou procurar uma casa de banho.

Os meus amigos afastam-se com Abby, e eu vagueio por entre a multidão de pessoas até ver uma longa fila de raparigas no corredor, o que só pode significar uma coisa. Junto-me a elas com um suspiro, a pensar como a vida deve ser mais fácil quando se pode simplesmente sair e encontrar uma árvore. Quando termino e entro na cozinha, os meus amigos não estão à vista.

Mas Charlotte está. Ela veste um vestido cor de bronze brilhante, e tem o cabelo puxado para trás num dos lados e preso com um gancho com joias incrustadas. Está a usar uma concha para tirar o líquido vermelho de uma taça de vidro e para o pôr em copos, e quando me vê, acena e levanta um.

– Ponche? – pergunta ela.

– Obrigada – respondo e pego no copo. – A tua casa é fantástica.

– Oh! – Charlotte olha à volta da sua cozinha – que tem o dobro do tamanho da minha e só tem eletrodomésticos topo de gama – como se nunca tivesse pensado nisso antes. – Sim, acho que é *okay*. – Não contenho um suspiro, e os lábios dela curvam-se num pequeno sorriso. – Saiu-me mal. Mas às vezes gostava que fosse mais perto da escola. Tenho inveja dos miúdos que podem ir almoçar a casa.

Eu nunca fui almoçar a casa em toda a minha vida. Mas ela tem sido simpática comigo durante a semana, por isso digo-lhe:

– Bem, se estiveres desesperada, podes sempre vir a minha casa.

– A tua casa? – Charlotte parece perplexa com a ideia, como se não lhe tivesse ocorrido até agora que eu continuo a existir quando estou fora da sua vista. Depois, a sua máscara de anfitriã volta ao lugar e diz: – És mesmo querida.

E pronto, acabámos.

– O Tripp está por aí? – pergunto.

– Está – responde Charlotte, enquanto pega em mais ponche. – Mas, se fosse a ti, não ia à procura dele. Está a ter uma noite má.

– Uma noite má? O que queres dizer?

Charlotte olha criticamente para a fila de copos à sua frente. Todos eles parecem conter exatamente a mesma quantidade de líquido, mas ela enche dois deles mais um pouco. Depois, franze o sobrolho e deita o conteúdo de um deles de volta para a taça de vidro.

– Não é fácil, sabes? – diz ela.

– O que é que não é fácil? – pergunto, a minha paciência a esgotar-se com a sua conversa vaga.

Charlotte parece aperceber-se disso e por fim olha-me nos olhos.

– Ver o que nós vimos – diz ela. – Naquela altura. Isso não nos abandona.

– Oh! – digo, surpreendida com a sua honestidade e um pouco envergonhada por a ter levado a isso. Por vezes, entro tanto no meu modo jornalista que me esqueço que estou a lidar com pessoas reais. Bebo um grande gole de ponche, que não é doce o suficiente para disfarçar como está forte. – Sim, claro.

– Todos temos a nossa maneira de lidar com as coisas – diz Charlotte. – No caso do Tripp, ele às vezes bebe um pouco demais quando alguma coisa o incomoda. – A expressão dela endurece. – Como quando um velho guarda florestal demente que se torna selvagem.

– Ele contou-te do senhor Solomon? – pergunto-lhe.

– Contou – confirma Charlotte. – E eu disse-lhe que acho uma péssima ideia ele fazer parte desse projeto. – Ela lança-me um olhar cortante, como se tivesse sido eu a recrutá-lo. – Com ou sem bolsa de estudo.

– Que bolsa de estudo? – pergunto.

– Não sei como se chama – diz Charlotte. Claro, ela não precisa de saber nada sobre bolsas de estudo quando vive numa casa como esta. – Mas há um grande requisito de serviço comunitário, por isso... – Ela interrompe-se quando um grupo de raparigas se atira à fila ordenada de copos de ponche. – Uma de cada vez, por favor – diz, e eu aproveito a oportunidade para me afastar.

Verifico o meu telemóvel e vejo uma mensagem de Mason onde se lê «GORFF TÁ KI ANMO ELE», por isso só posso presumir que (1) Mason tem pouca tolerância ao álcool e tem andado a dar-lhe bem no ponche, e (2) encontrou a sua paixoneta, o Geoff. Vejo a camisola cor-de-rosa de Nadia no meio de um grupo de raparigas e decido que os meus amigos estão bem

sozinhos, por agora.

Percorro a casa. Uma sala com um enorme teto arqueado e uma televisão gigante na parede parece ser o local onde as pessoas estão a beber mais, mas se Tripp está a ter uma noite má, não vai estar no meio da multidão.

Não conheço muito bem a versão do Tripp atual, mas sei onde o meu antigo amigo estaria. Por isso vou lá para fora, a tremer sem o casaco que deixei cair num monte algures, e olho em volta para os grupos muito mais pequenos de pessoas que estão no jardim enorme de Charlotte.

Há uma piscina coberta, uma fonte e um barracão de aspeto imaculado que é praticamente uma pequena casa. A propriedade é circundada por uma cerca de ferro forjado quebrada por pilares de pedra uniformemente espaçados, todos do mesmo tamanho e forma, exceto o mais distante. Quando me aproximo, a irregularidade transforma-se no contorno de uma pessoa. Tripp está sentado no cimo da pedra estreita, com as pernas a balançar e a mão esquerda agarrada a uma garrafa de uísque quase vazia.

Paro na base do pilar e chamo-o:

– Como é que foste aí para cima?

Tripp pestaneja, e tenho a certeza de que não me viu chegar.

– Trepei – responde ele. Está sem casaco e a sua camisa azul está meio dobrada, com as mangas arregaçadas. O cabelo louro despenteado parece prateado ao luar; as suas feições sombrias são tão finas e cinzeladas como as de uma estátua. *Ele é lindo*, penso eu, antes de afastar o pensamento e substituí-lo por um mais apropriado. *E está muito, muito bêbado.*

– A Charlotte disse que estavas a ter uma noite má – digo.

– A Charlotte está enganada – replica Tripp, e dá um longo gole na garrafa. Quando termina, não resta praticamente líquido nenhum. – Estou a ter uma noite *ótima*.

– Já pensaste como é que vais descer daí?

Ele encolhe os ombros, despreocupado.

– Salto.

– Estás a mais de dois metros de altura.

– E eu tenho mais de um metro e oitenta, por isso... Só tenho de saltar vinte centímetros.

– Não é assim que funciona – replico.

Tripp termina a garrafa e aponta-a para mim.

– És divertida nas festas, Gallagher. Sempre soube que serias.

– Só estou a tentar que... – Depois contendo a respiração e sinto o coração na boca quando Tripp se lança de repente do pilar.

Por um segundo, não consigo respirar, à espera do horrível estrondo que certamente virá, mas ele aterra de pé, sem hesitar, com a garrafa ainda na mão. Põe-na no chão antes de fazer uma vénia exagerada, e o facto de não se desequilibrar faz com que eu expluda.

– És um cretino! – digo e bato no ombro dele. O que provavelmente me magoa mais a mim do que a ele, porque ele é *sólido*. Abano a mão e afasto-

me, a olhar fixamente para ele. – Assustaste-me.

Tripp afasta o cabelo dos olhos.

– Porquê?

– Podias ter partido uma perna! Ou pior. E depois...

– Não – diz Tripp, e avança na minha direção até estar suficientemente perto para me tocar. É quase trinta centímetros mais alto do que eu, e tenho de esticar o pescoço para lhe ver a cara. – Quero dizer, porque é que te importas?

Não respondo de imediato – por alguma razão as palavras abandonaram-me – e ele acrescenta:

– Não me suportas.

– Isso não é verdade – digo automaticamente, porque é o que se diz a uma pessoa bêbeda com tendências autodestrutivas. Demoro alguns segundos a perceber que estou a falar a sério.

– Mas devia ser – diz Tripp.

Olho para ele. Parece triste e cansado; não há nada da raiva pura que vi quando ele quase esmurrou Colin Jeffries. *Ele não é assim*, penso, e depois afasto aquele pensamento porque, na verdade, como é que eu sei? Será que alguma vez fomos mesmo amigos, se ele me descartou tão facilmente? Mas continuo a pensar no comentário de Charlotte sobre a bolsa de estudos, e lembro-me de como a vida familiar de Tripp sempre foi precária, e provavelmente ainda é, por mais composto que ele pareça à primeira vista.

De repente, não percebo porque é que estou ali. Bem, eu *percebo* – a fazer pesquisa para Carly –, mas já não me parece correto. Não lhe posso contar desta conversa; não lhe posso falar da dor de Tripp como se fosse apenas ruído de fundo. Mas ainda há uma coisa que eu quero saber, para o meu próprio bem.

– Porque é que me pediste desculpa? – pergunto-lhe.

Ele franze o sobrolho.

– Hã?

– Hoje, na casa do senhor Solomon. Disseste que estavas arrependido.

– Certo. Sim. E estou.

– Pelo quê?

A voz de Tripp é firme e, se eu não tivesse tido muitas provas em contrário, quase acreditaria que ele está sóbrio.

– Pelo que eu disse no oitavo ano. Na aula de Educação Física. Era mentira. Mas tu sabes isso, obviamente. – Ele solta uma gargalhada forçada. – Sou um *mau mentiroso*.

– Então porque é que disseste aquilo?

– Porque sim. – A maçã de Adão dele balança uma, duas vezes enquanto olha para o chão. – Precisava que me odiasses.

– Porquê? – pergunto. – Porque é que decidiste odiar-me?

Tripp olha para cima e os seus olhos encontram os meus.

– Não, Brynn. Eu não te odiava naquela altura. E não te odeio agora. – Profere cada palavra lenta e cuidadosamente, como se precisasse de ter a

certeza de que eu o compreendo bem. – Nem um pouco.

– T.! – Uma voz possante atrás de nós faz-me saltar. Viro-me e vejo Shane a vir na nossa direção, com um grande sorriso e uma expressão determinada. – Está na hora de entrarmos, não achas, meu? – Dou um passo atrás, consciente de que Tripp e eu estávamos muito próximos, e Shane acena-me com a cabeça. – Olá, Brynn, tudo bem? Eu trato disto a partir daqui.

– Disto o quê? – pergunto.

– O Tripp está a ter uma noite má – diz Shane, e parece um eco de Charlotte, enquanto levanta a garrafa vazia de Tripp do chão com os dedos. Passa o braço livre pelas costas de Tripp. – Não podes levar muito a sério nada do que ele diz neste momento.

– Estávamos só a conversar – replico, sentindo-me estranhamente na defensiva. Tento chamar a atenção de Tripp, mas ele está a olhar para o chão outra vez.

– Sim, claro, eu percebo – diz Shane. – Mas a conversa já acabou, está bem?

Ele não espera pela minha resposta antes de se afastar com Tripp.

Capítulo 16

Tripp

Por fim, a minha mãe venceu-me pelo cansaço, mas não o suficiente para eu aparecer a horas.

Estou exatamente quinze minutos atrasado para me encontrar com Lisa Marie no Atirador no domingo à noite, porque fiz um acordo comigo mesmo. Se ela ainda não tiver chegado – e ela não vai estar, porque nunca chega a horas –, então vou-me embora. Já tenho a minha mensagem ensaiada: *Desculpa, não pude esperar. Até à próxima vez que estiveres na cidade.* Depois vou para casa e deito-me na minha cama, porque ainda tenho a cabeça a latejar da noite passada em casa da Charlotte.

Noite essa de que mal me lembro, exceto da parte em que quase contei a Brynn... O quê? Demasiado? Tudo? Graças a Deus que Shane apareceu na altura certa.

Sabia que não devia ter enviado uma mensagem a Brynn. Aquele momento de fraqueza depois de Colin lhe ter dado um murro na cabeça só causou problemas.

De qualquer forma, é bom ter um plano sólido para lidar com a minha mãe. Por isso, fico aborrecido quando a empregada me conduz a uma cabina onde Lisa Marie parece estar sentada já há algum tempo, a julgar pela garrafa de cerveja quase vazia que tem diante dela. Não só não se atrasou, como até pode ter chegado mais cedo? Isso não é nada bom sinal. De todo.

– Ficaste preso no trabalho? – pergunta Lisa Marie enquanto deslizo para cima de uma almofada de plástico vermelha rachada. O Atirador é um daqueles sítios que está sempre a mudar de dono – primeiro foi o Eddie Seguro, depois a Taberna Central, depois o otimista Lounge Paraíso –, mas nunca ninguém se preocupou em modernizar o interior. Sempre foi o lugar preferido da minha mãe em Sturgis, e eu ainda penso nele como Eddie Seguro, porque costumávamos lá ir todos os sábados quando eu era criança.

– Sim – digo, e aceito um menu da empregada. Se é que se pode chamar *estar preso no trabalho* a ter estado a terminar a minha candidatura à bolsa de estudos Kendrick incentivado por Regina. Ela deu-me um selo, depois deixou

uma fila de clientes à espera para me levar ao posto dos correios ao fundo da esquina da pastelaria Lugar Feliz, para se certificar de que eu punha mesmo no correio.

«Pensa positivo», disse-me ela, enquanto eu passava o envelope pela ranhura.

«Tenho a certeza de que não vou ser escolhido», respondi.

Regina deu-me uma palmadinha no braço com um suspiro.

– Muito bem.

A empregada aparece ao nosso lado.

– Deseja alguma coisa para beber? – pergunta-me ela.

– Só água.

Lisa Marie revira os olhos.

– Bebe um refrigerante. Vive um pouco.

– Eu gosto de água – digo com firmeza.

– Estão prontos para pedir, ou precisam de mais um minuto? – pergunta a empregada.

– De vários minutos – respondo, visto que nem sequer tenho a certeza de que vou ficar para jantar.

– A sério? Estou a morrer de fome – lamenta-se Lisa Marie. Como não respondo, ela vira-se para a empregada e pergunta: – Pode trazer-nos um cesto de pão?

– A caminho – responde a empregada.

Lisa Marie bate no meu pé com o dela e diz:

– Vou comer o hambúrguer.

Em vez de abrir o menu, coloco-o em cima da mesa, encosto-me no assento, e olho para ela. Sei que isso a deixa nervosa; a minha mãe sempre detestou o contacto visual prolongado. Ela está mais ou menos com o mesmo aspeto desde a última vez que a vi, há dois anos – demasiado parecida comigo para meu gosto –, embora o cabelo tenha ficado mais loiro e os dentes estejam incrivelmente brancos. E os lábios dela estão mais cheios? Acho que talvez estejam.

– Como está o Júnior? – pergunta ela.

– O *pai* está ótimo – respondo. Irrita-me que ela nunca o trate por *meu pai*, como se o título fosse tão inútil para ele como o de *mãe* é para ela.

– E como está a correr a escola? – pergunta ela.

Não. Não estamos a fazer isto.

– Porque é que estás aqui?

Lisa Marie termina o último gole da cerveja e olha pela janela.

– Continuas sem ser fã de conversa fiada, hã?

– Sim. – Posso parecer calmo, mas não estou. Fico sempre nervoso ao pé da minha mãe, perguntando-me de que maneira é que a sua forma de ser disfuncional se vai manifestar desta vez.

A empregada reaparece com a minha água e com um cesto cheio de pãezinhos, com manteiga embrulhada em papel de alumínio.

– Quero mais uma, por favor – diz Lisa Marie, a segurar na sua garrafa de cerveja. Depois pega num pão, parte-o ao meio e passa um pacote inteiro de manteiga numa das metades. – Então agora andas a candidatar-te a faculdades? – pergunta ela.

– Candidatei-me – respondo. – Já está feito.

– Quando é que sabes se entraste? – pergunta ela, antes de dar uma grande dentada no pão.

Desembrulho lentamente a minha palhinha.

– Daqui a uns meses.

Ela fica em silêncio por um instante, a mastigar, depois engole e diz:

– E a parte do dinheiro? Como é que vais pagar? – Dá outra dentada no pão que lhe deixa uma linha de manteiga ao longo do lábio, e levanta o guardanapo para a limpar.

– A determinar – respondo.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Precisas de ajuda?

– Claro – respondo, perguntando-me porque é que ela me faz perder tempo com isto, quando já passei meses a chateá-la para preencher o raio dos formulários para o pedido de apoio financeiro para pagar as propinas. Por fim, ela lá o fez, o que é toda a ajuda que alguma vez esperei de Lisa Marie.

– Bem, é por isso que aqui estou – diz ela.

Algo estremece no meu peito, e levo alguns segundos a perceber que acabei de sentir uma pequena onda de esperança na presença da minha mãe. Afasto-a imediatamente. Não confio nela.

– Para me ajudar? – pergunto. – Em quê?

Ela revira os olhos, como se isso fosse óbvio.

– A pagar a universidade.

A empregada regressa então com a cerveja de Lisa Marie e pergunta:

– Estão prontos para pedir?

– Meu Deus, sim. Não posso esperar nem mais um segundo – diz a minha mãe, e pede o hambúrguer.

– Quero o mesmo – digo. A minha voz é um murmúrio baixo, porque de repente a minha garganta ficou presa. Estúpida esperança.

Entregamos os nossos menus e, quando a empregada se vai embora, Lisa Marie cruza as mãos sobre a mesa e dá-me um grande sorriso, demasiado branco. Quase retribuo, até que ela diz:

– Quero falar-te de uma oportunidade interessante.

O nó na minha garganta dissolve-se instantaneamente. Aquilo soa-me mais a um anúncio publicitário, do que a uma oferta para pagar parte das minhas propinas.

– A sério? – digo.

– Sabes que eu conheço pessoas interessantes no casino, não é? – diz ela.

– E às vezes ficamos a falar durante algum tempo, sobre outras coisas além do jogo que estão a jogar.

Meu Deus! Será que ela tem um namorado novo? Será que ela quer que eu o conheça? Mesmo que ele seja rico e generoso, não sei se consigo aguentar isso.

– Está bem – digo.

– Então, no mês passado conheci um tipo – fecho os olhos por um instante, mas abro-os quando ela continua – e pelos vistos ele conhece Sturgis.

– Conhece? – Sinto a pele da nuca começar a arrepiar-se. – Porquê?

– Sabes, ele é um jornalista de *true crime* e...

Não preciso de ouvir mais nada.

– Gunnar Fox – digo-lhe sem rodeios. Devia ter feito a ligação assim que o senhor Delgado o chamou de «jornalista de meia tigela de Las Vegas». É uma cidade grande, mas a minha mãe tem o tipo de energia negativa que atrairia alguém como ele.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Conheces?

– Sim, vi a reportagem que ele fez sobre o Shane – respondo. – *Jovens assassinos*? Tem muita classe.

– O Gunnar quer revolucionar o género do *true crime*, para que deixem de ser os programas obsoletos e excessivos que vão para o ar – diz a minha mãe, como se fosse uma espécie de fantoche de Gunnar Fox a quem se puxam os cordelinhos. – Tudo o que as estações de televisão agora emitem é o mesmo de sempre, sabes? Não tem nada de especial.

– Porque são programas de crimes – replico. – Sobre pessoas mortas.

Lisa Marie acena com uma mão desdenhosa, como se estivesse a varrer a negatividade que me está a impedir de ver o panorama geral.

– Ele tem uma visão.

Pego num pão, só para ter alguma coisa para partir.

– Sou o próximo «Jovem Assassino», é isso? É disso que se trata? – pergunto. – Estás a dar-me o aviso que o Shane não teve? Muito obrigado. Vou planear o meu dia para ser achincalhado no YouTube.

– Não sejas ridículo – diz Lisa Marie. – A história do Delgado nunca fez sentido e já era altura de alguém o chamar à razão. Mas o teu caso é diferente. Eu disse ao Gunnar que o meu filho nunca protegeria um criminoso daqueles se não temesse pela vida.

– Disseste-lhe *o quê*? – Olho para ela, incrédula. – Nunca disse tal coisa, nem a ti nem a ninguém. Não é verdade. Então agora andas a inventar merdas?

– Não disseste porque achaste que *não podias* – diz Lisa Marie muito séria. – Finalmente apercebi-me disso. Mas agora estás em segurança, Trey. Tens pessoas a olhar por ti e podes contar a tua versão da história.

– Meu Deus! – Enfio um pedaço demasiado grande de pão na boca, fantasiando por breves momentos que me vou engasgar e que ela vai ter de parar de falar. Mas quem é que eu quero enganar? Ela não o faria.

– É aqui que surge a grande oportunidade. O Gunnar sabe quanto vale a

tua história e quer pagar-te. Dez mil dólares para seres convidado do *Não Cometas o Crime*. Dez mil dólares. E isso foi só a oferta inicial. Aposto que a podíamos aumentar. Consegues imaginar?

Sim, consigo. Aquilo é quase o suficiente para cobrir um ano de alojamento e alimentação na Universidade de Massachusetts, e depois disso, quem sabe? Posso preocupar-me com isso quando já não estiver em Sturgis. Mas assim que acabo de engolir, digo:

– Não.

Lisa Marie franze o sobrolho.

– *Não?* Como assim?

Continuo a cortar o meu pão em pedaços cada vez mais pequenos.

– Quero dizer que não vou para a televisão mentir, e se fosse... Não o faria com o teu amigo Gunnar.

– Oh, vá lá, Trey. Nem sequer pensaste bem nisto...

– Não há nada a pensar. A resposta é não.

– Se não contares a tua versão da história, ele conta-a por ti.

Paro, furioso.

– Isso é uma ameaça?

– Claro que não. Mas não queres controlar a tua própria narrativa? O Gunnar acha que isso daria um programa de televisão espetacular. E já agora, ele não é o único que está a investigar o caso do professor Larkin. – Lisa Marie bebe um gole de cerveja. – Ele ouviu um rumor de que aquele programa, *Motivo*, também está a cobrir a história. Sabes qual é? Aquele com o apresentador que acabou de se mudar para Boston. Esse tipo de programas escolhe sempre um ângulo, e se eles não entraram em contacto contigo, adivinha qual é? – Ela inclina a garrafa na minha direção. – Tu és o ângulo. – Depois muda para o seu tom de voz mais persuasivo. – Querido, ainda nem te contei a melhor parte – diz ela. Quase me rio, porque desde quando é que ela me chama de *querido*, mas depois Lisa Marie acrescenta: – Vamos fazer isto juntos.

A empregada chega com os nossos hambúrgueres e coloca os pratos à nossa frente enquanto nos pergunta se queremos *ketchup* e mais bebidas, questões às quais não consigo responder porque a minha mente ficou em branco. Depois, lentamente, ela volta a encher-se com informação, dados a preencher uma folha de Excel, e eu percebo tudo. Porque é que a minha mãe está aqui, porque é que de repente se preocupa com a minha vida universitária e porque é que parece uma versão pronta para a câmara de si mesma.

Quando a empregada se vai embora, eu digo-lhe:

– O Gunnar Fox também te ofereceu dinheiro, não foi? Foi a mesma quantia? Não, provavelmente metade. Mas nós somos um par, por isso, sem mim, não recebes nada. Tenho razão?

A expressão sombria dela é a confirmação de que preciso, mesmo antes de ela dizer:

– O Gunnar também está muito interessado na minha contribuição.

– Na tua *contribuição*? – Quase que me desato a rir. – E qual é? Tu nem sequer cá estavas quando o *stôr* Larkin morreu. Há anos que não estavas cá.

– Eu estava na cidade – diz Lisa Marie. – Lembro-me do ambiente que se vivia. Muito tenso.

Fico a olhar para ela.

– Tu não estavas na cidade. Estavas em Las Vegas, como sempre.

– Voltei para o concerto de primavera de Saint Ambrose, lembras-te?

Claro. O concerto de primavera, onde a participação de todos os alunos é obrigatória, mesmo que uma pessoa nunca tenha cantado uma nota na vida. Realiza-se sempre no final de março, logo nunca parece ser primavera em Nova Inglaterra.

– Voltaste para o aniversário da Valerie – replico. – O concerto foi na noite seguinte, e o *stôr* Larkin morreu duas semanas depois.

– Eu ainda estava em casa da Valerie. – Pelo menos cora um pouco, pois na altura fez um grande alarido de que tinha de sair assim que o concerto acabasse. – Acabei por não me sentir bem quando chegou a altura de ir para o aeroporto, por isso fiquei por cá.

– Durante duas semanas? E não disseste nada a ninguém?

– Estava com gripe – diz Lisa Marie com uma ligeira fungadela. – Não queria que a apanhasses.

Meu Deus, ela é tão mentirosa. Não sei o que é pior – a minha mãe ter vindo de Las Vegas para me tentar obrigar a ir à televisão, para tirar proveito disso, ou eu ter acreditado, mesmo que só por um minuto, que ela veio por mim.

Quando pus a candidatura à Bolsa de Estudo Kendrick no correio hoje, pensei que *faria qualquer coisa para a ganhar*. Mas o que realmente queria dizer era que *faria qualquer coisa para sair de Sturgis no próximo ano*. Acontece que isso não é bem verdade. Preferia viver no quarto de hóspedes da Regina para o resto da minha vida a entregar milhares de dólares à mulher que me abandonou há oito anos e nunca olhou para trás.

Empurro os restos do pão para o lado e pego no hambúrguer.

– Dá os meus cumprimentos ao Gunnar e diz-lhe que se vá lixar – digo, dando uma grande dentada no hambúrguer enquanto me levanto da mesa e me vou embora.

– Noah Daniel Talbot! Não percebes o que estás a fazer. Volta aqui e tem uma conversa madura. – Lisa Marie chama por mim. Ela está finalmente a usar o meu nome verdadeiro – nada menos do que o meu nome completo –, mas é muito pouco e muito tarde. Aceno um adeus por cima do ombro com o hambúrguer na mão e continuo a andar.

Capítulo 17

Brynn

– Isso é sem dúvida um desenvolvimento interessante – diz Carly. É quarta-feira à tarde, e eu acabei de contar a ela e a Lindzi tudo o que aconteceu em Sturgis desde a infame reunião da mesa-redonda. Bem, quase tudo.

– Que parte? – pergunto, porque mesmo tendo deixado de fora a minha conversa com um Tripp bêbado, falámos de muitas coisas, entre Colin Jeffries, o vídeo de Gunnar Fox, o vandalismo ao retrato do *stôr* Larkin e aos panfletos da *stôra* Kelso, e a minha visita ao senhor Solomon.

– «Aquele filho da mãe teve o que merecia» – diz Carly, pensativa, batendo com a caneta no bloco de notas. Estamos numa das salas de conferência mais pequenas do *Motivo*, a Peacock, que é a minha preferida porque tem poltronas para nos sentarmos. Ela lança-me um sorriso forçado. – Isso não quer dizer que o resto das tuas atualizações não tenham sido cheias de surpresas. Estás bem, de certeza?

– Estou ótima – respondo. Estava com um pouco de receio de dizer a Carly que tinha sido agredida por Colin, ou que me tinham apontado uma caçadeira, porque, segundo a minha experiência, esse é o tipo de coisas que faz com que as autoridades queiram prender uma pessoa para todo o sempre. Mas Carly e Lindzi levaram tudo na boa, como se fosse apenas mais um dia de trabalho. E suponho que para elas se calhar é.

– Ótimo. – Carly inclina-se para trás na cadeira e coloca as mãos por baixo do queixo. – E dizes que o senhor Solomon nunca tinha feito aquele tipo de declarações antes?

– Não que eu tenha ouvido – respondo. – Mas o Tripp diz que ele está um pouco senil, por isso talvez estivesse confuso.

– É possível – concorda Carly. Os olhos dela brilham. – Não achas que o senhor Solomon pode ter *feito* isso, pois não?

– Feito o quê? – Demoro alguns segundos a perceber o que ela quer dizer. – Matar o *stôr* Larkin? Meu Deus, não. Nem pensar.

– Essa negação foi muito rápida – diz Carly. – Porquê?

– Porque ele é um velhote amoroso! – respondo.
– Que vos apontou uma arma – diz ela.
– Ele pensou que estávamos a invadir propriedade privada.
– Mesmo assim. É uma reação exagerada.
– Mas como é que ele podia matar alguém como o *stôr* Larkin? – pergunto. – Já naquela altura o senhor Solomon era velho e frágil.

Lindzi intervém.

– Na verdade, não seria precisa assim tanta força. A arma do crime é menos pesada do que se poderia esperar.

Olho para ela e pisco os olhos.

– A sério? Como é que sabes?

– Porque recebemos ontem fotografias das provas da polícia de Sturgis.
– Fico boquiaberta e Lindzi acrescenta: – Desculpa. Devia ter-te dito logo, mas a tua atualização foi demasiado interessante. Dá uma vista de olhos. – Ela carrega nalgumas teclas no computador e vira-o na minha direção. Antes de ter tempo de me preparar, ali está ela, a pedra pontiaguda e coberta de sangue que acabou com a vida do *stôr* Larkin. A primeira coisa que me chama a atenção é que Lindzi tem razão; não é tão grande como eu imaginava. Sempre pensei num pedregulho, algo tão grande que ninguém sobreviveria ao ser atingido por aquilo. Mas, na verdade, tem apenas o dobro do tamanho da minha mão.

– Não havia impressões digitais, exceto as do Shane, por isso o assassino estava provavelmente a usar luvas – diz Lindzi. – Não é de estranhar, uma vez que a temperatura mal chegava aos quatro graus nesse dia.

Ela aumenta a fotografia, e traça com um dedo a borda da pedra no ecrã.

– William Larkin foi atingido na parte de trás da cabeça – diz ela. – Mesmo na base do crânio. Como o soco de coelho no boxe, que é proibido por ser tão mortal. – A bÍlis ameaça subir-me à garganta e tenho de engolir algumas vezes para a forçar a descer, enquanto Lindzi continua a falar. – A pessoa que fez isto devia ser habilidosa, ou pode ter tido um golpe de sorte. Bem, um golpe de azar para o William, obviamente, que ou não sabia que havia alguém atrás dele, ou estava a tentar afastar-se dele. O que quer que tenha acontecido, o golpe que matou William não foi em legítima defesa.

– Lindzi – diz Carly num tom acusatório. – Não podes fazer um monólogo desses sem avisar. Já viste como a Brynn está verde?

Lindzi olha para cima e faz uma careta de desgosto quando vê a minha cara.

– Desculpa. Às vezes deixo-me levar.

– Não faz mal – digo, e puxo a minha pulseira. Mas quero parar de olhar para a pedra, por isso acrescento: – Que mais tens? – Mas arrependo-me logo de seguida, porque de repente fico aterrorizada com a ideia de que ela me vai mostrar fotografias do corpo do *stôr* Larkin.

Em vez disso, mostra uma fotografia de uma fina corrente de prata.

– A polícia não quis partilhar tudo. Mas há isto. William Larkin estava a

usá-la quando morreu. Bem, não propriamente *a usar*, porque parece ter-se partido quando ele foi atingido. Mas estava dentro da camisa dele.

– A sério? – pergunto, a olhar para o ecrã. – Nunca tinha visto isto antes. Nunca imaginei que ele fosse o tipo de pessoa que usa joias. – No ecrã de Lindzi, há uma fotografia em miniatura de um homem, mas está demasiado pequena para se conseguir ver claramente e eu pergunto: – Quem é esse?

– O vosso diretor – diz Lindzi, e amplia o que acaba por ser um artigo do *Sturgis Times*. – Ou o diretor da escola. É assim que lhe chamam nas escolas privadas, certo?

– Sim, às vezes.

A fotografia mostra o *Urso* no seu gabinete de Saint Ambrose, radiante, enquanto segura um grande envelope azul-turquesa coberto de autocolantes. A manchete diz: *Lavagem de carros no fim de semana leva os esforços de angariação de fundos da Saint Ambrose ao topo*.

– E o misterioso envelope com o dinheiro – diz Lindzi. – O dinheiro da visita de estudo que foi roubado estava num envelope mais pequeno da escola, e depois esse dinheiro e a lista de doadores foram colocados dentro do envelope azul-turquesa e guardados na secretaria da escola. – Ela sorri ironicamente. – Não foi muito seguro, sobretudo depois daquela sessão fotográfica. De qualquer forma, a polícia encontrou o envelope da escola Saint Ambrose no cacifo de Charlotte Holbrook, mas não o envelope azul-turquesa.

– Já vi isto antes – digo, franzindo o sobrolho enquanto olho para o ecrã de Lindzi.

– O artigo? – pergunta ela.

– Não, o envelope.

– Na escola, provavelmente, certo? – diz Lindzi.

– Acho que não – respondo lentamente. – Bem, talvez, mas... parece-me fora do contexto.

– Fora do contexto como? – pergunta Carly e inclina-se para a frente, como se a minha resposta fosse da máxima importância. Nesse momento sinto-me parva, porque sinceramente não faço ideia.

– Não sei – admito. – Talvez não me tenha apercebido para que servia.

– Bem, nunca foi encontrado desde que desapareceu – diz Carly. – Embora o dinheiro estivesse todo no envelope mais pequeno encontrado no cacifo da Charlotte. – Ela bate de novo com a caneta, pensativa. – Disseste que a Charlotte disse que não sabia como o envelope tinha ido lá parar, certo?

– Sim – respondo.

– Acreditaste nela?

– Quero dizer... sim – digo lentamente, voltando à minha maneira de pensar do oitavo ano. – Toda a gente acreditou. Por um lado, ela não precisava de o fazer. Mas mesmo que a Charlotte fosse uma cleptomaníaca na altura, não sei por que razão teria guardado o dinheiro no cacifo. O dinheiro tinha desaparecido há mais de duas semanas antes da morte do *stôr* Larkin, por isso ela teria tido muito tempo para o colocar noutro sítio.

– Ela sofreu alguma repercussão? – pergunta Carly.

– Não – respondo. – O *Urso*, quero dizer, o diretor Griswell nem sequer me deixou fazer uma reportagem para o jornal da escola. Disse que todos nós precisávamos de sarar.

Carly bufa e Lindzi pergunta:

– Qual foi o *timing*? O Larkin foi morto e eles encontraram o dinheiro no dia seguinte?

– Dois dias depois – afirmo.

– Como é que alguém teria conseguido a combinação do cacifo da Charlotte? – pergunta Lindzi.

– Não precisavam da combinação – explico. – Podiam simplesmente ter metido o envelope lá dentro. Os nossos cacifos têm grandes aberturas à frente. Costumávamos usá-las para deixar recados uns aos outros. – Isso tornou-se um ponto sensível para mim depois do incidente na aula de Educação Física, quando Katie Christo começou a deixar-me bilhetes a gozar com a minha alegada paixoneta por Tripp. «Trippstalker», escreveu ela num deles, e desenhou um *cartoon* de mim a olhar para Tripp.

Tripp, que me tem evitado toda a semana na escola e que não respondeu a nenhuma das minhas mensagens de *Como estás?* Tripp, que não encostou inconscientemente o polegar no indicador na festa de Charlotte, no sábado à noite, o que significa que estava a dizer a verdade.

Precisava que me odiasses.

Porquê? Porque de repente decidiste odiar-me nessa altura?

Não, Brynn. Eu não te odiava naquela altura. E não te odeio agora. Nem um pouco.

– Então, se não foi a Charlotte, quem é que achas que levou o dinheiro? – pergunta Carly. – E porque é que a incriminariam?

– O quê? – Pestanejo e abano-me um pouco para pensar. *Concentra-te, Brynn.* – Não tenho a certeza.

Carly vira-se para Lindzi.

– Vai ser interessante, quando chegarmos à fase das entrevistas, saber quais são as teorias da polícia sobre o roubo. E se eles acham que há alguma ligação com o assassinio de William Larkin.

Lindzi acena com a cabeça, de olhos postos no telemóvel.

– Aqui está outra coisa interessante. – Ela levanta-o. – Acabei de falar com o departamento de relações públicas da Associação da Polícia de Sturgis. A doação das Propriedades Delgado foi feita a 30 de abril de 2018. Logo, cerca de um mês após o desaparecimento do dinheiro e dezoito dias depois da morte de William Larkin.

– Muito conveniente – diz Carly. – E esse foi o único ano em que fizeram um donativo?

– Sim – responde Lindzi.

Carly semicerra os olhos.

– Aqueles miúdos sabem mais do que estão a dizer.

O meu estômago dá uma reviravolta desconfortável. Tenho a certeza de que ela tem razão e, por um segundo, tenho também a certeza de que não quero saber a verdade. Parte de mim está a agarrar-se obstinadamente à imagem que tinha no oitavo ano dos meus colegas heroicos, que levaram a polícia até ao *stôr* Larkin para que a justiça pudesse fazer o seu trabalho. Exceto, claro, que nunca o fizeram.

– Já receberam alguma dica sobre o *stôr* Larkin? – pergunto. – Do *site*?

– Tivemos alguns problemas técnicos, por isso só foi publicado ontem – diz Lindzi. – Até agora só temos lixo, o que não é invulgar. Depois de uma semana no ar, devemos começar a receber informação de melhor qualidade.

– Está bem. – Carly olha para o fino Rolex que tem no pulso. – Esta foi uma ótima conversa, mas preciso de fazer uma pausa. Está quase na hora de pegar no telefone e lutar com o Ramon.

– Sobre o *stôr* Larkin? – pergunto.

Ela dá uma risada triste.

– Sobre tudo. Ouve, Brynn. Agradeço tudo o que me contaste até agora, mas, por favor, mantém-te afastada do Richard Solomon. Não gostei do que me contaste hoje.

Aceno com a cabeça e, depois de ela sair, Lindzi diz:

– Brynn, podes trabalhar aqui, se quiseres. Ninguém tem nada reservado para o resto do dia, e reparei que o fosso estava um bocado cheio.

– Obrigada – respondo.

– Também vou partilhar o ficheiro das fotografias contigo – diz ela, e coloca o portátil ao peito. – Prometo que não há nada mais sangrento do que a pedra.

Passo a minha última hora no *Motivo* a dar os últimos retoques na folha de Excel do assassino em série feminino da Lindzi. A mesa-redonda para essa história é na próxima semana e Lindzi tem andado a estudar como se fosse um exame final para não ser apanhada desprevenida por outra aparição inesperada de Ramon d'Arturo. Já passa das cinco horas quando termino e pego no telemóvel para ver se tenho mensagens.

A minha conversa de grupo com Izzy e Olivia tem estado um pouco silenciosa ultimamente, mas ainda não está morta. Respondo-lhes primeiro, dando a minha opinião sobre o último drama com o namorado de Izzy (*a mãe dele gosta de ti, é só a cara dela*) e a pergunta semestral de Olivia sobre se deve fazer franja (*NÃO*). Tenho uma série de notificações de Mason, que passou a maior parte da festa de Charlotte com Geoff e agora está a analisar cada sílaba da conversa deles. Nadia quer fazer planos para estudar para um teste de matemática que se aproxima e Ellie enviou um vídeo dela a tocar «Despacito» na flauta que é tão bom que tudo o que consigo fazer é enviar uma série de GIF de aplausos.

Nada de Tripp.

Estar de volta a Sturgis não é tão mau como eu pensava, tirando a parte em que Tripp Talbot é uma pedra no meu sapato tão grande agora como era

no final do oitavo ano. Ele irrita-me quando conversamos. Mas quando não o fazemos, ainda é pior.

Ainda tenho o meu portátil ligado e, antes de arrumar tudo para me ir embora, vou à rede do *Motivo* e abro a pasta de William Larkin. Lindzi foi fiel à sua palavra; deu-me permissões para aceder a uma subpasta chamada Fotos/Imagens. Tiro fotografias de tudo o que está no ficheiro com o meu telemóvel e depois clico no vídeo do *Sturgis Cable Access* que passei durante a minha curta apresentação na mesa-redonda.

– Gostei de trabalhar na Escola Eliot. Mas Saint Ambrose é algo especial – diz o *stôr* Larkin no ecrã.

Pauso o vídeo, abro o Google e escrevo Escola Eliot. Aparece-me o *site* deles, que me mostra uma imagem aérea de um *campus* com edifícios de tijolos vermelhos em Providence, Rhode Island, cercado por árvores vibrantes no outono. Clico em «Sobre Nós» e leio a declaração de missão antes de abrir a biografia do diretor da escola. A primeira frase diz: *Jonathan Bartley-Reed é diretor da Escola Eliot desde 1 de julho de 2013.*

Há um número de telefone no fundo e eu pego no telemóvel para o marcar. Não estou à espera de resposta, uma vez que já passa das cinco da tarde, mas alguém atende ao segundo toque.

– Gabinete de Jonathan Bartley Reed – diz uma mulher.

– Oh, boa tarde. – Fico perplexa por um instante, mas recupero. – O senhor Bartley-Reed está disponível?

– Lamento, mas ele já saiu por hoje. Quer deixar algum recado?

– Sim. Pode dizer-lhe que a Brynn Gallagher de... – *De onde devo dizer que sou? Do Motivo? Não, provavelmente não.* – Da escola de Saint Ambrose em Sturgis, Massachusetts, queria falar com ele?

– Claro, menina Gallagher. E qual é o assunto?

– Um antigo funcionário.

– Muito bem. Pode dar-me o seu número? Vou pedir-lhe que lhe telefone assim que lhe for possível. Boa tarde.

– Obrigada, para si também – digo, e desligo.

Fico a olhar para o vídeo em pausa no ecrã do meu portátil. O *stôr* Larkin está empoleirado na ponta da secretária da sala de aula, tal como costumava fazer sempre que dava uma palestra de incentivo no oitavo ano. *Quando a vida te der limões, faz bolo de limão.*

– Estou a tentar – digo para a sala vazia.

Capítulo 18

Tripp

– Era suposto isto ter *acabado* – diz Charlotte com firmeza, a olhar para o telemóvel. – O Colin teve o seu pequeno espetáculo. Porque é que ele ainda nos está a incomodar?

– Tens a certeza de que é o Colin? – pergunto, e apago a mensagem que acabei de receber a dizer *Assassinos*. – Seria uma jogada ousada, dadas as circunstâncias.

Colin está atualmente em casa, suspenso, à espera do que todos têm quase a certeza de que será uma audiência para ser expulso.

Eu também podia estar à espera com ele, em vez de passar a minha hora de estudo de quinta-feira na biblioteca, e agradeço silenciosamente a Shane. Se calhar, afinal, não somos assim tão amigos superficiais, porque é a segunda vez que ele me salva o coiro numa semana.

Só me recordo vagamente de ele me arrastar para dentro da casa de Charlotte no sábado à noite, mas lembro-me de a própria Charlotte me levar para o quarto dela e insistir para que eu me deitasse no sofá, apesar de eu ter tentado dizer-lhe que as minhas calças estavam cheias de lama. Eu estava bastante preocupado com isso.

– Não faz mal – disse ela, de uma forma muito pouco típica de Charlotte. – Eu trato disso amanhã. O que é um pouco de lama entre amigos?

Shane encolhe os ombros, alheio ao lugar para onde a minha mente se desviou.

– Não é como se o Colin tivesse um cérebro funcional ou algo do género – diz ele.

Charlotte franze o sobrolho, e mexe na margem de um livro aberto para o qual não olhou uma única vez desde que chegámos.

– Não gosto disto – diz ela. – De nada disto. Estou sempre a ver aquele canal horrível para ver se há lá alguma coisa nova.

– Que canal? – pergunto.

– Tu sabes. – Ela franze o nariz. – Aquela criatura, o Fox.

Shane passa um braço pelas costas da cadeira dela.

– Já te disse, querida, o meu pai tratou dele – diz ele. – O Gunnar Fox está enterrado numa avalanche de processos. – O seu tom de voz é o típico de Shane Delgado, mas há uma rigidez na sua expressão que me leva a pensar que Gunnar Fox o abalou mais do que ele está disposto a deixar transparecer. Não é a primeira fenda que vejo na sua aura de menino de ouro ultimamente, e isso deixa-me nervoso. Se Shane não consegue lidar com a pressão de todo este interesse renovado no *stôr* Larkin, que hipóteses tenho eu e a Charlotte?

Charlotte mexe-se inquieta na cadeira e eu pergunto-me se ela estará a pensar a mesma coisa.

– O que disse a tua mãe, Tripp? – pergunta ela. – Que o *Motivo* também está a fazer uma reportagem? Esse programa é mesmo legítimo.

– Sim – respondo. – Mas só se pode acreditar num terço do que a Lisa Marie diz, por isso há uma boa hipótese de ela ter inventado tudo.

– Porque é que ela faria isso? – pergunta Charlotte.

– Para me convencer a fazer o que ela quer.

– Isso é um comportamento mesmo tóxico – diz Charlotte, e eu solto uma gargalhada.

– Se alguma vez conheceres a minha mãe, Charlotte, vais perceber que isso é um eufemismo.

– Mas não vais fazer isso, pois não? – insiste ela.

– Fazer o quê?

– A entrevista – diz ela, franzindo o sobrolho. – O Gunnar Fox está a tentar usar-te. Ele provavelmente diria todo o tipo de coisas horríveis quando te pusesse em frente a uma câmara.

E ela não sabe da missa a metade. Não lhes contei o resto do que Lisa Marie disse:

«A história do Delgado nunca fez sentido, e já era altura de alguém o chamar à razão. Mas o teu caso é diferente. Eu disse ao Gunnar que o meu filho nunca protegeria um criminoso daqueles se não temesse pela vida.» Nenhum deles precisa de ouvir isso.

Antes que eu possa responder, Shane diz:

– Claro que ele não vai fazer.

Charlotte relaxa instantaneamente.

– Ótimo – diz ela com um suspiro de alívio, como se nem precisasse de confirmação da minha parte, agora que Shane já se pronunciou. Sinto um lampejo de irritação pelo facto de tudo estar decidido, aparentemente, só porque eles assim o dizem. Não é como se me pudessem pagar qualquer quantia de dinheiro para falar com Gunnar Fox, mas às vezes pergunto-me como seria a minha vida se não passasse quase todos os momentos na escola ladeado pelo rei e pela rainha de Saint Ambrose. Isso faz de mim, o quê? O bobo da corte deles? Ou uma espécie de cavaleiro, cujo único valor talvez seja manter os dois em segurança.

Provavelmente, nem uma coisa nem outra, mas já não tenho metáforas para a realzeza.

– Já agora, mudei de ideias em relação a Brynn Gallagher – diz Charlotte, virando uma página do livro. – Já não gosto dela para ti, Tripp.

Fico aliviado com a mudança de assunto, embora não tenha a certeza de que este seja muito melhor.

– Desculpa, o quê? Não *gostas* dela para mim?

– Não quero que andes com ela – explica Charlotte pacientemente, como se eu fosse uma criança.

– Não estava a pensar nisso. – *Estava?*

– Ótimo – diz Charlotte no mesmo tom satisfeito, o que me irrita mais uma vez.

– Qual é o teu problema com ela? – pergunto.

– No sábado à noite disse-lhe para te deixar em paz na festa, e ela fez precisamente o contrário – diz a Charlotte.

Soa tal e qual a Brynn.

– Tu não mandas nela, Charlotte – replico. – Ela não tem de fazer o que tu dizes.

– Não é só isso – diz Charlotte. – Pesquisei-a no Google. Sabias que ela escreveu sobre *ereções* para o jornal da sua antiga escola?

– Espera. O quê? – Começo a rir-me, convencido de que ela está a brincar. Só que Charlotte nunca brinca.

– Estou a falar a sério. Bem, na verdade, era sobretudo uma colagem de fotografias. Olha. – Ela passa-me o telemóvel e eu recuo.

– Charlotte, não vou ver um monte de...

– É só o artigo no BuzzFeed – diz ela. – Tudo o resto está desfocado.

Pego no telemóvel dela e começo a rir tanto que Shane se inclina sobre o meu ombro para espreitar.

– Vá lá. É óbvio que a Brynn não fez isto – digo. – Foi alguma partida.

– O nome dela está ali – diz Charlotte. A rainha do óbvio.

– Sim, e é por isso que tem piada para o idiota que fez isto – replico. Mas é impossível explicar piadas a Charlotte, mesmo quando são más. Ela nunca percebe.

– Mas a Charlotte tem razão – diz Shane, devolvendo-lhe o telemóvel. – A Brynn não vale o trabalho que dá.

Estou prestes a protestar – *Como é que sabes o que ela vale?* –, mas, de repente, estou cansado de discutir com ambos. Estou farto deles, ponto final. Por isso, quando avisto um clarão de cabelo acobreado entre as estantes à nossa esquerda, não hesito.

– Volto já – digo. Levanto-me e sinto demasiado prazer em afastar-me de Shane e Charlotte. Vou direto para a pessoa que eles me disseram para evitar.

Brynn está em bicos dos pés, a tentar, mas sem conseguir, alcançar algo na prateleira de cima. Ela suspira de frustração e põe as mãos nas ancas, à procura de um apoio para os pés, antes de me ver encostado à ponta da prateleira.

– O que é que precisas? – pergunto-lhe.

– De *Middlemarch* – diz ela. Tiro-o da prateleira e entrego-lho. – Obrigada. Ainda bem que as tuas mãos estão a funcionar outra vez. – Ergo as sobranceiras e ela acrescenta: – Presumi que estavam avariadas, uma vez que não respondeste a nenhuma das minhas mensagens.

– Desculpa – digo. – Tenho andado ocupado.

– Oh, eu também – diz ela. – Tal como tu não posso enviar mensagens a ninguém porque não tive dez segundos para gastar nos últimos cinco dias.

Encosto-me de novo às pilhas de livros, de braços cruzados.

– Então o que me estás a dizer é que tens andado a contar os dias desde que tiveste notícias minhas.

Ela fica um pouco corada.

– Não. Estou a dizer que o básico da boa educação demora muito pouco tempo, por isso devias tentar.

– Vou fazer isso – respondo. – Assim que acabar de ver o corpo do teu trabalho no jornal da tua antiga escola. E quando digo *corpo*, estou a falar literalmente.

– Ah, boa. Excelente – diz Brynn, a revirar os olhos. – Ainda bem que encontrei as fotografias do pénis. O auge da minha carreira jornalística. Espero que tenhas achado a minha análise aprofundada interessante.

– Aprendi muito – replico, e ela solta uma gargalhada relutante.

– De certeza que não precisas que te diga que não fui eu que as publiquei.

– Não me estragues o momento.

Ela sorri e põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Olha, se tivesses respondido a alguma das minhas mensagens, ter-te-ia dito que me vou encontrar com o Wade Drury amanhã depois das aulas. O novo jardineiro? – acrescenta ela perante o meu olhar confuso.

– Eu sei quem ele é, mas porquê? Eu disse-te que ele é um idiota.

– Bem, o senhor Solomon não foi muito prestável, pois não? Talvez o Wade tenha algumas sugestões para o jardim memorial. Pelo menos é pouco provável que ele esteja armado. – Ela ajeita a alça da mochila no ombro e acrescenta: – És bem-vindo se quiseres vir comigo. Se ele *puxar* de uma arma, não vai ser o mesmo se não estiveres lá.

– Não perdia por nada deste mundo – digo, um pouco surpreendido por perceber que é mesmo verdade.

– Na estufa, às três horas – diz Brynn. – Até logo.

Ela vira-se para sair, e eu chamo-a:

– Isso significa que estou perdoado? Não me odeias por ser um preguiçoso que não envia mensagens?

Brynn para e olha por cima do ombro.

– Eu não te odeio, Tripp – diz ela, com um ligeiro sorriso nos lábios. – Nem um pouco.

Capítulo 19

Brynn

– Diverte-te – digo a Ellie, a bocejar, quando abrimos as portas de Saint Ambrose na sexta-feira de manhã. Ela tem um ensaio da orquestra bem cedo, por isso tive de acordar às seis e meia, em vez de ser às sete, para a levar à escola, e já sinto a falta daquela meia hora de sono.

– Não me vou divertir – suspira Ellie, balançando a caixa da flauta. – A maioria dos violinistas são novos e parecem gatos a morrer. – Quando chegamos ao auditório, ela pergunta: – Queres ouvir?

– Depois dessa apresentação? Não, obrigada. Vou para a biblioteca. – Dava-me jeito o tempo extra antes do início das aulas para rever os meus apontamentos sobre o *stôr* Larkin.

– Tu é que sabes – diz Ellie, e eu aceno antes de me dirigir para as escadas, a saborear o facto de não ter de passar por multidões de alunos para lá chegar.

A biblioteca sempre foi o meu sítio preferido em Saint Ambrose. Fica no último andar do edifício principal, pintada de um branco brilhante que parece nunca desaparecer. Uma das paredes só tem janelas, que deixam entrar a luz do sol na zona de leitura e tornam a mobília de madeira desgastada da cor do mel. Fica mesmo ao lado da sede da *Sentinela de Saint Ambrose*, e quando eu andava no oitavo ano costumava alternar entre os dois para escrever.

Conto que a biblioteca esteja vazia, mas a primeira coisa que vejo quando entro é que a minha mesa preferida já tem um ocupante: Charlotte Holbrook, com a testa franzida pela concentração enquanto escreve algo no caderno.

Paro à porta, a pensar se devo mudar de planos. Não me passou ao lado o olhar crítico que Charlotte me lançou ontem quando estava a falar com Tripp ao pé da estante de livros, e tenho quase a certeza de que ela está furiosa por eu o ter ido procurar na festa dela, depois de me ter dito para não o fazer. Mas então ela olha para mim, e não quero que pareça que me estou a ir embora por causa dela, por isso...

– Olá – digo, e tento fazer o meu melhor sorriso despreocupado

enquanto me sento na ponta oposta da mesa. – Está tudo bem?

Ela cerra os lábios e tudo o que recebo em troca é um aceno de cabeça. Parece que o nosso breve momento de camaradagem acabou. Nota para mim própria: Charlotte não gosta que lhe desobedeçam.

Pego nas minhas pastas sobre o *stôr* Larkin e ficamos sentadas em silêncio até o meu telemóvel tocar, o que me vale um olhar furioso de Charlotte, apesar de não ser a hora do silêncio. O meu olhar cruza-se com o dela, impassível, a pensar, posso falar se eu quiser, e atendo sem me aperceber de que é um número de telefone de Providence.

– Olá, fala a Brynn.

Uma voz de barítono enche-me os ouvidos.

– Brynn, fala Jonathan Bartley-Reed da Escola Eliot. Estou a responder à sua chamada.

– Ah, bom dia – respondo, confusa. Não devia ter atendido. Quero perguntar a Jonathan Bartley-Reed sobre a época em que o *stôr* Larkin trabalhou na Escola Eliot, mas não posso fazer isso com Charlotte a observar-me como um falcão ressentido. – Muito obrigada por me ligar de volta.

– Peço desculpa pelo atraso. Não tenho parado desde o início do novo ano – diz ele com um riso abafado. – Em que posso ajudá-la?

– *Hum.* – *Vou atender a chamada no corredor*, penso e levantando-me tão depressa que bato com o joelho contra a mesa. Solto um grunhido involuntário de dor e deixo-me cair na cadeira, segurando o joelho, enquanto Charlotte sorri.

– Está tudo bem? – pergunta Jonathan Bartley-Reed solícito.

– Sim, estava só a... Desculpe. Bati aqui numa coisa. De qualquer forma, esperava poder falar consigo sobre um antigo funcionário seu. Sobre a sua... – Charlotte continua a olhar para mim, o que torna impossível pensar. – Preferência em termos de flores.

– Desculpe?

– Estamos a fazer um jardim memorial em honra de William Larkin em Saint Ambrose.

– Desculpe – interrompe o senhor Bartley-Reed. – É estudante?

– Sim, mas...

– Muito bem – diz ele no seu tom mais paternalista. – Embora seja sempre um prazer falar com os alunos, receio que não seja a pessoa certa para falar sobre um projeto escolar. Vou passar o seu nome a um dos ex-colegas do William e ele depois entrará em contacto consigo por causa do jardim memorial. Tenha um bom dia. – Depois desliga-me o telefone.

– Muito obrigada – digo para o telefone mudo do outro lado, porque nem pensar que vou dizer a Charlotte que acabei de ser dispensada. – Sim. Sim, é isso mesmo. – Paro por momentos. – Isso é incrivelmente útil... O que é isso? Sim, claro, terei todo o gosto em telefonar nessa altura... Também foi um prazer falar consigo – termino e pouso por fim o telemóvel.

Pela expressão de Charlotte, parece que ela não acredita por um

segundo.

– Bem, a segunda parte da conversa correu muito melhor, não foi? – diz ela.

A minha irritação aumenta, mas consigo manter a voz calma quando lhe pergunto:

– Tens algum problema comigo, Charlotte?

– Sim – diz ela, o que é mais direto do que eu esperava. – Acho que te devias afastar do Tripp.

– Não sei porque é que isso te diz respeito.

– Porque ele é meu amigo.

– Também é meu – digo, embora não esteja cem por cento segura de isso ainda ser verdade.

– Ele agora não precisa das complicações de ter um relacionamento – diz Charlotte.

– Um relacionamento? Mas eu não estou interessada em ter uma relação com o Tripp.

Também não estou cem por cento certa de que isso seja verdade. Mesmo que seja, visto que não sei nada do que Tripp fez há quatro anos. Ainda assim, passa-me uma imagem pela cabeça: ele ontem, encostado à estante, com os olhos azuis com ligeiras rugas nos cantos enquanto me provocava. O *blazer* bem engomado, mas a gravata um pouco desalinhada, de uma forma que me deu vontade de a arranjar. Ou talvez usá-la para o puxar para mais perto. Estou indecisa de qual teria sido a melhor escolha.

Charlotte revira os olhos, como se soubesse exatamente no que estou a pensar.

– Se não consegues ser honesta, não vale a pena falarmos sobre isto, pois não? – pergunta ela. O que parece ser a deixa para me voltar a ignorar, mas o seu olhar continua fixo no meu, desafiador.

– Nem sequer me conheces – digo.

– Mas conheço o Tripp – diz ela, sacudindo o cabelo. – E conheço os homens.

Agora é a minha vez de revirar os olhos.

– Detesto ter de te dizer isto, Charlotte, mas ter uma única relação com o teu namorado do secundário não faz de ti uma especialista. – De repente, sinto-me zangada e desequilibrada, e só queria poder estar a ter esta conversa com alguém que não estivesse simultaneamente a julgar-me e a menosprezarme, e a frustração torna o meu tom cortante. – Na verdade, isso faz de ti uma protegida. Por isso, talvez não devas dar conselhos quando és incapaz de dar um passo sem o Shane.

Arrependo-me do que acabei de dizer assim que as palavras saem da minha boca. Não posso dizer a Charlotte para se meter na vida dela quando se trata de Tripp e depois falar de Shane daquela maneira. Mas antes que me possa desculpar, ela surpreende-me ao levantar-se, percorrer a distância da mesa e sentar-se em cima dela, ao lado da minha pilha de livros. O seu rosto

bonito está completamente sem expressão quando ela me pergunta:

– Sabes o que é ter rapazes que te tratam como se fosses um prémio?

– *Hum* – hesito, sem saber se ela quer mesmo uma resposta, até que o silêncio se estende entre nós por tanto tempo que sou forçada a admitir: – Não. Não sei.

– O primeiro rapaz de quem gostei disse-me que eu parecia uma princesa de um conto de fadas – diz ela. – Mas ele nunca quis falar comigo. Só olhava para mim como se eu fosse um objeto. Tem sido assim toda a minha vida, ou ainda pior, porque às vezes a atenção torna-se mesmo assustadora. Acho que tinha onze anos quando os rapazes da escola secundária começaram a assobiar-me e a meter-se comigo.

– A sério? – pergunto, horrorizada. – Isso é nojento.

– Eu sei – diz Charlotte. – É desumano. Mas o Shane sempre foi diferente. No início, mal reparou em mim. Eu é que tinha de o perseguir a *ele*. – Ela quase se ri, e os olhos brilham de devoção. – Foi uma boa mudança de papéis, bem como o facto de ele me tratar... ele *trata-me*... como uma pessoa a sério. Por isso, se estar com ele me torna um pouco protegida, sabes que mais? Ótimo. Não me importo nada.

– Charlotte – digo com cautela. Não sei bem o que é que provocou esta explosão de confiança, nem o que é que ela espera que eu diga em troca. – Lamento que os homens sejam... horríveis, às vezes. E eu não devia ter falado do Shane daquela maneira. Não é da minha conta. Olha, gostava muito que nós... – Qual é a frase de que estou a procurar? – Nos dessemos bem.

Charlotte sorri para mim serenamente.

– Vamos dar-nos bem, desde que não te metas com os meus rapazes.

Os rapazes *dela*?

– No plural? – gaguejo. – Pensei que estávamos a falar do Shane.

– O Tripp também é importante para mim – diz Charlotte, e mesmo que esta seja uma das conversas mais estranhas que já tive, é bom saber que Tripp nunca se tentou atirar a ela. – E ele não é tão forte como parece. Precisa de alguém que olhe por ele.

Quem é que te nomeou, penso, mas sei que não vale a pena dizer nada. Ou continuar esta conversa.

– Compreendo – digo, baralhando os papéis à minha frente. – Tenho muito trabalho para fazer, por isso...

Charlotte percebe a dica e salta de cima da mesa.

– Vou num instante ao Starbucks antes de a aula começar – diz ela. Depois franze o sobrolho ao reparar nos meus apontamentos dispersos. – Porque é que tens isso?

Sigo o olhar dela até um cartaz desfigurado do *stôr* Larkin que tenho guardado nos meus ficheiros.

– Ah, pois... Passei por ele no corredor quando vinha para aqui e senti-me mal em deixá-lo lá – minto, e fecho apressada o meu bloco de notas antes que ela veja qualquer coisa relacionada com o *Motivo*. – Não consigo

perceber porque é que alguém faria uma coisa dessas.

– Não consegues? – pergunta Charlotte. Pestanejo a olhar para ela.

– Porquê, tu consegues? – Sinto-me como tivesse levado um murro no estômago, ao lembrar-me da conversa que acabámos de ter. – Charlotte, o *stôr* Larkin tratou-te... ele tratou-te...

– Oh, não – responde Charlotte decidida. – Nada disso. – Ela volta para a cadeira e pega nos livros, e eu suspiro de alívio até que ela acrescenta: – Há mais do que uma maneira de se ser horrível, sabes?

– Hã? – pergunto, mas ela já se encaminha para a porta.

Os meus olhos fixam-se na gravata cor de limão do *stôr* Larkin, ainda visível por baixo dos riscos vermelhos no cartaz do jardim memorial, enquanto penso em tudo o que vi e ouvi na semana que passou. «O homem era um vazio», «Aquele filho da mãe teve o que merecia», «Há mais do que uma maneira de se ser horrível.» Pergunto-me, com o estômago dar mais uma reviravolta, se alguma vez conheci o meu professor favorito.

Tripp

Quatro anos antes

A música toca nos meus auscultadores, abafando-me os pensamentos inquietos enquanto olho à minha volta, desorientado. Pensava que conhecia bem a floresta, mas quando me afastei de Shane, fui mais longe do que costumo ir, e deixou de haver um caminho há algum tempo. Agora seria uma boa altura para perguntar a alguém com melhor sentido de orientação do que eu onde devo virar, mas não posso.

Estou completamente sozinho na floresta.

Não posso enviar uma mensagem a Shane; mesmo que tivéssemos trocado números de telefone, o que não aconteceu, não há rede aqui.

– Está tudo bem – murmuro para mim mesmo, mas as minhas palavras são engolidas pela música e, de repente, parece ameaçador não conseguir ouvir nada à minha volta.

Paro a minha lista de reprodução e tiro os auscultadores, ouvindo o chilrear, o farfalhar e o crepitar da floresta. Olho para cima, à procura do sol, porque ele deve estar prestes a descer para o horizonte, pondo-se por trás da nossa escola. A copa das árvores por cima de mim é densa, mas penso – não, eu sei – que é mais brilhante à minha esquerda.

Viro-me para lá e, em poucos minutos, chego a uma inclinação, muito mais acentuada do que o caminho que tenho seguido até agora. Agora já sei onde estou; é o cume perto do Parque Shelton, a parte mais elevada da floresta. Desviei-me mais do caminho do que pensava e estou bastante perto da zona onde fazem a fogueira, onde Shane e Charlotte se vão encontrar, do que queria. Ainda assim, sinto-me aliviado por já não estar completamente perdido. Afinal, tinha razão aquele tempo todo; a escola fica à minha esquerda.

Estou prestes a seguir o sol quando ouço um ruído rumorejante, mais perto do chão, e o estalar de um galho.

Depois começam os gritos.

Capítulo 20

Tripp

À distância, penso que a rapariga que estava ao pé do quadro dos avisos na sexta-feira à tarde era Brynn: a mesma altura, o mesmo cabelo, a mesma maneira de estar de pé, com as mãos nas ancas e a cabeça inclinada. Mas depois ela vira-se quando me aproximo e a ilusão desaparece; Ellie Gallagher não se parece nada com Brynn. É interessante como os olhos podem transformar completamente a cara.

– Tudo bem, Ellie? – pergunto.

– Olá, Tripp – diz Ellie, antes de voltar a olhar para o quadro de avisos. Bate sucessivamente em dois pedaços de papel e diz: – Ver isto ao lado um do outro deu-me uma ideia.

Isto é um cartaz riscado do stôr Larkin e um folheto para o Baile de Inverno. O tema é «Desabrochar», e há uma imagem de uma paisagem urbana em néon com estrelas a condizer.

– A sério? – pergunto, perplexo.

– A sério – confirma ela. – Achas que alguém se importa se eu os levar? – Ela não espera pela minha resposta antes de retirar cuidadosamente os dois panfletos do quadro de avisos e de os guardar na mochila. – Bem, até à vista – diz e acena-me alegremente antes de se ir embora pelo corredor.

Vejo-a afastar-se com um misto de confusão e aprovação. Ellie sempre foi uma miúda estranha, e é bom ver que não mudou.

– Devias ir ter comigo à estufa agora mesmo – diz uma voz por cima do meu ombro.

Ali está a verdadeira Brynn. Olhos verdes e tudo.

– Podia dizer o mesmo de ti – respondo. – Estás atrasada. Começo a pensar que não te preocupas tanto com esta tarefa como eu.

– Ninguém se preocupa tanto com esta tarefa como tu – diz Brynn, e começamos a encaminhar-nos juntos para a saída. – Na verdade, queria falar contigo sobre isso. Estás a ficar um pouco obcecado.

Rio-me, surpreendido por me sentir tão leve ao pé de Brynn. Não me sentia assim desde... o oitavo ano, provavelmente. Passamos por Abby Liu no

corredor, que olha para nós e dá um pequeno sorriso, arrependido, e eu sinto uma onda de remorsos. Será que a induzi a isso, de alguma forma? Acho que não, mas é difícil saber como é que as outras pessoas interpretam as coisas. Afasto-a dos meus pensamentos e respondo a Brynn:

– Não é *obsessivo* enviar uma mensagem com setecentas fotografias de fetos à minha parceira. Por falar nisso, tens uma favorita? – Brynn resmunga quando pego no telemóvel, pronto para continuar a piada, mas tenho uma mensagem à minha espera da Lisa Marie:

Aquele merdoso do Shane Delgado está a causar problemas ao Gunnar.

O meu sorriso desaparece e Brynn repara.

– Está tudo bem? – pergunta ela.

Ótimo, escrevo de volta a Lisa Marie e digo:

– Vai ficar melhor quando a minha mãe voltar para Las Vegas.

Paramos à saída e Brynn aperta o cachecol antes de atravessar a porta. Tem sido um janeiro invulgarmente ameno, mas hoje está vento, e ela segura o chapéu com uma mão enquanto olha para mim.

– Ela está cá? – pergunta.

– Sim – respondo rapidamente, e sinto de novo o peso a cair-me nos ombros como se nunca tivesse saído. Lisa Marie estraga o humor a qualquer um.

– Como é que...? – Brynn enfia as mãos nos bolsos do casaco, subitamente hesitante. – Como é que estão a correr as coisas? Com ela?

– Melhor do que nunca – respondo sarcasticamente. – Lembras-te daquele vídeo da treta que o Colin mostrou na aula?

Brynn faz uma careta.

– Lembro-me.

– Bem, numa reviravolta divertida, parece que a Lisa Marie conhece o idiota que o fez, e tentou subornar-me para ser entrevistado por ele – digo. – Que eu recusei, obviamente. Mas isso significa dinheiro no bolso dela, por isso não me vai deixar em paz.

– Oh, meu Deus, a sério? – pergunta Brynn espantada. – Isso é horrível. Sinto muito.

De imediato, desejei não ter dito nada. Odeio que tenham pena de mim, especialmente ela.

– É o que é – digo, e ponho o meu telemóvel no silêncio antes de o meter no bolso. – De repente o *stôr* Larkin é um tipo popular. A Lisa Marie diz que há outro programa que também pode estar atrás da história. *Motivo*, acho eu. Conhecês?

– *Hum*. – Brynn enfia as mãos nos bolsos quando se começa a avistar a estufa. – Sim, sei qual é.

– Acho que é melhor que este jardim memorial esteja pronto para o horário nobre – digo, incapaz de esconder a amargura na minha voz.

Quatro anos. Quatro anos a manter a cabeça baixa, a trabalhar arduamente e a tentar fazer a coisa certa, seja ela qual for, para compensar

uma coisa muito errada. Pensava que estava *tão perto* de deixar Sturgis para trás, mas começo a achar que ter essa esperança era a maneira de o universo me lixar, de se vingar, ao deixar-me empurrar uma rocha quase até ao cimo de uma colina antes de me desequilibrar e ela me esmagar.

Não vou sair daqui. Vou ficar para sempre naquela floresta atrás de Saint Ambrose, a tomar uma decisão que era demasiado novo para tomar, e talvez o pior de tudo seja não saber se agiria de forma diferente agora.

– Tripp? – Brynn toca-me com a mão no braço. – Não temos de fazer isto agora.

– Oh, não, vamos fazer, sim – digo num tom estridente e zombeteiro que não consigo controlar. – Está a acontecer. Vamos fazer a porra de um *jardim*.

– Bato palmas como um idiota, pois porque não alienar toda a gente?

– É disso que estou a falar, meu – diz uma voz arrastada à nossa frente, e apercebo-me de que chegámos à estufa. Wade Drury está diante de nós, de macacão de neve, apesar de não estar a nevar, e um boné de basebol gasto onde se lê «Vive Livre ou Morre». Cospe para o chão, e todo o rancor me desaparece do peito. Este tipo é um idiota, por isso, se eu continuar a ser parvo também, as leis da matemática dizem que Brynn vai estar em desvantagem. – Esta jovem deve ser a Beth – acrescenta ele e acena-lhe com o boné.

Brynn cerra os lábios antes de responder.

– Na verdade, é *Brynn*.

– Céus. Vocês, miúdos, e os vossos nomes – diz Wade, e ri-se. – Os teus pais deviam ter-te chamado «Bentley» e pronto. Ou «Beemer».

– Desculpa, o quê? – pergunta Brynn, e olha para mim perplexa.

– Tentei avisar-te – digo.

Wade bate palmas, tal como eu acabei de fazer.

– Então, o que é que se passa? Estão a fazer um pequeno jardim para um tipo morto e o Google não é vosso amigo? É demasiado trabalho para dois miúdos ricos, por isso porque não fazerem o Wade perder tempo?

– Uau. – Brynn pisca os olhos algumas vezes antes de se virar para mim. – Nunca pensei ter de admitir isto nos primeiros trinta segundos desta reunião, mas tinhas razão, Tripp.

– Foi uma ótima conversa, Wade – digo, antes de pegar em Brynn pelo braço e a levar para longe.

– Bem – diz ela. – Parece que afinal não vai haver a consulta ao especialista.

– Olha, sabes que mais? – digo, de repente desejoso de compensar a forma como agi no caminho para cá. Não há nada como ser confrontado com os Wade Drury deste mundo para percebermos que ainda não chegámos ao fundo do poço, nem queremos chegar. Além disso, não posso afastar a única pessoa, para além da minha patroa de cinquenta anos, que me faz sentir um pouco feliz. – Devíamos voltar a casa do senhor Solomon. Desta vez, ele vai estar mais preparado para nos receber, e acho que o podemos amolecer. Não

precisamos de falar sobre o *stôr* Larkin. Basta deixarmos o senhor S. começar a trabalhar nas plantas e teremos tudo o que precisamos.

– O quê, *agora*? – pergunta Brynn.

– Não, tenho de estar no Lugar Feliz daqui a meia hora. Amanhã?

Ela morde o lábio.

– Não é suposto eu lá voltar.

– Quem é que diz isso? Os teus pais?

– *Hum*, sim – diz Brynn, mas parece um pouco... atrapalhada? Mas antes de eu lhe poder perguntar o que se passa, ela encolhe os ombros e diz: – Mas sabes que mais? Não importa. Não é nada de especial. Vamos a isso.

Capítulo 21

Brynn

É interessante as coisas que aprendemos sobre nós próprios num novo ambiente. Por exemplo, nunca pensei que ver alguém a transportar caixas o tornasse mais atraente até ver Tripp a fazê-lo na pastelaria Lugar Feliz, no sábado à tarde.

– Fecha a boca – diz-me Mason, batendo-me gentilmente no queixo quando Tripp desaparece na arrecadação de Regina com os últimos mantimentos que a UPS deixou à porta da padaria. – Essa baba toda está a estragar o meu *croissant*.

Coro quando Nadia diz:

– Certo, mas em defesa dela, já viste os braços dele?

– Sim, tenho estado a apreciar o espetáculo – diz Mason, e bebe um gole de café. – Mas com calma, subtilmente e com dignidade. A Brynn podia aprender alguma coisa comigo.

– Cala-te – murmuro antes de enfiar um pedaço de *Pop-Tart* na boca. Engulo e acrescento: – Por falar em dignidade, Mason, como está o Gorff?

As pontas das orelhas dele ficam vermelhas e a Nadia ri-se. As mensagens de Mason sobre Geoff na noite da festa de Charlotte tornaram-se na nossa coisa preferida para gozar com ele. Às vezes, gosto de lhe enviar *screenshots* na aula só para ver as orelhas dele a ficarem escarlates.

– «SKSKSKKS GORFF ‘TÁ A EMPALAR-MEEEEEE» – diz Nadia, recitando uma das mensagens clássicas de Gorff. – O que é que querias dizer com isso, Mason? Ele estava a ir contra ti? Ou o Gorff tem a impressão de que és um vampiro?

Bato no queixo, pensativa.

– Ou ele estava a perseguir-te? Aquilo foi um pedido de ajuda?

– Talvez ele te tenha oferecido uma embalagem de leite? – pergunta Nadia.

– Certo, são ambas hilariantes – diz Mason, aborrecido. – E estão oficialmente desconvidadas do meu círculo de dança quando eu e o *Geoff* formos juntos ao Baile de Inverno.

- O teu círculo de dança? – pergunto.
- Vai haver luzes negras – diz Mason. – É o meu verdadeiro médium. – Depois abana de uma forma estranha com a cadeira, antes de terminar de beber o café. – É uma pena que não vão ver.
- Acho que não é possível perdermos isso – digo.
- Por falar nisso. – Nadia fica um pouco corada, o que quase nunca acontece. – Estava a pensar convidar o Pavan, mas queria falar contigo primeiro, Brynn. Importas-te?
- O Pavan Deshpande? – Olho para ela, confusa. – Porque é que me haveria de importar?
- Bem, beijaste-o uma vez. Levá-lo a um baile viola o código das raparigas?
- Eu beijei-o no sétimo ano – lembro-a. – Por isso, não. Mas é simpático da tua parte perguntares.
- Vais levar o bonzão? – pergunta Mason quando Tripp regressa ao balcão.
- Chiu – murmuro, e sinto borboletas na barriga. Ontem perdi uma oportunidade; quando Tripp falou no *Motivo*, devia ter-lhe dito que trabalhava lá. Mas não fui capaz de o fazer quando ele estava tão chateado com a mãe e o momento passou.
- Agora percebo, com uma pontada de culpa, que também não contei a Mason e a Nadia. Por nenhuma razão em particular, a não ser por não lhes ter contado desde o início. Não sei bem porquê; talvez porque nunca esperei que eles se tornassem mais do que amigos da hora do almoço. Mas são, e eu preciso de lhes dizer a verdade, especialmente agora que Carly está a reunir informações sobre o *stôr* Larkin a todo o vapor. É apenas uma questão de tempo até que alguém de Saint Ambrose descubra que ele está no *site* do *Motivo* e, quando isso acontecer, a notícia vai espalhar-se num ápice.
- Respiro fundo, a preparar-me para começar, quando Tripp aparece de repente junto à nossa mesa. Ele cheira a açúcar e ainda está de *t-shirt* de manga curta, com a camisa de flanela que tirou enquanto carregava as caixas num dos ombros, o que faz com que eu perca a concentração.
- Pronto? – pergunta ele. Vamos a casa do senhor Solomon agora.
- Ela está sempre – diz Mason, e o momento passou novamente. Mas não faz mal, porque eu devia contar primeiro a Tripp que trabalho no *Motivo*, antes de dizer a qualquer outra pessoa.
- Vamos embora – digo e pego no casaco. Conto-lhe no carro.

*

Não lhe contei no carro.

Eu ia fazê-lo, a sério. Mas depois o tio Nick telefonou de Vermont, onde está a usar o passe de esqui da família numa viagem de fim de semana com os colegas da faculdade, porque nunca consegue lembrar-se do código.

– Mandei-te o código por SMS antes de partires – queixo-me.
– Eu sei, mas devo tê-lo apagado por engano. Não está lá.
– Bem, estou a conduzir e agora não o posso procurar. Vê no teu *e-mail*, porque de certeza que to enviei em algum momento nos últimos três meses.
– Qual é que achas que é o assunto?
– A sério, tio Nick. Tenta *código de ativação*.

Quando ele por fim o encontra, estou a parar ao lado da carrinha do senhor Solomon.

– Salvaste-me a vida, minha sobrinha querida – diz o tio Nick antes de desligar.

– Desculpa – digo a Tripp, enquanto puxo o travão de mão. – O meu tio é um bocado desorganizado.

– Não há problema. Olha, antes de sairmos do carro, há uma coisa que queria falar contigo. – Tripp vira-se para mim, com um sorriso nos cantos dos lábios, e de repente apercebo-me de que estamos sentados muito perto. O suficiente para que eu pudesse afastar a madeixa de cabelo que ameaça cair no olho dele, se quisesse.

Não cores.

– O que se passa? – pergunto. Fria e descontraída, assim sou eu.

– Desta vez, vamos concentrar os nossos esforços na porta da frente, está bem?

Ah! Certo. O que é que eu pensei que ele ia dizer?

– Bem pensado – digo, quando saímos do carro e fechamos as portas. Considero, por breves instantes, falar do *Motivo* antes de chegarmos à entrada, mas não é uma caminhada longa o suficiente. Além disso, começo a sentir-me ansiosa por ir ver novamente o senhor Solomon, e pergunto-me se ele será o homem amável de que me lembro de Saint Ambrose, ou aquele que se passou com o *stôr* Larkin depois de nos apontar uma caçadeira. – Vamos continuar a tocar à campainha até que... – Então paro no cimo das escadas, e faço com que Tripp esbarre em mim. Ele põe-me a mão na cintura para nos estabilizar a ambos antes de se pôr ao meu lado, e eu pergunto: – A porta está aberta?

– Bem. Pelos vistos, sim – diz Tripp, a olhar por entre o espaço entre a ombreira e a porta. Ele empurra-a ligeiramente e a porta abre-se com um rangido. – Senhor Solomon? – chama ele. – É o Tr... O Noah Talbot. Está aí? – Não há resposta, e não se ouve nenhum som vindo de dentro. – Talvez ele esteja lá atrás?

– Vou ver – digo. Corro rapidamente para a esquina da casa, mas tenho o cuidado de manter uma distância segura do portão. Mas o senhor Solomon não está à vista. Volto para junto de Tripp que, entretanto, abriu a porta mais uns centímetros. – Ele não está lá.

– Okay, bem... – Tripp está parado, com as mãos nas ancas e o maxilar a tremer. – Talvez devêssemos entrar e certificarmo-nos de que ele está bem. E avisá-lo de que a porta está aberta. Não imagino que ele a tenha deixado de propósito.

– Provavelmente não, mas achas que é boa ideia? Quero dizer, ele já estava suficientemente zangado quando estávamos a tentar abrir o portão.

– Vamos anunciar a nossa presença – diz Tripp, e agarra na maçaneta para abrir a porta por completo. – Senhor Solomon – grita ele. – É o Noah e a Brynn. A sua porta estava aberta. Vamos entrar, está bem?

O silêncio que se faz sentir deixa-me os pelos da nuca arrepiados. Tudo isto me parece errado. Olho de relance para a carrinha do senhor Solomon, na esperança de que talvez ele esteja no lugar do condutor a preparar-se para ir a algum sítio, e nós não tenhamos reparado nele. Mas a carrinha está vazia, tal como o corredor escuro em que entramos. O chão está tapado por um tapete às riscas, e está um par de botas pousado numa prateleira para sapatos encostada à parede. A casa tem pó, e eu espirro antes de gritar:

– Senhor Solomon, está aí? – Não gosto de como a minha voz soa alta e fina.

– Já cá estiveste alguma vez? – pergunta Tripp, e para junto às escadas. O curto corredor à nossa frente ramifica-se em três direções; a cozinha está mesmo em frente, uma sala de jantar à direita e uma sala de estar à esquerda.

– Não – respondo enquanto nos dirigimos para a cozinha. Está vazia, mas a luz está acesa, e a cafeteira meio cheia que vejo no balcão também está ligada. – Ele não está aqui. E já nos devia ter ouvido se estivesse no primeiro andar. – Encaminho-me para as escadas, e paro com uma mão no corrimão. – Senhor Solomon? – chamo. – Está em casa?

– Talvez devêssemos ir lá acima – diz Tripp.

– Sim, talvez – digo e viro-me para olhar por cima do ombro para a sala de estar. – Podíamos...

E então tudo para – as minhas palavras, os meus passos, o meu coração – quando vejo a ponta de um pé com meias a sair de trás de uma cadeira, mesmo na minha linha de visão.

– Oh, não! – digo e Tripp fica hirtos com o meu tom.

– O que foi? – pergunta ele, e sinto todo o meu corpo a ficar tenso.

Vai até lá, ordeno a mim mesma, a olhar para o pé imóvel, mas as minhas pernas recusam-se a obedecer. *Limita-te a caminhar*. Na minha cabeça, a minha voz soa com o mesmo tom suave e meio a cantar que eu usava para adormecer Ellie quando ela estava a ter um pesadelo. *Abre os olhos. Eu estou contigo. Estás bem*.

– Estás bem – murmuro, e por fim começo a mexer-me. – Estás bem.

Não sei com quem estou a falar, mas quanto mais me aproximo, mais tenho a certeza de que estou completamente errada. Concentro-me com precisão na meia, e quando já estou completamente dentro da sala de estar, reparo num buraco no calcanhar. De alguma forma, é isso que me faz soltar um soluço sufocado, mesmo antes de ver o resto: o Sr. Salomon deitado, com o pescoço dobrado num ângulo horivelmente antinatural e a cabeça apoiada numa poça de sangue vermelho-escuro.

– Senhor Solomon – murmuro, e caio de joelhos ao lado dele. – Está...

Consegue ouvir-me?

Claro que ele não consegue; tem os olhos abertos e tão sem vida que sei que já não está a ouvir ninguém, mas eu não consigo parar de balbuciar.

– Vou buscar ajuda. Vou ligar a pedir ajuda. Caiu? Senhor Solomon, caiu?

Ele está deitado em frente à lareira, e a aresta afiada da lareira também está manchada de sangue. Procuro o meu telemóvel no bolso, mas não está lá. Está na minha mala. Onde é que está a minha mala? Devo tê-la deixado cair em algum momento. Olho para trás e vejo-a no chão, a uns metros de distância, e quando a tento apanhar, vejo Tripp.

Está hirto e fantasmagoricamente pálido, com os olhos quase tão vazios como os do senhor Solomon.

– O que é que fizeste? – pergunta ele com uma voz rouca.

– Eu... O quê? – pergunto, perplexa. – O que queres dizer com isso? – Não percebo a pergunta, uma vez que estivemos juntos este tempo todo e é óbvio que eu não fiz nada para provocar a cena horrível à nossa frente. Estará a falar com o senhor Solomon? Tripp não responde, e eu não posso esperar pela resposta dele. Agarro na alça da minha mala e arrasto-a na minha direção. – Temos de pedir ajuda. Talvez alguém possa ajudar...

Tripp ajoelha-se e olha diretamente para o senhor Solomon, mas de alguma forma parece que não o está a ver.

– Tenho de pensar – diz ele, apoiando a cabeça nas mãos.

– Tripp, eu... – Estou confusa. Ele não está nada bem, obviamente, mas o senhor Solomon está muito pior, por isso essa tem de ser a minha prioridade naquele momento. Finalmente encontro o meu telemóvel no fundo da mala, mas as minhas mãos tremem tanto que quase o deixo cair.

– Vou ligar para o 112 – digo. Não tenho a certeza se é para me tranquilizar a mim ou ao Tripp.

– Para de gritar – diz Tripp, rouco. Tem a cabeça entre as mãos. – Não consigo pensar contigo a gritar assim.

– Não estou a gritar – digo, à beira das lágrimas. – Estou a tentar usar *a porra do meu telefone*.

Por fim, consigo marcar o número e, em poucos segundos, uma voz fria diz:

– 112, qual é a sua emergência?

– Está uma pessoa ferida – engasgo-me, e o meu olhar salta do senhor Solomon para Tripp. Um deles está perfeitamente imóvel, e o outro está a balançar-se no chão, a murmurar algo para si próprio. Eu quero, desesperadamente, ajudar ambos, mas não consigo. Não sei como.

Não sei como ajudar ninguém.

Capítulo 22

Tripp

Paredes brancas, luzes brilhantes, o cheiro forte a amoníaco.

– Os sinais vitais estão bons – diz uma voz. Abrem-me o olho e vejo uma luz brilhante. – As pupilas estão boas. Não há nada de errado fisicamente com ele, por isso estou a pensar em *stress* pós-traumático.

– Não me surpreende – diz outra voz. – Este é o pior tipo de *déjà vu*.

Uma mão aperta-me o ombro.

– Tripp, vais ficar bem, prometo, mas estamos a ter dificuldade em contactar o teu pai. A quem mais podemos ligar?

Não sei do que estão a falar, nem porque precisam do meu pai. Mas sei a resposta a essa pergunta, por isso dou-a.

– Ninguém – digo. – Não há mais ninguém.

Algumas horas depois, estou sentado numa sala na esquadra da polícia de Sturgis com Regina. Já voltei a mim o suficiente para saber que Brynn lhe telefonou e que ela fechou a pastelaria para estar aqui comigo.

– Não precisavas de ter feito isso – disse-lhe quando Regina me contou. – Eu podia ter... Devia ter-lhes pedido para ligarem à Lisa Marie.

– Não – replicou Regina. Ela sempre foi a maior defensora de que eu devia dar uma segunda hipótese à minha mãe, mas nem mesmo ela conseguia ver o lado positivo de dar uma entrevista a Gunnar Fox. Ela deu-me uma palmadinha na mão, que é o mesmo que um abraço apertado para Regina. – Não para isto.

Ela foi ter comigo ao hospital, para onde fui levado juntamente com o corpo do senhor Solomon, porque aparentemente perdi a cabeça quando o vi. Mas não me lembro dessa parte. Não me lembro de nada para além da mão de Brynn no corrimão, e da cara dela quando disse:

– Oh, não!

Regina diz que isso é uma bênção.

– Ninguém precisa de se lembrar de uma coisa destas – disse ela, quando

lhe contei. Mas não vou poder ajudar muito o meu velho amigo, o agente Patz, que está sentado à nossa frente e me olha com algo que quase parece compaixão.

– Como é que te estás a aguentar? – pergunta ele.

– Bem – respondo automaticamente.

– Não precisas de falar comigo agora – diz ele. – Podemos esperar até te sentires melhor, ou até o teu pai poder estar presente.

– Ele está a dormir – informo. – Não se vai levantar nas próximas horas. Está tudo bem. Eu falo consigo agora. Não quero ter de voltar.

O agente Patz olha para Regina.

– Achas que ele está pronto para isto?

Ela dá-me outra palmadinha na mão.

– Se ele o diz. Mas porque é que a polícia está envolvida, Steven? Pensei que o pobre Dick tinha caído e batido com a cabeça.

Coitado do Dick. O senhor Solomon, o tipo que costumava cultivar flores gigantescas e acenar a toda a gente depois do treino de futebol. Eu sei, em teoria, que ele está morto, mas ainda não me apercebi. Não parece real.

– Ele bateu com a cabeça – diz o agente Patz. – Mas também pode ter havido um roubo envolvido. Não conseguimos encontrar a sua caixa vermelha de equipamento de pesca. Sabes qual é? – Regina acena com a cabeça; ela já viu aquela caixa de equipamento mais do que uma vez. – Talvez isso esteja relacionado, talvez não, mas vamos tratar a casa como uma cena de crime até sabermos mais. Já falámos com a Brynn Gallagher, que foi muito prestável, por isso acho que temos quase tudo o que precisamos. Qualquer coisa que o Tripp possa acrescentar é um bónus.

Não vejo Brynn desde a ida à casa do senhor Solomon; pelo menos não estando consciente. Sei que ela esteve no hospital, mas não me lembro de nada disso. Sinto-me mal, de repente, ao imaginar como ela me deve ter visto. Bela maneira de te ires abaixo numa crise, Talbot.

Mas não é só a vergonha que me dá náuseas. É não saber o que lhe posso ter dito quando me passei. *O que é que eu disse?*

– Não sei o que disse – digo abruptamente, levanto os olhos e encontro os do agente Patz.

Ele pega numa caneta com demasiada avidez.

– Em relação a quê?

Não. Não lhe posso perguntar. Em que raio estava eu a pensar?

– Não sei o que vi – emendo. – Não me consigo lembrar.

– Eu sei. Falámos com o médico que te observou. A tua memória pode voltar a qualquer momento, mas não há razão para abusar, especialmente hoje. Vamos só rever a tua aproximação e entrada na casa, está bem? Talvez tenhas reparado em alguma coisa que a Brynn não viu.

Faço o meu melhor, mas pela expressão resignada do agente Patz vejo que não estou a acrescentar nada de útil. A determinada altura, ele deixa de se preocupar em tomar notas e limita-se a acenar com a cabeça, acompanhando

as minhas divagações.

– A boa notícia é que a Brynn Gallagher tem olho para os pormenores – diz ele por fim, fechando o caderno. – Acho que isso dá jeito a uma estudante jornalista.

– Ex-estudante de jornalismo – replico.

– Bem, mas agora ela tem aquele estágio – diz o agente Patz.

– Que estágio? – pergunto. Olho de relance para Regina, que parece igualmente surpreendida.

– No *Motivo* – diz o agente Patz. – Sabes, aquele programa de *true crime*? Ela contou-nos durante a nossa conversa. É interessante, porque falámos com um dos produtores sobre... – Ele interrompe-se, franzindo o sobrolho enquanto olha para mim. – Não sabias?

– Não – respondo, e as minhas mãos fecham-se no meu colo com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. – Não sabia.

Capítulo 23

Brynn

Fiz asneira em todas as frentes possíveis.

Com os meus pais, que estão furiosos por eu não lhes ter contado que levei um murro ou que me apontaram uma arma. Tudo isso veio à baila enquanto estava a falar com a polícia, por isso também tive de ser sincera com eles. Com o tio Nick, que está a sofrer a fúria deles por ter guardado o meu segredo. Com Carly, que me disse muito especificamente para não voltar a casa do senhor Solomon e que está a ser alvo da fúria de Ramon d'Arturo por, como ele disse, «deixar uma miúda conduzir um potencial pesadelo de relações públicas». Com Nadia e Mason, que estão magoados por não lhes ter falado do estágio no *Motivo*.

E com Tripp, imagino. Mas não sei, uma vez que ele não respondeu a nenhum dos meus telefonemas ou mensagens. Tentei passar pela pastelaria Lugar Feliz esta manhã, depois da missa, mas só lá estava Regina, que abanou a cabeça quando me aproximei da caixa registadora.

– O Tripp não está cá, querida – disse ela. *Al* abanou a cauda, mas não se levantou, como se também ele estivesse desiludido comigo.

– Ele está bem? – perguntei.

– Fisicamente, está ótimo.

– E quanto ao resto?

– Vou deixar que seja ele a contar-te – disse Regina. Gentil, mas firme.

A única pessoa que não me odeia é Ellie, por isso é com ela que estou no meu quarto enquanto os meus pais estão ao telefone com Carly, a discutir se e como devo continuar a trabalhar no *Motivo*. Ellie trouxe o seu antigo *kit* de magia, como se tivesse dez anos, e está a mexer no seu conteúdo enquanto eu me deito na cama e olho para o teto.

– Se olhares pelo lado positivo, isto faz com que as fotografias do pénis não pareçam nada – diz ela.

– É demasiado cedo – resmungo, e viro-me de lado para poder olhar pela janela.

Estou à espera de mais um comentário de Ellie, porque é o que ela faz

quando está a tentar animar alguém, mas em vez disso ela suspira suavemente.

– Eu sei – diz ela. – Não faz mal sentirmo-nos mal durante algum tempo. Eu sinto-me. Pobre senhor Solomon.

O nó na minha garganta aumenta, e as lágrimas picam-me os olhos.

– Ele tinha um buraco na meia – digo e não aguento mais. Começo a chorar convulsivamente. Não sei porque é que aquele pequeno pormenor em particular me faz sentir tão triste, mas sempre que penso nele, dói-me o peito. Os braços de Ellie abraçam-me enquanto me encolho em posição fetal, soluçando tanto que tudo em mim também dói.

– Pelo menos ele teve uma vida longa, sabes? – Ellie funga, acariciando-me o cabelo. – E uma vida boa. Acho que ele era feliz. Talvez até tenha sido uma bênção, antes de ele ter ficado mais confuso, e deixar de poder viver sozinho. Acho que ele nunca teria querido sair daquela casa.

– E se ele estivesse assustado? – Engasgo-me. – No fim? E ele estava sozinho, e... – Desmorono, e começo a chorar ainda mais. Passaram vinte e quatro horas desde que encontrámos o senhor Solomon, e parece que não consigo parar de chorar mais do que duas horas de seguida. Por fim percebo como Tripp se deve ter sentido na floresta há quatro anos.

– Ele não estava sozinho – diz Ellie. – Tu estavas com ele.

O que ela diz não faz sentido nenhum, porque o senhor Solomon já tinha morrido há muito tempo quando lá chegámos. Mas eu segurei-lhe a mão enquanto esperava que os paramédicos chegassem, e com o outro braço esticado, agarrei no joelho de Tripp, que era a única parte do seu corpo que eu conseguia alcançar. Parecia ridículo, mas não podia deixar que nenhum deles ficasse sem contacto humano.

Sento-me, limpo a cara e respiro fundo, a tremer.

– Fiz asneira da grossa. Tinhas razão, Ellie – digo. – Devia ter contado às pessoas o que estava a fazer para o *Motivo* desde o início.

A minha irmã faz uma careta.

– Gostava de poder ficar com os louros, mas acho que nunca disse isso. Tenho quase a certeza de que te ajudei e fui cúmplice em todas as frentes. – Ela encolhe os ombros e afasta uma madeixa de cabelo da minha cara. – Vai ficar tudo bem. As pessoas só precisam de tempo.

– Espero que sim – suspiro, e pego no telemóvel que está na mesa de cabeceira. A última mensagem que recebi é de Nadia, em resposta à série de pedidos de desculpa que enviei: *Acho só que não percebo por que razão escondeste uma coisa dessas.*

Não tenho uma boa resposta para isso. O que é que lhe posso dizer? *Não estava a planear voltar a investir na nossa amizade – erro meu!* Regressei a Sturgis com um *chip* no ombro, e encarei os cinco meses que tinha de passar em Saint Ambrose como uma ponte indesejada para um lugar melhor. Não me apercebi do quanto essa atitude tinha tomado conta das minhas interações com as pessoas até me ver no meu quarto apenas com a minha irmã como companhia.

– O Tripp continua a não falar comigo – digo.

– Acho que vais ter de ter paciência com ele – diz Ellie. – Depois do que aconteceu com a mãe dele, ele deve sentir que isto é a história do Gunnar Fox a repetir-se de novo. – Ela deve ter visto o meu ar triste, porque acrescenta rapidamente: – Não sei se *é* isso que se passa. Só estou a dizer que é possível que ele *sinta* isso. – Apanha um fio de cabelo perdido numa das minhas franhas e acrescenta: – Mas também não sei se é a pior coisa do mundo afastares-te dele. Se a morte do Larkin não é o que parece, bem, o Tripp estava bem no centro de tudo isto, não estava? E tens de admitir que ele agiu de uma maneira mesmo estranha em casa do senhor Solomon. Eu sei que foi traumatizante e tal, mas ele não disse qualquer coisa como: «O que é que tu fizeste?»

– Sim – respondo. – E disse-me para parar de gritar, apesar de eu não estar a gritar. Parecia que ele achava que estava a olhar para o *stôr* Larkin e não para o senhor Solomon.

– O que é que o Tripp te disse na festa da Charlotte? – Ellie deita-se de barriga para baixo com a minha almofada debaixo dos braços. – Não foi uma coisa do género, *precisava que me odiasses*?

– Sim – digo. – Mas ele estava a referir-se ao que disse na aula de Educação Física. Isso aconteceu antes de o *stôr* Larkin morrer.

– *Hum*. – Ellie semicerra os olhos. – Tudo bem. Então qual é a tua teoria?

– Sobre o quê? Em relação ao que aconteceu com o senhor Solomon, ou ao que aconteceu com o *stôr* Larkin?

– Ambos. Qualquer uma.

– Ainda não tenho uma teoria. Ainda estou a recolher informações.

Ellie revira os olhos.

– Muito fraco, Brynn. Tens de ser mais parecida com a tal rapariga Ellery.

Há uns dias, Ellie chegou a casa quando eu estava a ver uma entrevista no YouTube com Ellery Corcoran, a rapariga que ajudou a resolver os homicídios de Echo Ridge que Tucker, um dos produtores do *Motivo*, queria cobrir. Carly achou que a história já era *antiga*, mas eu fiquei interessada o suficiente para ir pesquisar.

«No início, suspeitei do namorado da rapariga morta, porque é sempre o namorado, certo?», estava Ellery a dizer no vídeo quando Ellie entrou. «Depois pensei que podia ser o antigo namorado da minha mãe. Dois deles, na verdade. Ou o meu vizinho, ou a irmã da minha amiga, ou um ou dois colegas diferentes...»

– Uau – disse Ellie. – Ela é minuciosa.

– Ela vai a todas – afirmei, mas não conseguia deixar de gostar de Ellery. Ela estava cheia daquilo que Carly falou na nossa entrevista: *paixão*. Enquanto isso, aqui estou eu, a documentar cuidadosamente pedaços e fragmentos de dados sem nunca chegar a uma conclusão. O jornalismo de *true*

crime é mesmo diferente de tudo o que já fiz antes; os riscos parecem impossivelmente altos. E tenho algum medo do que se possa vir a descobrir sobre o *stôr* Larkin, ou Tripp, ou alguém que ainda nem sequer está no meu radar.

No entanto, tudo o que digo à Ellie é:

– Estou a trabalhar nisso.

– Bem, seja o que for que se esteja a passar, tens de admitir que o comportamento do Tripp é suspeito. – Ela tem razão, obviamente – sempre soube disso, mesmo ao continuar a aproximar-me de Tripp –, mas não consigo deixar de franzir o sobrolho, e Ellie sorri levemente. – Desculpa por achar que o teu namorado é um pouco suspeito.

Em resposta, atiro-lhe uma almofada à cabeça e, quando ela se baixa, acerta na tampa do seu estojo de magia.

– Porque é que estás com isso, outra vez? – pergunto. – Estás a visitar a infância?

Ela senta-se, entusiasmada

– Oh, não. É para um projeto.

– Que projeto? – pergunto.

– Não te vou contar – diz ela numa voz cantada. – Preciso de trabalhar sozinha neste.

– Trabalhar sozinha? – repito. – O que é que tu...

O meu telefone toca, interrompendo-me, e eu pego nele, à espera que seja Tripp, Nadia ou Mason. Mas é um número de Providence. Por momentos, penso em deixar ir para o *voicemail*, mas como a Escola Eliot fica lá, a curiosidade leva a melhor e atendo.

– Estou? Fala a Brynn.

– Olá, Brynn. O meu nome é Paul Goldstein. Sou professor de Inglês na Escola Eliot, em Providence. O diretor Bartley Reed deu-me o seu número. Espero que não haja problema por estar a ligar ao fim de semana?

– Claro, não há problema – respondo, e recuo na cama, até ficar encostada à cabeceira.

– Quem é? – murmura Ellie, mas eu afasto-a.

– Obrigada por me ligar de volta.

– Não há problema. Sei que estão a fazer uma espécie de memorial para o Will Larkin? E estão à procura de opiniões sobre... – Ele para durante uns momentos, como se estivesse a verificar as suas notas. – Flores?

– *Hum*, sim e não. – Depois de tudo o que aconteceu com o senhor Solomon, não podia estar mais a borrifar-me para as plantas. – Quer dizer, se souber de alguma que ele gostasse, seria bom saber, mas sobretudo esperava que pudesse partilhar algumas memórias. Como era trabalhar com ele, esse tipo de coisas.

– Claro – diz Paul Goldstein. Ele parece o *stôr* Larkin; o tipo de professor que se alinha em tudo sempre que um aluno parece mostrar iniciativa. – Bem, para começar, o Will era um professor de inglês brilhante.

Conhecia os clássicos como ninguém, mas também gostava muito de trazer autores modernos para a sala de aula. – Paul continua a falar durante algum tempo, a descrever o estilo de ensino do *stôr* Larkin, e eu só consigo pensar nas palavras de Ramon d’Arturo: *O homem era um vazio*. Paul Goldstein não podia ser mais simpático, tirando tempo do seu domingo para partilhar recordações, mas não me diz nada que eu já não saiba.

– Isso é muito útil, obrigada – digo quando ele faz uma pausa para respirar. – Adorava-o como professor, por isso, o que me está a dizer é muito importante. Estava também a pensar que tipo de coisas é que ele gostava de fazer fora das aulas? Enquanto alunos, nunca chegámos a ver esse lado dele.

– Bem, para ser sincero, não sei dizer – explica Paul. – O Will era muito reservado. Ia de bicicleta para a escola, por isso sei que era um ciclista ávido.

Aperto o espaço entre os olhos. *Um ciclista ávido*. Fascinante. Quase consigo ver Ramon d’Arturo a adormecer na sua cadeira enquanto falamos.

– Ele falava muito da família?

– Não, nunca falou – diz Paul, e sinto uma forte pontada de desilusão até que ele acrescenta: – Bem, só uma vez.

– Ah, sim? – Endireito-me na cama. – Quando foi isso?

Ellie, que me tem estado a observar-me este tempo todo, anima-se com a minha expressão. Inclina-se para perto de mim, para ouvir.

Paul ri-se.

– Foi na festa do pessoal. Quando toda a gente está um pouco mais desinibida do que o habitual, graças às bebidas. Não mencione essa parte – acrescenta ele apressadamente.

– Não digo nada – prometo.

– Nessa altura, ele já tinha aceiteado o emprego em Saint Ambrose, por isso ia-se embora daí a algumas semanas. Perguntei-lhe o que é que o fascinava lá porque, sabe... – Ele hesita. – Não quero insultar Saint Ambrose ou Sturgis, nem nada do género, mas, enfim, não é bem o cenário...

– É uma lixeira – digo, e espero que a minha impaciência não transpareça na minha voz. – Não faz mal, pode dizê-lo à vontade. Todos nós sabemos isso.

– Não, não – diz Paul, e ri-se de novo. – É que a Escola Eliot é considerada a elite nos círculos do ensino privado, por isso fiquei com curiosidade em saber o que é que levaria alguém a deixar um emprego destes tão no início da carreira. Por isso perguntei ao Will: «O que é que te levou a escolher Saint Ambrose?»

– O que é que ele disse? – perguntei.

– Bem, no início ele disse aquelas coisas típicas: um ambiente educativo progressista, estudantes de diversos sectores, etc. Depois, alguém pagou outra rodada – mais uma vez, não mencione isso, por favor. Não quero dar a impressão de que os professores em Eliot são um bando de bêbados. Depois de terminar a sua bebida, o Will inclinou-se para mim e disse: «Queres saber a verdadeira razão por que vou para Saint Ambrose, Paul?»

- Qual foi a verdadeira razão? – pergunto eu, enquanto Ellie finge estar a morder os nós dos dedos.
- Ele disse: «Quero estar na mesma escola que o meu irmão.»

Capítulo 24

Tripp

Levanto-me cedo na terça-feira de manhã, depois do fim de semana prolongado, para correr, como sempre. Quando chego a casa, tomo banho, tomo o pequeno-almoço, lavo os dentes e visto-me para a escola em piloto automático. Camisa Oxford abotoada, o nó da gravata dado, *blazer* azul-marinho sobre os ombros. A única diferença em relação a um dia normal é esta: encho uma garrafa com o uísque *Jim Beam* do meu pai antes de sair pela porta, e viro na direção oposta ao caminho para Saint Ambrose.

Não consigo enfrentar a escola. Ligo para a secretaria enquanto caminho, imito a voz do meu pai e digo-lhes que estou em casa, doente. Ninguém vai ficar surpreendido. Toda a gente sabe o que aconteceu em casa do senhor Solomon no sábado; o meu telemóvel está cheio de mensagens de pessoas com quem não quero falar.

Incluindo Brynn. *Especialmente* Brynn.

Em quem não estou a pensar, nem agora nem nunca mais. Ela teve a lata de dizer que *eu* era mau mentiroso? Ela é a maior mentirosa de todas, a espiar a escola inteira para o *Motivo*. Espero que tenha um dia absolutamente merdoso, de ajuste de contas, por causa disso, e quase tenho pena de não estar lá para ver.

No entanto, não tenho pena o suficiente para aparecer.

Não sei propriamente para onde vou, e não ajuda o facto de ter acabado quase metade do *Jim Beam* antes de ter andado um quilómetro. *Abranda*, digo a mim mesmo depois de tropeçar num buraco na berma da estrada. Embora, na verdade, isso seja culpa da cidade, por deixar este pedaço de lixo que é Sturgis continuar a cair aos pedaços. Ainda assim, provavelmente não é má ideia fazer-me à estrada, e é aí que algo me chama a atenção: a entrada em arco de pedra para o cemitério de Sturgis. Talvez fosse para aqui que eu me encaminhava desde o início. Onde o senhor Solomon estará em breve, e onde o *stôr* Larkin foi enterrado há quatro anos, apesar de não ser daqui.

Nunca me ocorreu, até agora, perguntar-me porque é que ele não foi enterrado noutro lugar.

Sei, mais ou menos, onde está a campa dele. É preciso vaguear um pouco para o encontrar, porque não venho cá muitas vezes. Duas vezes por ano, talvez? Quando venho, não trago flores nem nada. Limito-me a ficar ao lado da campa, como agora, a ler a inscrição na lápide. *Para águas não banhadas, margens não sonhadas*. É Shakespeare, disse-nos a *stôra* Kelso no funeral. Acho que ela é capaz de ter escolhido o verso.

Depois digo o mesmo que digo sempre:

– Sinto muito.

Não costumo acompanhar isto com um *shot* de uísque, mas também não costumo cá vir três dias depois de encontrar um cadáver, por isso há que abrir uma exceção.

– Acho que estou amaldiçoado – dou por mim a dizer. Esta é nova.

O vento aumenta, e atira-me o cabelo para os olhos, e eu afasto-o para trás. Não trouxe casaco, por nenhuma razão em particular, a não ser por não me apetecer usar um, e provavelmente devia ter frio. Mas não tenho. Estou apenas dormiente.

– Não sei quando começou – digo à lápide do *stôr* Larkin. – Talvez consigo, ou talvez antes. Quando a Lisa Marie se foi embora. Ou quando duas pessoas que nunca se deviam ter juntado tiveram um filho que não queriam.

Deixo-me cair pesadamente na relva. O chão debaixo de mim é frio e duro, cheio de pedaços de terra meio congelada. Quando ponho a garrafa no chão, ela cai logo. Ainda bem que tive a presença de espírito de voltar a colocar a tampa.

– Mas não estou a ser justo – continuo. – O meu pai queria-me. Só não sabia o que fazer depois de me ter.

Tenho quase a certeza de que o meu pai nunca esteve tão grato pelos nossos horários desencontrados como esteve este fim de semana. Ele estava sempre a desculpar-se por ter dormido durante a parte do dia em que estive no hospital-esquadra-da-polícia, mas eu podia dizer que ele também estava aliviado. Quase tanto como eu.

– Sentes-te melhor? – perguntou ele quando finalmente nos encontramos no sábado à noite. – Precisas de alguma coisa? De falar com alguém, ou...

– Estou ótimo – respondi.

Nunca nada foi menos verdade, mas o meu pai limitou-se a acenar com a cabeça.

– A Regina foi provavelmente uma boa pessoa para se ter por perto – disse ele.

Ele tem razão; ela foi. E isso assustou-me, porque o que é suposto eu fazer quando perder a Regina? Acabarei por perder, porque é assim a vida.

– Melodramático – digo ao túmulo do *stôr* Larkin, e depois sinto a necessidade de esclarecer. – Eu, não o *stôr*. Você não é melodramático. Está apenas...

Morto. Ainda. Sempre.

Levanto-me com dificuldade, e agarro na garrafa com uma mão,

sentindo-me doente e desesperado por fugir. Mas para onde é suposto ir? Estou rodeado de nada, exceto de pedra cinzenta e ramos nus. Depois, vejo uma mancha de cor – uma casa azul brilhante que me é familiar, pela qual costumava passar de bicicleta quando a minha mãe estava na cidade, porque pensava que ela me podia ver e convidar-me a entrar. A casa de Valerie, onde Lisa Marie está agora.

Lisa Marie. Pelo menos ela é honesta quando está a fazer um programa de televisão sobre o meu falecido professor, ao contrário de algumas pessoas.

De repente, parece-me uma boa ideia ir ver a minha mãe. O que deve ser o primeiro sinal de que estou muito mais bêbedo do que pensava. O segundo sinal é que, quando chego à porta de Valerie, não consigo encontrar a campainha, por isso pego na maçaneta e ela gira. Abro a porta e entro.

Não sei muito sobre Valerie, a não ser que andou no secundário com a minha mãe, é divorciada, não tem filhos e é cabeleireira na Barbearia do Mo. Sempre foi bastante simpática comigo, chamando-me «querido» sempre que a vejo. De vez em quando pergunto-me se é porque não se lembra do meu nome, mas é melhor do que ser chamado de «Trey».

A casa dela é de dois andares como a minha, mas é muito mais bonita. Há quadros pendurados nas paredes, muitas almofadas de cores vivas e um tapete desta década. Também é silenciosa; a única coisa que ouço é o som do duche a correr. Estou sentado no sofá de pelúcia de Valerie, e olho à minha volta, enquanto penso se é ela ou a minha mãe que se está a arranjar, quando vejo uma capa de telefone às flores inconfundível na mesa de centro. Sei que é de Lisa Marie, e tem um pequeno telemóvel de fechar ao lado. A não ser que Valerie prefira tecnologia ultrapassada, tenho quase a certeza de que é um telemóvel descartável.

– O que andas a tramar? – murmuro, e pego primeiro no iPhone de Lisa Marie. Quando o levanto, o ecrã ilumina-se com uma mensagem.

Gunnar: *Adoro. Podemos experimentar com lágrimas?*

Da última vez que Lisa Marie esteve em Sturgis, ela fez questão de guardar com grande alarido o meu reconhecimento facial nas definições de segurança do telemóvel enquanto almoçávamos fora «para poder ter sempre um bocadinho de ti comigo», dissera ela. Nessa altura, ela já ia na terceira cerveja e, aparentemente, não alterou as definições desde então, porque o telemóvel desbloqueia quando o inclino na minha direção. A mensagem «Tenta com lágrimas» é a última de uma longa série de mensagens entre ela e Gunnar Fox. É uma resposta a um vídeo que ela lhe enviou ontem à noite, e eu clico para o abrir e toco no *play*. Lisa Marie aparece no ecrã, sentada neste mesmo sofá, com uma blusa floral recatada e uma expressão de dor.

– Acho que sabia, desde muito cedo, que o Noah não era como os outros miúdos – diz ela. – Sempre tive muito medo do seu feitio. Foi por isso que me fui embora. Quando soube do professor dele, só conseguia pensar: foi isto? Será que finalmente aconteceu aquilo de que tive medo durante tanto tempo?

Paro o vídeo. *Acho que sabia, desde muito cedo, que o Noah não era*

como os outros miúdos. Isto é real? Será verdade? Será que eu sou mesmo assim e não consigo ver? Encaixa, certo? Talvez as coisas más continuem a acontecer-me não porque eu esteja amaldiçoado, mas porque *sou* eu a maldição. Até a minha própria mãe pensa assim.

Tento reiniciar o vídeo, mas o telemóvel escorrega da minha mão e acabo por voltar à troca de mensagens entre Lisa Marie e Gunnar. São muitas, demasiadas para ler, por isso começo algures no meio.

LISA MARIE: Ele não faz. Já tentei tudo.

GUNNAR: Preciso disto, Lee.

GUNNAR: Preciso de apanhar o Shane Delgado antes que o advogado do pai dele me apanhe.

GUNNAR: O *Não Cometas o Crime* pode fechar de vez se isto continuar.

GUNNAR: O miúdo é um psicopata de merda, eu sei. Mas eles protegem-no como se fosse um príncipe.

LISA MARIE: Não sei o que esperas que eu faça.

LISA MARIE: Eu tentei o meu melhor.

LISA MARIE: O meu filho é um teimoso de merda.

GUNNAR: E se formos por outro ângulo?

LISA MARIE: ???

GUNNAR: Os três estão juntos nisto.

GUNNAR: O Noah não é a testemunha, tu é que és.

GUNNAR: Ele é uma semente má que encontrou no Delgado um parceiro do crime, e tu não podes continuar a encobri-lo.

GUNNAR: Pago-te o que lhe ia pagar a ele.

A bÍlis sobe-me à garganta, e eu engasgo-me. As palavras começam a dançar à minha frente, mas antes consigo fazer um *print screen* das mensagens e enviá-las para mim próprio, juntamente com o vídeo.

Quando termino, pego no outro telemóvel. Não tem código de acesso e só tem meia dúzia de mensagens enviadas. Todas elas dizem a mesma palavra: *Assassinos*.

Duas das mensagens foram para o meu número. Não sei de cor os números de Shane e de Charlotte, mas quando os vejo no meu telemóvel, correspondem às outras mensagens enviadas. Afinal, não foi Colin Jeffries que enviou as mensagens a dizer *Assassinos*. Foi a minha mãe.

Estou tão ocupado a olhar para os telemóveis que não ouço quando o chuveiro para de correr, nem mais nada, até que uma voz indignada diz:

– O que raio estás aqui a fazer? – Levanto os olhos e vejo Lisa Marie num roupão azul felpudo, com uma toalha branca enrolada à volta da cabeça e uma expressão de incredulidade na cara. – Acabaste de invadir a casa da Valerie? – pergunta ela.

– Não – respondo. – A porta estava aberta. – As minhas palavras são espessas e arrastadas, por isso tento falar devagar, embora ache que não está a ajudar muito. – Mas «invadi» os teus telemóveis.

– Dá-me cá isso! – Em menos de nada, ela está em cima de mim, agarra nos dois telemóveis, e eu não resisto porque já tenho o que preciso. Bem, quase.

– Há uma coisa que eu não percebo – digo. – E atenção, estou um pouco bêbedo, o que pode estar a exasperar a questão. – Não é a palavra certa, mas tanto faz. – Percebo que estejas disposta a mentir e a dizer que eu sou um assassino por dinheiro, depois de eu ter dito que não ia mentir e dizer que o Shane é um assassino por dinheiro. O que não percebo, porém, é por que razão nos enviaste mensagens a chamar-nos assassinos antes de eu te ter dito que não o fazia. E como é que arranjaste os números de telemóvel do Shane e da Charlotte?

– Meu Deus! – diz Lisa Marie, estudando-me. – Estás completamente *bezano*.

– Isso não é uma resposta.

Ela resmunga.

– Nem sequer te vais lembrar da resposta, pois não? O Gunnar conseguiu os números. Ele tem os seus métodos. E aquelas mensagens eram apenas para dar ambiente. O Gunnar queria pintar um quadro em que estavas a ser arrastado com os outros dois, ao ponto de estares a ser injustamente

assediado. Mas tu estragaste tudo.

– Então, só para esclarecer. *Vocês* assediaram-me injustamente.

– Estávamos a construir uma história, Trey – diz ela. – Terias saído muito bem dela se me tivesses dado ouvidos.

– Não me chames isso – digo.

Ela franze o sobrolho.

– O quê?

– Não me chames Trey. Não é o meu nome. Nem sequer é a minha alcunha.

– É a *minha* alcunha para ti.

– Sim, pois. – Ponho-me de pé de forma instável, desejando estar mais lúcido, porque assim que disser o que tenho a dizer, nunca mais vou falar com ela. – Mentiste para as câmaras e disseste que eu era um assassino desde o dia em que nasci por dez mil dólares, por isso adivinha só? Não me podes chamar nada. A única coisa que podes fazer é ir à merda.

Dirijo-me para a porta com Lisa Marie atrás de mim.

– Tudo o que tinhas de fazer era dar-me *ouvidos* – diz ela. – Queria trabalhar contigo, não contra ti. Mas tens sempre de ser tão teimoso, tão arrogante e poderoso, como se pertencesse àquela escola ranhosa que frequentas. Nem sequer perguntaste porque é que eu precisava do dinheiro. Tenho problemas de saúde, Trey. E um seguro de saúde da treta e cartões de crédito no limite, e o Júnior não ajuda nada. Por isso, talvez, antes de andares por aí a beber e a julgar as pessoas, pudesses pensar *nisso*.

Achei que já tinha acabado de falar com ela, mas afinal ainda tenho mais uma coisa para lhe dizer. Abro a porta, viro-me para me apoiar e encaro-a uma última vez.

– Tenta com lágrimas – digo antes de bater com a porta.

Capítulo 25

Brynn

Já passou quase uma semana desde que eu e Tripp encontrámos o corpo do senhor Solomon, mas ainda não o vi nem tive notícias dele. Ele não tem ido à escola, o que é uma das muitas coisas que me deixa preocupada ultimamente, e não responde a nenhum dos meus telefonemas ou mensagens.

Por outro lado, as mensagens de Charlotte estão a acumular-se rápida e furiosamente no meu telemóvel:

O Tripp não está em lado nenhum.

A culpa é tua.

Eu e o Shane queremos ir a casa dele, mas não sabemos onde fica.

Onde é a casa dele?

Só porque te estou a pedir um favor, não quer dizer que tenha deixado de te culpar.

Pouso o telemóvel sem lhe responder. Como é que, ao fim de quatro anos de amizade, ela não sabe onde o Tripp mora? Se não fosse tão estranho, quase me sentiria tentada a dar-lhe a morada dele, porque a verdade é que não me abri a porta quando passei por lá. Mas parece-me outra traição dar uma informação que Tripp já poderia ter partilhado centenas de vezes se quisesse.

Seja como for, é suposto eu estar a trabalhar.

Mantive o meu estágio por um triz. Agora as regras que tenho de seguir são muitas: não posso participar em nenhuma notícia, perdi os privilégios de tudo, exceto do meu disco rígido, e já não posso aceder à rede. Pior ainda, o pedido de informações sobre o *stôr* Larkin foi retirado do *site* do *Motivo*.

Quando tentei contar a Carly o que Paul Goldstein tinha dito – que o *stôr* Larkin aceitou o emprego em Saint Ambrose para poder estar na mesma escola que o irmão – ela levantou a mão antes de eu conseguir dizer mais do que algumas palavras.

– Para imediatamente – disse ela. – Essa história já nos causou problemas suficientes. Devíamos ter dado ouvidos a Ramon e ter acabado com ela.

Não me atrevi a protestar.

Agora, as minhas únicas tarefas são ajudar a atualizar o *site*, rever documentos e compilar recortes de imprensa. É aborrecido e odeio-o, mas é melhor do que ser despedida. Tenho de reportar a um novo supervisor, um diretor de relações públicas chamado Andy Belkin. Antes de eu ter sido banida do Fosso, Gideon disse-me que os jornalistas de investigação o tratam por «Insonso».

– Então, foste tu que fizeste estes conjuntos? – Dou um salto quando Andy espreita por cima da parede do meu cubículo, como se os meus pensamentos ressentidos o tivessem invocado. Andy é um tipo baixo, sempre de camisa, e hoje está a usar uma versão amarelo-pálido. O seu sobrolho franze-se enquanto segura um dos maços de recortes agrafados que coloquei na secretária dele há quinze minutos. – Para o próximo conjunto de recortes, preferia um agrafo no canto.

– Um quê? – pergunto.

Aponta para o agrafo, que está paralelo ao topo da página.

– Agrafaste a direito, e eu prefiro um agrafo no canto. – Pega no meu agrafador e inclina o papel de forma que o agrafo crie um triângulo no canto superior da página. – Vês? Assim. Só que, obviamente, mais em cima, porque neste caso específico tive de contornar o agrafo existente.

Mata-me. Mata-me, Andy, e acaba logo com isto.

– Está bem.

– Queres que te deixe este como exemplo?

– Não é preciso, acho que já percebi, Andy. Obrigada.

Ele desaparece e eu bato ligeiramente com a testa na secretária.

É apenas sexta-feira, mas sinto-me como se já tivesse vivido uma vida inteira esta semana. Uma vida triste, aborrecida e isolada. A segunda-feira foi uma breve pausa, uma vez que era o Dia de Martin Luther King, mas na terça-feira senti-me como se estivesse a ser julgada – *Saint Ambrose contra Brynn Gallagher* –, com toda a escola a olhar-me com maus olhos quando andava pelos corredores. *Espia* era a coisa mais simpática que as pessoas me chamavam. Escondia-me na biblioteca em todos os momentos livres que podia, incluindo ao almoço.

Contudo, na quarta-feira foi um pouco melhor. Enquanto estava a guardar os meus livros no cacifo antes do toque da campainha para a primeira aula, Nadia veio ter comigo e bateu-me no braço.

– Porque é que ontem almoçaste na biblioteca? – perguntou. – Pensaste que não te deixávamos sentar connosco?

– *Hum.* – Era exatamente isso que eu tinha pensado. – Não queria colocar-vos numa posição difícil, por isso...

Nadia revirou os olhos.

– Tu és a grande fofoca de hoje, Brynn. Em breve serás uma notícia passada. É assim que as coisas se passam por aqui, e eu e o Mason nunca ligamos a essas coisas. No entanto, seria bom se fizesses um esforço para nos mostrar que lamentas teres-nos mantido na ignorância. Para além de nos

enviar uma mensagem.

Ela tinha razão, obviamente. Embora esteja agradecida por Nadia e Mason não me terem abandonado, sinto falta da camaradagem fácil que tínhamos e não sei bem como a recuperar.

Em resumo, provavelmente mereço o inferno de agrafar dúzias de maços de recortes de imprensa de acordo com as instruções exatas de Andy. Mas continuo a não gostar.

Quando termino o meu próximo conjunto de recortes, vou para uma sala de conferências vazia, fecho a porta e pego no meu telemóvel. Hoje Carly não me deixou falar sobre o possível irmão do *stôr* Larkin, por isso é como uma ferida que preciso de coçar. Vou aos meus contactos no telemóvel, carrego num nome e espero até que uma voz irónica diga:

– O que foi agora, sobrinha só às vezes querida?

– O *stôr* Larkin tinha um irmão em Saint Ambrose? – pergunto ao tio Nick sem preâmbulos. – Alguém que tenhas conhecido ou de quem tenhas ouvido falar quando lá trabalhaste?

– Como? – Ele parece perplexo. – Um irmão? Não. Porquê?

– Falei com um professor da antiga escola do *stôr* Larkin, e parece que ele lhe disse que ia para Saint Ambrose para estar na mesma escola que o irmão. O que é estranho, não é? É a primeira vez que ouço falar de um irmão.

– Estás a brincar comigo? – A voz do meu tio torna-se estranhamente fria. – Depois de tudo o que aconteceu, ainda andas a bisbilhotar o Will?

A minha garganta fica seca. Telefonei ao tio Nick sem pensar, partindo do princípio de que podia falar com ele como sempre fiz.

– Entrei em contacto com a antiga escola do *stôr* Larkin antes da morte do senhor Solomon, mas só agora me responderam.

– És inacreditável, sabias? – A vergonha deixa-me calada, e ele solta um resmungo: – Arrisquei o meu pescoço por ti.

– Desculpa... – começo, mas estou a falar para o vazio. Ele desligou o telefone na minha cara. O meu tio, que quase nunca perde a calma, finalmente passou-se.

Eu já devia saber; tinha causado problemas suficientes ao tio Nick com os meus pais. A minha mãe, sobretudo, estava furiosa por ele não lhes ter contado que Colin me tinha batido na escola. Passou grande parte do fim de semana a olhar para ele e a murmurar coisas como:

– Não me lembro de ter pedido para ter um terceiro adolescente em casa, mas parece que foi isso que recebi.

Vou pelo caminho mais longo de volta ao meu cubículo, passando pelo gabinete de Lindzi, porque não posso deixar de esperar que, se ela me vir, acene e me chame para entrar, como costumava fazer. Posso estar enganada, mas quando Lindzi passou pela Scarlet enquanto Carly estava a estipular as regras, o olhar que me lançou através da janela pareceu-me ser de simpatia. Neste momento dava-me jeito uma cara amiga. Mas quando me aproximo do gabinete dela, consigo ouvi-la ao telefone, por isso demoro-me no corredor

para ver se ela parece estar quase a terminar.

– Então, nem sequer queres falar sobre isso? – pergunta ela. Silêncio, e depois: – Eu sei, Carly. Não estou a discordar, mas a dica parece-me legítima. E se as pessoas têm estado a olhar para esta história do Larkin do ângulo errado? E se foi isso que a *polícia* fez? – Arrebito as orelhas e ela acrescenta: – Olha, deixa-me só enviar-te por *e-mail*, está bem? E podemos continuar a partir daí.

Manda-me também por e-mail, penso eu enquanto Lindzi desliga o telefone. Ela tê-lo-ia feito, há uma semana. Ouve-se o barulho do teclado e depois ela sai de rompante do escritório, caminhando tão depressa na direção oposta que nem repara em mim. Olho fixamente para ela e depois para o seu gabinete.

O computador dela está *mesmo ali*. Nem sequer teve tempo de bloquear automaticamente.

Olho por cima do ombro para o corredor deserto e dou dois passos em direção ao gabinete de Lindzi. Depois mais dois. E depois...

– Aqui estás tu, Brynn. – A voz anasalada de Andy faz-me dar um salto e, quando me viro, ele está a acenar-me com um maço de folhas agrafadas. – Ótimo trabalho com estas, mas eu achava que te tinha dito que queria frente e verso? – Ele entrega-me o maço de folhas com um ar expetante. – Estes são documentos muito importantes que a equipa de produção precisa para os ajudar a compreender a concorrência. Têm de estar perfeitos.

– Eu... – Pego nas folhas automaticamente, mas não consigo desviar o olhar do computador de Lindzi. Tão perto, mas tão longe. – Desculpa, não me lembrei disso.

– Não faz mal, mas vamos lá refazer tudo, está bem? Porque não vens comigo, e eu mostro-te onde podes encontrar mais papel?

Os meus ombros descaem quando me preparo para o seguir. Mas então... não consigo fazê-lo. Não posso deixar passar a oportunidade.

– Andy – digo, um pouco sem fôlego. – Posso encontrar-me contigo no meu lugar? Na verdade, ia agora mesmo à casa de banho.

– Oh! – Ele franze o sobrolho, mas só por um segundo. – Claro.

– Obrigada. Vou ser rápida.

Espero que ele vire a esquina, depois corro para o gabinete de Lindzi. Ainda está vazio e o computador dela está desbloqueado. Pouso os recortes de imprensa de Andy em cima da secretária e viro o ecrã de Lindzi na minha direção. Ela tem o *e-mail* aberto e eu navego até à pasta de mensagens enviadas para ver o último *e-mail* que ela enviou: *Larkin (?) Background*, para Carly Diaz. Abro-o e reencaminho-o para o endereço de *junk* do Gmail que uso quando não quero dar o meu verdadeiro *e-mail*. Depois ouço vozes, demasiado próximas, e uma delas parece-se muito com a de Lindzi. Não há tempo para apagar o que enviei, por isso tenho de esperar que Lindzi não repare.

Também não há tempo para sair do gabinete dela.

Empurro o computador dela de volta para onde estava – penso eu –, agarro no maço de folhas de Andy e afasto-me o mais possível da secretária.

– Olá! – cumprimento alegremente quando Lindzi entra, e aceno-lhe com o maço de papel. – O Andy pediu-me para te dar isto.

– Meu Deus, Brynn, pregaste-me um susto de morte – diz Lindzi, pondo a mão sobre o coração. Pega nas folhas e franze o sobrolho. – Porque é que ele me quer dar isto?

– Ele... – *O que é que o Andy tinha dito?* – Ele disse que precisavas disto para avaliar a concorrência.

Ela revira os olhos.

– Isto é um bocado exagerado, mas obrigada.

– Não tens de quê – respondo, e saio dali a correr para acabar de agrafar os conjuntos de folhas até chegar a hora de ir para casa ver o Gmail.

As notas da Lindzi são rápidas e precisas, tal como ela.

A maior parte das dicas que recebemos através do site eram inúteis, mas havia uma que dizia: «Parece com um tipo que eu conhecia, mas chamava-se Billy Robbins.» Fui atrás dele e essa pessoa disse que tinha crescido em New Hampshire com alguém que se parecia muito com William Larkin. Perguntei-me se ele teria mudado de nome em algum momento e pesquisei nas bases de dados dos tribunais dos seis estados da Nova Inglaterra. Encontrei uma forte possibilidade: um jovem que mudou o seu nome de William Dexter Robbins para William Michael Larkin há onze anos.

Depois procurei o nome William Robbins. Há muitos e nenhum me pareceu correto, mas encontrei este artigo sobre um homem de New Hampshire chamado Dexter Robbins. Em anexo.

Por favor, lê e diz-me o que pensas.

Lindzi

Clico no anexo e abro um artigo do *New Hampshire Union Leader* de há catorze anos:

HOMEM DE LINCOLN REPORTA O DESAPARECIMENTO DA MULHER E DO FILHO PEQUENO

Os detetives do departamento da polícia do Condado de Grafton lançaram um alerta para Lila Robbins, de 26 anos, e Michael Robbins, de 3 anos, de Lincoln, depois de o marido de Lila Robbins, Dexter, de 42 anos, os ter dado como desaparecidos quando regressava de uma ida à caça com o seu filho de 15 anos de um casamento anterior.

Dexter Robbins afirma que a mulher e o filho foram vistos pela última vez em casa na sexta-feira, 5 de março, quando Robbins e o filho mais velho partiram para uma cabana nas Montanhas Brancas pertencente a um amigo de Dexter Robbins.

Robbins não conseguiu fornecer uma fotografia mais atual da sua mulher do que a do livro de curso do liceu. Um vizinho do casal diz não estar surpreendido com o facto de Lila e Michael terem partido.

– O Dexter controla aquela família com mão de ferro – disse o vizinho, que preferiu manter o anonimato. – Mal víamos a Lila. Surpreende-me que ele a tenha deixado sozinha durante um fim de semana. Ele não a deixava ir a lado nenhum, exceto à igreja.

A família Robbins é membro de uma igreja fundamentalista localizada em Cross Creek, New Hampshire, que, entre outras coisas, não acredita que os seus membros devam ser tratados com a medicina moderna.

– O Michael tem asma, mas o Dexter não fazia nada a esse respeito – disse o vizinho. – O pobre miúdo estava a arfar sempre que o via.

– Se a Lila viu a oportunidade para se ir embora, acho que ninguém a culparia por a aproveitar – concluiu o vizinho.

Sento-me encostada à cabeceira da cama e estudo as duas fotografias que acompanham o artigo; uma fotografia granulada de uma jovem mulher com cabelo louro descolorado e maquilhagem pesada, e uma de um rapaz pequeno, de cabelo escuro, ao colo de um adolescente. A legenda da primeira fotografia diz: *Lila Robbins, 18 anos*. A segunda diz: *Michael Robbins, 3 anos, com o seu meio-irmão, William*. Nenhum dos rostos dos rapazes é particularmente nítido, mas eu quase poderia imaginar, se a boca sombria do rapaz mais velho estivesse virada para cima num sorriso, que ele poderia parecer-se um pouco com o *stôr* Larkin.

O filho mais velho de Dexter Robbins, William, tinha quinze anos quando este artigo foi escrito. Há quatro anos, teria vinte e cinco, tal como o *stôr* Larkin tinha quando morreu. O outro rapaz, a criança que desapareceu com a mãe, teria treze anos quando o *stôr* Larkin morreu, e dezassete agora. A minha idade e a dos meus colegas.

Eu quero estar na mesma escola que o meu irmão.

Capítulo 26

Tripp

O funeral do senhor Solomon é na sexta-feira, mas eu não vou.

Também há escola na sexta, mas também não vou. Ou ao trabalho. É interessante, como podemos deixar de fazer as coisas e o mundo continua a girar. Teria sido útil saber isso antes de desperdiçar tanta energia em coisas que acabaram por não ter qualquer importância. Durante todo este tempo, podia ter estado sem fazer nada.

Fui à loja de bebidas no sábado, porque o meu pai já não tem álcool, mas a mulher atrás do balcão expulsou-me de lá à gargalhada. Ela só pode estar a gozar, porque um tipo no parque de estacionamento ficou feliz por me comprar o que eu quisesse a troco de uma nota de vinte dólares.

– Aqui tens – disse ele. – Não bebas tudo de uma vez, miúdo.

Passei a usar o meu *blazer* de Saint Ambrose como casaco, porque não me importo com o frio, mas também porque não consigo encontrar o meu casaco.

Ele só pode estar a gozar, porque *bebi* tudo de uma vez.

O pai deixa-me bilhetes. Eu não os leio. Disse-lhe que tinha febre.

Às vezes, abro o vídeo que Lisa Marie fez e vejo as capturas de ecrã do telemóvel dela e penso em enviar tudo a Shane para que o Sr. Delgado possa destruir a minha mãe e o Gunnar Fox de uma só vez. Parece que isso poderia ser satisfatório, de uma forma que nada mais consegue ser, exceto a parte em que o Sr. Delgado teria de ouvir as coisas que ela disse sobre mim.

Acho que sabia, desde muito cedo, que o Noah não era como os outros miúdos.

Lisa Marie estava a mentir, mas ao mesmo tempo não estava, que miúdo normal faria o que eu fiz e depois viveria durante quatro anos como se nada tivesse acontecido? Ainda não me lembro de ter visto o corpo do senhor Solomon, mas deve ter sido isso que finalmente me tirou do estado de negação e me atirou diretamente para o inferno.

Lisa Marie lembrou-me que é lá o meu lugar.

Na maioria das vezes, porém, eu enrosco-me no nosso sofá e durmo,

compensando todo o sono que não tive nos últimos quatro anos. Aí está uma coisa que ninguém nos diz sobre estar envolvido num homicídio: não te deixa dormir à noite.

*

– Tripp. Tripp! Mexe-me esse rabo.

Alguém me abana o ombro, com força. Resmungo e abro os olhos, mas fecho-os imediatamente quando a luz me fere a visão. Mas não preciso de ver a cara. Conheço aquela voz.

– Tresandas a álcool e estás com muito mau aspeto – diz Regina.

– Também é um prazer ver-te – murmuro.

– Com febre, uma ova. Eu sabia que estavas a mentir. *Senta-te*. – Ela arrasta-me até ficar sentado. – Fechei a pastelaria por tua causa. O mínimo que podes fazer é sentar-te.

– Não te pedi para fazeres isso.

– Não, deixaste-me ao abandono durante uma semana para poderes beber até perder os sentidos. – Ela bate-me na cara, mas não com força suficiente para me magoar. – Ouve. Sei que viste uma coisa terrível na semana passada e que te fez lembrar da outra coisa terrível que viste. Sei que a tua mãe é uma desgraça tóxica e que o teu pai se desligou há muito tempo. Tudo isso é uma pena. Mas não és a única pessoa no mundo que já passou por um mau bocado ou que está numa situação de merda, Tripp Talbot. Tens um teto sobre a tua cabeça, uma boa educação e o bom senso que Deus te deu. Isso é muito mais do que muita gente tem. Por isso, levanta-te e mexe-me esse rabo. Se vais ficar deitado o dia todo, podes fazê-lo na arrecadação e alimentar o *Al* enquanto o fazes. – Ela franze o nariz e afasta-se um pouco de mim. – Mas primeiro, toma o raio de um duche.

Ela tem razão nessa parte. O duche está atrasado, por isso subo as escadas, tiro a roupa do dia anterior e ponho a água a esquentar. Durante alguns minutos, enquanto a água bate na minha cabeça e nos meus ombros e o cheiro a sabonete e a champô me envolve, penso que talvez possa fazer o que ela diz. Seco-me, lavo os dentes e visto roupa lavada. Apesar de a minha cabeça estar a latejar e de ter as mãos a tremer, sinto-me um pouco normal. Depois olho para o espelho, para os meus olhos sombrios e para o meu maxilar com a barba por fazer, e tudo o que vejo é *ele*.

Acho que sabia, desde muito cedo, que o Noah não era como os outros miúdos.

Regina é uma boa pessoa. A melhor que conheço, e não devia ter de lidar com *ele*. Por isso, quando a ouço a entrar na casa de banho do andar de baixo, pego no meu *blazer* de Saint Ambrose, visto-o e saio pela porta da frente.

Como de costume, não sei para onde estou a ir. A minha casa fica numa rua principal, e eu atravesso a estrada sem olhar, o que faz com que um carro

se desvie de mim, e buzine alto.

– Idiota – murmuro, apesar de a culpa ter sido minha. Vem outro carro na direção oposta, mas muito mais devagar, e os faróis piscam quando se aproxima.

Conheço aquele *Range Rover*; já andei nele dezenas de vezes. A janela do lado do condutor abre-se e Charlotte põe a cabeça de fora. Está a usar um casaco branco com um capuz de pele falsa, batom vermelho vivo e tem uma expressão exasperada.

– Eu e o Shane temos andado à tua procura por todo o lado – diz ela. – Entra.

Capítulo 27

Brynn

Ellie entra na cozinha no sábado à noite, quando estou embrenhada a misturar a massa, e uso uma espátula para a bater com toda a força, porque não consigo encontrar a batedeira elétrica. Metade das nossas coisas de cozinha ainda estão encaixotadas desde a mudança de Chicago.

– O que estás a fazer? – pergunta ela, e roda o brinco.

– Estou a fazer bolachas com pepitas de chocolate – respondo, e tento limpar a testa, mas espalho a massa granulada pela cara. Depois volto a atacar a massa das bolachas. – Pensei que as podia ir entregar a casa da Nadia e do Mason amanhã. Sabes, como um gesto de amizade.

Ellie aproxima-se do balcão e tenta meter um dedo na massa, mas eu afasto-a.

– Muito bem, mas a Nadia não é alérgica ao glúten? – pergunta.

Continuo a mexer até que me apercebo do que ela disse.

– Raios – digo e deixo a espátula cair na massa. – Tens razão. É verdade. Porque é que sou tão má amiga? – Levanto a tigela como se estivesse prestes a despejá-la no lava-loiça, mas Ellie impede-me.

– Ainda as podes fazer para o Mason – diz ela. – Além de que não és uma péssima amiga. Só não prestas atenção a esse tipo de coisas.

– Mas devia – replico, encostando-me ao balcão. – Os pormenores são supostamente o meu *forte*. Como é que eu posso dizer que quero ser jornalista quando nem sequer me lembro que uma das minhas melhores amigas é alérgica ao glúten?

Ellie encolhe os ombros.

– Ser boa com livros e palavras não é o mesmo que ser boa com pessoas – esclarece ela.

– Quando é que ficaste tão sábia? – murmuro.

Mas ela tem razão em relação ao Mason; ele vai gostar das bolachas. Ele ontem chorou no ombro da Nadia durante o funeral do senhor Solomon, como se estivesse dilacerado. Quando lhe lancei um olhar interrogativo, ela sussurrou:

– Eles costumavam ser próximos. – O que parece, mais uma vez, o tipo de coisa que eu deveria saber.

– Sempre fui – afirma Ellie com naturalidade. – Só que nunca deste valor a isso até que o teu círculo social se reduziu a... – Ela olha para a cozinha com um ar expectante, como se estivesse à espera de que chegassem os convidados da festa – ...mim.

Atiro-lhe um pano da loiça e, quando ela se afasta, a saia balança e reparo como ela está gira.

– Porque é que estás toda aperlaltada? – pergunto.

– Vou ao cinema com a Paige Silverman – responde ela, e olha para o relógio do micro-ondas. – A mãe dela deve estar a chegar a qualquer momento.

– É um encontro? – pergunto.

– *Talveeee* – declara Ellie timidamente. – Se ela tiver sorte. – Uma buzina toca lá fora, e ela atira-se à tigela e tira um dedo cheio de massa de bolacha antes que eu a possa impedir. – Devem ser elas – diz ela, e leva o dedo à boca. Depois faz uma careta e cospe a massa para o lava-loiça. – Brynn, *bah!* Quanto sal é que puseste nisto? Está horrível.

– Pus o que dizia na embalagem – respondo, e pego no pacote do preparado para bolachas de chocolate que tinha deitado fora, para poder ver a parte de trás. – Uma colher de sopa.

– Deixa-me ver. – Ellie tira-me o pacote e abana a cabeça. – Um «c.» minúsculo significa «colher de chá», não «colher de sopa», sua idiota. Puseste três vezes mais sal do que devias.

– Raios – digo, e sinto uma onda de raiva enorme, antes de me aperceber de que é desproporcionada em relação à situação, mesmo quando atiro a tigela para o lava-loiça. Desta vez, Ellie não faz qualquer tentativa para me impedir.

– Compra-lhe antes uns *Chips Ahoy!* E já agora, tem uma boa noite! – diz ela a caminho da porta.

Quando se vai embora, afundo-me numa cadeira na mesa da cozinha, a pensar em todas as más escolhas de vida que fiz recentemente e que me deixaram sozinha em casa num sábado à noite, sem companhia a não ser massa para bolachas demasiado salgada. Pego no telemóvel e passo em revista as minhas mensagens, no caso de me ter escapado alguma nova, mas não me escapou. Depois abro o meu Gmail e leio novamente o artigo do *Union Leader*, apesar de já o saber de cor.

Se o *stôr* Larkin é realmente William Robbins de New Hampshire, será Michael Robbins o rapazinho, o irmão de que ele falou a Paul Goldstein? Aquele por quem aceitou o emprego em Saint Ambrose? Se for, há uma boa hipótese de o *stôr* Larkin estar a falar de um dos meus colegas de turma. Mas não deve ter entrado em contacto com ele, porque quem quer que fosse não disse nada quando o *stôr* Larkin morreu.

Continuo a estudar a fotografia do livro de curso do liceu de Lila Robbins, dividida entre achar que ela me parece familiar e pensar que gostaria

que ela me fosse familiar. Lila tinha uma beleza normal aos dezoito anos, mas quem sabe como é que ela está agora? Se ela tinha vinte e seis anos quando desapareceu há catorze anos, tem quarenta agora.

Ontem à noite pesquisei Dexter Robbins no Google, mas não consegui encontrar nenhum resultado, exceto as atas de uma reunião da Câmara Municipal, há três anos, em que ele se opôs veementemente a um aumento do imposto sobre a propriedade. Lila Robbins é um fantasma; a única menção que consegui encontrar dela foi o artigo do *Union Leader* sobre o desaparecimento dela e de Michael. Se Dexter ainda anda à procura deles, não falou com a imprensa sobre isso desde que o primeiro artigo o pintou de forma tão negativa. Lila e Michael não estão em lado nenhum. Talvez porque, como o vizinho insinuou, eles não *querem* ser encontrados.

Abro a câmara e percorro as fotografias das provas que tirei, quando tinha acesso aos ficheiros do *Motivo*. *Há a pedra ensanguentada que ainda me faz tremer*. O colar de prata que continua a confundir-me, porque nunca vi o *stôr* Larkin usar algo do género, ou qualquer outra joia. E o envelope azul-turquesa, coberto de autocolantes que...

Oh, não! Oh, meu Deus!

A lembrança abate-se sobre mim como uma onda e deixa-me igualmente sem fôlego. Agora já sei onde vi o envelope, e não foi em Saint Ambrose. Levanto-me e agarro nas minhas chaves porque, *finalmente*, há algo que posso fazer.

*

Quando Charlotte abre a porta, ela não fica nada feliz por me ver.

– Não estou a dar uma festa – diz ela, embora esteja vestida como se fosse a uma. A nossa roupa de andar por casa a um sábado à noite não é nada parecida, por isso acho que ela tem o Shane algures lá dentro. Charlotte está a usar um *top* preto brilhante por cima de umas calças de ganga; tem os lábios vermelhos brilhantes e os olhos pintados com uma sombra cintilante. Eu, por outro lado, apercebo-me que ainda tenho massa de bolachas na testa, que esfrego apressada quando a vejo a olhar para ela. – E mesmo que estivesse...

Enfio o pé na porta antes que ela a consiga fechar.

– Estou à procura do Tripp – digo.

– Não o vi – diz Charlotte friamente. Ela mente muito melhor do que Tripp, por isso até poderia ter acreditado nela se Regina não me tivesse dito que o viu entrar num *Range Rover* preto hoje à tarde. Já vi o carro de Charlotte no parque de estacionamento de Saint Ambrose, e não é o tipo de carro que costumo ver no bairro de Tripp.

– Charlotte, por favor. É importante.

– Ah, sim? – Ela ergue as sobancelhas perfeitamente modeladas. – Também era importante quando eu te pedi a morada dele, mas tu não me deste.

– Está bem, mas a sério, como é que não sabes uma coisa dessas?

– Adeus, Brynn. – Charlotte tenta fechar a porta novamente, e eu enfio o meu pé ainda mais para dentro.

– Podes dizer-lhe que estou aqui?

– Devias tentar mandar-lhe uma mensagem.

– Eu *mandei* – respondo, e sinto a frustração a aumentar. – Ele não me responde.

– Então, aproveita a dica – diz Charlotte, e desta vez consegue fechar-me a porta na cara. Depois disso, como a parte da frente da casa é toda envidraçada, fico a ver o rabo-de-cavalo dela a balançar, enquanto se afasta de mim e desaparece numa esquina.

– *Bah* – murmuro, e dou um pontapé na entrada da frente. Sabia que era um tiro no escuro, mas ainda tinha esperança de que Tripp aparecesse à porta.

Chego a meio caminho até ao carro antes de me virar e olhar novamente para a casa, com as mãos nas ancas. Tripp não estava lá dentro da última vez que fui procurá-lo a casa de Charlotte, por isso talvez não esteja lá agora também. Espreito para a lateral da casa, na esperança de conseguir entrar para o jardim por ali, mas está tudo vedado. Vagueio alguns metros até avistar uma luz acesa no barracão de Charlotte. Ou talvez não seja um barracão, afinal.

Tripp deve ter trepado a vedação para subir para o pilar de pedra onde estava sentado da última vez que o encontrei ali. Se ele consegue fazê-lo, de certeza que eu também consigo.

Mas não percebo como posso trepar a parte de ferro forjado da vedação; os espigões no topo parece que me podem empalar. O pilar de pedra parece ser uma aposta melhor, mas o rebordo na base é demasiado baixo para me dar um grande impulso. Agarro-me ao topo plano do pilar e tento cravar as minhas botas na pedra áspera como ponto de apoio, mas só consigo subir uns quinze centímetros. Assim que me tento mexer, deslizo de novo para baixo.

Aparentemente, a única forma de chegar ao topo é içar-me para uma altura gigante, e agora reconheço a falha no meu plano. Tripp é muito mais alto do que eu e tem muito mais força nos braços. Mesmo assim, tenho de tentar. Estou a agarrar-me ao topo plano do pilar, com os músculos tensos, quando uma voz me diz:

– O que *raio* estás a fazer? – E nunca é demais sublinhar isto.

Capítulo 28

Brynn

– Ando à tua procura – ofego, soltando-me do pilar e caindo sem graça no chão. Tripp está do outro lado da vedação, com uma *t-shirt* e o *blazer* de Saint Ambrose, a cara por barbear e o cabelo despenteado. – Pensei que pudesses estar... naquele barracão, ou lá o que é, por isso estava a tentar saltar a vedação. – Junto as palmas das mãos e acrescento: – Esta última parte era provavelmente óbvia.

– Pensaste em usar o portão? – pergunta Tripp, com aquele tom de voz cuidadoso que ele usa quando está a tentar parecer menos bêbado do que está. Ele estende a mão para puxar algo que está a alguns metros à minha direita, e uma parte do portão de ferro balança para fora. De repente, estou muito feliz por estar demasiado escuro para ele ver o rubor a subir-me às faces.

Como é que, tendo em conta o que vim cá fazer, ele ainda me consegue fazer corar?

– Sabes que não gosto de portões – digo, e passo antes que ele mude de ideias.

Tripp olha-me de cima a baixo com aqueles seus olhos pestanudos, e franze o sobrolho.

– Estou zangado contigo – diz ele lentamente. – Mas não me lembro porquê.

– Então não deve ser nada assim tão mau – murmuro, e bato com a biqueira da bota no chão.

– Porque é que estás aqui, Brynn? – pergunta ele.

Podia fazer-lhe a mesma pergunta, mas não sei quanto tempo temos antes de ele decidir mandar Charlotte e Shane vir atrás de mim ou de isto tudo deixar de fazer sentido.

– Preciso de falar contigo. Queres ir para o barracão por um minuto? Pareces estar com frio.

Tripp vira-se para olhar para o edifício atrás dele.

– Não é um barracão – diz ele. – É uma casa de hóspedes. E eu não tenho frio. – Ele observa-me a tremer um pouco e acrescenta: – Mas tu tens,

por isso está bem.

Quando entramos na casa de hóspedes, nem acredito que lhe chamei barracão. É linda por dentro, e a sala de estar domina grande parte do espaço, com um sofá de canto ladeado por poltronas de couro, e uma pesada mesa de café de carvalho no meio. As estantes de livros estão alinhadas numa parede e um candeeiro alto de bronze lança um círculo de luz quente e amarelada sobre o tapete de cores ricas.

Tripp cambaleia um pouco e tira o *blazer* antes de cair num canto do sofá. Dispo o meu casaco e empoleiro-me a uns metros de distância dele. Estou um pouco surpreendida com a sua falta de resistência, mas também acho que ele não estava a brincar quando disse que não se lembrava porque estava zangado comigo. É óbvio que ele não está bem, e isso faz-me sentir um aperto no peito, apesar de saber, por fim, porque é que não tenho podido confiar plenamente nele.

– Muito bem – digo. – Preciso de falar contigo porque me lembrei de uma coisa. Sobre o dinheiro da visita de estudo que desapareceu no oitavo ano. – Faço uma pausa, à procura de algum sinal de reconhecimento de que o assunto é importante para ele, e acho que não estou enganada quando o vejo a ficar um pouco mais hirto.

– Havia dois envelopes – continuo. – Um mais pequeno com o dinheiro. Foi encontrado no cacifo da Charlotte. E um maior, azul-turquesa, coberto de autocolantes, que tinha lá dentro o envelope mais pequeno e a lista de dadores. Esse nunca foi encontrado. Mas eu vi-o, depois de o dinheiro ter desaparecido. – Espero por algum tipo de reação dele, mas desta vez não há nada. – Vi-o no teu quarto, enquanto fazíamos os trabalhos de casa.

– Não, não viste – diz Tripp de imediato. Depois esfrega o polegar no indicador, e sinto uma centelha de triunfo. *Mentiroso. Apanhei-te.* Mas o sentimento de vitória morre tão depressa como surgiu, porque, de repente, Tripp tinha um bom motivo para calar o *stôr* Larkin, não tinha? Se ele roubou aquele dinheiro há anos e o *stôr* Larkin descobriu...

Não. Estou a adiantar-me. Ainda não fiz perguntas suficientes e, além disso, estou sempre a lembrar-me do que Tripp disse em casa do senhor Solomon, quando parecia estar a pensar na morte do *stôr* Larkin: «O que é que fizeste?» e não «O que é que eu fiz?» Acho que foi a voz dele crua e horrorizada na minha cabeça que me fez vir procurá-lo sem hesitar, embora nunca tivesse imaginado que insistir na verdade pudesse ser perigoso. Que *ele* poderia ser perigoso. Tenho quase a certeza de que a única pessoa para quem Tripp é perigoso, especialmente neste momento, é para si próprio.

– Sim, vi – respondo. – Eu sei o que vi. – Engulo com força e acrescento: – Roubaste o dinheiro, Tripp?

Ele passa uma mão pela têmpora, depois pelo queixo desalinhado e pela parte de trás do pescoço.

– Estou tão cansado – diz ele pesadamente.

– De quê? – pergunto eu.

– De tudo.

– Roubaste o dinheiro? – repito.

Ele deixa cair a mão no colo e diz:

– Sim, fiquei com ele. O que posso dizer? Peço desculpa. Foi uma parvoíce. – Depois volta a esfregar o polegar e sinto-me aliviada. *Adeus, Motivo.*

– Não roubaste, não – digo.

Ele arregala os olhos, surpreendido.

– Acabei de te dizer que roubei.

– E eu estou a dizer-te que sei que não foste tu. Foi a Charlotte? – Podemos começar a eliminar hipóteses, acho eu.

– Está bem, sim, foi ela. Só estou a tentar protegê-la. Ela não fez por mal. – Ele volta a mexer os dedos e é realmente chocante para mim que ele não se aperceba de que faz aquilo. De todas as vezes.

– Não – replico. Também não foi ela.

Ele franze o sobrolho.

– Que raio de jogo estás a jogar, Brynn? Tu perguntas, eu respondo e tu dizes-me que estou a mentir. Porque é que estás aqui se não acreditas numa palavra do que digo?

– Porque vou saber quando estiveres a dizer a verdade – respondo.

Tripp solta uma gargalhada forçada.

– Vais saber, não é? Porque tens poderes mágicos.

Quem é que ele está a proteger? O envelope estava em casa dele, por isso a lista de pessoas que o podem ter posto lá é pequena. Acho que podia começar a dizer todos os amigos dele, mas se calhar faz sentido começar mais perto de casa.

– Foi a Lisa Marie? – pergunto. Não acho que Tripp fosse mentir pela mãe, e, de qualquer forma, ela estava em Las Vegas, mas quero testar a reação dele.

Ele responde imediatamente, sem mexer a mão.

– Não.

– Foi o teu pai? – pergunto.

– Não – repete ele, e esfrega o polegar.

– Bingo – digo baixinho.

Ao contrário de mim, Tripp nunca foi de corar, mas agora ele fica muito vermelho e de boca aberta.

– Como é que fazes isso? – Ele arfa, demasiado estupefacto para fingir. Depois tenta disfarçar, e diz a gaguejar que estava só a brincar comigo, mas não está suficientemente sóbrio para o conseguir.

– Não vou denunciar o teu pai, Tripp. – Digo-o com uma pontada de dor, porque ter resolvido a questão do roubo pode ser uma peça-chave no *puzzle* deste mistério, mas nunca tive tanta certeza como agora: Tripp precisa de falar sobre o que aconteceu naquela altura. Só quero saber. Como é que o dinheiro foi parar ao cacifo da Charlotte?

Ele põe a cabeça entre as mãos e fica em silêncio durante um longo minuto. Estou prestes a perguntar de novo, quando ele olha para cima e diz:

– Juras que não vais contar?

Faço uma cruz no coração.

– Juro.

– Encontrei-o no fim de semana antes da morte do *stôr* Larkin, quando andava à procura de um martelo na cave – diz Tripp. – Estava debaixo da bancada de trabalho do meu pai. Soube logo o que era. Ele deve tê-lo levado durante todo o fiasco das prateleiras, sabes, quando as estava a construir para o *Urso* e depois as desfez? Levei-o para o meu quarto e tentei pensar no que fazer. Decidi levar o dinheiro para a escola e metê-lo no escritório quando ninguém estivesse a ver, mas perdi a coragem e deixei-o em casa na segunda-feira. Foi quando tu viste o envelope.

Ele cruza as mãos com tanta força que as veias dos antebraços ficam salientes.

– Também perdi a coragem na terça e na quarta-feira. Depois o *stôr* Larkin morreu e eu não fui à escola na quinta-feira. Parecia que aquele maldito envelope estava a olhar para mim durante todo o dia. Por isso, na sexta-feira, pensei finalmente: «Tenho de me livrar desta maldita coisa, chega de adiar» e trouxe-o para a escola. Achei que podia ser espertalhão e deixá-lo no gabinete do *Urso* quando ninguém estivesse a ver. Estava quase lá quando vi o polícia que ele tinha trazido para revistar os nossos cacifos. Não sabia por que razão ele estava ali, mas entrei em pânico na mesma. Tirei o envelope pequeno de dentro do grande para o poder pôr no cacifo mais próximo, que, por acaso, era o da Charlotte. Depois, passei o envelope grande pelo triturador da sala de artes.

– E nunca contaste à Charlotte? – pergunto.

– Nunca contei a ninguém – diz ele.

A minha cabeça anda à roda. É horrível que o pai dele tenha tirado o dinheiro, mas... não pode ser por isso que Tripp se tem andado a passar. Não é razão suficiente. Há mais qualquer coisa a acontecer. Estou a tentar descobrir a melhor maneira de lhe arrancar mais pormenores, quando Tripp se vira para mim.

– Foi por isso que te disse aquilo tudo – diz ele.

– Aquilo tudo... – começo, e depois percebo. – Na aula de Educação Física.

– Sim. – Ele engole com força. – Eu sabia que tinhas visto o envelope na noite anterior. Tinha medo que escrevesse sobre isso para a *Sentinela de Saint Ambrose* e que o meu pai fosse parar à cadeia. Tentei fazer com que ninguém acreditasse em ti se falasses sobre o assunto. Iam achar que estavas a inventar coisas para te vingares de mim. Ou talvez ficasses demasiado envergonhada para tentar.

– Nem sequer me apercebi que era o mesmo envelope – digo. – Só há pouco tempo.

– Fixe. – Tripp inclina a cabeça. – Ainda bem que te afastei por nada.
– Podias ter falado comigo sobre isso – digo. – Éramos amigos, lembra-te?

– Claro – responde, encolhendo os ombros. – Mas tu preocupavas-te mais com o jornal da escola do que comigo.

– Isso não é verdade! – protesto, irritada. Tripp limita-se a bufar. Quero continuar a discutir, mas... a verdade é que, na altura, era tudo branco e preto para mim. Talvez não me tivesse importado *mais* com o jornal, mas de certeza que teria sentido uma enorme necessidade de acabar a história. Provavelmente teria pensado que, como dizer a verdade é, em termos objetivos, a coisa certa a fazer, tudo acabaria bem. Por isso, limito-me a acrescentar:

– Podias ter sido menos odioso comigo na aula de Educação Física.

O olhar de Tripp está focado no círculo de luz do tapete.

– Nem sequer me lembro do que disse – murmura. Depois esfrega os dedos um no outro.

– Lembras-te, sim – replico, e ele desaba no sofá.

– Como é que fazes isso? – pergunta ele, com a voz embargada.

– Porque é que escolheste essa mentira em particular? – pergunto.

Não interessa, acho eu, mas estou curiosa.

Tripp solta uma gargalhada amarga.

– Mais vale contar-te, não é? Vais saber se eu não te estiver a dizer tudo, porque és uma espécie de feiticeira da verdade. – Passa uma mão pelo cabelo.
– Naquela altura, eu estava perdidamente apaixonado por ti, Brynn, e tinha medo de que, se não fizesse com que me odiasses tanto ao ponto de deixares de falar comigo, acabasse por te contar tudo. Havia uma pequena e estúpida parte de mim que quase *queria* dar-te aquele grande furo, porque te faria feliz. Que grande confusão, não é? Eu precisava de me livrar dessa parte.

As mãos dele não se mexem.

Fico em silêncio e Tripp ri-se outra vez.

– Por fim deixei-te sem palavras, não foi?

– Tu nunca disseste nada – gaguejo.

– Porque havia de dizer? Tu não gostavas de mim dessa maneira. E não nos podemos esquecer que eu tinha treze anos e era basicamente um desastre. Mas aí tens, Brynn. Aí está a tua verdade. Estás satisfeita?

– Não – respondo, e ele solta um suspiro. – Desculpa, mas nada disso é mau o suficiente para... tudo isto. – Aceno com a mão à volta dele. – Não vais à escola nem ao trabalho há uma semana, e tenho quase a certeza de que também não estiveste sóbrio durante esse tempo todo. Estás com péssimo aspeto. – Essa última parte não é propriamente verdade, mas ele *devia* estar horrível, e é isso que interessa. – Estás a esconder-te na casa de hóspedes da Charlotte. Não pode ser só porque o teu pai levou algum dinheiro ou porque tu... gostavas de mim e depois cortaste relações comigo. – Não consigo dizer a palavra *amor*; de certeza que aquilo foi o álcool a falar e, de qualquer modo, foi há quatro anos e éramos uns miúdos. – O que é que não me estás a contar?

O que é que fizeste? Para quem era essa pergunta? Essa é a chave de tudo e, neste momento, só consigo pensar em três pessoas: Shane, Charlotte ou o pai dele.

– Não – diz Tripp, suave mas firmemente.

– Não o quê?

– Não te vou contar mais nada – diz ele.

– Tripp, acho mesmo que tens de o fazer...

– Não acho. – O olhar dele fica subitamente mais aguçado. – Já me lembro porque é que estou zangado contigo. Trabalhas para aquele programa de televisão. Estiveste a usar-me este tempo todo, não foi?

– Não – digo. – Não estive, juro. Lamento muito não te ter contado sobre o *Motivo*. Devia tê-lo feito. Mas nunca partilhei nada do que me contaste com eles. – Ele limita-se a abanar a cabeça e eu acrescento: – Eu demito-me, Tripp. Mando um *e-mail* e desisto agora mesmo se me disseres o que aconteceu para ficares assim tão perturbado.

– Não, não mandas.

– Estou a mandar. – Abro o *e-mail* da Carly e escrevo: *Lamento imenso, mas tenho um conflito de interesses e já não posso trabalhar como estagiária no Motivo. Muito obrigada pela experiência. Agradeço a oportunidade e estarei sempre grata por ela.*

Mostro o ecrã a Tripp, mas ele faz uma careta.

– Não o vais enviar.

Respiro fundo – *aqui vai, adeus estágio, foi ótimo enquanto durou, pelo menos até à «Era do Insonso»* – e carrego em «enviar». Depois abro a minha pasta de mensagens enviadas e mostro-lhe.

– Vês?

– Isso foi mesmo estúpido – murmura ele. – Nunca disse que te ia contar nada.

– Eu sei – replico. – Mas quero que saibas que podes confiar em mim.

Ele desvia o olhar.

– Não há mais nada para contar.

Eu não preciso de ver as mãos dele para saber que ele está a mentir.

– Dá-me só uma oportunidade, Tripp. Por favor. Não achas que isso te ia ajudar a sentires-te melhor?

– Não sei – diz Tripp, com a voz vazia. – Para ser sincero, acho que nunca mais me vou sentir melhor. Acho que nem devia.

Parece que não há nada que eu possa dizer para o convencer, mas também não posso desistir. Aproximo-me até estar mesmo ao lado dele e pego-lhe no rosto com ambas as mãos, sentindo as suas maçãs do rosto afiadas e a barba suave na linha do maxilar enquanto o olho fixamente.

Tripp, se não deixares sair o que quer que seja que está dentro de ti, receio sinceramente que isso te vá matar. E em breve.

Ele afasta a cabeça, com os olhos a arderem nos meus.

– Não faças isso – diz ele roucamente. – Não me podes tocar assim

quando sabes como eu... Foda-se. – Encosta-se ao sofá, com os olhos fechados, e eu afasto a parte de mim que lhe quer perguntar: *Quando sabes como eu o quê?* Este não é o momento certo para termos essa conversa. – Estou tão cansado – diz ele. – De tudo isto.

Não digo nada, porque não consigo pensar em mais nada para dizer. Já usei todas as ferramentas do meu limitado arsenal de persuasão. Por isso, fico ali sentada, em silêncio, durante tanto tempo que acho que Tripp deve ter adormecido. Mas depois, quando estou prestes a tocar-lhe na manga para ver se adormeceu, ele diz, com os olhos ainda fechados:

– Começou mesmo antes do projeto das folhas.

Tripp

Quatro anos antes

Estou prestes a sair pela porta de Saint Ambrose, a preparar-me para me encontrar com Shane junto à floresta para o nosso projeto das folhas, quando os ouço.

– Não há engano nenhum. Alguém viu. Um miúdo acabou por contar aos pais, e os pais contaram-me.

É o *stôr* Larkin, a falar com alguém na sua sala de aula. Estou prestes a continuar a andar quando uma voz familiar me detém.

– Tens a certeza de que o miúdo estava a dizer a verdade? – pergunta o meu pai.

Paro e encosto-me à parede, apesar de não estar ninguém por perto para me ver. Fiquei até mais tarde para ter apoio extra a Matemática e já se foram todos embora há muito tempo. O meu pai nunca falou em vir à escola e não sei porque *viria*, a não ser que...

– É uma fonte fiável – diz o *stôr* Larkin. Segue-se uma longa pausa, e depois ele diz: – Estás a tentar negar? Se estiveres, posso envolver a polícia...

– Não – responde o meu pai, num tom grave. Outra pausa, até que ele acrescenta: – Não estou a negar. Eu devolvo-te o dinheiro, está bem? Até ao último cêntimo.

Merda. Merda. Merda. O meu coração começa a bater descompassado enquanto aperto a alça da mochila com mais força – a minha estúpida mochila que, mais uma vez, não tem o envelope azul-turquesa lá dentro. Esperei demasiado tempo para o devolver, e agora o *stôr* Larkin sabe. *Ele sabe*.

– Não é assim tão simples – diz o *stôr* Larkin.

– Porque não? – pergunta o meu pai.

– Porque se trata de um roubo. A direção precisa de saber, e as autoridades também.

Não, não, não, não, não, não, não, não, não.

A voz do meu pai endurece.

– Acabaste de dizer que não envolverias a polícia se eu...

– Nunca disse isso – interrompe o *stôr* Larkin.

– Vá lá, Will – diz o meu pai, e quase o consigo ouvir a engolir a raiva antes de acrescentar num tom mais calmo: – Não podemos manter as coisas entre nós?

– Não – responde o *stôr* Larkin. Curto e desdenhoso, como se nem

sequer considerasse essa hipótese.

– Não percebes o que isto vai fazer ao Tripp? Não se trata apenas do dinheiro. É...

– O Tripp não é um problema meu – diz o *stôr* Larkin no tom mais frio que alguma vez o ouvi usar. Quase nem parece a mesma pessoa.

Eles continuam a discutir e o meu estômago revira-se até que o *stôr* Larkin finalmente diz:

– Tudo isto *parece* ser um problema teu, Júnior. Não um problema *meu*. Agora, se me dás licença, tenho de estar noutro sítio.

Escondo-me atrás do armário dos troféus quando ele sai a correr.

– Não percebes, Will – diz o meu pai, com a voz rouca e quase desesperada. – Não podes fazer isto! – Ele entra no corredor, com as mãos nas ancas, enquanto vê o *stôr* Larkin a afastar-se. – Não podes fazer isto – repete num tom mais baixo.

O meu coração dispara quando contorno a esquina devagar, sem que o meu pai me veja, e afasto-me por uma porta lateral. Saio para o exterior e, quando chego ao parque de estacionamento, os meus olhos deparam-se com uma visão indesejável: o *stôr* Larkin, a caminhar precisamente para a mesma floresta onde eu devia estar. Paro, indeciso. Não me quero encontrar com ele, sobretudo depois de tudo o que acabei de ouvir. Devo voltar para dentro e falar com o meu pai? Mas a ideia deixa-me demasiado nauseado, por isso continuo a andar.

O *stôr* Larkin faz a típica coisa de adultos: em vez de saltar a vedação, caminha até aos limites de Saint Ambrose, onde há um espaço entre a vedação da escola e a de um quintal vizinho. Dirijo-me para o atalho dos miúdos, que é um pedaço de vedação baixo e descaído que é fácil de saltar. Atiro a minha mochila para lá e espero alguns minutos para me certificar de que o *stôr* Larkin está a caminho de onde quer que vá.

«O Tripp não é problema meu», disse o *stôr* Larkin. As palavras não deviam magoar tanto como magoam, porque eu tenho um problema muito maior. Amanhã, toda a escola vai saber que o meu pai é um ladrão.

A campanha toca, assinalando o fim do apoio extra em Saint Ambrose, e eu tomo isso como a minha deixa para me arrastar por entre a vedação. Depois, dirijo-me para o bosque de bétulas, onde poderei ver Shane quando ele chegar.

Shane, claro, está atrasado, e discutimos até nos separarmos. É um alívio estar sozinho, a ouvir música enquanto acrescento folhas à minha coleção, até que me apercebo que perdi a noção de onde estou. Tiro os auscultadores, volto a orientar-me ao ver o cume perto do Parque Shelto e começo a fazer o caminho de regresso a Saint Ambrose.

Depois começam os gritos.

Vou contra as árvores para seguir o barulho, e paro quando vejo algo azul por entre o castanho e o verde. O casaco de Charlotte. Ela tapa a boca com as mãos, mas estas não estão a fazer muito para lhe abafar os gritos.

Shane está ao lado dela, com uma grande pedra nas mãos e uma expressão atordoada no rosto. Está a olhar para baixo, para o chão, para...

Oh, meu Deus!

O *stôr* Larkin está deitado de costas, estranhamente imóvel, com os olhos bem abertos e a olhar para o nada. As folhas ao lado da sua cabeça estão manchadas de vermelho.

– Ele está...? – A minha voz torna-se um sussurro e aproximo-me, apesar de todas as células do meu corpo quererem fugir.

– Eu não sei o que se passa com ele – diz Shane. Ainda está a segurar na pedra que... Caramba, está literalmente a pingar sangue. As mãos de Shane estão manchadas, e eu observo horrorizado quando um salpico vermelho cai nas suas calças do uniforme de Saint Ambrose.

Talvez o stôr Larkin tenha tropeçado, penso eu. Ele tropeçou e bateu com a cabeça naquela pedra. Mas não me parece que tenha sido isso. Não me parece nada mesmo.

– Shane – digo no tom calmo que uso quando estou a tentar não assustar o *chihuahua* neurótico do meu vizinho. – O que é que fizeste?

– Nada – responde Shane com a mesma voz rouca.

– Porque é que estás a segurar nessa pedra? – pergunto.

– Es... Estava ao lado dele.

Algo brilha no chão ao lado do *stôr* Larkin. Ajoelho-me para ver mais de perto, e sinto o coração na garganta. Por um segundo não consigo respirar, não consigo fazer nada a não ser olhar para o disco de prata brilhante aninhado entre as folhas.

– Os meus leões da sorte. – É o que o meu pai lhes chama sempre que roda o porta-chaves num dedo.

Porque é que um dos medalhões do meu pai está ao lado do cadáver do *stôr* Larkin? O *stôr* Larkin tem de estar morto, certo? Não me atrevi a sentir-lhe o pulso, mas ninguém poderia estar tão quieto durante tanto tempo, a não ser que...

Charlotte continua na mesma.

– Para de gritar – digo com firmeza. – Não consigo pensar quando estás a gritar assim.

Ela começa então a ofegar, a lutar muito para se controlar, enquanto eu coloco rapidamente o disco de prata na palma da mão e o enfio no bolso. Olho de relance para Shane para ver se ele reparou, mas ele está a olhar para a pedra ensanguentada que tem nas mãos.

– Ouvi gritos – diz ele de repente. – Tipo, pessoas a discutir. Depois ficou tudo calmo e... eu vi o *stôr* Larkin. Estava ali deitado. – O meu sangue, já frio graças ao medalhão de prata, transforma-se em gelo. – Ouvi gritos – diz Shane.

Também ouvi gritos há pouco.

Uma série de imagens passa-me pela cabeça. As coisas que vi e ouvi: o meu pai e o *stôr* Larkin a discutirem, o *stôr* Larkin a barrar-lhe o caminho e a

dirigir-se para a floresta. E as coisas que imagino: o meu pai a segui-lo, a encontrar o *stôr* Larkin, a perder a cabeça e a fazer algo horrível.

Algo que não pode desfazer.

E agora? Tenho de pensar. O meu pai... Ele não tinha intenção de fazer isto, eu sei. Ele só estava a tentar... Meu Deus, ele estava a tentar proteger-me, não estava? Ele disse ao *stôr* Larkin: «Não percebes o que isto vai fazer ao Tripp?» Deve ter vindo até aqui para defender o seu caso e perdeu a cabeça no momento errado.

Foi um acidente, tenho a certeza. Mas isso não importa quando alguém está morto, pois não? Vão levar o pai e depois levam-me a mim também.

Empurro o medalhão mais para dentro do bolso enquanto procuro cuidadosamente no chão qualquer outra coisa que o meu pai possa ter deixado para trás. Quando me certifico de que não há nada, volto a minha atenção para Shane. Olhamos fixamente um para o outro e, de repente, os olhos dele ficam muito mais claros.

– Ouvi gritos – repete ele, e sinto as entranhas a revirar-se. Será que ele se apercebeu do que ouviu – ou de *quem*? Não posso deixar que ele diga as palavras e as torne reais.

– Não ouviste, não. – Não planeava dizer isto, mas assim que o faço, sei que é a atitude certa. Bem, não é a *certa* (nada disto está certo), mas é a minha única escolha. Shane não é um pensador independente. É um miúdo que vai com a maré, que fica sempre feliz por seguir a liderança de outra pessoa e, neste momento, preciso que ele siga a minha. Shane pestaneja e eu acrescento: – Sabes o que isto parece, Shane? Estás a segurar a pedra que deve ter sido usada para matar o *stôr* Larkin. As tuas impressões digitais estão na arma do crime. – Só posso esperar que as do meu pai não estejam. Mas, não. Ele estava a usar luvas quando o vi no corredor e não as ia tirar. Não deve haver nada que o ligue à cena do crime, desde que eu consiga controlar Shane.

– Não ouvi... Foi... – Shane deixa cair a pedra com um baque, assustando Charlotte de tal forma que os seus soluços ficam presos na garganta. Ela funga e limpa os olhos, enquanto Shane acrescenta: – O *stôr* Larkin já estava assim. Tudo o que fiz foi apanhar a pedra.

– Acredito em ti – digo. – Mas se andares por aí a dizer às pessoas que ouviste uma discussão na floresta que mais ninguém ouviu... – Olho para Charlotte para ver se ela me vai contradizer, mas ela continua a limpar os olhos – ... e depois tens as mãos cobertas de sangue? Vais parecer culpado. Como se estivesse a inventar coisas. – Shane engole em seco, a olhar para as mãos, e eu insisto na minha vantagem. – Podes ir parar à prisão por teres matado o *stôr* Larkin.

Charlotte fica pálida enquanto Shane engole em seco.

– A sério?

– A sério. Acontece a toda a hora – digo, como se fosse um perito em crimes em vez de um miúdo aterrorizado.

Charlotte agarra no braço de Shane, puxando-o para perto de si.

– Não podemos deixar que o Shane seja preso – diz ela com urgência, e eu agradeço rapidamente a obsessão de Charlotte por Shane. Se estivéssemos com qualquer outro miúdo, ela seria suficientemente mandona para discutir comigo e até fazer perguntas, talvez, sobre a razão de eu estar a ser tão duro. Mas Shane? Ela só quer protegê-lo.

– Não vamos – digo. – Só precisamos de uma única história e que seja simples. Dizemos a toda a gente que fomos juntos para a floresta, que não vimos nem ouvimos mais ninguém e que encontrámos o *stôr* Larkin assim. O Shane pegou na pedra sem pensar, e depois apercebemo-nos de que precisávamos de ajuda. Certo? – Os dois acenam com a cabeça. – Ótimo. Agora prestem atenção, porque os pormenores são importantes e as nossas histórias têm de ser idênticas. Eis o que vamos dizer.

Capítulo 29

Tripp

Não acredito que lhe contei.

Consegui guardar esta história durante quase quatro anos e agora Brynn Gallagher, mais do que ninguém, sabe que o meu pai matou o *stôr* Larkin e eu encobri tudo. Com um plano ingênuo, infantil e estúpido que *até funcionou*. Durante semanas, receei que a pressão se tornasse demasiado intensa para Shane e ele cedesse. Ou que Charlotte, depois de eu a ter incriminado acidentalmente com o dinheiro da visita de estudo, mudasse a história para desviar as atenções.

Mas nada disso aconteceu. Shane, Charlotte e eu tornámo-nos nas testemunhas solidárias, quase heroicas, e ninguém – provavelmente com a exceção do agente Patz – suspeitou que éramos apenas um bando de mentirosos bem ensaiados.

– Contamos a nossa história à polícia – disse eu a Shane e a Charlotte, e depois nunca mais falamos sobre isso. Nem uns com os outros, nem com mais ninguém. Assim, não dizemos acidentalmente a coisa errada.

Às vezes ainda não consigo acreditar que nos safámos com aquilo. Que nenhum de nós se denunciou, ou se cansou do fingimento, ou chegou a um ponto em que a verdade acabou por vir ao de cima, por mais que a tentássemos empurrar para baixo.

Até agora.

Não consigo olhar para Brynn, não consigo suportar a ideia da expressão que vou ver na cara dela. E então o pânico começa a infiltrar-se por todo o meu corpo, enrolando-se à volta do meu coração e pulmões até ser quase impossível respirar. Ela vai contar a alguém; claro que vai. Como é que pode não o fazer? O que é que eu fiz, o que é que eu fiz, o que é que eu fiz...

– Tripp, não! – Brynn está a abanar-me o braço. Afasto-me, ainda incapaz de olhar para ela. – Não foi isso que aconteceu. Não pode ter sido.

– A tua bússola mágica da verdade está avariada, Brynn – digo com amargura. – Aconteceu.

– Não – diz ela, puxando-me com mais força pelo braço. – Tens de me

ouvir. O meu pai e eu... nós também estávamos na escola nessa altura. Eu fiquei a trabalhar até tarde no jornal da escola e ele foi buscar-me. Só que, quando ele tentou ligar o carro, o motor não pegava. – O seu tom é apressado e urgente, as suas palavras atropelam-se umas às outras. – Então, ele saiu do carro e procurou alguém que pudesse ter cabos de bateria. Não havia ninguém no parque de estacionamento, por isso voltei a Saint Ambrose para ver se encontrava um professor e foi aí que vi o teu pai.

– Viste o meu pai? *Como?* – pergunto, com o estômago às voltas.

– Estava perto do armário dos troféus. Pedi-lhe ajuda e ele veio lá fora comigo. Tirou os cabos da mala do carro e ligou-os ao nosso carro.

– Como... A que horas é que foi isso? – pergunto com voz rouca.

– Já te disse. Foi depois da escola.

– Mas depois da escola, quando? – insisto. O meu pai sempre esteve em boa forma física e consegue andar depressa quando quer. Quando *precisa* de o fazer. Se o carro do pai de Brynn se avariou meia hora depois de o meu pai e de o *stôr* Larkin terem discutido, nada disto importa. – A que horas exatamente?

– Não sei, mas... – Brynn franze o sobrolho por uns momentos agonizantes, e depois a sua expressão desanuvia-se. – A campainha da escola tocou logo depois de eu ter pedido ajuda ao teu pai, por isso deve ter sido... quando é que isso aconteceu. Três e meia, talvez?

– A campainha da escola tocou – repito. Olho para os meus ténis, lembrando-me de como saltei a vedação logo a seguir a essa campainha, apenas alguns minutos atrás de um *stôr* Larkin muito vivo. – Tens a certeza?

– Absoluta – responde Brynn. – Porque o teu pai disse: «Parece que foste salva pela campainha», como um grande idiota. – Ela sorri, mas eu ainda não lho posso retribuir e acrescenta: – Afinal não era a bateria, por isso o meu pai chamou o reboque e o teu pai levou-me a casa. Ele ficou comigo, com a minha mãe e com a Ellie durante algum tempo, até o meu pai voltar da oficina. Ele estava lá quando a polícia telefonou. Meu Deus! – Quando finalmente olho para Brynn, o seu olhar mostra simpatia e horror em igual medida. – Como é que não sabias disso? Ele não te disse onde estava?

– Ele disse... ele disse que foi a Saint Ambrose para entregar uma fatura, e depois começou a dizer outra coisa, mas eu interrompi-o. Eu interrompi-o – digo. Sempre que o meu pai dizia qualquer coisa na esquadra, a não ser que fosse sobre mim, eu tentava interrompê-lo.

Não pude impedir que a polícia falasse com ele, por isso ele provavelmente explicou a avaria do carro nessa altura. Mas eu nunca perguntei. Durante meses, cada vez que ele tentava falar desse dia, eu afastava-o. Estava a olhar para o meu pai através de uma lente tão distorcida que tudo nele parecia suspeito e errado. Toda a minha atenção estava concentrada em garantir que eu, Shane e Charlotte tínhamos as nossas histórias bem contadas, que nunca deixava escapar que o meu pai tinha discutido com o *stôr* Larkin mesmo antes de morrer, e que ninguém sabia...

– Do medalhão – digo abruptamente. – Do disco de prata que encontrei junto ao corpo do *stôr* Larkin. Eu pensei... Podia jurar que pertencia ao meu pai.

– Bem, se calhar era dele – diz Brynn. – Ele até pode tê-lo perdido noutro dia, mas é estranho que o tenhas encontrado ali mesmo, naquele momento. – Os olhos dela ganham um brilho repentino. – Espera aí. O *stôr* Larkin estava a usar uma corrente de prata quando morreu. Estava partida, por isso... o medalhão pode ter-se soltado quando ele foi atacado. – Ela revira-se na cadeira, animada. – Ainda o tens?

– Não sei. – Assim que cheguei a casa e tive um minuto a sós, enfiei o medalhão no fundo de uma gaveta sem olhar para ele. Não o vi desde então, por isso é perfeitamente possível que ainda lá esteja, mas não consigo mudar de posição tão depressa. Não quando há tanto em jogo. – Brynn, olha, preciso que sejas... Tens de ser totalmente honesta comigo, está bem? Tens a *certeza* de que o meu pai nunca vos deixou? Em nenhum momento?

– Tenho a certeza absoluta. Eu estava com ele e os meus pais também. O meu pai disse à polícia que tinha estado no parque de estacionamento nesse dia e contou-lhes o que tinha acontecido com o nosso carro. Ele foi basicamente uma testemunha do *álibi* do teu pai. Não que alguém pensasse que ele precisava de um, porque *não precisava*. Oh, meu Deus. – As mãos dela estão agora nas minhas, a apertar com força. – Não acredito que tenhas pensado este tempo todo que o teu pai matou o *stôr* Larkin. Tudo o que tinhas de fazer era perguntar. Se ainda estivéssemos a falar um com o outro, eu ter-te-ia dito que ele nos ajudou. O teu pai pode ser um ladrão, mas não é um assassino.

Ele não é um assassino.

A história que inventei há quatro anos era apenas isso, uma história. Não era a vida real. Neste momento devia estar a sentir-me inundado de alegria e alívio, mas tudo dentro de mim está entorpecido. Não me sinto melhor. Ainda me sinto amaldiçoado.

– Mas eu encobri-o – digo. – Ou pensava que o tinha feito. Estava disposto a fazê-lo... Deixei o *stôr* Larkin ser enterrado, e nunca disse...

Estou a começar a deixar-me cair no sofá outra vez, mas Brynn puxa-me para cima.

– Não – diz ela com firmeza. – Não te tortures com um novo crime antes de te permitires aceitar que o anterior não era verdade. Tinhas treze anos, amavas o teu pai e estavas assustado. Não tinhas ninguém a não ser ele, o que é algo aterrador para uma criança. Por isso, não continues a beber até caíres no esquecimento porque decidiste protegê-lo. Isso não faz de ti uma má pessoa. Além disso, temos outro problema a considerar – acrescenta, soltando as minhas mãos como se de repente tivesse decidido que não as devia estar a segurar.

– Oh, a sério? – Solto uma gargalhada vazia. – Um problema maior do que eu ter mentido sobre o assassinio do meu professor?

– Sim – responde Brynn. – Porque o problema é o seguinte. Grande parte da razão pela qual o Shane não se meteu em sarilhos na altura, apesar das impressões digitais dele estarem por todo o lado na arma do crime, foi porque tu disseste que ele e a Charlotte estiveram sempre contigo. Que vocês os três chegaram juntos à floresta, que nunca se perderam de vista e que encontraram o *stôr* Larkin juntos. Na altura, não eras amigo do Shane, por isso ninguém achou que fosses mentir sobre o que aconteceu. Entretanto, achavas que estavas a proteger o teu pai, mas ele não precisava disso. – O meu cérebro confuso começa a compreender, e fico a olhar para Brynn quando ela termina: – Ao fim ao cabo, a pessoa que acabaste por proteger foi o Shane.

Provavelmente, há muitas coisas que eu poderia dizer quanto a isso, mas a única em que consigo pensar neste momento é:

– Bem, que se foda.

A porta da casa de hóspedes faz barulho e ambos damos um salto. Abre-se com um rangido seco, e envia uma rajada de ar gelado de janeiro na nossa direção, e pela primeira vez durante toda a semana, sinto o frio. Aparece uma silhueta, que se transforma numa figura familiar quando entra e se encosta à ombreira da porta. O seu olhar passa de mim e para Brynn, antes de finalmente se fixar em mim.

– O que é que se passa, T.? – pergunta Shane.

Capítulo 30

Tripp

– Olá – grito enquanto Brynn volta para a sua própria almofada. De repente, tenho a boca seca como um deserto, a cabeça a latejar e os músculos a doer. É como se todos os maus-tratos a que tenho sujeitado o meu corpo na última semana me tivessem finalmente apanhado. – O que estás aqui a fazer?

– A questão é o que é que *ela* está aqui a fazer – diz Shane, levantando o queixo para Brynn.

– Vim pedir desculpa – explica Brynn, e enfia uma perna por baixo dela. Nem sequer me apercebi que ela estava praticamente ao meu colo até já não estar. – Por causa do programa. E para que o Tripp saiba que me demiti. Já não estou a trabalhar no *Motivo*.

– Ainda bem para ti. Se é que isso é verdade – diz Shane, cruzando os braços. O seu rosto é como uma máscara, a sua expressão é fria e acusatória. O que será que ele ouviu? – Mas isso não explica por que razão estás aqui quando a minha namorada te mandou embora.

– A culpa é minha – digo. A minha mente pode estar lenta, mas sinto-me bastante confiante nesta afirmação. A maioria das coisas são culpa minha.

– Eu já me estava a ir embora – diz Brynn, levantando-se. Ela vira-se para mim. – Acho que devias vir comigo, Tripp. O teu pai vai ficar preocupado.

– O pai dele está a trabalhar – responde Shane antes de eu ter tempo de falar. – O Tripp está bem onde está. Eu e a Charlotte estamos a tomar conta dele, por isso, porque não te metes na tua vida?

– Ei – começo, mas Brynn já está a falar.

– Achas que «tomar conta dele» é deixá-lo sozinho num sítio com um bar totalmente abastecido? – pergunta ela, passando o braço em direção a uma mesa de apoio coberta de garrafas de licor.

– Ele queria ficar sozinho – diz Shane, com o queixo a tremer.

Pestanejo e, por um segundo, vejo o Shane de há quatro anos, mais pequeno, mas ainda um dos maiores miúdos da turma, com os olhos vazios e as mãos cobertas de sangue. *Tudo o que fiz foi pegar nele*. Durante todo este

tempo, pensei que estava a usar Shane para proteger o meu pai. Nunca me ocorreu que pudesse ser o contrário, e ainda não consigo processar isso. Ele agora está a ser um idiota, claro, mas ainda é meu amigo.

Não é?

– Isso não é o mais importante do que eu disse – responde Brynn.

– Tens muitas opiniões para alguém que não devia estar aqui – diz Shane, avançando para ela com um olhar ameaçador. Brynn dá um passo involuntário para trás, e eu consigo finalmente pôr-me de pé ao lado dela.

– Deixa-a em paz, Shane. Ela só está a tentar ajudar.

– Estás exausto, T. – diz Shane com desdém. – Ela está a usar-te.

– Não estou... Não fazes ideia do que estás a dizer. – Quem me dera. Teria sido uma maneira muito melhor de afogar as minhas mágoas. – Olha, obrigado por teres vindo à minha procura hoje. E por me teres dado algum espaço para me acalmar. Mas... – Estava prestes a dizer *A Brynn tem razão*, mas isso só o ia irritar outra vez. – Preciso de ir para casa. Tenho de falar com o meu pai.

Felizmente, Shane não tem as capacidades mágicas de Brynn para saber quando eu estou a mentir, porque aquilo é mentira. Quero dizer, tenho de falar com o meu pai eventualmente, mas... Nem sequer sei por onde começar. A nossa relação sofreu uma grande mudança há quatro anos, e voltou a mudar nos últimos cinco minutos, e ele não sabe de nada disso.

– Para dizer o quê? – pergunta Shane.

A sua voz é desafiante. Quanto é que ele ouviu? Ainda não sei dizer.

– Só para saber como está – digo. – Ele tem andado preocupado.

Shane levanta as sobrancelhas.

– E de repente preocupas-te porque...?

Porque ele não é um assassino. Surpresa! Mas tu talvez sejas?

Não. Isso é uma loucura. Só porque o meu pai não matou o *stôr* Larkin, não quer dizer que Shane o tenha feito. Estou demasiado cansado e, se ficar aqui mais tempo, vou começar a dizer algumas destas coisas em voz alta.

– Vou-me embora – afirmo. – Diz à Charlotte que agradeço...

E então, com algumas passadas rápidas, Shane fica mesmo à minha frente, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Somos quase da mesma altura, só que eu sou um pouco mais alto e ele é um pouco mais encorpado. Não sei quem ganharia numa luta, porque nunca lutámos.

– A sério? – pergunto.

– Estás a esquecer-te de quem são os teus amigos – declara Shane em voz baixa.

– Não, não estou. Só que eu tenho mais do que dois amigos.

– Nós acolhemos-te quando ninguém queria saber de ti – sibila Shane.

– Vocês *acolheram-me*? – Até me ria se ele não estivesse tão irritado. – Não sou um órfão.

Shane faz um esgar.

– Ninguém diria.

– Para! – exclama uma voz de comando vinda da porta. Shane afasta-se antes que o meu cérebro consiga processar o seu último comentário e dizer ao meu outro eu: *Sim, vamos dar-lhe uma coça por causa disto*. Charlotte avança, e eu devia agradecer-lhe, porque se eu tivesse dado um murro a Shane, ele provavelmente ter-me-ia dado uma tarefa. Mas ela olha-me fixamente antes que eu possa dizer uma palavra. – Vejo que já escolheste o teu lado – diz ela cortante.

Esfrego a têmpora dorida.

– Não há um lado, Charlotte.

Ela solta um som que é demasiado educado para ser considerado bufar. É mais como um «humf».

– Há sempre um lado. E ela tem de sair da minha propriedade – acrescenta sem olhar para Brynn.

– Vou-me embora. – Brynn dirige-se para a porta, claramente contente com a deixa.

Não me quero ir embora assim, mas começo a pensar que não vai haver uma maneira melhor, especialmente depois desta noite de revelações. Por um segundo, quando Shane e eu estávamos a olhar um para o outro, fui tomado por uma súbita e paranoica certeza de que ele não me deixaria ir embora.

– Obrigado por tudo – murmuro ao passar por eles.

A Charlotte solta mais um suspiro de desprezo.

– Até à próxima vez que te fores abaixo.

Brynn não diz nada até estarmos no portão.

– Ena – sussurra ela quando eu abro o portão e saímos. Isto foi demais. – Não respondo, e ela acrescenta, a olhar para trás por cima do ombro: – Achas que o Shane nos ouviu?

– Não sei – respondo

– O meu carro está no...

Antes que ela possa terminar, tropeço numa raiz e saio disparado a voar. Brynn tenta agarrar-me no braço e impedir-me de cair, mas só consegue cair também comigo.

– Ai. – Estremece ela, rebola para o lado e encolhe-se. Eu só fico ali deitado, demasiado desorientado para me mexer.

– Lembra-me para não te levar comigo da próxima vez que quiser fazer uma fuga rápida – diz ela, e estende-me a mão antes de acrescentar: – Anda. Sei que precisas de descansar, mas não aqui.

Agarro na mão dela e sento-me, mas puxo-a para mais perto antes de ela me conseguir puxar até eu ficar de pé.

– Ei – digo. – Obrigado. A sério. Não sei se alguma vez serei capaz de te agradecer pelo que fizeste por mim esta noite.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Como deve ser?

– Sim.

– Queres dizer *adequadamente*?

– Estou a tentar ter um momento, Brynn – resmungo.

Os olhos dela brilham.

– Mas talvez não o devesse ter no jardim da Charlotte.

– *Okay*, tudo bem. – Ponho-me de pé, ainda agarrado à mão dela. – Só quero que saibas que estou muito grato. Estou a transbordar de tanta gratidão que era capaz de te beijar.

Brynn fica paralisada, com os olhos arregalados. Ah, certo. Posso ter dito... Não, eu disse-lhe *de certeza* que já estive apaixonado por ela, por isso é possível que ela ache que eu a quero beijar literalmente. Também é possível que eu esteja a falar a sério.

Ela recupera com um sorriso irónico.

– Primeiro fica sóbrio, está bem? – diz ela. – Depois falamos.

Capítulo 31

Brynn

– Mais café, querida? – Regina aproxima-se com uma cafeteira na mão e *Al* a trotar ao lado dela.

– Sim, por favor – respondo, e ela enche-me a chávena, ignorando a chávena vazia de Tripp.

– Mais uma vez – diz ele humildemente –, peço imensa desculpa.

– O *Al* e eu perdoamos-te, mas isso não significa que estejamos prontos para falar contigo – declara Regina com frieza, no momento em que *Al* enfia o focinho na perna de Tripp a exigir festas. – Traidor – diz Regina ao cão, e depois dá mais café Tripp antes de voltar para trás do balcão.

– Obrigado por não me despedires – diz ele quando ela se afasta.

É domingo de manhã e estamos na pastelaria Lugar Feliz, mas hoje Tripp é apenas um cliente, já que Regina não quer que ele volte a trabalhar até que, como ela diz:

– Tenham passado vinte e quatro horas desde a última vez que fizeste figura de idiota.

Ele fez a barba, tem o olhar límpido, está bem vestido e cheira a algum tipo de sabonete cítrico. Toda a sua postura é tão mais leve do que tem sido desde que voltei a Saint Ambrose, que, quaisquer dúvidas que eu tivesse sobre o que lhe vim dizer, desapareceram. Aclaro a garganta e digo:

– Tripp, ouve-me. Depois de tudo o que aconteceu ontem à noite, estive a pensar, e... Tenho algumas ideias sobre o caso do *stôr* Larkin que quero falar contigo, mas só se estiveres de acordo. Preferes que desista?

– Desistir de quê? – pergunta ele.

– Do *stôr* Larkin. Do caso. De tudo.

Tripp franze o sobrolho.

– Do género, nunca mais falarmos sobre ele?

Parece-se muito com um certo pacto feito na floresta, mas não o vou dizer.

– Não falo sobre ele com ninguém, se é isso que queres – respondo.

Quando fui para a cama ontem à noite, incapaz de dormir, não parava de

pensar nas palavras de Tripp na casa de hóspedes de Charlotte: *Preocupavas-te mais com o jornal da escola do que comigo*. Ele acreditava realmente nisso, e isso provocou-me uma sensação dolorosa de arrependimento, pois eu não quero ser a mesma miúda obstinada que Tripp conheceu no oitavo ano – ou a rapariga que irrompeu por Sturgis no mês passado numa tentativa desesperada de provar si mesma o que valia. Nunca me senti tão sozinha como quando as pessoas ficaram zangadas comigo por causa do meu estágio no *Motivo*, o que já foi mau. Mas tem sido pior perceber o quanto a minha visão obtusa prejudicou os meus amigos, a minha família, mas, sobretudo, Tripp.

Essa é a parte que ainda preciso de esclarecer.

– És muito mais importante para mim do que uma história, Tripp. Lamento se nunca te demonstrei isso antes.

Tripp fica calado durante algum tempo, de olhos postos no chão.

– Também peço desculpa – diz ele finalmente. – Pelo que te disse na aula de Educação Física, obviamente, mas também por... tudo o resto. Costumava ir à campa do *stôr* Larkin algumas vezes por ano, para pedir desculpa por nunca lhe ter sido feita justiça por minha causa. Mas mesmo quando lá estava, a falar para a lápide dele, sabia que era apenas um monte de palavras vazias. Não iriam mudar nada.

– Foste visitar a campa do *stôr* Larkin? – pergunto, e o coração parte-se-me um pouco com a imagem. – Deve ter sido difícil.

– Era o mínimo que podia fazer. – Tripp faz uma careta antes de me olhar nos olhos. – Não tens de deixar cair a história, Brynn. Vai em frente. Fala-me mais sobre as tuas ideias.

– Muito bem, é o seguinte. – Respiro fundo antes de abrir o artigo do *Union Leader* no meu telemóvel. Lembras-te quando disse ontem à noite que a tua mentira protegeu o Shane, não o teu pai? – Tripp acena com a cabeça e eu explico tudo o que descobri até agora: que o *stôr* Larkin tinha um irmão em Saint Ambrose, que pode ter mudado de nome e deixado de ser «William Robbins» e que, se o fez, poderia ser filho de um homem controlador de New Hampshire cuja segunda mulher fugiu com o filho bebé e nunca mais se ouviu falar dele. – Acho que a criança que desapareceu, Michael, pode ser um dos nossos colegas de turma. A idade é a mesma, por isso comecei a tentar pensar em crianças que pudessem encaixar, e depois lembrei-me de... – Sopro o café enquanto Tripp pega no meu telemóvel. – Shane.

– Shane? – repete Tripp, com os olhos colados ao ecrã.

– Sim. Só o conhecemos desde o jardim de infância e ele não vive em Sturgis, por isso não fazemos ideia de como era a vida dele quando era pequeno.

– Ele foi adotado – diz Tripp. – Estava no sistema para adoção.

– Talvez – digo. – Ou se calhar é só uma história de fachada. – Tripp pisca os olhos, abismado, e eu acrescento: – Se calhar a Laura Delgado é, na verdade, a Lila Robbins, e ela quis esconder as identidades deles. Ela tem aproximadamente a idade certa. Tem quarenta e poucos anos.

– Tal como metade dos pais lá da escola – diz Tripp. – E há muitos miúdos em Saint Ambrose vindos de outras cidades. Miúdos com famílias de que não sabemos nada.

– Certo. Mas a questão é a seguinte... – Detesto dizer o que é óbvio à versão nova e melhorada de Tripp. – Só um deles foi encontrado ao lado do corpo do *stôr* Larkin com a arma do crime.

Tripp estuda a fotografia de Lila Robbins por uns instantes, com o sobrolho franzido.

– Esta não é a senhora Delgado – diz ele, num tom que emana certeza. – Acho que não. Mesmo que ela tenha pintado o cabelo, o nariz desta rapariga é demasiado grande.

– Os narizes podem ser mudados – replico. – E o nome «Laura» não é assim tão diferente de «Lila», se alguém quisesse mudar de nome, mas mantê-lo próximo.

– Mas o tal miúdo, o Michael Robbins, tinha asma, certo? O Shane não tem.

– Tens a certeza? Sabes tudo sobre ele?

Tripp contrai a mandíbula antes de admitir:

– Não. Nós não... não somos o tipo de amigos que contaria esse tipo de coisas um ao outro. Mas eu nunca o vi com um inalador. E ele joga lacrosse. Não se pode jogar com asma, pois não?

– Pode, se for bem gerida. Muitos atletas de elite têm asma. – Bato no queixo, pensativa. – Pode ser invisível, por isso não deve ser propriamente uma boa pista para seguir. Além disso, não é só isso. O meu tio Nick disse-me que ouviu o *stôr* Larkin e a senhora Delgado a discutir, quando o tio Nick era o assistente da nossa turma no oitavo ano.

– A discutir? Sobre quê?

– Ele não tem a certeza. Mas o *timing* é interessante, não é? Foi na mesma altura em que o *stôr* Larkin lhe podia ter dito que sabia quem ela realmente era.

Tripp solta um profundo suspiro.

– Então achas que o Shane é um miúdo que desapareceu de New Hampshire e que matou o próprio irmão?

– É só uma teoria.

– E a Charlotte está... o quê? Na boa com isso? Nunca disse uma palavra?

– A Charlotte pode não ter estado lá – digo. – Não fazes ideia há quanto tempo estavam juntos quando lá chegaste. Mas mesmo que a Charlotte tenha visto tudo, é possível que o tenha encoberto. Que ela ainda o esteja a encobrir.

Charlotte sempre foi devota a Shane; não há nada de novo nisso. O que é novo, porém – pelo menos para mim – é a obsessão deles em manterem Tripp por perto. Mas depois de o terem localizado quando ele estava mais vulnerável, deixaram-no em paz. Por um lado, pode pensar-se que lhe estavam a dar espaço. Por outro lado, pode pensar-se que não estavam tão preocupados

em *ajudá-lo*, mas sim em mantê-lo em silêncio. Parece que sempre que Tripp tem «uma noite má», como Charlotte me disse na sua festa, eles tentam mantê-lo calado.

– Mas lembras-te do que eu te contei que o Shane me disse nesse dia? – pergunta Tripp. – Ele ouviu gritos. Eu pensei que ele se estava a referir ao meu pai e ao *stôr* Larkin, mas... talvez houvesse mesmo um vagabundo. Talvez tudo tenha acontecido exatamente como a polícia disse na altura. – Ele engole com força. – Exceto, sabes, a parte em que eu encobri as provas.

– Tu acusaste o Shane de inventar os gritos – contraponho. Tripp abre a boca para protestar, mas antes que o faça, acrescento: – Eu sei que só fizeste isso para proteger o teu pai, mas talvez tivesses razão. Isso é mesmo o tipo de coisa que alguém diria se estivesse a tentar desviar as atenções. *Ouviste* gritos?

– Tinha os auscultadores nos ouvidos, estive a ouvir música durante quase todo o tempo. Não me apercebi de nada até os tirar e ouvir a Charlotte a gritar.

– Ela ouviu gritos?

– Não sei – admite Tripp. – Nunca lhe dei a oportunidade de dizer. Acabei com qualquer conversa porque queria que eles seguissem o meu exemplo.

– Há uma grande hipótese de Shane estar a mentir para se encobrir – digo. – Quer dizer, ele estava no local quando o *stôr* Larkin morreu. É algo que a Carly está sempre a dizer: *a proximidade é importante*.

– Está bem, mas se puseres as coisas nesses termos, toda a escola estava perto. – Quando inclino a cabeça, estupefacta, Tripp acrescenta: – Mais ou menos. Quero dizer, a floresta fica mesmo atrás de Saint Ambrose. As pessoas da escola vão para lá fazer caminhadas a toda a hora. Até os professores. Mas nunca ninguém suspeitou... do *Urso*, por exemplo. Ou da *stôra* Kelso.

– Da *stôra* Kelso? A sério? – pergunto, apesar de eu ter seguido um curso de pensamentos semelhante quando comecei a questionar tudo o que pensava saber sobre o caso. Perguntei-me se, porventura, não haveria uma má relação entre o *stôr* Larkin e um colega de trabalho de que nunca me tinha apercebido.

– Ou o teu tio – diz Tripp.

– O tio Nick? – FRANZO o sobrolho. – Porque é que alguém suspeitaria dele?

– Pela proximidade – repete Tripp. – Ele estava a trabalhar nesse dia?

Não quero que Tripp se distraia com algo que não interessa, só porque não quer ter esta conversa. Em vez de responder, pego no telemóvel e amplio o artigo do *Union Leader*.

– Olha, o que estou a tentar dizer é que o Shane pode ter ficado aterrorizado – explico. – O Dexter parecia ser um maníaco controlador que dominou a mulher e deixou o filho sofrer. Se o Shane tinha esta vida nova e fantástica, em que ele e a mãe se sentiam seguros com o senhor Delgado,

talvez tivesse medo que o *stôr* Larkin levasse o Dexter Robbins até eles e que tudo explodisse.

Tripp fica meio esverdeado.

– Credo. Miúdos assassinos, a safarem-se com homicídio. Estás a dizer-me que afinal o Gunnar Fox tinha razão?

– Bem, há muitas outras possibilidades a ter em conta, mas... talvez? – Ontem à noite, quando levei Tripp a casa, depois de o ter ido buscar à de Charlotte, ele contou-me do vídeo de Lisa Marie – aquele em que ela fingia acreditar que Tripp podia ter matado o *stôr* Larkin. Quando chegámos a casa dele, pedi-lhe que lhe enviasse uma mensagem a avisar que, se o vídeo viesse a público, Tripp entraria em contacto com o *Motivo* para lhes mostrar as mensagens de Gunnar a oferecer dinheiro a Lisa Marie para ela mentir. – Já tiveste notícias da Lisa Marie?

– Ainda não. – Tripp faz uma careta. – Isto é tudo tão marado. Achas mesmo que é possível? Quer dizer, o Sr. Delgado é como um cão de guarda da família. Não podia simplesmente ter mandado um monte de advogados atrás do Dexter Robbins? Aquele tipo nunca conseguiria a custódia, ou visitas, ou o que quer que fosse que preocupasse o Shane.

– Acho que não podemos ter a certeza disso – digo. – Os direitos parentais são uma grande questão, e a maneira como Lila Robbins tirou o miúdo ao pai pode ser considerada rapto, mesmo que tenha tido uma boa razão. Além disso, se a senhora Delgado é mesmo a Lila Robbins, não sabemos o que é que ela contou ao novo marido. Talvez ele ache *mesmo* que o Shane é uma criança adotada. Pergunto-me se... – Lembro-me de todos aqueles cartazes do *stôr* Larkin desfigurados. – Se calhar é o Shane que tem andado a riscar a cara do *stôr* Larkin nos cartazes do jardim memorial. Tipo, ver a presença dele na escola, depois do trauma por causa de tudo o que aconteceu na floresta naquele dia, foi demasiado para ele.

– O Shane não é o tipo de fazer *graffitis* – diz Tripp. – Se ele não quisesse ver alguma coisa, rasgava-a.

– Talvez – digo. – De qualquer maneira, isso é tudo secundário. O principal é que... – Hesito, pois não quero puxar demasiado por ele e levá-lo a pensar que não fui sincera sobre desistir do caso. Ele estava tão arrependido em relação ao *stôr* Larkin antes, que eu quero ter a certeza de que está a considerar todas as possibilidades. – Em algum momento, devias dizer a alguém que não estiveste com o Shane e a Charlotte o tempo todo. – Quase que digo *diz à polícia*, mas ainda nem sequer falámos da doação de 250 mil dólares das Propriedades Delgado à Associação da Polícia de Sturgis. Não sei em quem podemos confiar para ser objetivo em relação a este caso, mas eu apostaria primeiro na Carly.

Tripp cora.

– Eu sei – murmura ele, baixando a cabeça. – Só que ainda não estou preparado. Porque depois também teria de lhes contar que o meu pai ficou com o dinheiro, certo? E eu e ele ainda nem sequer falámos sobre isso, e...

– Está tudo bem – digo rapidamente, aliviada por, pelo menos, ele estar a pensar nisso. – Não tens de fazer nada agora.

Pego na mão dele e ela contrai-se sob os meus dedos. Solto-a imediatamente, irritada por estar sempre a esquecer-me do que ele me disse na casa de hóspedes de Charlotte: *Não... não me podes tocar assim quando sabes como eu...*

Ainda não é a altura certa para completar esse pensamento. Pergunto-me, por instantes, se alguma vez será, porque gostava mesmo de saber.

– É bom continuar a partilhar informação – digo, e deixo as palmas das mãos apoiadas nos joelhos. – Já aprendemos muito mais sobre o *stôr* Larkin do que alguma vez achei ser possível. E se conseguirmos obter respostas sobre algo que aconteceu há tanto tempo... – Endireito-me no lugar quando um novo pensamento me passa pela cabeça. – Se conseguirmos fazer *isso*, talvez até possamos obter respostas sobre... – E depois paro, apercebendo-me de que estava quase a abordar outro assunto doloroso. – Outras coisas – termino de forma vaga, antes de tomar um gole de café morno.

– Outras coisas? – Tripp olha-me com firmeza. – Não era isso que estavas prestes a dizer.

Bebo outro gole de café. Na verdade, mais uma golfada.

– Era, sim.

– Vá lá, Brynn. A partir de agora estamos a ser honestos um com o outro, certo? Que outras coisas? – Quando não respondo de imediato, ele acrescenta: – Achas que não consigo lidar com o que quer que seja, porque tenho estado em modo aterrorizado desde que voltaste para Sturgis?

– Provavelmente – admito.

– Já tirei isso do meu sistema. Eu consigo aguentar.

Lanço-lhe um olhar preocupado. *Ele não é tão forte como parece*, disse Charlotte durante o nosso confronto na biblioteca, mas, de novo... Não acredito nisso. Charlotte não faz ideia do que Tripp tem andado a carregar nos últimos quatro anos.

– Bem, acabei de me lembrar de que a única coisa de que ainda não falámos em relação ao *stôr* Larkin é... bem... O senhor Solomon – digo.

– O senhor Solomon? – Tripp recua, mais por parecer confuso, e não por se estar a lembrar de que encontrou o corpo do nosso antigo jardineiro. – Porque é que o faríamos?

– Porque a polícia não tem a certeza se ele caiu e bateu com a cabeça ou se foi empurrado. E se ele nos falou mal do *stôr* Larkin, pode ter feito o mesmo com outras pessoas. Se calhar com as pessoas erradas.

Tripp pestaneja.

– Mas foi um assalto.

– Isso pode ter sido uma distração.

– Estás a dizer... – Ele abana a cabeça com veemência. – Olha, é impossível que o Shane tenha feito mal a um velhote inofensivo, está bem? É simplesmente impossível.

– Não é isso que estou a dizer. – E não estou *seguramente* a dizer que Tripp contou aos amigos o que o senhor Solomon nos disse, apesar de saber que ele contou a Charlotte. Não lhe estou a tentar provocar uma recaída. – É que o senhor Solomon simplesmente morreu em circunstâncias misteriosas depois de nos ter falado do *stôr* Larkin, por isso... como eu disse, é bom continuarmos a partilhar informação.

Tripp fica em silêncio por momentos, depois leva abruptamente a mão ao bolso.

– *Okay*, bem, a propósito disso... Encontrei-o. – Não consigo evitar; deixo escapar um pequeno suspiro quando ele coloca um disco de prata em cima da mesa. – O medalhão. Aquele que estava ao lado de... tu sabes.

– Do corpo do *stôr* Larkin – murmuro, e ele acena com a cabeça. Pego no disco; é mais ou menos do tamanho de uma moeda e tem um pequeno buraco no topo, como se fosse para ser usado numa corrente. Tem um emblema de um cão a rosnar com as palavras «Taberna do Cão Raivoso» na frente, juntamente com «Morde Primeiro». Na parte de trás está gravado o nome «Billy», em letras grandes.

– Tinhas razão – diz Tripp. – É o nome do *stôr* Larkin, por isso deve ter sido dele. – Ele encolhe os ombros. – Quem me dera ter olhado para isto com mais atenção na altura. Ter-me-ia poupado, a mim e a toda a gente, a uma série de problemas.

– O Shane ou a Charlotte viram-te a pegar nisto?

– Acho que não.

Observo o medalhão, e franzo o sobrolho.

– Nunca ouvi ninguém chamar o *stôr* Larkin de «Billy», mas pode ter sido uma alcunha de infância. Mesmo que tenha mudado o nome de «William Robbins» para «William Larkin», ainda assim se encaixaria. O emblema do cão tem relevo, e eu passo o polegar por cima dele. – Já foste ao Google pesquisar a Taberna do Cão Raivoso?

– Não – diz Tripp e faz uma careta. – Achei que devia deixar essa parte para ti.

Pouso o medalhão, vou ao Google e escrevo o nome da taberna.

– Há algumas Tabernas do Cão Raivoso – informo-o, e percorro os resultados. – Incluindo uma em North Woodstock, New Hampshire. – Paro por momentos e bato no queixo, pensativa. – Isto fica muito perto de Lincoln, de onde Dexter Robbins é. E se... Oh, meu Deus. Achas que o Dexter podia estar na floresta naquele dia? E se foi ele que o Shane ouviu a discutir com o *stôr* Larkin?

– Se era ele, a floresta está a ficar cheia de gente. – Tripp pega no medalhão e vira-o. – Podia perguntar ao Shane, acho eu. Achas que devo?

– E quebrar o pacto? Não sei se queremos abrir a caixa de Pandora com o Shane, especialmente depois da forma como ele agiu ontem à noite. Talvez seja melhor investigarmos mais, primeiro. – Carrego no botão das direções e abro o Google Maps.

– A Taberna do Cão Raivoso fica apenas a duas horas daqui, por isso...

Tripp olha para cima com um meio sorriso.

– E então?

O meu coração bate descompassado. Procurei nas minhas memórias do oitavo ano e, naquela altura, não tinha nenhum outro sentimento por Tripp para além da amizade; por mais que gostasse dele, não pensava nele dessa forma. Mas agora é diferente, e não é só porque perco a linha de raciocínio de cada vez que ele sorri. Apesar de tudo por que passou nos últimos quatro anos – e mesmo antes disso – ele não é amargo. Continua a ter esperança, a ser trabalhador, leal e divertido, mesmo que esta última parte seja sobretudo às minhas custas.

Tiro o medalhão da mão de Tripp e prendo-o ao meu porta-chaves, depois abano o molho de chaves à frente dele.

– Então, o que achas de fazermos uma viagem de carro? – pergunto.

Capítulo 32

Tripp

A paisagem de janeiro passa pela minha janela enquanto Brynn e eu vamos até New Hampshire. Estou perdido em pensamentos, a tentar absorver tudo o que ela acabou de me contar sobre Shane, mas é impossível quando ainda não aceitei totalmente a verdade sobre o meu pai.

Não é que tenha tido medo dele nos últimos quatro anos, ou que tenha estado preocupado por ele poder ter magoado outra pessoa. Mesmo quando acreditei que ele tinha matado o *stôr* Larkin, *também* achei que tinha sido um acidente único e terrível, e que ele nunca mais voltaria a fazer uma coisa dessas. Ainda assim, a ideia de que ele o tinha feito – e de que eu me tinha tornado cúmplice ao encobri-lo – minou a nossa relação, ao ponto de eu ter passado a maior parte do secundário a evitá-lo.

Esta manhã, antes de ir ter com Brynn à pastelaria Lugar Feliz, fiz mais barulho do que o habitual ao arranjar-me, com esperança de acordar o meu pai. Pela primeira vez em anos queria falar com ele. Não sei o que lhe hei de dizer – como é que se diz a alguém que achámos que ela era capaz de fazer *aquilo*? Não sei se posso ir por aí, mas seria bom se... Não sei. Pudessem olhar para ele com outros olhos, acho eu.

Mas ele consegue dormir com tudo, e foi o que fez. Antes de sair de casa, escrevi uma mensagem a dizer: *Podemos falar um dia desta semana?*, mas apaguei-a imediatamente. Ele não saberia o que fazer com aquilo. Só o ia assustar.

Por isso, não recebo nenhuma mensagem do meu pai enquanto percorremos a estrada 93 Norte, mas as de Charlotte continuam a iluminar o meu telemóvel.

Foste muito mal-educado ontem à noite, escreve ela.

Mas ainda podes ir ao Baile de Inverno comigo e com o Shane.

A não ser que estejas a pensar em levar a Brynn.

Não sei o que pensar de Charlotte, ou do que ela realmente sabe sobre o que aconteceu naquele dia na floresta. Não faço ideia se Shane e Charlotte estavam juntos quando encontraram o *stôr* Larkin. Sempre pensei que

estavam, mas enganei-me em relação a muitas coisas. No entanto, nas suas mensagens, ela parece a mesma de sempre: um pouco arrogante, um pouco mandona e muito preocupada com a vida social de Saint Ambrose. Sinto-me confortável com essa pessoa, por isso, pelo menos por agora, vou considerar as mensagens dela pelo que são.

Não estava a planear ir ao Baile de Inverno, ou, caso fosse, levar alguém, mas...

Olho de relance para Brynn, que está a conduzir como se estivesse perdida nos seus pensamentos. Estamos em silêncio há quase meia hora, a ouvir música, mas é um tipo de silêncio bom. Daqueles que não temos de preencher com tretas, porque temos medo que se prolonguem tanto que a outra pessoa comece a fazer perguntas às quais não queremos responder.

Agora Brynn sabe todas as minhas piores verdades. Foi ela que mas arrancou e as expôs a uma luz que eu nem sequer pensava que existisse. E ela não está apenas a tolerar-me esta manhã; está a lançar-me aqueles olhares de soslaio que fazem vibrar todas as minhas terminações nervosas. Há semanas que ando a dizer a mim próprio que esses olhares não significam nada, uma vez que não é suposto eu merecer coisas boas. Mas talvez signifiquem, e talvez eu mereça.

És muito mais importante para mim do que uma história, Tripp. Se não conhecesse Brynn, isto não pareceria que ela me estava a tentar dizer alguma coisa, mas como conheço...

– A Charlotte já fala comigo outra vez – digo.

Não era bem com isto que eu queria começar, mas enfim.

– Ainda bem – responde Brynn. Ela parece estar a falar a sério, apesar de ter havido bastante tensão entre ela e Charlotte há já algum tempo. – Espero que ela não esteja ressentida contigo por causa de ontem à noite.

– Ela mandou uma mensagem sobre o Baile de Inverno – digo. *Belo início de conversa.* – Tu vais?

– Ah! – diz Brynn e fica com uma expressão cabisbaixa. – Bem, estava a planear ir com a Nadia e com o Mason, mais os seus acompanhantes, mas não sei se isso vai ser muito divertido para eles. Estão um bocado chateados comigo por não lhes ter contado do *Motivo*.

– Se calhar podias desistir outra vez – digo. – Foi um gesto do caraças. – Ela solta uma gargalhada, e eu acrescento: – Ou podias vir comigo.

Sinto uma breve pontada de culpa, porque Charlotte me tem apoiado durante estes anos, mas não estou a tentar irritá-la. Só que ela não tem o direito de escolher os meus amigos – ou a minha namorada.

Brynn desvia por breves momentos os olhos da estrada e encontra os meus.

– Estás a convidar-me?

– Estás a obrigar-me a convidar-te duas vezes?

– Não – diz ela, e põe o cabelo atrás da orelha. – Para a segunda pergunta. Sim para a primeira. Se quiseres.

– Quero – digo. Sai-me um pouco mais fervoroso do que pretendia.

– *Okay*, ótimo. – Ela dá-me um sorriso rápido e sai da estrada, anunciando: – Chegámos.

A Taberna do Cão Raivoso é um edifício cinzento e atarracado, com uma porta vermelho-escuro e um letreiro com o mesmo cão do medalhão. Há muitas *Harley* estacionadas no parque de estacionamento ao lado do edifício; são quase o dobro do número de carros. O parque de estacionamento está bastante cheio para um domingo à tarde.

– Diria que é um bar de motoqueiros? – afirma Brynn, incerta.

– Parece que sim – respondo, feliz por ter conseguido encontrar o meu casaco de inverno em vez de estar a vestir de novo o meu *blazer* de Saint Ambrose. Já vamos dar nas vistas o suficiente, se nos deixarem entrar. – Tens a certeza que queres entrar? – pergunto.

– Acabei de conduzir durante duas horas, por isso, sim – responde Brynn, desligando a ignição. Quando saímos do carro, ela acrescenta: – Quanto mais não seja, preciso de ir à casa de banho.

– Estamos por nossa conta e risco – digo, quando aparecem dois tipos e ficam a conversar, à nossa frente. Têm exatamente o aspeto que se espera de um motoqueiro: são corpulentos e estão vestidos de cabedal, com barbas espessas e cabelos curtos à frente e compridos atrás. Sinto-me nervoso, e de repente desejava que Shane estivesse ali comigo, mas assim que nos aproximamos, um deles abre a porta e dá um passo atrás.

– Minha menina – diz ele, com uma delicadeza exagerada que, se não fosse o sorriso amigável, poderia parecer que estava a gozar. – E meu senhor.

– Fica de olho na tua miúda aí dentro – diz-me o outro com um piscar de olhos. Ambos parecem achar que somos hilariantes, e possivelmente que temos doze anos.

– Isto podia ter corrido muito pior – murmura Brynn quando a porta se fecha atrás de nós.

Pestanejo, e deixo que os meus olhos se adaptem à escuridão súbita. A única luz vem das janelas, que iluminam o chão de madeira riscada. De um lado da sala estão todas as mesas de bilhar, e a maioria delas está a ser utilizada. Do outro lado há uma mistura de cabines e mesas de *cocktail* em frente a um longo balcão com as palavras *Morde Primeiro* gravadas no meio.

– Oh, é que nem pensar – diz a mulher atrás do bar quando nos aproximamos. Ela é rechonchuda, tem cabelo escuro grisalho e veste uma *t-shirt* preta justa que mostra tatuagens a sério. A que tem no antebraço direito tem desenhado *Fiona* dentro de vinhas e flores. – Não me interessa quão bons são os vossos documentos de identificação. São ambos menores de idade.

– Não estamos aqui para beber – diz Brynn, e presenteia-a com um sorriso doce. – As suas tatuagens são lindas. Chama-se Fiona?

– É o nome da minha filha – responde a mulher. – Eu sou a Rose, a dona. E tu, quem és?

– Eu sou a Brynn e ele é o Tripp.

– E o que posso fazer por vocês, Brynn e Tripp, se não estão à procura de uma bebida?

Brynn encosta-se ao balcão.

– Estava à espera de poder falar com alguém sobre o Dexter Robbins.

As sobranceiras de Rose erguem-se.

– O Dexter já não é dono deste sítio, querida.

Brynn e eu trocamos olhares, e eu tento não parecer tão chocada como me sinto. Apesar de os instintos de Brynn terem acertado em cheio em muitas coisas, sempre achei que isto era uma caça aos gambozinhos. Não estava mesmo à espera de um golpe de sorte logo à partida.

– Não faz mal – diz Brynn, e parece perturbada. – Não estava propriamente à procura dele...

Rose apoia os antebraços no balcão.

– Então porque é que perguntaste por ele?

– Bem... – Brynn respira fundo, e quase consigo vê-la a preparar-se para entrar em ação. – Sou estagiária num programa de *true crime* chamado *Motivo*, e estamos a investigar a morte de um homem chamado William Larkin.

Ela diz aquela meia-verdade com naturalidade, pelo menos para mim. Ainda não consigo perceber como é que ela descobriu as minhas mentiras tão facilmente ontem à noite.

– William Larkin? – Rose encolhe os ombros. – Nunca ouvi falar.

– Ele pode ter mudado de nome – diz Brynn, e pega no telemóvel. Vejo de relance a fotografia que ela abriu, a fotografia oficial do *stôr* Larkin em Saint Ambrose, antes de o passar a Rose. – Mas é este. Há quatro anos.

Rose, que tem mostrado uma combinação de divertimento e de aborrecimento desde que chegámos, de repente fica hirta. Os olhos dela arregalam-se quando pega no telemóvel de Brynn, e a sua expressão fica tensa.

– Isto é alguma piada? – pergunta ela.

– Não, claro que não – diz Brynn rapidamente. – Nunca brincaria com uma coisa destas. A fotografia é de William Larkin. Era o nosso professor do oitavo ano na Escola Saint Ambrose em Sturgis, Massachusetts. Descobrimos recentemente que o seu nome verdadeiro podia ser William Robbins?

Ela está a fazer um bom trabalho e parece que sabe do que está a falar, até que a sua voz fica nervosa no final.

– Billy. – Rose pronuncia o nome lentamente, ainda a franzir a testa. – O Billy morreu?

– Reconhece-o? – pergunta Brynn.

Rose engole com força e devolve o telemóvel a Brynn.

– Dei-lhe essa gravata quando ele era miúdo, como uma brincadeira. A vida dá-nos limões, sabes? Acho que ele acabou por gostar dela.

– Ele dizia que era a sua gravata da sorte – diz Brynn, e Rose fecha os olhos. – Podemos... Acha que podemos falar consigo sobre ele?

– Espera aí – diz Rose, virando-se para a fila de garrafas atrás dela. – Vocês não podem beber um copo para esta conversa, mas eu posso de certeza.

– Comprei este bar ao Dexter – diz-nos a Rose uns minutos depois, quando já estamos instalados numa cabina com um cesto de tortilhas gordurosas e algumas bebidas. Cerveja para ela e refrigerantes para nós. – Depois de se ter convertido à religião e ter decidido que beber era um pecado. O que é uma treta, se me perguntarem. – Ela levanta a garrafa. – O Jesus em que acredito beberia uma cerveja contigo.

– Ámen a isso – digo, e Brynn dá-me um pontapé por baixo da mesa.

Rose aponta a garrafa para mim.

– Contigo, especificamente, não. Jesus respeita a idade legal para se beber.

Brynn pigarreia.

– Era amiga do Dexter?

– Andávamos nos mesmos círculos – diz Rose, e encolhe os ombros. – A comunidade de motoqueiros daqui é muito unida, e o Dexter andava de mota na altura. Sempre gostei mais do filho dele do que dele. O Billy era um rapazinho querido. Mas era solitário. Não tinha mãe. Ela morreu quando ele era bebé. Ele venerava o pai como se fosse um herói, mas acho que o Dexter não lhe prestava muita atenção. Ele achava que criar filhos era trabalho de mulher, o idiota machista, por isso deixou o Billy por sua conta.

Ela leva uma batata frita à boca.

– Depois, o Dexter casou de novo, converteu-se à religião e decidiu livrar-se do Cão Raivoso. Não o vi muito depois disso, mas o Billy aparecia por vezes. Acho que ainda se sentia só. Nessa altura, o Dexter já tinha outro filho e tinha-se tornado muito zeloso em relação a ser o líder espiritual da sua nova família. Dizia-se que ele podia ter levado isso longe demais. Demasiado, até.

– Assim? – pergunta Brynn, mostrando o artigo do *Union Leader*.

Ela acena com a cabeça.

– O desaparecimento da Lila e do Mikey foi um grande acontecimento por estas bandas, até que se começaram a ouvir histórias sobre como o Dexter praticamente mantinha aquela pobre mulher prisioneira e não tratava da asma do Mikey. Depois disso, as pessoas praticamente deixaram de procurar por eles. – Ela bebe um gole de cerveja. – É uma pena que a Lila não tenha levado o Billy com ela, mas suponho que não podia. Ele não era filho biológico dela.

Brynn é que é a jornalista, mas eu também estou curioso.

– Então, quando é que o *stôr* Larkin mudou de nome? – pergunto. É estranho chamá-lo por um nome que Rose não conhece, mas chamá-lo de «Billy» seria ainda mais estranho.

– Bem, nunca soube que ele o tinha feito – diz Rose. – Deixámos de nos ver, como acontece quando os filhos crescem e têm as suas próprias vidas. Da última vez que o vi, ele andava no primeiro ano da faculdade. Passou por cá para me dar um olá rápido quando ia a caminho de outro sítio. Disse-me que

tinha cortado relações com o pai, o que me pareceu uma boa notícia, embora eu me perguntasse quanto tempo iria durar. Foi bom vê-lo, mas... – Ela perde o fio à meada e arranca um espigão da unha. – Ele estava diferente. Mais duro do que costumava ser.

– Como assim? – pergunta Brynn.

Os lábios de Rose contorcem-se.

– O Billy foi encantador, como sempre, mas a sua doçura tinha desaparecido. Se calhar a vida tirou-lhe essa doçura. Ou foi o Dexter. – Quando eu e Brynn trocamos olhares horrorizados, ela acrescenta apressadamente: – Não fisicamente, acho que não. Mas em todos os outros aspetos que contam. O Billy passou a vida a tentar impressionar o pai e a não receber nada em troca, especialmente depois de o Mikey ter nascido. O Mikey teria... talvez a vossa idade agora. – Ela olha para nós, pensativa. – Por outras palavras, demasiado novo para estar a trabalhar num programa de televisão.

– Eu sei – diz Brynn. – Para ser sincera, fui contratada, em parte, porque lhes apresentei a história do *stôr* Larkin durante a minha entrevista. Ela lança-me um olhar culpado, e eu encolho os ombros. *Águas passadas*. – Mas tem sido difícil encontrar um ângulo sobre a sua vida pessoal. Ninguém conseguiu localizar familiares ou amigos quando ele morreu. Mas não sei se procuraram muito. – Brynn franze o sobrolho e parte uma batata frita ao meio. – Quero dizer, recebemos uma dica de que ele podia ter mudado de nome.

Rose suspira pesadamente. Termos de lhe contar do homicídio do *stôr* Larkin foi, de longe, a pior parte da conversa.

– Que pena. Não fazia ideia. Nunca ouvi falar disso, nem nas notícias, nem pelo Dexter. Será que ele sabe? – Ela bebe um gole de cerveja. – Como raio é que sabias que devias cá vir, se ninguém conseguiu encontrar a família dele?

– Por causa disto – diz Brynn, tirando as chaves da mala e segurando no medalhão de prata. – Era do Larkin, mas foi apenas, enfim... – Ela olha para mim. – Só foi encontrado recentemente.

Rose estende a mão para tocar no medalhão, virando-o de modo a que a palavra «Billy» gravada fique virada para ela.

– A Lila mandou fazer isto – diz ela. – Quando o Billy fez treze anos. Ela sabia que ele adorava este sítio. Também mandou fazer um para o Mikey, mas disse que o Billy tinha de o guardar até o Mikey ser mais velho. Também encontraram esse?

– Não – respondo eu. E olho com atenção. Ter-me-á escapado alguma coisa? Acho que é possível, mas se o fiz, a polícia devia tê-lo encontrado depois. – Só um.

– Tenho de perguntar – diz Brynn, inclinando-se para a frente. – Há alguma hipótese do Dexter Robbins ter sido o responsável pela morte do *stôr* Larkin? Ele faria isso ao seu próprio filho?

– Meu Deus! – diz Rose. – Gostava de poder dizer que não. Mas o Dexter era capaz de coisas muito negras. Também nunca pensei que ele

tratasse a Lila da forma como ele tratava.

– Onde está o Dexter agora? – pergunta Brynn.

– Não sei. – Rose encolhe os ombros. – Não o vejo há anos. Da última vez que ouvi falar dele, ainda era muito ligado à igreja, mas trabalhava numa loja de penhores. Não sei como é que isso é mais piedoso do que um bar, mas tudo bem. Duvido que ele tenha mudado muito, por isso a Lila fez bem em manter-se afastada. – Ela pega numa batata frita e aponta-a para nós. – Homens como o Dexter são um ninho de vespas. Para quê mexer nele se não for preciso, certo?

Capítulo 33

Brynn

– Falhaste a saída para a um-doze – diz Tripp.

– Eu sei – respondo.

– Deixa-me adivinhar. – Ele tamborila os dedos no *tablier* do carro. – De propósito?

– Pensei apenas que, já que aqui estamos... – Viro à esquerda para o parque de estacionamento de uma zona comercial, e depois dirijo-me para uma loja em que reparei quando íamos a caminho da Taberna Cão Raivoso.

Loja de Penhores Superior.

– Vá lá, Brynn – diz Tripp quando estacionamos à frente da loja. – O que andas a tramar?

– Se calhar é aqui que o Dexter Robbins trabalha – respondo. – Fica mesmo ao fundo da rua do bar de que ele era dono.

– Estás doida? – Tripp vira-se no banco para me olhar fixamente. – Tu ouviste a Rose. Não mexas no ninho de vespas.

– Não vou tentar falar com ele, nem nada disso – digo. – Se ele ainda é tão fanático religioso como costumava ser, provavelmente nem sequer trabalha ao domingo. O que faz com que hoje seja a altura ideal para o procurar. Depois posso vir cá mais tarde, se for preciso.

– Para que é que precisas de o ver? – pergunta Tripp, e franze o sobrolho. – Não me interessa o que achas que o Shane, ou quem quer que seja, possa ter feito. Não podes mandar este tipo atrás dele. Além disso, tu própria o disseste no Lugar Feliz; talvez Dexter Robbins estivesse na floresta naquele dia. Talvez ele tenha matado o *stôr* Larkin, e nós devemos ficar bem longe dele.

– Eu vou – digo. – Só quero saber mais a respeito dele.

Tripp não parece convencido, mas tudo o que diz é:

– Bem, estás por tua conta. Deixa-me fora disso. – Hesito, perguntando-me se ele se está a arrepender de me ter dado luz verde para continuar a investigar o *stôr* Larkin, até que ele sorri para mim e me empurra ligeiramente o ombro. – Vai, já.

– Vou ser rápida – digo, abrindo a porta e saio.

Nunca tinha entrado numa loja de penhores, e esta é mais agradável do que eu esperava. É comprida e estreita, com vitrinas de vidro de cada lado e uma cabina ao fundo com um letreiro de *néon* que diz EMPRÉSTIMOS. Numa das paredes estão penduradas guitarras e na outra, prateleiras alinhadas com diferentes tipos de equipamentos eletrónicos. Já há quase uma dúzia de pessoas lá dentro, a ver as caixas, e dois empregados atrás dos balcões com t-shirts às riscas da Loja de Penhores Superior.

Uma das funcionárias é uma mulher e o outro é demasiado novo para ser o Dexter, por isso os meus ombros – que nem me apercebi que estavam tensos – relaxam quando me aproximo da mulher.

– Posso ajudar? – pergunta ela.

– Olá. Gostava de saber se o Dexter Robbins trabalha aqui?

– Não – diz ela sem um pingo de reconhecimento na expressão.

– Há outras lojas de penhores aqui perto? – pergunto.

– Mais ou menos, se estiver de carro. – A campainha da porta tilinta quando alguém entra, e os olhos dela passam por cima do meu ombro. – Mas não me compete ajudá-la a encontrá-las.

– É justo – respondo, perguntando-me quantas mais lojas de penhores conseguirei visitar antes que a paciência de Tripp se esgote.

*

Afinal a resposta é três.

– Muito bem – diz finalmente Tripp quando volto a entrar no carro depois de uma conversa amigável, mas infrutífera, com o dono do Império dos Penhores & Música. Nunca me tinha apercebido, até à última hora, do volume de negócios que as casas de penhores fazem com a venda de guitarras usadas. – Já chega. Tenho coisas para fazer e isto não nos leva a lado nenhum. Seria muito mais rápido se fosses para casa e ligasses para todas as lojas de penhores de New Hampshire.

– Isso é... uma boa ideia, na verdade – admito. – Mas posso fazer só mais uma paragem? O tipo do Império disse que há outro sítio mesmo ao fundo da rua.

Tripp encosta-se ao banco.

– Se isto conta como o nosso primeiro encontro, gostaria que ficasse registado que foi uma porcaria.

Sorrio para ele, porque fica mesmo giro quando está irritado. E também quando não está.

– Não conta – digo.

– Ótimo – diz Tripp, fechando os olhos. – Então não tenho qualquer problema em pedir-te que me acordes quando acabar.

Demoro menos de cinco minutos a chegar à loja de penhores Última Oportunidade, e o parque de estacionamento está muito menos cheio do que

os anteriores. O único outro veículo à vista é uma carrinha vermelha desbotada que está estacionada mesmo em frente à montra. Estaciono a alguns lugares de distância e Tripp abre os olhos quando um tipo alto e barbudo, com um boné de baseball vermelho-vivo e uma camisola cinzenta, sai pela porta da frente com um saco do lixo cheio. O homem atira-o para um contentor de lixo próximo, sacode as mãos e volta para dentro.

– Este sítio está a abarrotar – observa Tripp. – Esta é definitivamente a loja de penhores menos popular do centro de New Hampshire.

– Sim – concordo, sentindo-me estranhamente relutante em sair do carro. Havia algo de reconfortante no facto de as outras lojas de penhores estarem cheias; aqui sinto-me demasiado visível. Mas é a minha última paragem, por isso... – Volto já.

Não há campainha na porta, mas ela abre-se com um rangido alto e prolongado das dobradiças. O homem que levou o lixo para a rua é a única pessoa na loja, e está atrás de uma caixa de vidro que contém uma variedade de relógios.

– Posso ajudá-la? – pergunta ele, ajustando o boné de baseball o suficiente para eu reparar que o seu cabelo é escuro e salpicado de cinza, tal como a barba.

Não consegui encontrar nenhuma fotografia de Dexter Robbins na Internet, mas este tipo parece ter a mesma idade, o que faz com que não mencione o nome.

– Eu estava, *hum...* – A minha mente fica em branco quando me aproximo do balcão, por isso agarro-me ao que está mais próximo. – A pensar se compram joias?

O *Boné Vermelho* sorri.

– O gigantesco letreiro de *néon* na montra não te deu uma pista? – pergunta ele, apontando para trás de mim.

Não preciso de me virar. A placa a dizer «COMPRAMOS OURO» atingiu-me em cheio na cara quando estava a abrir a porta.

– Certo. Desculpe – digo, forçando um sorriso que ele não retribui. Levanto a manga esquerda do meu casaco, e mostro a minha pulseira de amuletos. – Quanto acha que me pode dar por isto?

– Deixa-me ver – pede ele.

Encontro os olhos dele pela primeira vez. São vazios e frios, e passam pelo meu rosto sem grande interesse. Provavelmente, consegue perceber logo que não vou vender nada, tal como eu consigo perceber que não vou aprender nada de útil aqui. Não temos qualquer utilidade um para o outro, e não gosto da vibração dele, mas mesmo assim dou por mim a estender-lhe o pulso.

Ele resmunga e acena com a palma da mão.

– Vou precisar de ver melhor do que isso.

Relutantemente, abro a minha pulseira e deixo-a cair na mão dele. Ele coloca-a sobre o balcão e tira uma lupa de joalheiro da prateleira atrás de si. Enquanto se debruça sobre a pulseira, observo a papelada espalhada que está

empilhada ao lado dele. Parecem uma série de recibos, de artigos que as pessoas deixaram ou compraram, mas estou a ter dificuldade em conseguir lê-los, virados de cabeça para baixo. Aproximo-me um pouco mais, no momento em que ele olha para cima.

– Catorze quilates – diz ele, com os olhos a brilhar. Não são castanhos como eu pensava; são cor de avelã. Como os do *stôr* Larkin. O meu coração bate descompassado quando ele acrescenta: – Parece leve. Posso pesá-la, mas provavelmente tem menos de dez gramas de ouro. Deve ter mais ou menos um e vinte e cinco.

– Ah, *okay*. Não é tanto como eu pensava. – De repente, a coisa que mais quero no mundo é ter a pulseira de volta ao meu pulso. Tiro-a de debaixo da lupa, sem me importar se estou a ser mal-educada, e pouso as minhas chaves no balcão para a poder voltar a pôr. – Obrigada por verificar, mas afinal vou ficar com ela.

Ele encolhe os ombros.

– Como queiras.

O fecho é delicado e difícil de fechar, e o *Boné Vermelho* boceja enquanto eu me debato com ele. Quando finalmente se fecha, olho para as minhas chaves e apercebo-me, com o estômago às voltas, que me esqueci de que tinha posto no porta-chaves o medalhão da Taberna do Cão Raivoso. Está pousado em cima do vidro, com o emblema do cão a rosnar para baixo, e a gravação a dizer «Billy» claramente visível. Fico hirta, com a mão ainda no pulso, e olho de relance para o *Boné Vermelho*, com esperança de que ele tenha voltado a olhar para a papelada.

Não voltou. Tem os olhos fixos no medalhão, que brilha intensamente sob as fortes luzes fluorescentes.

– Mas que... – começa ele, e franze o rosto.

Agarro nas chaves e consigo apanhá-las mesmo antes de ele o fazer. Olha para o espaço vazio onde elas estavam, depois para mim, e sinto arrepios nos braços. Os seus olhos estão semicerrados em pequenas fendas e cada linha do seu rosto parece ter sido gravada em pedra.

– Onde raio arranjaste isso? – grita ele. – Quem és tu?

Não hesito. Há um balcão a separar-nos, e vou fazer uso completo dessa barreira porque tenho a certeza absoluta de que não quero ter esta conversa. Rodo nos calcanhares e corro para a porta, abro-a e corro para carro. Quando ouço um grito atrás de mim, já destranquei as portas e deslizei para trás do volante.

Tripp está reclinado no banco, de olhos fechados, e assusta-se com a força com que bato com a porta.

– O que é que se passa? – pergunta ele, voltando a sentar-se direito enquanto eu meto as chaves na ignição. Assim que o motor pega, engato a marcha-atrás e recuo demasiado depressa. O *Boné Vermelho* já saiu da loja de penhores e começa a correr na nossa direção quando eu meto a primeira. Isso é o suficiente para me fazer virar o volante bruscamente, carregar no

acelerador e sair do parque de estacionamento.

– Brynn, mas que raio? – pergunta Tripp, e olha para trás enquanto eu passo por cima do passeio na minha pressa de chegar à estrada. – Qual é o problema daquele gajo?

A minha garganta fechou-se num ápice e não consigo falar até que um olhar pelo espelho retrovisor me assegura de que ninguém nos está a seguir. Mesmo assim, acelero bem acima do limite de velocidade, pois quero pôr o máximo de distância possível entre o meu carro e a loja de penhores Última Oportunidade.

– Acho que aquele era o Dexter Robbins – digo.

– O quê? – pergunta Tripp. – Porquê?

Meu Deus! Custa-me admitir como fui descuidada, mas...

– Pus as minhas chaves no balcão e ele viu o medalhão da Taberna do Cão Raivoso. Ele... bem... pareceu reconhecê-lo.

– Reconheceu-o como?

– Ele perguntou onde é que eu o tinha arranjado.

– Talvez ele tenha gostado dele. Até são fixes.

– Sim, só que... – A minha cabeça está a latejar e gostava de poder voltar atrás e reviver os últimos quinze minutos da minha vida; de nunca ter entrado na loja de penhores Última Oportunidade ou, pelo menos, ter posto o raio das chaves no bolso. – O lado do logótipo estava virado para baixo, e o lado com «Billy» virado para cima. Foi isso que lhe chamou a atenção. E ele estava... zangado.

– Merda – diz Tripp. – Isso não é nada bom. Viro na estrada 112 e ele acrescenta: – Mas acho que ele não nos está a seguir. Não há ninguém por perto, exceto um *Lexus*, e... – Espera que nos ultrapasse e comenta: – A condutora é uma mulher, e vai sozinha. Não lhe disseste o teu nome, pois não? Ou deixaste alguma coisa para trás?

– Não – digo, com a pulsação a abrandar. – A certa altura, entreguei a minha pulseira, porque estava a agir como se a fosse vender, mas recuperei-a.

– Então está tudo bem – diz Tripp. Ficamos ambos em silêncio durante uns instantes, até que ele acrescenta: – Conseguiu o que querias, certo? Se era ele, podes voltar a encontrá-lo.

– Acho que sim – digo, mas sei que não o vou fazer. Embora agora haja quilómetros a separar-me do *Boné Vermelho*, e o meu ritmo cardíaco tenha quase voltado ao normal, não me sinto parva por ter fugido.

Sinto que escapei a um predador, porque foi isso que ele pareceu assim que viu o medalhão. O seu comportamento mudou num instante, de aborrecido a completamente ameaçador. Por muito que queira saber o que aconteceu ao *stôr* Larkin, há um limite até onde posso ir.

Capítulo 34

Brynn

– O que é isso? – pergunta Mason quando pouso a caixa de cartão entre ele e Nadia durante o almoço de segunda-feira.

– Um diorama – respondo, girando-a para ele ver. – Do quinto ano. Lembras-te? O *stôr* Hassan pediu-nos para recriar uma cena de um livro com as pessoas com quem mais gostaríamos de ter uma aventura. Eu escolhi *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, e vocês.

– Oh, meu Deus! – diz Nadia, e ri-se enquanto espreita para o expositor. – Guardaste isto?

– Guardei. Nem imaginas a quantidade de coisas de Saint Ambrose que tenho no sótão. – Tirei o diorama ontem de um caixote, depois de ter regressado de New Hampshire, determinada a usar alguma da minha energia ainda em ebulição para o bem e não para o caos.

– Olha como eu sou giro – diz Mason, examinando-se em criança. – O meu cabelo é tão *saltitante*. – Depois, franze o sobrolho. – Espera. A Katie Christo e o Spencer Okada não estavam aqui também?

– Sim, mas o Spencer desapareceu a dada altura, e eu dei cabo da Katie no oitavo ano quando ela me começou a chamar *Trippstalker* – explico. Depois levo a mão à mochila e tiro dois *tupperwares*. Ponho o de tampa vermelha à frente de Nadia e o de tampa azul à frente de Mason. – E isto são bolachas com pepitas de chocolate. Sem glúten para ti, Nadia. Têm uma quantidade normal de sal.

– Está bem – diz Mason, com um ar intrigado. – É bom saber.

Nadia pega no seu *tupperware*.

– Para que é que é isto tudo, Brynn?

– É um pedido de desculpas – digo. – Sei que não sou a pessoa mais atenciosa, mas valorizo muito a vossa amizade. Sempre valorizei. Desculpem por não ter sido honesta em relação ao meu estágio, do qual me demiti, já agora, e espero que me possam perdoar.

– Ena, olha só para ti! Tanto crescimento pessoal. – Mason dá-me um abraço só com um braço e acidentalmente deita o mini-Mason abaixo. – *Ups*.

Mas posso ficar com isto? Gosto da minha camisola.

– É todo teu – digo e olho para Nadia com uma expressão esperançosa.

Começa-se a formar um sorriso nos seus lábios.

– Se eu te disser que deixámos de estar zangados há uma semana, podemos ficar com as bolachas à mesma?

– Sim – respondo, ao mesmo tempo que um dos maiores nós no meu estômago se desfaz. – Isso quer dizer que ainda podemos ir todos juntos ao Baile de Inverno?

Nadia revira os olhos.

– Nós íamos sempre. És tão dramática. Mas porque é que desististe do estágio?

Bah. Por muito que gostasse de ser totalmente honesta, não lhe posso contar sem entrar numa série de pormenores que prometi a Tripp que não diria a ninguém.

– É uma longa história – explico. – Já agora, tenho par para o baile. Mais ou menos.

Mason ergue as sobrancelhas.

– Isso tem alguma coisa a ver com o facto de Tripp Talbot ter finalmente reaparecido nos corredores sagrados de Saint Ambrose?

– Pode ter – respondo. – Eu encontrei-o.

Um par de bandejas tilinta ao nosso lado enquanto mais pessoas se sentam na mesa, e eu desloco o meu diorama para o lado para fazer espaço.

– Encontrei-o? – repete Nadia. Levo um dedo aos lábios quando um dos nossos novos companheiros de mesa nos lança um olhar interrogativo.

– É uma pena que te tenhas livrado da Katie, a sério – diz Mason, enfiando o seu diorama no bolso da frente da mochila. – Ela era um oráculo.

*

Dois dias depois, estou sentada na minha cama, de pernas cruzadas, depois das aulas, a organizar os meus apontamentos sobre o caso do *stôr* Larkin. Sinto-me muito mais calma do que quando conheci o suposto Dexter, ao ponto de quase achar que exagerei. *Quase.* Mas não o suficiente para ligar para a loja de penhores Última Oportunidade e confirmar que ele trabalha lá.

Ellie entra e atira-se dramaticamente para o meu lado, passando um braço pela cara.

– A mãe vai ser acompanhante no baile de sábado – geme ela.

– O quê? – pergunto, com os olhos fixos no meu portátil.

– Eles estavam com falta de pessoal, então a Associação de Pais ligou-lhe e ela concordou – diz Ellie, e suspira. – Que estranho.

– A sério? – pergunto, dando-lhe toda a minha atenção. Os meus pais e o tio Nick têm sido mais reticentes a aceitar as minhas desculpas do que Tripp e os meus amigos, mas talvez isto seja um sinal de que a mãe, pelo menos, está a ceder. – Isso é ótimo. O que é que ela disse?

Ellie faz uma careta.

– *Hum*, que ia? Não foi propriamente uma conversa longa. Encurtei-a para poder vir aqui à procura de alguma solidariedade, mas desiludiste-me com a tua atitude estranhamente alegre. – Ela apoia-se num cotovelo para espreitar para o meu portátil. – O que é que tem de tão interessante?

Volto a abrir a fotografia de Lila Robbins, aos dezoito anos.

– Parece-se com a senhora Delgado? Nem que seja um bocadinho?

Ellie vira-se para olhar para o ecrã.

– Ela faz-me lembrar alguém – diz Ellie por fim. – Mas como tantas outras pessoas. Ela tem uma dessas caras. Podia ser a senhora Delgado, acho eu, mas já não a vejo há algum tempo. Contaste tudo isto à Carly?

– Não – respondo. – Ela quer encontrar-se comigo para a semana, mas é complicado. Não era suposto eu ter visto o artigo do *Union Leader*, lembraste? Além disso, o Tripp não está pronto para contar que o pai roubou o dinheiro, mas se não falar sobre isso, também não pode explicar que não sabe o que o Shane e a Charlotte podem ter feito ao *stôr* Larkin antes de ele lá chegar.

Contei a história toda à Ellie – depois de Tripp me ter autorizado – porque ela já sabia tanto que eu tinha medo de deixar escapar alguma coisa. Além disso, expliquei-lhe, ele podia encarar isso como um treino: outra pessoa sabe a verdade e o mundo não acaba. Ellie levou tudo na boa, como sempre faz, e tem-me ajudado a pensar desde então.

– Uma teia emaranhada – diz Ellie.

– Sem dúvida – suspiro, e fecho a tampa do portátil.

– Seria útil saber quem é que vandalizou as fotografias do *stôr* Larkin? – pergunta Ellie, puxando a ponta da trança.

– Sim, claro – respondo. – Mas a *stôra* Kelso já desistiu. Nem sequer põe mais cartazes da comissão.

– *Hum* – faz Ellie. Os olhos dela brilham de uma forma que não me agrada, mas antes que eu possa perguntar-lhe do que está a falar, ela levanta-se e dirige-se à minha cómoda. – Tens cruces ou, tipo, rosários? – pergunta. – Estou a pensar num tema à Madonna dos anos oitenta para o baile.

– Não tenho – respondo, e pego de novo no meu portátil.

– Só joias volumosas, certo?

– Leva o que conseguires encontrar – digo, navegando novamente para a fotografia da turma de finalistas de Lila Robbins. Fechá-la e reabri-la tornou-se uma espécie de hábito, porque sempre que o faço, espero que *este* seja o momento... o momento em que posso dizer com a certeza absoluta que ela é a mãe de Shane. Mas a certeza continua a escapar-se-me, apesar de que, ao estudar o seu rosto mais uma vez, tenho mais certeza do que nunca de que a conheço.

Só não sei *como*.

Capítulo 35

Tripp

– Tripp! – A voz que vem da nossa cozinha assusta-me quando chego a casa da escola na quarta-feira à tarde, porque estou habituado ao silêncio quando abro a porta da frente. – Queres vir aqui explicar-me isto?

Provavelmente não. Não sei porque é que o meu pai está acordado ou porque é que está a gritar, mas isso nunca é uma boa coisa.

– O que se passa? – pergunto, deixando cair a mochila no chão e encostando-me à ombreira da porta da cozinha. Depois, fico hirto, porque mal consigo ver o meu pai por detrás das garrafas de álcool vazias que ele tem alinhadas diante de si na mesa da cozinha – as que eu esvaziei na semana passada e voltei a enfiar no armário debaixo do lava-loiça, com o pensamento nebuloso de que um dia as iria substituir. Deixei a cerveja que ele guarda no frigorífico intocada, por isso achei que ele não ia reparar em mais nada.

– O que se passa é que fui à procura do desentupidor de canos quando cheguei a casa esta manhã e encontrei isto – diz ele. – E nenhuma destas garrafas foi bebida por mim.

– Pois, sim – respondo, esfregando a parte de trás do pescoço sem saber o que fazer. Além disso, as palavras falham-me, porque o meu pai parece pronto a explodir, e isso nunca é bom.

– *Sim?* – repete ele. – Agora andas a assaltar o meu armário das bebidas? Quando eu não respondo, a expressão dele fica ainda mais carrancuda. – O que raio se passa contigo, Tripp? Estas garrafas estavam cheias na semana passada. Fizeste uma festa ou assim, ou... – Ele interrompe-se, com a compreensão a surgir no seu olhar. – Ou bebeste isto tudo sozinho? Estiveste no sofá a semana passada toda. Ao menos estavas doente?

Adiei o máximo que pude, mas acho que é agora que vamos fazer isto.

– Não estive doente – admito, deixando-me cair numa cadeira à frente dele. – E sim, bebi tudo sozinho.

– Credo, Tripp. – Ele ainda parece zangado, mas agora mostra também sinais de preocupação. – Por que raio fizeste isso?

– As coisas não têm corrido muito bem – respondo.

Ele solta uma gargalhada áspera, e passa a mão pelo queixo.

– Parece que isso é um eufemismo. Não sabia que... – Ele pega numa das garrafas e vira-a na mão, olhando para o rótulo como se lá estivesse alguma resposta. – O que é que eu não sabia?

Eu engulo com força.

– Lembras-te quando o *stôr* Larkin morreu?

O meu pai pestaneja. O que quer que ele estivesse à espera de que eu dissesse, não era aquilo.

– Claro que me lembro.

– Bem, tem havido muita coisa a acontecer à volta disso ultimamente. Projetos de homenagem na escola, e alguns programas de televisão a investigar o assunto...

– Espera, o quê? A sério?

Isso é outra conversa, mas precisamos de ter esta, primeiro.

– Sim, a sério. Tenho andado a pensar muito sobre o que aconteceu naquela altura, e a questão é que, pai... – Olho para os seus olhos cansados e intrigados. *Estamos mesmo a fazer isto.* – Eu sei do dinheiro da visita de estudo.

Ele inclina a cabeça, perplexo.

– O dinheiro para a visita de estudo... – Um lampejo de compreensão atravessa-lhe o rosto, juntamente com uma emoção que não consigo decifrar. – Exato. O dinheiro roubado – termina ele.

– Sim. *Hum*, bem, eu encontrei-o aqui. Debaixo da tua bancada de trabalho. – Não consigo olhar para ele quando digo esta parte, por isso fico a olhar para o linóleo estalado. – E tentei levá-lo para a escola, mas fiquei nervoso e pu-lo no cacifo da Charlotte, e foi aí que o *Urso* o encontrou.

– Ah! – diz o meu pai, com a voz carregada de arrependimento. – Perguntei-me se terias sido tu a levá-lo para Saint Ambrose, mas nunca me disseste nada, por isso esperei que tivesse sido... Bem. Mas acho que isso seria esperar demais. – Levanto finalmente os olhos, porque não compreendo a reação dele, e o meu pai acrescenta: – Mas porque é que isso te deixou tão perturbado, passado tanto tempo?

– Aconteceu aquilo com o senhor Solomon, e...

– Oh, meu Deus, claro. – O meu pai fica ruborizado e, pela primeira vez desde que começámos a falar, parece envergonhado. – *Claro que sim.* Caramba, tu viste o pobre coitado morto na sua sala de estar, e eu deixei-te a cuidar de ti próprio, não foi? – A voz dele fica áspera. – Desculpa, Tripp. Habituei-me demasiado a achar que és bom a cuidar de ti. Eu também teria bebido um armário inteiro de álcool.

Por breves momentos penso *na verdade*, e estou prestes a dizer-lhe qual é o verdadeiro problema e aquilo que acreditei que ele tinha feito durante quase quatro anos. Depois, deixo o momento passar, porque não consigo imaginar nenhum cenário em que ele não fique destroçado com essa informação. Em vez disso, digo:

– Só quero perceber porquê, pai. Porque é que tiraste o dinheiro? Quer dizer, eu sei que nos pode sempre dar jeito, mas não estamos...

– Tripp – O meu pai interrompe-me. – Eu não o tirei.

Olho para ele, confuso.

– Mas acabaste de dizer...

Só que ele não disse que o tinha tirado. Ele disse: *Perguntei-me se terias sido tu a levá-lo para Saint Ambrose, mas nunca me disseste nada, por isso esperei que tivesse sido... Bem. Mas acho que isso seria esperar demais.*

Claro. Claro.

– Foi a Lisa Marie? – pergunto.

Ele acena com a cabeça.

– Ela tirou-o durante o vosso concerto da primavera. Eu não sabia disso na altura, claro. Era suposto ela ir-se embora no dia seguinte, mas não foi. Ficou mais uns dias em casa da Valerie. – O maxilar dele contrai-se. – Encontrei-me com ela no supermercado uma semana depois, o que me irritou, porque ela mal passou tempo contigo enquanto aqui esteve. Fui a casa da Valerie para lhe dar uma palavrinha e ela tinha o raio do envelope enfiado na mala. Não o tentou sequer esconder, apesar de todos os pais da escola já saberem que ele tinha desaparecido.

Fico a olhar para ele, sem palavras, enquanto ele continua:

– Por isso trouxe-o para casa. Estava a tentar descobrir a melhor forma de devolver o dinheiro, quando ele desapareceu e apareceu na escola. Disse a mim próprio que a tua mãe devia ter mudado de ideias, que tinha vindo pedir desculpa quando eu não estava em casa e que tinha pegado no dinheiro e o tinha devolvido.

O pai solta uma gargalhada sem graça ao ver a minha expressão.

– Sim, eu sei. Isso é tão provável como os porcos aprenderem a voar, mas eu queria acreditar. Sobretudo porque a única outra opção era que tu o tivesses encontrado, e eu não queria ter essa conversa contigo. Lamento, Tripp. – Ele inspira profundamente. – Evitei muitas conversas difíceis contigo ao longo dos anos.

– Mas... – Estou a remexer nas minhas memórias, a tentar dar-lhes sentido. – O *stôr* Larkin... estava a investigar o roubo e... – Não. Não posso dizer ao meu pai que ouvi aquela discussão; isso vai aproximar-nos demasiado da verdade daquilo em que eu estava disposto a acreditar.

No entanto, o pai pega no assunto sem que eu tenha de acabar.

– Ele sabia que tinha sido a tua mãe. Um miúdo viu-a e contou. Tentei convencer o Will a ficar calado. Não só porque seria difícil para ti na escola se as pessoas descobrissem que a tua mãe tinha ficado com o dinheiro, mas também... só conseguia pensar em como tu ficarias magoado se soubesses que ela esteve sempre por perto e que nunca passou por cá para te ver. Mas o Will não cedeu. Na altura, fiquei furioso com ele, mas, olhando para trás, é claro que ele tinha razão. – O meu pai suspira. – Depois ele morreu antes de poder dizer alguma coisa, e eu optei pela saída dos cobardes e fiquei calado.

Ele *ficou calado*. Esse é o pecado mais grave do meu pai. Não é homicídio, nem sequer roubo. Ficou calado porque não queria que eu soubesse como a minha mãe se importava pouco comigo. O que nem sequer entra na minha lista mental de «Razões pelas Quais a Minha Vida É Uma Merda», porque na semana passada ela mostrou-me convenientemente quem ela é. A única surpresa foi que ela não estava a mentir no Atirador quando me disse que estava na cidade quando o *stôr* Larkin morreu.

– Sinto muito – digo. – Não devia ter pensado que tinhas sido tu.

– Porque não? – pergunta o meu pai. – Nunca te contei o que se estava a passar. O que era suposto pensares, quando encontraste o dinheiro em nossa casa? A verdade, Tripp, é que há muito tempo que não sei o que te dizer sobre a tua mãe. Não a compreendo. Nunca consegui entender porque é que ela age como age, por isso deixei de tentar. Só que essa falta de esforço, estendeu-se a quase tudo na minha relação contigo e... aqui estamos nós. – Ele bate numa das garrafas vazias com os nós dos dedos. – Tu faltas uma semana às aulas, bebes um armário inteiro de bebidas fortes, e eu nem reparo. Não tens de te arrepende de nada, mas eu tenho. Eu é que sinto muito.

– Por acaso, até tenho.

Por acaso. Aqui está o momento de novo. Na verdade, pai, pensei que tinhas feito algo muito pior do que roubar, e foi por isso que te ignorei durante quatro anos e passei todos os momentos em que estava acordado a tentar sair de Sturgis e a afastar-me o mais possível de ti.

– Não, não tens – diz ele enfaticamente, com mais brilho nos olhos do que eu via há muito tempo. – Não te vou deixar sentir mal por nada disto, Tripp. Eu sou o adulto nesta situação e tu és o miúdo. Pelo menos um dos teus pais devia deixar-te ser o miúdo. Mais vale tarde do que nunca, certo?

Não me sinto um miúdo desde aquele dia na floresta e não me parece que seja o tipo de coisa que se possa recuperar. Mesmo assim, encontro o seu olhar, engulo em seco e digo:

– Certo.

– Muito bem – diz o meu pai. Levanta-se e pega em todas as garrafas vazias. – Que tal pôr estas para reciclar e encomendarmos o jantar no Golden Palace?

Ele vira-se para mim com um sorriso cansado e hesitante, que eu retribuo.

– Parece-me ótimo – respondo.

O momento passa de novo. Desta vez talvez para sempre.

Capítulo 36

Brynn

– Como é que eu estou? – pergunta Ellie, e faz uma pose à minha porta.

– Gira. E por acaso pareces mesmo a Madonna – respondo, calçando os meus sapatos. A minha irmã está a usar um vestido preto esvoaçante e botas, o cabelo está despenteado e tem uma pilha de colares de prata à volta do pescoço. – Explica-me lá outra vez *porquê* a Madonna?

– Estava a ver todos os álbuns antigos que o tio Nick trouxe para a noite dos anos oitenta e inspirei-me. Além disso, quando se é a Madonna, as pessoas esperam que se dance com elas. – Antes que eu possa perguntar porque é que isso importa (a minha irmã nunca teve vergonha de dançar com quem quer que seja) ela entra no meu quarto e acrescenta: – Estás linda. Nós somos, tipo, os opostos. O bem e o mal.

O meu vestido é curto, cintilante e prateado, e o meu cabelo está liso. Por isso, sim, contrastamos uma com a outra, mas tenho a certeza de que ninguém vai confundir Ellie com a malvada irmã Gallagher. Tenho tentado manter-me discreta durante toda a semana, mas as memórias em Saint Ambrose duram mais do que aquilo que Nadia disse. Pelo menos não vou enfrentar o Baile de Inverno sozinha.

– Tens a certeza de que não queres vir connosco? – pergunto. Tripp deve estar a chegar, e depois Mason vem buscar-nos na carrinha da mãe dele juntamente com Nadia, Pavan e o lendário Geoff.

– Não, o tio Nick leva-me – diz Ellie. A minha mãe apanhou uma grande constipação e está a tomar *Ibuprofeno*, por isso o tio Nick abdicou heroicamente da sua noite de sábado para ser o acompanhante no lugar dela. Fez-me rodopiar numa dança de totós quando nos contou, por isso acho que finalmente fui perdoada. – Ele tem de chegar cedo, e a Paige faz parte do grupo, por isso posso ajudá-la a acabar de preparar tudo. – Ela atira-me um beijo e pega no saco que tem a seus pés antes de se virar para as escadas. – Vemo-nos lá.

– Até logo – digo, e volto a ligar o alisador para uma última passagem pelo cabelo.

Quando acabo de me arranjar e desço as escadas, o meu pai está a pairar no corredor.

– Já não vejo o Tripp há algum tempo – diz ele, ajeitando os óculos. O pai e o tio Nick são como Ellie e eu; são tão parecidos que, se tivessem idades mais próximas, seriam confundidos um com o outro. O tio Nick é basicamente uma versão mais jovem do meu pai, com mais cabelo e uns óculos mais modernos. – Vai ser bom pôr a conversa em dia.

Meu Deus! A ideia do meu pai de «pôr a conversa em dia» com os meus amigos é fazer piadas sobre ciência que não têm piada para ninguém, exceto para ele.

– Acho que tenho de ir ter com ele lá fora – digo, olhando para o telemóvel. Tripp acabou de entrar na nossa entrada – ele está com o carro do pai esta noite – e o Mason vem apenas alguns minutos depois.

– Vou cumprimentá-lo rapidamente – diz o meu pai, acompanhando-me passo a passo até à porta.

– Pai... – O meu protesto é interrompido quando a campainha toca.

– Sempre soube que o miúdo tinha maneiras – diz o meu pai, a sorrir, quando abre a porta e revela Tripp num fato azul-marinho, com o cabelo louro mais bem penteado do que alguma vez vi. – Olá, Tripp, entra. É muito bom ver-te.

É muito bom vê-lo, porque ele está lindo. Shane Delgado pode ser o rei de Saint Ambrose, mas Tripp é sem dúvida uma concorrência forte com o fato que tem vestido. Os seus olhos azuis brilham enquanto ele me observa, antes de desviar o olhar para o meu pai.

– Olá, senhor Gallagher. Como tem passado? – Depois volta a olhar para mim de novo. – Estás fantástica, Brynn.

– Tu também – digo, e coro enquanto pego no meu casaco.

O pai pergunta a Tripp como está o pai dele e como vai a escola, e é tudo tão fácil que eu nem sequer tento passar pela porta ainda aberta, quando vejo os faróis por trás do carro de Tripp.

– O Mason chegou – digo. – É melhor irmos andando.

– Diverte-te. Tem cuidado. Avisa o teu tio se precisares de alguma coisa – diz o meu pai. Já estamos a meio dos degraus quando ele acrescenta: – E faças o que fizeres, não confies nos átomos.

– Pai, não! – gemo, ao mesmo tempo que Tripp pergunta:

– Porquê?

– Porque eles inventam tudo! – responde o meu pai, antes de fechar a porta com um sorriso satisfeito.

– Esteve quase – suspiro.

– Sabes, até tive saudades das piadas dele sobre ciência – diz Tripp. Ele pega na minha mão, o que é uma boa surpresa, quando a porta da carrinha se abre e Pavan põe a cabeça de fora.

– Vocês ficam com a volta – diz ele. – Desculpem.

– Vocês não andaram um com o outro em tempos? – murmura-me Tripp

ao ouvido. – Devo ter ciúmes?

– Deves – murmuro de volta. – O Pavan era muito agradável quando tínhamos doze anos.

– Mais do que eu, pelo menos – diz Tripp, segurando-me na mão enquanto tento entrar, um pouco atabalhoada, na carrinha demasiado alta para mim.

Mason e Geoff, que está sentado no banco da frente, viram-se quando Tripp e eu nos apertamos no banco de trás.

– Vocês estão muito bonitos – diz Mason. – Conhecem o Geoff, não conhecem?

– Claro. – Aceno a Geoff, que me faz lembrar o Chidi da série *The Good Place* em adolescente, antes de olhar para uma Nadia sorridente. Depois faço o gesto de fechar a boca com os dedos, porque não há razão para envergonhar Mason no seu primeiro encontro.

– Também me podem chamar Gorff – diz Geoff, e quase me engasgo com a minha gargalhada de surpresa.

– Esta noite vai ser mesmo boa – diz Mason enquanto se afasta da minha casa.

Espero que sim. Sinto-me leve e feliz pela primeira vez em algum tempo, já para não dizer que estremeço de cada vez que os meus olhos encontram os de Tripp. Ele pega de novo na minha mão e afaga ao de leve com o polegar a minha palma, enquanto brinca com Pavan e Nadia, e eu fico toda arrepiada, apesar de estar quente na carrinha.

Não é que de repente tudo seja perfeito. Preocupa-me que, ao estar comigo esta noite, Tripp esteja a arriscar amizades que significam muito para ele, e estou nervosa por ver Shane e Charlotte. Mas vou tentar esquecer tudo isso, bem como todas as minhas teorias, e simplesmente divertir-me. Seria um crime desperdiçar como Tripp fica giro naquele fato.

O parque de estacionamento de Saint Ambrose está quase cheio quando chegamos e Mason tem de travar a fundo quando uma carrinha vermelha se atravessa à nossa frente para ficar com um lugar vazio.

– Okay, tudo bem – murmura ele, virando a carrinha e passando atrás de meia dúzia de colegas que se dirigem para a entrada. – Não sabia que estacionar ia ser um desporto competitivo.

– Ali – diz Nadia quando um *Volvo* sai de um lugar próximo.

Mason passa cuidadosamente por entre as filas e solta um suspiro de alívio quando puxa o travão de mão, depois vira-se e diz:

– Vamos lá criar algumas memórias, miúdos.

Pavan abre a porta e todos saem. Quando Mason fecha a porta, pego na mão de Tripp para seguir o grupo, mas ele resiste ao puxão da minha mão. – Espera um bocadinho – diz ele, encostado à carrinha. As suas mãos envolvem-me a cintura. – Posso ter cinco minutos a sós contigo?

– Para quê? – pergunto enquanto o meu estômago dá uma reviravolta lenta. Tripp lambe o lábio inferior, e os meus olhos seguem aquele movimento

sentindo um pequeno baque de emoção. Parece-me ridículo, de repente, que tenhamos passado todo este tempo juntos e não nos tenhamos beijado uma única vez.

– O Pavan podia ser agradável – diz ele, puxando-me para mais perto –, mas eu gostei de ti primeiro.

Sinto um formigueiro pelas costas acima e penso, de repente, em como eu e Nadia costumávamos enviar um GIF de Michael Scott do *The Office* a gritar «está a acontecer!» sempre que alguma coisa de que estávamos à espera finalmente se concretizava.

Está a acontecer. Talvez eu não esteja à espera há tanto tempo como o Tripp, mas de repente parece que sim.

– O sétimo ano é antes do oitavo – relembro Tripp, levantando a cabeça. Ele é tão alto que penso ainda bem que estou a usar saltos altos.

– Gostava de ti desde o sexto ano – diz ele.

– A sério? – As minhas mãos sobem até ao peito dele e agarram levemente as lapelas do fato. Está frio cá fora e ele não está a usar casaco, mas não parece reparar no frio. – Três anos de sessões de trabalhos de casa em conjunto e nunca disseste nada.

O meu tom é de provocação, mas o seu olhar é intenso quando responde:

– Foram uma tortura.

Quero continuar a falar sobre isso para sempre, mas também quero... mais. É a tensão mais agonizante e maravilhosa que já senti.

– É muito tempo para se gostar de alguém e não fazer nada a esse respeito – digo.

Os cantos dos olhos de Tripp enrugam-se.

– Bem, houve uma pausa na minha obsessão quando te mudaste.

Tento fingir um beicinho, mas não consigo. A minha boca recusa-se a descer.

– Uma pausa, hã? – pergunto. – Até quando?

– Provavelmente até àquele dia na estufa.

Ergo as sobrancelhas.

– Quando o Wade Drury gozou com o meu nome?

– Não. Antes disso. Quando a *stôra* Kelso nos juntou naquele grupo. O que acho que foi... – ele finge verificar o relógio – ... a primeira vez que falámos desde que te foste embora.

Está a ficar difícil respirar.

– Foi rápido – digo.

– O que posso dizer? Se há coisa que sou é consistente. – O seu olhar fica mais suave quando me puxa para mais perto, o que eu não achava que fosse possível. Pensei que já tinha eliminado todo o espaço entre nós. – Brynn. Posso...

– Sim. – Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, encosto os meus lábios aos dele. Ponho os braços à volta do seu pescoço e ele agarra-me com mais força, levantando-me enquanto o beijo se aprofunda.

De imediato fico sem fôlego; Tripp não está apenas a beijar-me como alguém que o quer fazer há anos. Ele está a beijar-me como se fosse a *única* coisa que ele sempre quis. Eu correspondo com a mesma intensidade, e sinto-me febril enquanto mergulho os dedos no cabelo dele; cada novo beijo é tão intenso e ardente que é quase demasiado. Se ele me largar, caio diretamente no chão.

Felizmente, ele não me larga. Pelo menos não até uma buzina sonora interromper o sangue a latejar nos meus ouvidos e alguém gritar:

– Arranjem um quarto!

Recuo quando Tripp me põe suavemente no chão, mesmo a tempo de ver os faróis traseiros do *Range Rover* de Charlotte passar por nós. Claro que sim. Ninguém sabe como estragar um momento melhor do que Charlotte Holbrook. Embora, para ser justa, não foi ela quem gritou.

– Desculpa – diz Tripp, tão sem fôlego como eu. Ele passa a mão pelo cabelo, parecendo atordoado. – Eu não quis dizer... Meu Deus, isto foi...

– Não estou arrependida – replico.

Um sorriso lento espalha-se pelo seu rosto.

– Eu também não.

Forço-me a dar um passo atrás, porque agora que estou mais consciente do que me rodeia, apercebo-me de que temos um público muito maior do que Charlotte e quem quer que estivesse no carro dela. Parece que metade da escola chegou ao mesmo tempo, e a maioria dos meus colegas está a sorrir quando passa por mim e por Tripp.

– É melhor irmos para dentro, não achas? – pergunto.

– Se for mesmo preciso – diz Tripp, afastando uma madeixa de cabelo da minha cara antes de me voltar a dar a mão. Levito ao lado dele até entrarmos no edifício principal e o meu lado prático assumir o controlo. Os nervos, bem como o cabelo despenteado e o que provavelmente é agora uma completa falta de batom, exigem uma paragem na casa de banho.

– Encontramo-nos lá dentro, está bem? – digo, e com o polegar limpo o brilho cor-de-rosa da boca de Tripp. – Preciso de ir à casa de banho.

– Está bem – diz ele, dando-me um beijo rápido e doce nos lábios que não devia fazer-me vibrar tanto como faz. Acontece que eu estou mesmo *apanhadinha*.

*

A casa de banho está cheia de raparigas a conversar entusiasticamente, mas elas estão ali sobretudo para trocar fofocas e retocar a maquilhagem, por isso não há fila. Assim que entro na casa de banho, lavo as mãos, escovo o cabelo e volto a aplicar o meu *gloss*.

Quando saio para o corredor, ouve-se a batida da música vinda do ginásio, mas antes de me poder encaminhar para lá, algo me chama a atenção ao fundo do corredor. É um cartaz do *stôr* Larking, com a cara de novo toda

riscada de vermelho.

Encaminho-me para lá, e passo por uma secretária que foi encostada à parede ao lado do cartaz. O que é estranho, se penso nisso, porque nunca houve uma secretária neste corredor antes. E ainda mais estranho é estar um marcador vermelho em cima dela, com a tampa de lado, como se alguém tivesse rapidamente riscado o cartaz e a seguir fugido. Mas porque é que, antes de mais, haveria aqui um marcador? Será que o vândalo do *stôr* Larkin trouxe o seu e depois deixou-o para trás ou...

– Estás aqui! – Olho para cima e vejo Ellie meio a andar, meio a dançar na minha direção, com as joias a tilintar a cada passo. Ela para ao pé da secretária, com as mãos nas ancas enquanto observa o cartaz danificado. – Ainda bem! – diz ela. – Olha só.

– Estou a olhar – digo. – Ainda bem porquê?

– Porque a minha armadilha funcionou – diz ela enquanto pega no marcador e me pisca o olho.

Capítulo 37

Tripp

Encosto-me à parede do ginásio, e deixo que os meus olhos se habituem à cena que se desenrola à minha frente. Há luzes negras em todos os cantos da sala, iluminando uma enorme paisagem urbana feita de papel *néon* que cobre um dos lados do ginásio. O grupo de dança distribuiu pulseiras fluorescentes à entrada, e a maioria dos meus colegas de turma está a usar as pulseiras à volta dos pulsos ou do pescoço.

Qualquer pessoa que esteja de branco ou com cores vivas está a brilhar. Os balões de *néon* andam pela sala, aumentando o efeito surreal, mas eu só presto atenção em parte. Continuo à procura de Brynn pela sala, porque não sei se aguento passar muito mais tempo sem a beijar outra vez.

Aqueles cinco minutos encostados à carrinha de Mason podem ter sido os melhores da minha vida.

Vejo o vestido leve de Brynn a flutuar por entre a multidão na minha direção e começo a sorrir como um idiota, até que reparo que ela não está sozinha. Não é que eu não goste de Ellie, mas ia gostar muito mais dela se estivesse noutro sítio qualquer, neste momento.

Porém, quando Brynn se aproxima, reparo que o seu sorriso está um pouco tenso.

– A Ellie está a fazer uma coisa – diz ela quando para ao meu lado.

Antes que eu possa perguntar do que é que ela está a falar, Ellie agarra na minha mão direita. Estou demasiado estupefacto para protestar quando ela vira a palma da minha mão como se a estivesse a ler, depois larga-a e faz o mesmo à minha mão esquerda.

– Ele está bem – diz ela.

Olho para ela e pestanejo, confuso.

– Para que é que foi isso?

Ela levanta a palma da mão direita, que brilha com uma espécie de resíduo verde cintilante.

– Estou à procura do meu par.

– Não acredito que verificaste o Tripp – diz Brynn, e cruza os braços. –

Eu disse-te que não era ele.

– Desculpa, mas não podia acreditar na tua palavra – diz Ellie. – Não és propriamente a pessoa mais objetiva quando se trata dele.

– Alguém me pode explicar o que se está a passar? – pergunto.

– Força – diz Brynn, e levanta o queixo para Ellie. – É o teu plano brilhante.

– Dizes isso como se *não* fosse brilhante. – Ellie faz beicinho. Depois vira-se para mim. – Usei o meu velho *kit* de magia para revestir um marcador vermelho com pó ultravioleta e deixei-o ao lado de um cartaz do *stôr* Larkin. Assim, qualquer pessoa que usasse o marcador para escrever na cara dele ficaria com uma mão igual à minha. – Ela levanta de novo a palma da mão. – O pó torna a pele verde sob a luz UV. Ou sob a luz negra.

– Isso é... Está bem, isso *é* mesmo brilhante – admito.

Ellie fica radiante, e eu franzo o sobrolho quando percebo o que isso significa.

– Espera lá um segundo. Estás a dizer que achaste que *eu* podia ter feito isso?

– Todos sem exceção – responde Ellie. – Por falar nisso. – Ela pega na mão de Brynn, que lhe retribui com uma careta.

– *Vá lá*, a sério? – protesta Brynn.

– Não posso ter favoritos – diz Ellie, séria, e torce as mãos de Brynn nas suas antes de as soltar. – Pronto, já está.

– Algum suspeito? – Estou divertido, embora não fosse assim que eu imaginei passar os meus primeiros minutos numa pista de dança com Brynn – que, já agora, fica linda quando está zangada com outra pessoa que não eu. Envolver-a com os meus braços e beijo-lhe o topo da cabeça, e ela relaxa contra o meu peito.

Ellie faz uma careta.

– Bah. Héteros – diz ela.

– Podes ir-te embora a qualquer altura – relembra-a Brynn.

– Só que não posso – replica Ellie, e olha à nossa esquerda. – Preciso que o Tripp me leve até à corte real. Sigo o olhar dela e vejo Shane e Charlotte rodeados por três filas de amigos. Os *nossos* amigos. – Ali é o centro da elite, e eles são os nossos principais suspeitos.

Lá vamos nós outra vez.

– Já vos disse, riscar cartazes não é o estilo do Shane – explico.

– Mas estás a pensar nele como Shane Delgado – diz Ellie. – Não como Michael Robbins.

– Chiuuu – murmuro, apesar de não haver ninguém suficientemente perto para a ouvir por cima da música. Ainda me custa a acreditar que a teoria louca de Brynn está certa. Tudo isto é surreal; que Shane, o menino de ouro de Saint Ambrose, também possa ser o filho de Dexter Robbins e o meio-irmão do *stôr* Larkin. – De qualquer maneira, não é como se eles estivessem a falar comigo agora.

– Oh, por favor. – Ellie revira os olhos. – Estás a dizer-me que aquelas pessoas não se abriam como o mar Vermelho se passasses por elas?

A Brynn entrelaça os dedos nos meus.

– Isso faz-te parecer tão poderoso – provoca-me ela, e olha para mim enquanto pestaneja. Acho que é isso, porque de repente sinto-me incapaz de lhe dizer que não, mesmo que ela não me tenha pedido nada diretamente.

– Tudo bem, mas prepara-te para que eu seja rejeitado – replico.

Ellie sorri, destemida.

– É esse o espírito.

Acontece que Ellie tinha razão; a força do hábito faz com que toda a gente saia do meu caminho à medida que nos aproximamos do grupo que rodeia Shane e Charlotte, até que a própria Charlotte se vira com um imperioso levantar de queixo.

– Bem, vejam quem ele é – diz ela, e aperta o braço de Shane. Ela está a usar um vestido branco que brilha sob a luz negra, e o seu cabelo está puxado para trás numa complicada torção que é metade trança, metade carrapito, com muitos alfinetes brilhantes a segurar tudo. Os seus olhos passam de mim para Brynn, ignorando Ellie completamente. – O mais recente casal de Saint Ambrose.

– Olá, Charlotte. Podemos declarar tréguas? – pergunto. Não é só para dar tempo a Ellie. Independentemente do que aconteceu ultimamente, ou do que Charlotte possa saber, ela é minha amiga há anos. – Eu estava péssimo quando estava em tua casa, e desculpa se fui ingrato. Agora estou melhor.

– Também peço desculpa – diz Brynn. – Não devia ter entrado na tua casa daquela maneira.

Charlotte, que tinha começado a descontrair um pouco, volta a ficar hirta.

– Não estás nada arrependida, Brynn – diz ela, e olha para o braço que ainda tenho à volta dos ombros da Brynn. – Consequiste exatamente o que querias.

– Oh, meu Deus, adoro esta música! – grita Ellie de repente e, antes que alguém possa reagir, já se agarrou a Shane. Ele fica demasiado surpreendido para protestar quando ela lhe ergue uma das mãos e depois pega na outra. – Vá lá, vamos dançar! – diz ela, e vira-lhe a palma da mão.

Charlotte ainda está agarrada ao braço de Shane e puxa-o para trás, para fora do alcance de Ellie.

– O que é que se passa contigo? – sibila ela. – Não lhe toques.

– Também devias vir dançar – diz Ellie, e agarra na mão de Charlotte. Ela teria mais sorte a abrir um tornio de aço do que a afastar Charlotte de Shane.

– Para com isso. Vai *embora*! – Os gritos de Charlotte são completamente desproporcionados, apesar de Ellie ter passado de esquisita a superestranha muito rapidamente.

– Querida, acalma-te – diz Shane.

Ellie parece compreender que está na altura de se afastar e solta o pulso de Charlotte.

– Desculpa! – diz ela, e começa a afastar-se e a abanar-se ao ritmo da música. – Às vezes, o meu amor pela dança leva a melhor. – Depois passa por mim e por Brynn, e murmura: – Não foi ele – antes de desaparecer no meio da multidão.

– Ela bateu com a cabeça quando era criança – diz Brynn, enquanto observa Ellie ir ter com o tio delas e a agarrar-lhe a mão. Ellie não estava a brincar quando disse que não «havia exceções». – Muitas vezes.

– Então – pigarreio, pensando em como preencher o silêncio confrangedor que de repente se instalou entre nós os quatro. Bem, não é bem um silêncio, uma vez que a música ainda está a tocar, mas é estranho como o raio. – Estão a divertir-se?

A Charlotte lança um olhar penetrante na direção de Ellie.

– Estava até aquela anormal aparecer.

Brynn começa a protestar na mesma altura em que Shane afasta o braço de Charlotte e diz:

– Vá lá, *já chega*. Ela é apenas uma miúda. – Ele fala demasiado alto e arrasta um pouco as palavras; tem a cara corada e suada. Esteve a beber, o que não é invulgar para Shane num evento social de Saint Ambrose, mas recusar-se a aturar as tretas de Charlotte é. Ela olha para ele, demasiado assustada para falar, e ele rosna: – Estou farto disto. – E afasta-se.

– Farto do quê? – pergunta Charlotte. Shane continua a andar, e vai para um canto onde estão reunidos os colegas do lacrosse, e Charlotte segue-o. – Farto do *quê*? – pergunta ela novamente.

– Bem, lá se foi a noite deles – digo.

– Sinto muito – diz Brynn. – A Ellie tem estas ideias...

– Não faz mal – respondo. – Não foi uma má ideia. E fico feliz por saber que o Shane não vandalizou o cartaz. Sei que isso não prova que ele não tenha feito outra coisa – acrescento antes que Brynn me possa interromper com outra das suas teorias. – Ou que ele não seja outra pessoa. Mas fico feliz na mesma.

– Eu percebo – diz Brynn. Está a olhar para o canto do grupo do lacrosse, onde Charlotte e Shane estão a discutir.

– Vá lá, Brynn. – Volto-a para que fique virada para mim e aproximo-a para uma dança lenta, apesar de estar a tocar uma música *rap*. – Para de olhar para o Shane como se o quisesse interrogar. Qualquer que seja o teu superpoder de saber a verdade, não vai funcionar com ele.

– Eu sei – diz Brynn. – Só funciona contigo.

– Qual é o teu segredo? – pergunto, e espero mesmo que ela me diga, porque senão não sei se me vou conseguir livrar da suspeita irritante de que ela continua à espera de me apanhar numa mentira.

Ela levanta a mão e esfrega o polegar no indicador.

– Fazes isto sempre que estás a mentir.

Pestanejo.

– Faço?

– Sempre. Fazes desde que éramos crianças.

– Bem, caramba – digo, e ela sorri. – Que conveniente para ti.

Dançamos durante um minuto até que Brynn se põe em bicos dos pés e me dá um beijo suave nos lábios, e as suas mãos deslizam pelos meus ombros até pararem à volta do meu pescoço. Beijo-a de volta, com mais força, saboreando o facto de saber como nos encaixamos agora. As minhas mãos sobem e descem pelas costas dela, parando na curva da sua cintura, embora eu preferisse não parar, mas o tio dela está aqui algures e estamos rodeados de pessoas, e...

– Arranjem um quarto – diz alguém, mas é mais educado do que quem quer que o tenha gritado no parque de estacionamento. Brynn afasta-se e nós viramo-nos e vemos Mason a dançar ao nosso lado com Geoff. A música mudou para algo com um ritmo mais latino, e os dois estão a acompanhá-lo. No entanto, quanto mais se concentram, mais parece que Mason mal consegue acompanhar Geoff.

– Sabes mesmo dançar, Gorff – diz Brynn com um sorriso.

– Pois sei – diz ele. – Os meus avós obrigaram toda a família a aprender.
– Vamos dançar? – Ele estende a mão. Brynn pega nela e deixa-o rodá-la antes de a baixar.

– Oh! – diz Brynn, sem fôlego. – És *mesmo* bom.

– Não fiques com ciúmes – diz-me Mason. – Ele só tem olhos para mim.

– Não estou – digo de forma pouco convincente, enquanto Geoff afasta Brynn. – No entanto, o teu *timing* foi péssimo.

– Eles não de voltar – diz Mason. – Entretanto, vamos dançar. – Ele estende-me a mão, com as sobranceiras erguidas como se estivesse a desafiar-me a pegar nela. Sorrio, pronto lhe dar a mão dele, e então... *merda*.

Mas que grande merda.

Fico parado no meu lugar, incapaz de me mexer, até que Mason aperta o maxilar e ele larga a minha mão.

– Tanto faz – murmura ele. Ele acha que estou a ser um idiota, mas não estou. Não percebo o que acabei de ver. Ou talvez seja mais acertado dizer que percebo demasiado bem.

A palma da mão de Mason está verde brilhante. Tal como a de Ellie.

Capítulo 38

Brynn

– O teu novo namorado é um bocado parvo – diz-me Mason enquanto o levo para fora do ginásio.

– Na verdade, não é – respondo, mas não posso culpar Mason por pensar assim. Não estava a perceber o que se estava a passar, quando Geoff me fez dançar até junto de Tripp, e ele e Mason estavam ali parados, sem sequer falar ou olhar um para o outro. Depois Geoff afastou Mason e Tripp contou-me o que tinha acontecido. Corri atrás de Mason, dei uma desculpa qualquer de que nem me lembro para o afastar, e aqui estamos nós.

Percorro o corredor com o olhar. Para onde posso levar Mason, de modo a não sermos interrompidos para – seja lá qual for a conversa que estamos prestes a ter? Passamos pelo cartaz desfigurado do *stôr* Larkin e eu não consigo olhar para Mason para ver se ele reage ou não. O que está a *acontecer*? O que é que aconteceu? O meu cérebro está a mil, entre pensar que há uma explicação simples, inocente e totalmente sem nexos, e tentar encaixar Mason em tudo o que descobri nas últimas semanas.

– Aqui – digo, e abro a porta para o auditório. É cavernoso, mas está vazio, e pelo menos é um espaço fechado. Dirijo-me para a parte da frente, perto das escadas que dão para o palco, onde conseguimos ver, de certeza, se alguma das portas se abrirem.

– Vais dizer-me em breve do que se trata? – pergunta Mason.

– Sim. – Sento-me nos degraus, e Mason senta-se ao meu lado. – A questão é a seguinte. Sabes que alguém tem andado a vandalizar cartazes do *stôr* Larkin, não sabes?

Mason não é bom a disfarçar. Os olhos dele arregalam-se instantaneamente antes de tentar disfarçar, e mesmo assim pestaneja demasiado depressa.

– *Hum*, sim. Claro.

Oh, meu Deus! Sinto a cara a arder e respiro fundo, tentando abrandar o súbito martelar do meu coração.

– Bem, a Ellie queria descobrir quem era – explico. – Colou um cartaz

do *stôr* Larkin no corredor e deixou um marcador revestido com pó ultravioleta na secretária ao lado. Assim, se alguém pegasse no marcador para riscar o cartaz, o pó deixaria resíduos nas mãos que apareceriam sob a luz negra. – Pego na mão de Mason e viro-a, para que a palma da mão dele, sem marcas sob a iluminação normal do auditório, fique virada para cima. – Como a tua. Foi por isso que o Tripp se passou quando lhe estendeste a mão.

Mason afasta a mão.

– O Tripp estava a ver coisas – diz ele.

– Eu também vi – replico. – Antes de sairmos do ginásio.

Ele contrai o maxilar.

– Não sei o que queres que te diga. Apenas peguei num marcador. E depois?

E depois? Gostava mesmo muito que essa fosse uma pergunta válida, mas sei que não é. Durante todo o tempo em que estivemos a falar, a enormidade do que me passou ao lado deixou-me quase tonta. Tiro o telemóvel do bolso do meu vestido e desbloqueio-o com as mãos a tremer.

– O que se passa é que tenho andado a investigar o que aconteceu ao *stôr* Larkin por minha conta, mais ou menos, agora que já não estou a trabalhar para o *Motivo*, e descobri que o *stôr* Larkin mudou de nome, que tinha uma madrasta e um meio-irmão da nossa idade, e... – O que é que a Ellie disse? Que «ser boa com livros e palavras não é o mesmo que ser boa com pessoas». Sou a rapariga mais parva à face da Terra. – Mason, esta é a tua mãe, não é?

Passo-lhe o artigo do *Union Leader* sobre Lila e Michael Robbins, e vejo a cara dele a desmoronar-se.

Devia ter percebido logo. Fui a casa de Mason muitas vezes entre o quarto e o oitavo ano. Mas nessa altura a mãe dele era muito mais velha do que a Lila Robbins que aparece na fotografia do *Union Leader*, e tinha cabelo escuro em vez de loiro platinado. A senhora Rafferty tem óculos e nunca usa maquilhagem, e é possível que tenha feito uma plástica ao nariz. Mas mesmo assim. As semelhanças deviam ter-me chamado a atenção, e talvez o tivessem feito, se eu não estivesse tão concentrada em Shane Delgado. Além disso, eu não sabia, *até agora*, que o pai de Mason não era o seu pai biológico.

– Sim, é. – Mason devolve-me o telemóvel, com os olhos vidrados. – Eu... Nunca te contei nada disto porque foi há muito tempo, e porque...

– E porque não querias que eu soubesse que o *stôr* Larkin era teu irmão? – pergunto.

– Meio-irmão – responde ele com amargura.

– Podes contar-me o que aconteceu? – Aperto o telemóvel com força, mas continuo com a mente muito agitada. Estou a lembrar-me de mais coisas agora, e uma das coisas de que me lembro é que Mason e a família estavam na Florida a visitar os avós quando o *stôr* Larkin morreu. Eles só voltaram depois do funeral. Por mais desesperados que Mason e a mãe se tenham sentido há quatro anos, isso não fez com que fizessem o impensável. E apesar de não haver nada em mim que acredite que Mason seria capaz de magoar alguém,

estou demasiado abalada nas minhas próprias convicções, por isso sinto-me profundamente aliviada por ele não ter estado perto da cena do crime.

– Por onde posso começar? – diz Mason com dificuldade.

– Lembras-te do teu pai? – Tropeço na palavra.

– Claro que me lembro. – Uma centelha de raiva anima a voz de Mason.

– Vivi com ele durante quase catorze anos. *O meu pai* é o meu pai.

– Eu sei. Quero dizer, lembras-te do... Dexter?

– Não – responde Mason. Tem as mãos em cima dos joelhos. – Não me lembro de nada. Tudo o que sei foi o que a minha mãe me contou. Ela era muito nova, ingénua, e ele não parecia assim tão mau ao princípio. Mas piorou rapidamente. Eu estava sempre doente, acho eu, e ele não fazia nada. Nem sequer a deixava sair de casa sem ele.

– Tens asma – digo. Apercebo-me de que é o pormenor menos importante, mas, no entanto, foi outra coisa que me escapou.

– Há já algum tempo que estou assintomático – diz Mason. – Provavelmente a doença crónica nos meus pulmões ainda lá está, mas já não me incomoda como antes. – Lança-me um olhar irónico. – Mas sim, tenho um inalador. Só que não o uso muito.

Aceno com a cabeça, absorvendo aquilo.

– Então a tua mãe foi-se embora quando tinhas três anos?

– Sim. A minha mãe contou-me que ficávamos literalmente trancados em casa quando ele estava fora – conta Mason. – Ele estava a tornar aquele lugar uma fortaleza. Grades nas janelas e cadeados nas portas. Só havia uma janela com que ele não se preocupava, porque achava que era demasiado pequena. Mas não era. Foi a que ela usou. Ela não levou nada, só me levou a mim.

E respira fundo e agitado.

– A mãe não tinha família. Os pais dela morreram quando ela andava no secundário. Mas o senhor Solomon era um grande amigo do pai dela, por isso foi a ele que ela telefonou quando nos tirou de lá. Ele...

– Espera – interrompo. – O senhor Solomon, de Saint Ambrose?

Mason acena com a cabeça.

– Ele veio buscar-nos, trouxe-nos para Sturgis e ajudou a mãe a encontrar um emprego e um apartamento. Até a apresentou ao meu pai. Ela adotou o apelido do meu pai quando se casaram e mudou o meu nome. E tudo estava bem, por uns tempos.

– Até o *stôr* Larkin vir para cá?

– Eu achava que ele era o máximo. – A voz de Mason quebra. – O professor fixe que estava realmente interessado em *mim*. Sempre a fazer-me tantas perguntas. Mas um dia, talvez uma semana antes de morrer, pediu-me para ir à sala dele depois das aulas para falar sobre o meu ensaio de Shakespeare. Estava superentusiasmado, porque achei que me tinha saído mesmo bem e que talvez até ganhasse um prémio ou assim. – Ele abana a cabeça. – Em vez disso, contou-me quem era.

– O que é que disseste? – pergunto.

– Nada. Não consegui falar durante todo o tempo em que lá estive. Fiquei sentado na minha secretária, totalmente em silêncio, enquanto ele falava. No início ainda pensei que ia ficar tudo bem, porque ele me pediu desculpa pela maneira como as coisas correram quando eu era pequeno... pediu desculpa por não ter feito mais para impedir o Dexter de ser horrível. Mas também me estava sempre a chamar de «Mikey» e a tentar dar-me um medalhão com esse nome escrito nas costas. Eu não aceitei, *não consegui* aceitar, porque estava petrificado no meu lugar, e acho que isso o deixou furioso. Enfiou-o na minha mochila e disse-me que eu era um Robbins, e que a minha mãe não tinha o direito de me esconder do pai dele. – Não me passa despercebida a forma como Mason contorce as mãos ao dizer «pai dele». – Ele disse... que o aniversário do Dexter era na semana seguinte e que lhe ia dizer onde eu estava. Consegues imaginar? Esta foi a última coisa que ele me disse antes de se ir embora: «Vais ser o melhor presente de aniversário que o meu pai alguma vez teve.»

– Oh, Mason. – Pego na mão dele. – Sinto muito. Deve ter sido aterrador.

– Foi. – Mason baixa a voz quase num sussurro. – Devo ter ficado lá sentado durante pelo menos mais uma hora, completamente em choque. Não sabia o que fazer. Conteí aos meus pais, e eles falaram com o senhor Solomon, que disse que devíamos fugir de novo. Mas ia ser muito mais difícil fazê-lo uma segunda vez, sabes?

– Então o senhor Solomon sabia que o *stôr* Larkin te tinha ameaçado? – pergunto. De repente, o nosso velho jardineiro a rosar «aquele filho da mãe teve o que merecia» faz todo o sentido. Não tenho certeza se o senhor Solomon o teria dito se estivesse no seu juízo perfeito, mas agora já percebo porquê.

Mason acena com a cabeça.

– Ele veio connosco para a Florida quando fomos visitar os pais do meu pai. Eu sei que vos disse que foram umas férias imprevistas, mas na verdade foi uma intensa sessão de estratégia com um advogado da família, e depois, enquanto lá estávamos, o *stôr* Larkin morreu.

– E ele nunca contou nada ao pai dele sobre ti?

– Acho que não teve a oportunidade – responde Mason. – Estávamos sempre à espera que ele aparecesse, mas não apareceu. – Aperto-lhe a mão e ele acrescenta: – Pensava que já tinha ultrapassado tudo isto, e acho que, em grande parte, já ultrapassei, mas... – Ele olha em redor do auditório. – Estive aqui nas férias com a associação de estudantes, a fazer cartazes para a peça da turma, e o marcador vermelho acabou, por isso fui aos bastidores à procura de outro. Encontrei-o, e depois vi o cavalete com o retrato do *stôr* Larkin. Estava tapado, e eu estava curioso, levantei o pano e... não sei. Ficou tudo enevoadado durante uns segundos, e... fiz o que fiz.

– E continuaste a fazê-lo? – pergunto, e tento que o meu tom de voz

mostre que não o julgo. – A todos os cartazes da *stôra* Kelso?

Mason encolhe-se, depois estende a mão que eu não estou a segurar e abre-a e fecha-a, como se estivesse a verificar se está lá o resíduo verde que vimos no ginásio.

– Não estou orgulhoso de mim próprio, acredita. Foi uma coisa horrível que eu fiz à *stôra* Kelso, e ao... – Ele engole com dificuldade. – Ao *stôr* Larkin. Não é que eu quisesse que ele morresse, ou que não desejasse que as coisas pudessem ter sido diferentes entre nós. Mas quando passamos uma vida inteira a esconder-nos, por vezes a pressão é demasiada. – Ele deixa cair a mão no colo e olha-me nos olhos. – Não fazias mesmo ideia antes desta noite?

– Nenhuma – respondo. – Na verdade, elaborei uma teoria inteira na minha cabeça em que Shane Delgado era Michael Robbins.

– O Shane? – Mesmo quando estremece ao ouvir o seu antigo nome, Mason consegue soltar uma gargalhada. – Essa deve ser a primeira e última vez que fui confundido com Shane Delgado. – Depois fica pensativo. – É engraçado dizeres isso, porque acontece que o Shane estava lá.

– O quê? – pergunto, confusa. – O Shane estava onde?

– Na sala de aula, quando o *stôr* Larkin me disse quem era. – Fico a olhar para ele e Mason acrescenta: – Bem, no bengaleiro. A dormir, como sempre. Depois de o *stôr* Larkin ter saído, eu estava sentado na minha secretária, em estado de choque, e de repente o Shane saiu a cambalear do bengaleiro, bocejando, e passou por mim até à porta. Acho que ele nem sequer reparou em mim.

– Espera, quer dizer que... – Esfrego as têmporas, pois de repente dói-me a cabeça. – Ele ouviu-vos? O Shane sabe que o *stôr* Larkin era teu irmão?

– Bem, sempre me questionei – diz Mason. – E durante algum tempo fiquei preocupado. Quer dizer, ele estava *mesmo ali*. Mas ele nunca disse nada, nem agiu de maneira diferente comigo. – Solta uma risada leve. – Ou seja, continuou a ignorar-me como sempre.

Nem sequer consigo processar tudo isto agora. Quando estava prestes a riscar Shane da minha lista de suspeitos, descubro que afinal de contas ele podia saber quem era o *stôr* Larkin durante este tempo todo. Mas... porque é que ele se importaria? Que diferença é que isso poderia fazer para Shane? Mas antes que eu possa seguir essa linha de pensamentos, Mason pergunta:

– O que vais fazer?

– Em relação a quê?

– Em relação a... – Ele faz um gesto com a mão. – Tudo isto. Vais... contar a alguém? – A voz dele treme. – Tenho quase dezoito anos. Acho que não tenho de ver o Dexter se não quiser, mas a minha mãe... Não sei em que tipo de sarilhos é que ela se pode meter, por ter fugido da maneira como fugiu...

– Mason, não – digo rapidamente. – Não vou dizer nada a ninguém. É um assunto da tua família. – Mas mesmo enquanto o digo, não consigo parar de pensar em como mostrei sem querer o medalhão de «Billy» ao talvez-

Dexter na loja de penhores. Devia contar isso a Mason, mas o alívio na cara dele é tão grande que não consigo obrigar-me a dizer-lhe.

Homens como o Dexter são um ninho de vespas, dissera Rose. *Para quê mexer nele se não for preciso, certo?*

Mas eu não lhe dei ouvidos.

– A Ellie ou o Tripp vão contar alguma coisa? – pergunta Mason.

– Não. A Ellie é um túmulo, e o Tripp... ele tem os seus próprios demónios em relação a esse dia. – Mason ergue as sobranceiras, parecendo interessado, apesar de ainda estar meio em choque, e eu empurro-lhe suavemente o ombro. – Não me perguntes. Não é a minha história para contar.

– Estás a guardar muitos segredos, Brynn – diz Mason. – Tem cuidado. Isso pode desgastar uma pessoa ao fim de algum tempo. Sei bem do que falo. – Limito-me a sorrir, e ele acrescenta: – E agora?

– Agora volta para o ginásio e dança com o teu par.

Mason solta uma meia gargalhada estrangulada.

– Oh, claro. Por que não? Dançar a noite toda.

– Tens uma ideia melhor?

Ele suspira e levanta-se.

– Nem por isso.

Eu também me levanto e pergunto:

– Posso dar-te um abraço?

Ele engasga-se:

– Por favor. – Agarramo-nos um ao outro e abraçamo-nos com força, e eu deixo que ele seja o primeiro a afastar-se. – Muito bem – diz ele, limpando os olhos. – Vou procurar o Geoff. Vens?

– Daqui a um minuto – respondo.

Mason dá-me mais um sorriso e diz:

– Vemo-nos lá dentro.

Vejo-o sair e depois volto a minha atenção para o meu telemóvel, que está cheio de mensagens de Tripp e Ellie. O meu cérebro sobrecarregado está demasiado exausto e só consegue dizer: *Está tudo bem. Explico em breve*. E então... ouço qualquer coisa. Um leve ruído, vindo de trás da cortina do auditório. Fico paralisada, o coração a bater descompassado nos meus ouvidos. Antes que perca a coragem, atiro-me às cortinas e puxo-as para o lado.

Um lampejo de branco dobra uma esquina, e eu sigo-o.

– Charlotte! – grito, quase tropeçando numa caixa de cartão vazia. – Para, está bem? Eu sei que és tu.

De onde estou, consigo ver Charlotte parada, com um pé nas escadas que levam aos bastidores. Os ganchos no seu cabelo brilham sob as luzes fracas.

– Quanto é que ouviste? – pergunto, o que é uma questão ridícula. Claro que ela ouviu tudo.

Oh, meu Deus! O que é que eu fiz ao Mason *desta vez*?

Charlotte vira-se para mim, com as suas feições perfeitas tão

inexpressivas que parece uma estátua.

– *O Mason* é irmão do *stôr* Larkin? – pergunta ela.

– Não podes dizer nada. Por favor, Charlotte. Não é seguro para ele. – Estou a balbuciar, as minhas palavras tropeçam umas nas outras enquanto caminho em direção a ela, lentamente, com as mãos juntas como se estivesse a rezar. – Compreendes isso, não compreendes? O pai dele é um monstro, e... – Faço uma pausa quando me aproximo e vejo as marcas de lágrimas no seu rosto. – Espera – digo. – Porque é que estás aqui? O que é que se passa?

– Nada. Só precisava de estar um pouco sozinha. – Charlotte cruza os braços, decidida, mas não consegue evitar que outra lágrima lhe caia pela face. Depois, faz um esgar de dor e conta: – O Shane acabou comigo.

– Oh, Charlotte. Sinto muito. – E lamento mesmo. Gostava que a nossa relação estivesse melhor para a poder abraçar, mas tenho a certeza de que ela odiaria isso. – Se calhar é uma coisa temporária? Ele parecia bastante bêbado.

– Acho que não – diz ela, com uma tristeza genuína na voz. – Eu faria qualquer coisa por ele, absolutamente qualquer coisa, mas ele diz que está cansado. Cansado de estar numa relação. Mas o que ele realmente quer dizer é que está cansado de *mim*.

– Posso ajudar? – pergunto. – Podemos ir tomar um café, ou...

Ela abana a cabeça com veemência, como se essa ideia a horrorizasse, e fico contente por ter evitado o abraço.

– Não – diz ela. – Vou para casa. E não vou dizer nada sobre o Mason, prometo. – Os meus joelhos fraquejam de alívio, e estou prestes a agradecer-lhe profusamente quando ela acrescenta: – Mas devias parar com isso, Brynn.

– Parar com o quê? – pergunto.

– Com isso de estares armada em Veronica Mars a investigar – diz ela, e acena com a mão. – É perigoso, e se continuares, podes descobrir algo que preferias não saber.

– Como o quê? – pergunto enquanto ela se afasta. – Charlotte? Como o quê?

Não obtenho resposta, exceto o bater dos seus saltos, e depois o ranger das dobradiças quando ela abre a porta da saída e sai.

Capítulo 39

Tripp

– É muita coisa para processar – diz Ellie quando Brynn acaba de nos contar sobre Mason.

– O eufemismo do século – acrescento. O meu olhar desvia-se para o centro do ginásio, onde Mason está a dançar lentamente com a cabeça no ombro de Geoff. Toda a sua exuberância de há pouco desapareceu, o que me faz sentir uma merda por ter sido eu a pôr tudo em movimento ao reparar no resíduo verde na palma da mão dele.

Mesmo assim, não pensei necessariamente que ele fosse o irmão secreto do *stôr* Larkin. Durante todo aquele tempo em que Brynn esteve a falar com ele no auditório, perguntei-me se ele simplesmente não gostava do tipo. Ou então tinha vandalizado o cartaz como uma espécie de desafio.

– Não podem dizer nada – avisa Brynn. – Prometi que guardávamos segredo. – Ela morde o lábio, e olha para mim. – E a Charlotte também prometeu que *ela* não diria nada. Espero que esteja a falar a sério.

– Se ela disse isso, é porque estava a falar a sério – digo. Brynn arqueia uma sobancelha cética, e eu acrescento: – Olha, eu sei que a Charlotte não é a pessoa mais simpática do mundo, mas quando dá a sua palavra, dá mesmo. Nunca me desiludiu. Nem quebrou o nosso pacto na floresta, mesmo quando eu acidentalmente a incriminei por roubo.

– Alguma vez lhe contaste que tinhas sido tu? – pergunta Ellie.

– Não, claro que não – digo, tão depressa que ela solta uma gargalhada.

– Eu também não lhe contaria – diz ela. – A Charlotte é um bocado assustadora.

Brynn cruza os braços.

– Então, voltámos à estaca zero, sem saber quem matou o *stôr* Larkin. Não foi o Mason, não foi o senhor Solomon, e provavelmente não foi o Shane, porque ele já não tem um motivo. – Ela oferece-me um meio sorriso. – Não foste tu...

– Obrigado pelo voto de confiança – replico.

– E não foi o teu pai. Então quem é que resta? O Dexter, suponho, ou...

– Talvez esta seja a tua deixa para fazeres uma pausa, Brynn – interrompe-me Ellie. – E passares nem que seja uma pequena parte do Baile de Inverno a dançar. Eu sei que é um conceito revolucionário para ti, mas podias tentar.

– Eu dancei com o Geoff e olha onde isso nos levou – murmura Brynn.

– Devias provavelmente limitar-te a mim – digo, e estendo a mão, mas antes que Brynn possa pegar nela, alguém me agarra por trás. – Mas que raio... – digo antes de me aperceber de que é o braço de Shane que está à volta dos meus ombros.

– T. – diz ele, arrastando-me para o canto da malta do lacrosse. – Mal te vi a noite toda. Estás chateado comigo? Eu não te queria bater na casa da Charlotte. Só ando stressado, sabes?

– Eu sei – respondo. – Está tudo bem. – Deixo-o levar-me, porque talvez esta seja a forma de Shane dizer que precisa de falar. – Estás bem? – pergunto.

– Eu e a Charlotte acabámos. – Shane para a meio do caminho, com um braço ainda pendurado no meu pescoço. – Ela foi para casa, e eu sinto-me mal mas... também estou um pouco aliviado, sabes?

– Sei – respondo. Não posso censurar o tipo por querer ser solteiro uma vez na sua vida de adolescente. Ou talvez sair com alguém com quem não encontrou um cadáver. – Ela vai ficar bem.

– É melhor assim. Começar de novo.

– Sim. Vocês bem precisam.

– Sabes, é que ficou tudo tão confuso naquele dia na floresta. E tu disseste que não podíamos falar sobre isso, porque essa é a regra, certo? É como o *Clube de Combate*, só que nós não somos o *Clube de Combate*. Somos o «Clube dos Cadáveres». – Shane suspira profundamente e o seu hálito tresanda a uísque. – Ui, não é um bom nome.

– Desculpa, Shane. Eu não queria... – *Não te queria amordaçar. Só não queria que o meu pai fosse preso por assassinato.* – Há alguma coisa de que queiras falar?

– Talvez devesse ter dito alguma coisa sobre a luta – diz ele. – Porque... E se era importante? Não disse nada e agora a porra do Gunnar Fox está em... – Ele acena com o braço, e quase nos derruba.

– Que luta? – pergunto, endireitando-o.

– A que ouvi na floresta e que nunca contei à polícia.

Aqui está: a oportunidade perfeita para perguntar a Shane o que ele ouviu. Sei que Brynn disse para não abrir a caixa de Pandora, mas Shane já está bastante lançado, e eu tenho de admitir – quero saber.

– O que é que tem? – pergunto. – Era... Ouviste mesmo o *stôr* Larkin?

– Sim – diz Shane. – Ele estava a gritar com alguém por causa do dinheiro da visita de estudo.

Fico a olhar para ele, estupefacto. *O dinheiro da visita de estudo.* Era exactamente isso que eu receava que Shane dissesse há quatro anos, porque

pensava que o *stôr* Larkin tinha estado a discutir com o meu pai. Mas agora sei que não estava, por isso quem é que ia discutir com o *stôr* Larkin por causa disso? Para começar, provavelmente não teria sido o Dexter Robbins.

– O que é que ele disse? – pergunto.

– Não consegui ouvir tudo – diz Shane. – Não me queria aproximar muito. Mas depois os gritos pararam e vi alguém a afastar-se, e... não era o *stôr* Larkin.

– Viste quem era? – pergunto.

– Acho que sim. Quer dizer, eu estava um bocado longe, mas tenho quase a certeza de que o reconheci.

– Quem era? – pergunto.

Depois apercebo-me de que o devia parar e ir buscar Brynn, porque ela ia mesmo querer ouvir aquilo. Mas antes de o fazer, Shane diz:

– Nick Gallagher.

O meu coração bate descompassado e depois parece quase parar.

– *O quê?* – pergunto, ao mesmo tempo que ouço um suspiro sonoro atrás de mim. Viro-me e...

Não preciso de ir buscar Brynn. Ela está mesmo ali.

Tem os olhos esbugalhados e o rosto pálido. Antes que eu possa dizer uma palavra, ela vira-se e começa a andar abrindo caminho por entre a multidão.

– Brynn, espera! – chamo, e vou atrás dela. Mas Shane ainda está em cima de mim, prendendo-me. Vejo Ellie a uns metros de distância, com um ar tão curioso que tenho quase a certeza de que ela não ouviu nada.

– *Ups* – diz Shane. – Esta noite não faço nada de jeito, pois não? Preciso de uma bebida. Anda, tu também. – Ele tenta levar-me para o canto da malta do lacrosse.

– Meu, agora *não* – digo, afastando-me. Mas quando me consigo libertar, já perdi Brynn de vista. Ellie está a percorrer a pista de dança cheia de gente, e estica o pescoço à procura da irmã.

Não percebo bem o que Shane acabou de me dizer. Quando a Brynn perguntou quem faltava na lista de suspeitos do homicídio do *stôr* Larkin, de certeza que eu não lhe teria dito o seu tio. É verdade que a massacrei na pastelaria Lugar Feliz por causa do álibi dele, mas isso foi só para provar que qualquer pessoa de Saint Ambrose podia ter estado na floresta naquele dia. Nunca pensei que Nick Gallagher fosse uma delas, ou que tivesse alguma razão para magoar o *stôr* Larkin. Mas porque é que eles teriam discutido por causa do dinheiro da visita de estudo? Não foi o Nick que ficou com ele, foi a minha mãe.

Nada disto faz sentido. Preciso de encontrar Brynn e de pôr Shane sóbrio, de alguma forma, e depois... Não sei. Depois logo vejo.

Encaminho-me para o centro do ginásio, e vejo que Ellie já está quase a sair. Quando chega à porta, para, e olha para ambos os lados. Depois, uma figura aproxima-se por trás dela, bloqueando-a da minha vista. Quem quer que

seja, olha por cima do ombro e...

– Não – digo em voz alta, parando de repente. Mesmo àquela distância, reconheço o rosto, e não faz sentido nenhum naquele contexto.

Não devias estar aqui. O que é que estás a fazer?

Mas não há tempo para fazer perguntas. Ellie já está no corredor. Vira à direita, provavelmente vai até lá fora à procura de Brynn. Acelero o passo para tentar alcançá-la no meio da multidão, porque a pessoa que não devia estar aqui está mesmo no seu encalço.

Capítulo 40

Brynn

Avisto o tio Nick assim que ele abre a porta do carro e corro pelo parque de estacionamento para o apanhar antes que ele possa entrar para o lugar do condutor.

– Onde é que pensas que vais? – grito, evitando por pouco um pedaço de gelo que me teria feito cair.

Ele ergue as sobranceiras ao ouvir o meu tom desesperado.

– Vou para casa – diz ele. – Onde está o teu casaco? Está um gelo.

Não sinto o frio. Não sinto nada.

– Porque é que vais para casa? – pergunto. – O baile ainda não acabou.

O tio Nick leva a mão à cara para ajustar os óculos. – Estou um bocado cansado. Já não sou tão jovem como era, sabes?

Ele oferece-me um sorriso que eu não consigo retribuir.

– Tio, preciso de...

Alguém se ri. Está a uma certa distância atrás de nós e, quando me viro, vejo que é apenas um casal a correr de mãos dadas em direção à estufa. Mesmo assim, fico suficientemente chocada para abrir a porta do carro do tio Nick e entrar.

– Preciso de falar contigo – digo.

– Está bem – responde o tio Nick com cautela. Ele senta-se ao volante e fecha a porta, metendo a chave na ignição. – Deixa-me ligar o aquecimento para te aqueceres.

– Pois bem... – Não há uma maneira fácil de dizer isto; tenho de falar sem rodeios. – Tio Nick, estavas a discutir com o *stôr* Larkin na floresta no dia em que ele morreu?

O meu tio fica imóvel.

– Como?

Paro por momentos, querendo adiar ao máximo o momento em que não sei nada de mal. Quando andei que nem louca pelo ginásio à procura do tio Nick, uma série de coisas vieram-me à memória: O meu tio a dizer-me para recuar no caso do homicídio do *stôr* Larkin. A encorajar-me a investigar

outros casos de *true crime* em vez daquele. Ele a dizer que o *stôr* Larkin às vezes «conseguia despertar todos os nervos às pessoas». Parecia tudo tão inocente, tão típico do tio Nick a tentar parecer-se com o meu pai, que nunca imaginei que ele pudesse ter algo a esconder.

Se estava mesmo a discutir com o *stôr* Larkin na floresta naquele dia... Se o Shane não se enganou, nem mentiu... então que mais fez ele? A minha voz treme quando digo:

– O Shane disse que te ouviu e viu. Ele acabou de contar isso ao Tripp.

– Ah! – O tio Nick solta um suspiro profundo. Depois vira-se para mim e, assim que vejo a sua expressão, tapo o rosto com as mãos. – Brynn? – diz ele, com a voz embargada. – O que é que tu... Podes por favor... Olha, deixa-me explicar tudo, está bem?

– Não con-si-go – suspiro, incapaz de terminar a frase. Porque depois de olhar para o meu tio, eu *sei*.

Sei que ele não magoou o *stôr* Larkin, e estou a hiperventilar de alívio.

– Merda, desculpa – diz o tio Nick. – Eu nunca quis... Devia ter dito alguma coisa na altura, mas foi tudo tão estranho. Pedi ao Will para se encontrar comigo, porque, bem, eu tinha recebido uma carta anónima no dia anterior à sua morte... – Sinto algo macio a roçar-me nas mãos, e baixo-as para pegar no pacote de lenços de papel que o tio Nick me estende.

Não estou a chorar, mas, de qualquer forma, esfrego os olhos.

– Uma carta? De quem?

– Anónima – recorda-me ele gentilmente. – E não era para mim. Estava na minha caixa de correio na escola, mas alguém a tinha colocado no compartimento errado: Gallagher em vez de Griswell. Era para o diretor da escola, mas eu abri-a antes de reparar no nome no envelope. Quem escreveu disse que o Larkin tinha roubado o dinheiro da visita de estudo.

– *O quê?* – Torço o pacote de lenços nas minhas mãos.

– Sim. A pessoa dizia que o tinha visto a tirar e que queria que ele fosse despedido. Eu não sabia bem o que fazer... o Will estava a liderar a investigação, pelo amor de Deus. Eu tinha quase a certeza de que ele não tinha tirado o dinheiro...

– E não tirou – interrompo-o. – Foi a mãe do Tripp. – O tio Nick pestaneja, espantado, e eu acrescento: – Mas isso é outra história. Continua.

– Bem, passei a noite toda preocupado. No dia seguinte, decidi falar com o Will, fora da escola. Por isso, perguntei-lhe se queria encontrar-se comigo perto do Parque Shelton para uma caminhada. Quando já estávamos a caminhar há algum tempo, contei-lhe da carta. E ele... Meu Deus, foi como se ele se tivesse transformado numa pessoa completamente diferente de repente. Começou a gritar que eu andava atrás do emprego dele, e que provavelmente tinha sido eu a escrever a carta. Que era eu quem devia ser despedido. Não o consegui acalmar nem dizer uma palavra, por isso fui-me embora.

– Foste-te embora? – repito.

– Sim. Sabes como odeio confrontos – diz o tio Nick, e eu sei. Ele mal

consegue lidar com o meu pai; nem consigo imaginá-lo a enfrentar o lado negro do *stôr* Larkin. – Pensei em deixá-lo acalmar-se, tentar de novo mais tarde e, depois, ouvi dizer que ele tinha morrido. – O tio Nick engole em seco. – Não sabia o que fazer. Demorou alguns dias até a polícia me interrogar e, quando o fizeram, o dinheiro já tinha sido encontrado. A carta parecia uma piada de mau gosto. Desejei nunca ter falado no assunto com o Will e tive medo de que, se contasse à polícia, que ele me tinha gritado que eu devia ser despedido antes de ele morrer...

– Te culpassem – termino por ele.

– Sim. Não foi muito corajoso da minha parte, eu sei. Mas foi isso que aconteceu. – O tio Nick suspira ruidosamente, como se estivesse aliviado por ter finalmente desabafado. – Não me apercebi de que alguém nos tinha ouvido. Porque é que o Shane não disse nada antes?

Estou demasiado esgotada emocionalmente para explicar o que Tripp, Shane e Charlotte fizeram na floresta.

– Guardaste a carta anónima? – pergunto em vez disso.

Mas antes que o tio Nick possa responder, a porta do banco de trás abre-se, e assusta-nos aos dois.

– Mas que raio? – grita o tio Nick, enquanto eu me viro no banco, sem palavras ao ver Tripp a atirar-se para dentro do carro. Tripp está a arfar, com os olhos marejados, e ao princípio só consigo pensar que ele me seguiu e ouviu tudo. Mas se é esse o caso, porque é que ele parece aterrorizado? Isto são boas notícias, a não ser que ele não acredite no tio Nick.

– Graças a Deus – diz Tripp, roucamente, e eu pisco os olhos, ainda mais confusa. Depois bate com a palma da mão nas costas do assento do tio Nick e acrescenta à pressa: – Temos de ir. Ainda a podemos encontrar. Eles acabaram de sair.

– Encontrar quem? – pergunto, perplexa.

Tripp ignora-me, olhando fixamente em frente, e bate com mais força no banco do tio Nick ao mesmo tempo que grita:

– *Arranca! Agora! Vai!*

– Ir para onde? – pergunta o tio Nick, com um ar preocupado. – Tripp, tens de te acalmar por um segundo. Por favor. Diz-nos o que se está a passar.

Tripp respira fundo, para se acalmar, antes de dizer:

– É a Ellie, está bem? Precisamos de encontrar a Ellie. Sai do parque de estacionamento pela esquerda. Eu vi-os a virar à esquerda.

Abre-se um buraco no meu peito.

– A Ellie? – pergunto a tremer.

O olhar de Tripp encontra finalmente o meu, e o medo nos seus olhos faz com que o meu estômago se revire.

– Brynn, ele está aqui – diz ele. – Não sei como, nem porquê, mas está aqui e *levou-a*, porra. Meteu-a na carrinha dele e foi-se embora.

O tio Nick entra em ação, põe o carro em andamento e carrega no acelerador num movimento fluido. Acelera para a saída do parque de

estacionamento.

– Quem é que a levou? – grito, embora tenha quase a certeza de que sei quem foi.

Como um ninho de vespas.

Tripp contrai o maxilar.

– O tipo da loja de penhores – diz ele.

Capítulo 41

Tripp

– Que loja de penhores? – pergunta Nick Gallagher ao sair a toda a velocidade do parque de estacionamento de Saint Ambrose. – E para onde é que eu vou?

– Eu sabia. Eu sabia que ele era o Dexter Robbins – geme Brynn, e pega no telemóvel. – A culpa disto é toda minha.

– Tens culpa de quê? – pergunta Nick. – E quem é o Dexter?

– Oh, meu Deus! – diz Brynn, agarrando-lhe o braço. – Conduz.

Apesar de tudo, as coisas entre eles parecem estar bem, por isso acho que Nick tinha uma boa explicação para ter estado na floresta com o *stôr* Larkin. Mas esse não é o nosso maior problema neste momento, por isso não pergunto nada. A última coisa de que precisamos é de um Nick distraído. Temos de encontrar Ellie, e depressa, antes que ela se magoe e eu passe o resto da minha vida a odiar-me por não a ter encontrado a tempo.

Não devia ter parado, nem por um segundo, quando me apercebi que o tipo da loja de penhores Última Oportunidade estava no nosso ginásio. E quando ele começou a seguir Ellie, devia ter empurrado todos os colegas que dançavam entre mim e ela com força suficiente para os tirar do meu caminho. Porque, quando cheguei lá fora, o tipo da loja de penhores já a estava a enfiar na carrinha. Tudo o que pude fazer foi correr atrás deles, mas já era demasiado tarde, e depois correr de volta para a escola para pedir ajuda. Antes de lá chegar, vi Brynn no carro de Nick.

– Ela tem a localização do Snapchat ligada – declara Brynn sem fôlego.

– Parece que estão na Binney Street.

– O que raio está a acontecer? – interroga Nick, exigindo uma explicação. – A Ellie está bem?

Brynn ignora-o e vira-se no banco para olhar para mim; o seu rosto é a imagem da preocupação.

– A culpa é minha – diz ela novamente. – Eu não devia ter ido lá. Ele deve ter visto a minha matrícula e conseguiu localizar-nos. Oh, meu Deus! – Ela põe uma mão sobre a boca. – Espera um minuto. Nós vimo-lo no parque

de estacionamento de Saint Ambrose esta noite, não foi? A carrinha que se atravessou à frente de Mason. E eu nem sequer me apercebi... Mas porque é que ele levaria a Ellie?

– O que está a acontecer? – pergunta Nick. Ele está a conduzir demasiado depressa para as estradas secundárias de Sturgis, mas praticamente não há outros carros a circular.

Brynn vira-se de novo para a frente.

– O Dexter Robbins é o pai do *stôr* Larkin – diz ela. – Ele também é uma besta abusiva, e eu acho que... – A voz dela quebra um pouco. – Eu acho que ele não sabia que o filho estava morto até... recentemente.

– O pai do Will? – pergunta Nick, confuso. – Não percebo.

– Continua simplesmente... – começa Brynn, mas já estamos em Binney Street e eu vejo os faróis à nossa frente, a iluminar uma matrícula que começa por um seis. É tudo o que me lembro da carrinha que passou por mim, e inclino-me para a frente entre os bancos.

– São eles – digo quando o contorno da carrinha se torna mais nítido.

– Graças a Deus! – grita Brynn. Vê-se a cabeça de Ellie no banco da frente, o mais perto da janela e o mais afastada de Dexter que consegue.

– E agora? – pergunta Nick, abrandando para manter uma distância segura entre ele e a carrinha vermelha. – A Ellie está em perigo? O que é que este tipo quer?

– Não sei – diz Brynn, quase a chorar. – Fá-los parar.

– Como é que é suposto eu fazer isso? – pergunta Nick. – Não posso... Não quero provocar este gajo e torná-lo violento. Não com a Ellie no carro.

– Vou chamar a polícia – digo, sacando do meu telemóvel. O que provavelmente devia ter feito logo de início, mas não estava a pensar com clareza.

– Boa ideia – diz Nick.

– Não os percas de vista – diz Brynn ao tio, enquanto eu ligo para o 112.

– Ele está a acelerar – diz Nick, seguindo a carrinha numa curva apertada. – Acho que já me viu.

– 122, qual é a sua emergência? – diz uma voz ao meu ouvido.

– Estou? Alguém levou a minha amiga – respondo. – No carro dele. Numa carrinha. Estamos a segui-los e... – Nick faz uma curva apertada atrás de Dexter, e eu quase deixo cair o telemóvel.

– Neste momento está num veículo em movimento? – pergunta a voz do outro lado.

– Sim – respondo, vendo os faróis do carro à nossa frente. Não sei bem onde estamos. Não podemos estar assim tão longe de Saint Ambrose, mas a estrada é escura e há poucos candeeiros na rua e estão espaçados. Não consigo ver nada, exceto a massa de árvores de ambos os lados. – Estamos em Sturgis, acho eu, ou talvez em Stafford, mas...

– Senhor, preciso de lhe pedir que encoste à berma da estrada para continuar esta conversa – diz o operador.

– Não estou a conduzir – respondo. – Estamos a seguir uma carrinha Ford vermelha. A matrícula é seis três sete oh...

Batemos num buraco enorme e, desta vez, o meu telemóvel voa.

– Raios – sibilo, inclinando-me para a frente para o apanhar.

– Isto não é seguro – diz Nick. – Ele está a ir muito depressa e estas estradas são escuras. Temos de parar e falar com o operador.

– Não! – exclama Brynn com urgência, enquanto eu varro o chão, à procura do meu telemóvel. Não consigo chegar suficientemente longe; vou ter de tirar o cinto de segurança. – Não a podemos perder de vista. *Por favor*, tio Nick. Por favor, não o deixes fugir. Não podes...

Depois ela grita.

Ouve-se um barulho de travões e Nick vira violentamente o volante para o lado. Sou atirado com força contra o cinto de segurança enquanto o carro gira e depois bate com tanta força em qualquer coisa que cada parte de mim estremece. Brynn continua a gritar, e eu penso que também devo estar a gritar, ou Nick, mas não.

Ele não está a fazer barulho nenhum.

O carro parou, com o motor a trabalhar. Os faróis iluminam a casca nodosa da árvore contra a qual chocámos, visível através de um para-brisas ainda intacto. Não foi acionado nenhum *airbag*, por isso, ou o carro de Nick é tão antigo que não os tem, ou não nos despistámos com força suficiente para os acionar. O que me parece impossível, mas, por outro lado... Estou inteiro. Quando me inclino para a frente para ver como está Brynn, parece que ela também está. Mas Nick...

Nick Gallagher está caído sobre o volante, imóvel.

– Brynn – digo, desapertando o cinto de segurança com as mãos a tremer. – Vocês estão bem?

– Eu estou – diz ela em voz baixa. – Mas não sei o que se passa... – Ela vira-se para olhar para mim, e os olhos dela percorrem o meu rosto com preocupação, antes de se virar para o tio e colocar uma mão hesitante no seu braço. – Tio Nick? Estás bem?

Ele geme ligeiramente, mas não se mexe. Ainda assim, sinto alívio e começo a procurar o meu telemóvel.

– Estava ao telefone com o 112. Deixa-me só...

– Tripp – diz Brynn no mesmo fio de voz. – Olha.

Capítulo 42

Tripp

Levanto a cabeça. A princípio, só vejo um tronco de árvore, mas depois apercebo-me de um movimento à direita dos faróis. Surge a figura de um homem, uma silhueta contra a carrinha vermelha estacionada na berma da estrada. O homem que achamos ser Dexter Robbins está parado à nossa frente, a olhar para o para-brisas. Quando olhamos de volta, ele levanta a mão e aponta-nos uma arma.

Uma *arma*. Merda!

Fora do carro, diz o gesto.

– Tu ficas – digo a Brynn. – Eu vou.

– Não – diz ela, abrindo a porta do carro antes de eu ter hipótese de protestar, e saímos os dois demasiado depressa para quem está prestes a enfrentar um homem armado. Alcanço Brynn enquanto o tipo segura o telemóvel e aponta a aplicação da lanterna para nós.

– Estão a duplicar – diz ele. – Primeiro, penso que se refere a mim e a Brynn, mas depois acrescenta: – São gémeas?

– Irmãs – diz Brynn, a tremer no seu vestido sem mangas. Quero abraçá-la ou dar-lhe o meu casaco, mas tenho medo de fazer movimentos bruscos. Ao contrário do senhor Solomon, tenho quase a certeza de que a arma deste tipo não é só para nos assustar. – Ela está bem?

Ele ignora a pergunta e mantém a luz forte a brilhar na nossa direção, impossibilitando-me de ver mais alguma coisa.

– Foste tu que estiveste na loja de penhores – diz ele. – Não foi ela. Não admira que ela não me soubesse dizer nada.

Apesar de tudo, sinto uma pontada de admiração por Ellie. Ela podia ter-lhe dito muitas coisas, mas não o fez.

– Queremos falar com ela – digo. Dexter baixa a lanterna do telemóvel o suficiente para que eu possa ver Ellie a mexer-se no banco da frente da carrinha vermelha, mas há algo de estranho no movimento dela. Como se ela estivesse a ser refreada.

– Estou-me nas tintas para o que tu queres – diz ele.

– És o Dexter Robbins? – pergunta Brynn.

– Sou eu que faço as perguntas aqui – diz ele. – Tu tinhas o medalhão do Billy. Porquê?

O que é resposta suficiente.

– Eu... Oh, meu Deus! – Brynn torce as mãos, depois lança um olhar desesperado para trás, para um Nick ainda imóvel. – Ele foi meu professor. Conhecia-o como William Larkin. Não sei se sabe, mas ele... morreu há quatro anos. – Ela para, à espera de uma reação.

Dexter resmunga.

– Sim, eu sei. Quando apareceste, a exhibir aquele medalhão, vi o número da tua matrícula e pedi a um amigo da DGV para o procurar. Depois procurei-te a *ti*, para tentar perceber qual era a tua. Fui parar ao *site* da vossa escola chique e ali estava ele – o maldito *William Larkin*. A ser homenageado com a porra de um jardim. – Estou chocado com a repugnância na voz dele; não há uma ponta de tristeza ou de arrependimento. – Boa viagem para ele – acrescenta Dexter. – Nenhum traidor que corta relações comigo e que muda de nome é meu filho. Mas a questão é a seguinte...

A sua voz torna-se melancólica à medida que continua.

– Eu não falava com o Billy há séculos. Então, há quatro anos, ele mandou-me um *e-mail* do nada, gabando-se de ter encontrado o irmão mais novo na escola onde dava aulas. Disse que o ia trazer para o meu aniversário, mas depois disso? Nunca mais ouvi falar dele. Achei que estava a mentir, como sempre, sobretudo porque nunca se tinha dado ao trabalho de me dizer que era professor. Mas, afinal, ele não estava a mentir sobre isso... portanto pensei que se calhar também não estava a mentir em relação ao Mikey.

Não consigo pensar em nada para responder, mas Dexter não está a olhar para mim. Tem a lanterna apontada para Brynn.

– O meu filho mais novo. Tem mais ou menos a tua idade, e se há coisa que sei sobre a mãe dele é que ela gosta de criar raízes. Se o Mikey cresceu aqui, provavelmente ainda cá vive. Vi na Internet que iam dar um baile esta noite, por isso apareci. Pensei que ia reconhecer logo o Mikey, mas havia demasiada gente.

A amargura tinge-lhe a voz.

– Ou talvez ele tenha estado fora demasiado tempo. Depois *vi-te*, ou julguei que te tinha visto, e pensei, *aquela rapariga deve-me algumas respostas*. – Ele resmunga de novo. – A tua irmã não estava disposta a ajudar, por isso levei-a a dar uma volta para ela saber que eu estava a falar a sério. E aqui estamos nós. Agora vou perguntar-te a mesma coisa que lhe perguntei a ela: onde está o meu filho?

– Eu... não sei – responde Brynn, e engole em seco. – Só tinha aquele medalhão porque estava a trabalhar numa história sobre o *stôr* Larkin para um programa de *true crime*. Não sabia que ele *tinha* um irmão.

– Acho que estás a mentir – diz Dexter.

– Não estou – responde Brynn. Ficam a olhar um para o outro durante

alguns segundos, num silêncio enervante, até que ela acrescenta: – Pode deixar-me ver a minha irmã, por favor? E pedir ajuda? Acho que... – Ela lança um olhar ansioso por cima do ombro para o carro de Nick. – Acho que o meu tio está ferido.

– Espero que sim – diz Dexter em voz baixa. Depois inclina a cabeça. – Tens muito para dizer, não tens? Mas não é nada do que eu quero ouvir.

– Olhe, será que podemos... – começo, mas Dexter cala-me com um movimento com a pistola.

– E se tentássemos uma abordagem diferente? – diz ele, e volta a olhar para Brynn. – Eu faço uma pergunta e se não gostar da tua resposta, enfio uma bala na tua irmã. Começamos devagar, talvez com uma mão, e vamos subindo.

– Não! – grita Brynn quando Dexter começa a recuar em direção à carrinha. – Pare! Eu digo-lhe tudo o que quiser!

Sinto-me agoniado, porque é claro que ela vai contar, tem de contar..., mas isso significa expor Mason. O que quer que aconteça depois disso vai matá-la por dentro.

– Estou a perder a paciência, miúda – rosna Dexter, ainda a andar. – Tu e a tua irmã estão prestes a saber o que acontece às pessoas que se metem comigo.

Por um segundo ele baixa a arma enquanto se aproxima do lado do passageiro da carrinha, e é quando eu penso: *Será que o consigo alcançar a tempo?* E sei que não consigo, mas mesmo assim estou disposto a tentar quando ouço um rugido repentino. Vejo um movimento pelo canto do olho que me faz virar para trás, e Brynn solta um grito de surpresa quando Nick Gallagher faz marcha-atrás, afastando-se da árvore, e depois avança com o carro. Não estamos minimamente perto da sua trajetória, mas agarro em Brynn por instinto e puxo-a. Caímos ambos no chão quando o carro passa a toda a velocidade por nós. Ouve-se um baque estrondoso e, depois, um silêncio total, exceto o roncar baixo do motor.

– Oh, Meu Deus! – murmura Brynn, com a cara escondida no meu ombro. – O que é que ele... O que é que aconteceu?

Sento-me devagar, envolvo-a com o braço, e tento perceber a cena à minha frente. O carro de Nick está parado uns metros à nossa frente, com os pneus a girar. A carrinha ainda está estacionada ao lado da estrada, e vejo a silhueta de Ellie a mexer-se.

Mas Dexter Robbins não está em lado nenhum.

Capítulo 43

Tripp

– Entra, Tripp. – A senhora Gallagher abre a porta da frente com um sorriso hesitante. – São tão lindas! – acrescenta, acenando com a cabeça para as flores que tenho na mão. – Deixa-me ir buscar uma jarra para as pôr e já as levo para cima daqui a uns minutos. A Brynn está no quarto dela. – Ela baixa a voz e acrescenta: – Ainda bem que ela concordou em ver-te. Tem estado isolada em casa há demasiado tempo.

Queria ser eu a dar as flores a Brynn, mas a senhora Gallagher parece estar cheia de uma energia nervosa que precisa de ser libertada, por isso entrego-lhas.

– Como é que está o Nick? – pergunto, descalçando os ténis e encostando-os à parede.

Os olhos dela brilham.

– Os sinais são positivos. Estamos muito esperançados.

Já passou uma semana desde que perseguimos Dexter Robbins do Baile de Inverno até aos limites das cidades de Sturgis e Stafford – onde ele morreu quando Nick Gallagher o atropelou com o carro meio destruído. Nick perdeu a consciência quase logo a seguir, e tem estado no hospital desde então. Está em muito pior estado do que eu ou Brynn, porque afinal ele nunca chegou a pôr o cinto de segurança antes de ir atrás de Ellie. Ele recuperou os sentidos durante o tempo suficiente para apanhar Dexter, mas o duplo impacto do embate na árvore e no Dexter foi tão traumático que os médicos o puseram em coma induzido até que o inchaço no cérebro diminua.

O que acho que ainda não aconteceu.

Tirei Ellie da carrinha de Dexter depois de Nick o ter atropelado, e usei uma das minhas chaves para cortar a fita adesiva dos pulsos dela.

– Estou bem – disse ela, com a voz surpreendentemente firme. – A Brynn está bem?

Olhei por cima do meu ombro e vi Brynn de pé, com os braços pendentes ao lado do corpo e uma expressão vazia no rosto.

– Não sei – disse eu. E continuo sem saber.

Nessa noite, a polícia levou-nos para o hospital para sermos examinados, e Brynn estava como eu quando encontrámos o corpo do senhor Solomon: praticamente catatónica. Assustei-me, porque pensei que ela talvez se tivesse magoado no acidente e ninguém me tenha dito nada. Mas depois uma das enfermeiras chamou-me à parte.

– Não há nada de errado com ela, exceto que está profundamente triste – disse-me a enfermeira. – Ela diz que a culpa é toda dela.

Naquele momento compreendi, porque se há alguém que conhece esse sentimento, sou eu.

No caso de Brynn, ela está a lidar com o efeito dominó de ter conduzido Dexter acidentalmente até Saint Ambrose. Ela culpa-se a si própria por todas as coisas más que aconteceram depois disso – incluindo a morte de Dexter e o facto de Nick o ter atropelado.

Pelo menos, é o que Ellie diz. Não o ouvi diretamente de Brynn, porque ela não fala comigo. Nem com mais ninguém.

Tem estado trancada no quarto desde sábado passado. De certa forma, é bom que ela esteja escondida, porque Sturgis transformou-se num circo desde o Baile de Inverno. As carrinhas dos meios de comunicação social estão por todo o lado, com repórteres a apinharem-se em Saint Ambrose e no centro de Sturgis, a analisar ao milímetro todas as voltas e reviravoltas do caso. O *Motivo* teve um avanço em relação aos outros, claro, e Carly Diaz tem estado no ar constantemente. Só vi um episódio, aquele em que Rose, da Taberna do Cão Raivoso, explicou que tipo de marido e de pai Dexter Robbins foi. Mason e a mãe revelaram as suas verdadeiras identidades assim que souberam da morte de Dexter, e Rose parece determinada em garantir que não haverá qualquer represália pela decisão da senhora Rafferty de fugir com Mason anos antes.

Acho que não vai haver. Com Dexter morto, já não há ninguém vivo que queira ver qualquer um deles castigado.

Brynn contou a Ellie que Nick e o *stôr* Larkin tinham discutido no dia em que ele morreu, e Ellie contou isso à polícia. O que acabou por ser algo positivo, provavelmente, porque Shane decidiu que estava farto de estar calado e fez a mesma coisa. Quando o agente Patz me voltou a interrogar, contei-lhe toda a verdade que pude, sem entrar em pormenores sobre o que pensei que o meu pai tinha feito. Disse que tinha encontrado o medalhão de «Billy» na floresta, mas que não sabia que pertencia ao *stôr* Larkin, e que menti sobre ter estado sempre com Shane e Charlotte porque estávamos assustados.

Ambas as coisas são tecnicamente verdade, por isso as minhas mentiras foram sobretudo por omissão. Felizmente, o agente Patz não tem a capacidade de Brynn para saber quando estou a mentir, ou talvez não se importe.

– Vocês eram apenas miúdos – disse ele quando eu acabei. Pela primeira vez, ocorreu-me que ele talvez sempre tivesse acreditado nisso. As ondas de desconfiança que eu costumava sentir vindas dele eram provavelmente

provocadas pela minha própria culpa.

Queria contar-lhe que Lisa Marie ficou com o dinheiro da visita de estudo. Queria mesmo, mas quando chegou a altura, não consegui dizer as palavras. O meu pai ofereceu-se para me levar de novo, e começar a conversa, mas eu continuo sempre a adiá-lo. É difícil concentrar-me em qualquer coisa até ter a certeza de que Nick e Brynn vão ficar bem.

Todos os meios de comunicação social querem falar comigo, com Shane e com Charlotte, mas estamos a ser discretos. Entretanto, os repórteres estão empenhados em mergulhar nas contribuições de caridade dos Delgado – apesar de tanto eles como a Associação da Polícia de Sturgis insistirem que não houve qualquer contrapartida para aquela grande doação no ano em que o *stôr* Larkin morreu. Não acredito nisso nem por um segundo; não há dúvida de que o senhor e a senhora Delgado queriam facilitar as coisas para o Shane na altura. Fizeram-no durante toda a sua vida, porque haveriam de parar quando as impressões digitais dela estavam na arma de um crime?

Seria bom para Shane se os pais dele comessem a deixá-lo ter de se fazer à vida. Acho que ele consegue lidar com muito mais do que as pessoas acham que ele é capaz.

Estou perdido em pensamentos a subir as escadas para o quarto de Brynn, quando uma voz me chama:

– Tripp. – A porta do quarto de Ellie está aberta e ela está sentada de pernas cruzadas na cama, em frente ao portátil. – Olá – diz ela, e sorri para mim debilmente. – A Brynn acabou de acordar.

Olho para a porta do quarto de Brynn, que ainda está fechada.

– Devo esperar, ou...

– Não, entra. Ela está entusiasmada por te ver. – Ellie parece desejar mais que isso seja verdade, do que acreditar naquilo que diz, o que faz com que o meu coração se afunde um pouco.

– Ótimo – digo, mas não me mexo logo. – Como estás?

– Estou... – Ela hesita antes de encolher os ombros. – Mais ou menos na mesma.

– Então, uma durona discreta – digo e ela bufa.

– Sim, uma grande durona que se deixa raptar no parque de estacionamento de Saint Ambrose. – Ellie fecha o portátil e empurra-o para o lado. – Os meus pais vão obrigar-me a ir ver um terapeuta, para que eu possa reviver tudo isto semanalmente. Mal posso esperar.

– Talvez seja bom, falar com alguém.

– Talvez. – Ela desenha o padrão do edredão com um dedo. – Não é tanto o que o Dexter fez que me afeta. Mal me lembro dessa parte; é como se me tivesse dissociado durante todo o tempo em que estive na carrinha dele. Mas tudo o que aconteceu depois... O tio Nick a ficar ferido... – Ela engole em seco e faz uma careta. – *Bah*. Desculpa. Não é como se *estivesses* a ser pago para ouvir esta treta.

– Não me importo – respondo.

Ellie acena-me para me ir embora.

– Vai ver a Brynn.

– Queres vir comigo à pastelaria Lugar Feliz a seguir? – pergunto impulsivamente. Ela ergue as sobrancelhas, ligeiramente curiosa, e eu acrescento: – A minha chefe tem-na agora semifechada, para manter os jornalistas afastados. Ela só deixa entrar os clientes habituais. Por isso, há muitos bolos que precisam de ser comidos. Além disso, ela tem um cão muito querido que adora que lhe façam festas.

– Estou a ver. – Ellie acena com a cabeça. – Sim. Gostava muito.

– Ótimo. Venho aqui buscar-te quando acabar. Talvez a Brynn também queira vir. – Não tenho muita esperança nisso, mas nunca se sabe.

– Está bem – diz Ellie, parecendo um pouco mais animada. – Oh! – acrescenta antes que eu possa virar as costas. – Adivinha quem me mandou essas flores?

Ela aponta para um enorme e vistoso ramo de flores em cima da cómoda. Quem quer que tenha sido, estava a tentar causar boa impressão.

– A Paige? – pergunto.

– Não. O Mikhail Powers.

– Quem?

– A sério? – Ellie inclina a cabeça. *Mikhail Powers Investigates?* Os Quatro de Bayview? Eu posso ser a próxima Maeve Rojas.

– Não faço ideia do que estás a falar.

Ela revira os olhos.

– Precisas de ver mais programas de *true crime*, Tripp.

– Vou ter isso em consideração – digo, apesar de não me lembrar de nada que gostasse menos de fazer.

Atravesso o corredor e bato ao de leve à porta de Brynn.

– Entra – diz ela numa voz quase inaudível. Está na cama, apoiada em meia dúzia de almofadas, a usar uma *t-shirt* de Saint Ambrose. Tem o cabelo solto e sem vida à volta dos ombros, e o seu rosto não tem expressão.

– Olá – digo e fecho a porta atrás de mim. – Como estás?

– Bem – diz ela. Os olhos estão menos vidrados do que na noite em que Dexter morreu, mas ela ainda parece, como que é que a enfermeira disse?, «profundamente triste».

– Posso sentar-me? – pergunto. Ela acena com a cabeça e eu empoleiro-me na beira da cama. Eu disse a mim mesmo, no caminho para aqui, que as palavras certas viriam quando cá chegasse. Espero que sim.

– Sentes-te melhor? – pergunto. *Ótimo começo*, Tripp, penso para mim. Ela limita-se a encolher os ombros. – Vais voltar à escola em breve?

Ela morde o lábio inferior.

– Eventualmente.

Estou capaz de dar um murro a mim mesmo por lhe ter feito esta pergunta. Não é que me importe, e mesmo que me importasse, eu não sou o tipo de miúdo dos cartazes para aparecer em Saint Ambrose depois de uma

crise. Não sei porque lhe perguntei aquilo, mas é que, de repente, parece impossível falar com Brynn como dantes. Tenho demasiado medo de dizer a coisa errada e de a fazer sentir-se ainda pior.

– Ainda estou muito cansada – diz Brynn. – Não sei durante quanto tempo consigo falar.

– Sim, claro. Não me vou demorar – digo, como se a sua próxima sesta fosse um compromisso de importância vital que ela não pode perder. Depois, ficamos os dois a olhar para o edredão. Isto já é excruciante, e eu estou aqui há menos de um minuto. Não sei bem porque é que ela concordou em ver-me, quando claramente não me quer aqui. Talvez seja melhor ir-me embora.

A ideia enche-me imediatamente de alívio, mas depois penso: *Cobarde. Ela não fugiu quando precisaste de ajuda.*

– Lembras-te do que me disseste na casa de hóspedes da Charlotte? – pergunto.

Brynn pisca os olhos.

– Não. Quero dizer, eu disse muitas coisas. Qual delas?

– Disseste: «Quero que saibas que podes confiar em mim.» Logo depois de teres desistido do teu estágio. – Faço uma pausa, mas ela não diz nada. Nem sequer pisca os olhos. – Não sei se despedir-me da pastelaria Lugar Feliz teria o mesmo efeito, mas eu faria qualquer coisa para que soubesses que podes confiar em mim. Podes dizer-me o que quer que estejas a pensar, por mais obscuro que seja, porque é provável que eu também tenha pensado o mesmo. Há pouco tempo.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas, mas elas não caem. Durante uns segundos agonizantes, acho que ela não me vai responder, ou pior ainda, que me vai virar as costas. Depois afasta-se para a esquerda, como que a libertar espaço na cama.

– Podes... sentar-se mais perto? – Ela engasga-se, e empurra o edredão para o lado.

Sento-me ao lado dela, com as pernas esticadas na cama, e ponho um braço à volta dos seus ombros. Ela agarra-se com força à minha *t-shirt* e enrosca-se no meu peito. Durante alguns minutos, ficamos assim, sem falar, e então ela diz, com a voz abafada:

– Quem me dera nunca ter regressado a Sturgis.

– Eu percebo – digo.

– Quem me dera não ter aceitado o emprego no *Motivo*. Ou ido a casa do senhor Solomon, ou à Taberna do Cão Raivoso, ou ao Baile de Inverno. Assim nada disto teria acontecido. – A sua respiração acelera. – Às vezes até gostava de não te ter conhecido. Não é bem não te ter *conhecido*, obviamente, porque já te conhecia, mas gostava que nunca tivéssemos voltado a falar um com o outro.

– Isso faz sentido – digo, e estou a falar a sério. Depois da morte do senhor Solomon, pensei o mesmo em relação a Brynn.

– Tenho tanto medo pelo tio Nick – diz Brynn, e a sua voz quebra-se. –

E também me sinto triste por ele, porque mesmo que acorde... ele matou o Dexter. Vai ter de viver com isso, e ele... ele nem sequer consegue matar aranhas. Põe-nas sempre lá fora.

– Ele estava a proteger a Ellie – replico.

– E isso também é culpa minha. Fiz com que a minha irmã fosse raptada por causa de uma *reportagem*. Porque não conseguia esquecer o assunto, mesmo quando toda a gente me dizia que o devia fazer.

– Eu disse-te para *não* desistires – lembro-a.

– Não em relação ao Dexter. Tentaste avisar-me.

– Tu não querias que nada disto tivesse acontecido – digo.

– Mas aconteceu. – Agora ela está a chorar, a soluçar compulsivamente, um pranto que parece demasiado grande para caber na sua pequena estrutura, e eu só gostava que houvesse uma maneira de o absorver. Seguro-a durante o que parecem horas, embora provavelmente só tenham passado dez minutos. Ouço alguém subir as escadas – a mãe dela, talvez, com as flores que eu trouxe –, mas desce sem bater à porta. Os soluços de Brynn acabam por diminuir, tornando-se um suspiro ocasional e põe a mão por cima da minha *t-shirt*, sobre o meu coração. Ela suspira, como se o batimento constante fosse reconfortante.

– Posso dizer-te uma coisa? – digo.

Ela encosta a cabeça ao meu peito.

– Podes.

– Há muitas coisas que não sei – continuo. – Mas eis o que sei. Sei que não estavas apenas atrás de uma boa história, estavas a tentar ajudar pessoas que estavam a sofrer a ficar em paz. Sei que os segredos nos podem comer por dentro, e que a verdade nos pode partir o coração, e às vezes é difícil saber o que é pior. – Sinto a minha *t-shirt* a ficar mais molhada, mas desta vez Brynn está a chorar baixinho. – Sei que podemos ter as melhores intenções e mesmo assim obter os piores resultados. E sei... – Puxo-a para mais perto de mim, e pouso o queixo no topo da sua cabeça. – Que não te vais sentir sempre assim.

– Eu mereço sentir-me assim – diz ela.

– Não mereces. Garanto-te que não.

Brynn fica calada durante tanto tempo que eu até poderia pensar que ela adormeceu se houvesse alguma parte do seu corpo remotamente relaxada. Mas a sua postura é tão rígida, e a sua respiração tão superficial, que tudo o que consigo pensar é que nada do que eu disse fez diferença. Ela está determinada em castigar-se, e quem sou eu para lhe dizer que não o deve fazer? Compreendo esta necessidade; fiz o mesmo durante quatro anos. Talvez estejamos presos no tipo de ciclo que não se consegue quebrar.

Então Brynn suspira profundamente e diz, trémula:

– Está bem. – Depois de outra longa pausa, levanta a cabeça e limpa os olhos antes de olhar diretamente para mim. – Eu não queria dizer o que disse. Não me arrependo de termos voltado a falar.

Sinto um alívio enorme, mas tento não o demonstrar.

– Não faz mal se tu...

– Estou a tentar ter um momento, Tripp – diz Brynn.

Apesar de reconhecer instantaneamente o momento em que lhe disse o mesmo, no jardim da casa de Charlotte, para agradecer a Brynn por me ter arrancado a verdade sobre o dia em que o *stôr* Larkin morreu, não tenho a certeza de que ela tenha querido fazer o mesmo, até que ela me oferece um vestígio do seu sorriso habitual. É a melhor coisa que vi durante toda a semana.

– Não lamento nada – repete ela. – Estou grata.

Provavelmente não deveria, mas...

– Grata o suficiente para me beijar? – pergunto, para que ela saiba que eu percebi a referência. Depois faço uma careta para que ela não pense que estou a tentar fazer com que isso aconteça depois de ela ter acabado de chorar no meu ombro.

– Ainda não – diz Brynn, voltando a encostar a cabeça no meu peito. Mantém a mão sobre o meu coração, que começa a bater mais depressa quando ela acrescenta: – Mas em breve.

Capítulo 44

Brynn

– Por isso, liga-me quando ouvires esta mensagem – digo para o atender de chamadas de Tripp.

Não há nada que eu tenha para lhe dizer que não possa enviar por mensagem – é apenas uma atualização da minha visita ao escritório do *Motivo* –, mas às vezes quero mesmo ouvir a voz dele.

Só passou uma semana desde que ele me veio ver ao meu quarto, mas o mundo já me parece diferente. Mais tarde nessa noite, ficámos a saber que o tio Nick tinha melhorado o suficiente para os médicos começarem a reduzir a medicação. Ele acordou há alguns dias e, apesar de ainda ter muito tempo de recuperação pela frente, estava tão igual a si mesmo quando o visitei no hospital que não consegui parar de chorar.

– Estás a molhar-me o cobertor, sobrinha querida – gritou ele.

– Lamento muito – soluzei, e ele deu-me uma palmadinha fraca na mão.

– Não lamentes. Eu estou bem. Tu estás bem. A Ellie está bem. Tudo o resto...

Ele adormeceu antes de acabar, mas *tudo o resto* está a ser tratado pelo meu pai. Está numa missão desenfreada para garantir que, quando o tio Nick recuperar totalmente, tem toda a ajuda legal de que precisa para lidar com o que aconteceu com o Dexter e o *stôr* Larkin.

É a maneira de o meu pai pedir desculpa por estar sempre a fazer o tio Nick passar um mau bocado. Acho que todos percebemos agora porque é que o tio Nick nunca seguiu em frente com a sua vida depois da faculdade. Ele e Tripp estiveram presos no mesmo calvário durante os últimos quatro anos, com medo de dizer a verdade e sempre a pensar se poderiam ter feito algo diferente para salvar o *stôr* Larkin.

Tenho estado a fazer os trabalhos da escola em casa, com a Nadia e o Mason a irem lá à vez para me passarem as coisas. Da primeira vez que vi o Mason, não consegui parar de lhe pedir desculpa, até que ele me mandou calar.

– Tu não querias que nada disto tivesse acontecido – disse ele e, apesar

de o Tripp ter andado a martelar as mesmas palavras na minha cabeça sem parar, foi um alívio ouvi-las da boca de Mason. – E tu nunca terias descoberto quem eu era se eu não me tivesse tornado num vândalo, por isso... telhados de vidro, é só o que estou a dizer.

Depois devolveu-me o mini Mason para me fazer companhia, o que me fez desatar chorar, como quase tudo ultimamente.

Esta tarde – quando a minha mãe me levou a Back Bay para me encontrar com Carly – foi a vez em que estive mais tempo fora de casa desde que tudo implodiu no Baile de Inverno. Não sabia bem o que esperar da minha visita aos escritórios do *Motivo*, mas na verdade foi bastante bom.

Carly encomendou o almoço e mandou servir na Scarlet e quase toda a gente veio cumprimentar-me. Incluindo Andy, que me ofereceu um cato em flor e isso fez-me ter vergonha de alguma vez ter pensado nele como «Insonso».

Depois, sentei-me a sós com Carly e Lindzi para pedir desculpa por lhes ter roubado os ficheiros.

– Eu sei que devia estar zangada contigo – disse Carly. – Mas estou impressionada. Há alguma hipótese de queres voltar?

– Não – respondi, tão depressa que Lindzi seriu.

– Manda-me uma mensagem se mudares de ideias – disse Carly.

Quase que o fiz assim que cheguei ao elevador. Está a deixar-me louca, depois de tudo o que aconteceu – todas as mentiras, traumas, ferimentos e morte –, ainda não sabermos o que aconteceu ao *stôr* Larkin. Há qualquer coisa que me está sempre a martelar o cérebro, um fio solto que me pede para o agarrar, mas assim que tento, o pensamento desaparece.

Estou no meu quarto a fazer os trabalhos de casa quando o telemóvel toca e o meu coração dispara quando vejo o nome de Tripp. Atendo e digo:

– Olá.

– Olá – diz ele. – Como é que correu com a Carly?

– Bem. Ofereceu-me o meu emprego de volta.

– Claro que ofereceu. – Ele nunca teve dúvidas. – Aceitaste?

– O que é que achas?

– Acho que não aceitaste, mas que devias aceitar.

– Certo – digo, antes de acrescentar: – Espera, a sério? Porquê?

– Porque és uma repórter nata – diz ele. – E sentes falta disso.

Ele tem razão, mas eu não estou pronta para admitir.

– O que andas a fazer? – pergunto em vez disso.

– A apagar o meu *e-mail* – diz ele. – Não recebi a bolsa de estudos Kendrick.

– Oh não, lamento – digo, com o coração a afundar-se por ele.

– Bem, não faz mal. – Ele parece surpreendentemente bem, talvez porque já não está tão desesperado por cortar relações com o pai como estava há um mês. – A Martina merecia mais.

– Queres fazer alguma coisa mais logo? – pergunto.

Ele demora tanto tempo a responder que quase repito a pergunta.

– Já estou a fazer uma coisa – diz ele por fim. – Algo difícil.

– Ah, sim? – pergunto, e endireito-me na cadeira. O tom dele ficou sério.

– O que é? – Segue-se outra longa pausa, até que eu acrescento: – É mais fácil com companhia?

Tripp solta um longo suspiro.

– Talvez?

– Queres que vá aí a casa?

– Não estou em casa – responde ele, antes de me enviar uma mensagem com a morada.

Ao princípio não vejo Tripp quando chego à pequena casa azul brilhante no limite do cemitério de Sturgis. Depois, vejo o meu namorado sem casaco a acenar no caminho mais próximo do cemitério. Ele ainda está a usar o *blazer* de Saint Ambrose, o cabelo loiro a brilhar sob o sol pálido de inverno e a cara vermelha por causa do frio.

– Ei – chamo por cima do pequeno muro de pedra que separa o cemitério da propriedade de quem quer que seja a casa azul onde ele está. – Estás a passear?

– Gosto de aqui estar – responde Tripp. – É tranquilo.

Quando chega ao muro de pedra, inclina-se, segura no meu rosto com ambas as mãos e beija-me até me esquecer que é suposto estarmos fazendo algo difícil.

– Também gosto de aqui estar – digo sem fôlego quando ele me solta. Sorri e salta por cima do muro quando eu acrescento: – Mas estacionei na entrada da casa de alguém.

– Eu sei. É para lá que vamos – diz Tripp, virando-se para a porta da frente. – É aqui que a Lisa Marie tem estado a ficar. É a casa da amiga dela, a Valerie.

Forço-me a acompanhá-lo, embora o meu primeiro instinto seja parar.

– Vais visitar a tua mãe? – pergunto.

– Não. – Tripp mantém uma expressão estoica, como se estivesse a preparar-se para as más notícias. – Ela não está cá. E a Valerie também não. Saíram para uma última *happy hour* antes de Lisa Marie voltar para Las Vegas amanhã. – Ele sobe os degraus a correr e depois, para minha surpresa, mete a mão na caixa do correio. – Mas a Valerie deixou-me uma chave.

Pisco os olhos quando Tripp destranca a porta e a segura para eu entrar.

– Porquê? – pergunto, atravessando a soleira da porta.

Ele fecha a porta atrás de nós.

– Para eu poder procurar uma coisa.

Estamos numa sala de estar impecável-e-bem-decorada, daquelas em que se nota que tudo foi cuidadosamente escolhido para combinar. O céu azul de um quadro de Thomas Kinkade emoldurado combina perfeitamente com o tapete, e as cortinas e almofadas parecem ter sido feitas exatamente do mesmo tecido. Tripp descalça as botas e deixa-as num tabuleiro de borracha preta ao

lado da porta, e eu faço o mesmo.

– A Valerie disse que o quarto da Lisa Marie é no fim do corredor – diz Tripp, virando-se para a nossa direita.

Tenho vontade de lhe perguntar do que é que ele está à procura, mas tenho a certeza de que ele me diria se estivesse pronto para falar sobre isso. Assim, sigo em silêncio atrás dele até ele abrir a última porta.

– Sim, parece mesmo que a Lisa Marie vive aqui – diz Tripp, entrando no quarto.

Comparado com o resto da casa, é uma zona de catástrofe – a cama está desfeita, há roupas espalhadas por todo o lado, pratos empilhados na secretária e nas cómodas e um monte de toalhas molhadas mesmo à nossa frente. Tripp passa por elas e dirige-se a uma mala grande no canto, aberta e a transbordar de mais roupa. Depois para, mete a mão no bolso e tira um par de luvas de plástico.

Não consigo ficar calada por mais tempo.

– Para que é isso?

– Não quero deixar impressões digitais – diz ele.

O meu estômago revira-se de inquietação quando ele se agacha ao lado da mala.

– Pensei que a Valerie tinha dito que não fazia mal aqui estares?

– E disse – diz ele, abrindo o fecho de um compartimento dentro da mala. Ele apalpa o interior e depois repete o processo noutro compartimento.

– Há alguma coisa que possa fazer? – pergunto, sentindo-me tão inútil como confusa.

Ele vira-se e lança-me um breve sorriso.

– Estás a ajudar. Acredita em mim – diz ele antes de voltar a sua atenção para a mala. Depois de separar toda a roupa, fecha a mala e abre o fecho do bolso da frente. Desta vez, mete a mão e tira um monte de notas amassadas. Fica a olhar para elas durante tanto tempo que penso que devem ser o que ele procurava, mas depois volta a enfiá-las dentro da mala e vira-se para a cama.

– Vou ver aqui debaixo – murmura, levantando a colcha da cama.

Observo em silêncio enquanto ele procura metodicamente no resto do quarto de Lisa Marie – na cama, na cómoda, e nas pilhas de roupa – antes de voltar a sua atenção para o armário. Começa pela prateleira de cima, movendo uma pilha de cobertores, e quando eu estou prestes a explodir com perguntas por fazer, ele fica de súbito completamente imóvel.

– O que é que se passa? – pergunto.

– Eu estava à espera... – Ele engole em seco. – Estava mesmo à espera de não encontrar isto.

Ele tira algo da prateleira antes de se virar para mim, e eu deixo escapar um suspiro involuntário quando vejo o que ele tem nas mãos.

É uma caixa de equipamento de pesca feita de plástico vermelho desbotado, com o fecho ferrugento aberto e as letras R.S. escritas a preto na parte da frente.

– Isso é...

– Do senhor Solomon? – Tripp segura-a com cuidado com ambas as mãos, como se tivesse medo que se partisse. – Sim, é.

– Como é que sabias... – Não sei bem como terminar aquela pergunta, mas ele não precisa que eu o faça.

– Ainda não contei ao agente Patz que a Lisa Marie ficou com o dinheiro da visita de estudo – diz Tripp em voz baixa e pensativa. – O meu pai está sempre a chatear-me para o fazer, agora que tudo o resto veio ao de cima, e eu comecei a pensar como é estranho que desapareça sempre dinheiro quando a Lisa Marie está na cidade. Passei pela Barbearia do Mo para falar com a Valerie – ela trabalha lá e ela é muito fixe, na verdade. Está farta das tretas da minha mãe, por isso, criámos laços por causa disso. – Ele solta uma gargalhada triste. – Perguntei-lhe se a Lisa Marie sabia que o senhor Solomon usava a sua caixa de equipamento como banco, e ela disse que sim. A Valerie tinha contado isso à Lisa Marie, porque era assim que ele pagava quando lá ia cortar o cabelo.

– Oh! – exclamo suavemente. *Oh, não!*

– Sim – diz Tripp. – E a Valerie disse-me que a Lisa Marie não lhe tem pedido dinheiro ultimamente, e ambos concordámos que isso não é nada típico dela, especialmente porque está supostamente falida. Resumindo, a Valerie ofereceu-se para ver nas coisas da Lisa Marie. Eu perguntei se podia ser eu a fazer isso, porque precisava... Não sei. Acho que precisava de ver por mim próprio. – Ele pousa a caixa com cuidado em cima da cama desfeita. – O que é que a polícia disse? Que o senhor Solomon pode ter caído, ou pode ter sido... empurrado.

Não sei o que dizer, por isso limito-me a pegar-lhe na mão.

– A minha mãe pode tê-lo matado – diz Tripp, e olha para a caixa. – Talvez acidentalmente, mas talvez não. – E acrescenta num tom de voz estrangulado: – Por isso, comecei a pensar... e se ela também fez alguma coisa ao *stôr* Larkin? Foi ela que roubou o dinheiro da visita de estudo. Ela estava na cidade, mas mentiu sobre isso até pensar que o Gunnar Fox ia fazer dela uma estrela. E ela...

– Tripp, para – digo, apertando-lhe a mão. A repórter que há em mim tem algumas teorias imediatas sobre isso. A primeira é que Lisa Marie é demasiado inteligente para se associar a um programa de *true crime* que está a investigar um homicídio que ela cometeu. Mas a última coisa que quero, ou de que Tripp precisa, é de voltar a passar os próximos quatro anos obcecado com a possível culpa de um dos seus progenitores num assassinato. Encosto a palma da mão no rosto dele e viro-o para mim, forçando-o a desviar o olhar da caixa de equipamento de pesca do senhor Solomon. – Tu não sabes se isto é verdade, e não é teu dever descobrir.

– Sim, eu sei. Já passei por isso, já fiz isso – diz Tripp, e tira o telemóvel do bolso. – Só precisava de falar sobre isso durante um minuto. De me lembrar porque é que estou a fazer uma coisa tão difícil.

Ele mantém o seu olhar fixo no meu por mais um instante, depois respira fundo e carrega no botão. O meu coração agita-se e a palavra *amo-te* vem-me ao pensamento com tanta força que quase o digo em voz alta. Mas consigo controlar-me, porque não quero que esta seja a primeira vez em que ele me ouve a dizer isto. Em vez disso, fico quieta ao seu lado enquanto ele leva o telemóvel ao ouvido e diz:

– Olá, agente Patz, é o Tripp Talbot. Preciso de participar um roubo.

Epílogo

Brynn

Quase a chegar, diz a mensagem.

Ótimo. Há quinze minutos que estou junto à estufa de Saint Ambrose, a tremer com o frio do final de fevereiro e a pensar se estarei a ser enganada. Não pelo Tripp, mas por alguém que não tenho visto muito nas últimas semanas.

Puxo o chapéu para baixo, para me tapar as orelhas, percorro as minhas outras mensagens, e depois detenho-me numa de Tripp. É uma fotografia de Al a dormir profundamente na arrecadação da pastelaria Lugar Feliz, e é tão gira que me faz sorrir sempre que a vejo. Mas não é por isso que continuo a abri-lha; é porque gosto de olhar para o «Amo-te» que ele enviou a seguir.

Já o dissemos pessoalmente, mas esta é a primeira versão em mensagem, e eu sou uma *nerd* tão grande que fiz uma captura de ecrã.

Depois respondo com um coração a uma fotografia do tio Nick a fazer um gesto com o polegar para cima depois da fisioterapia. O advogado dele passou por cá ontem, e informou-nos de que não haveria qualquer acusação criminal pela morte do Dexter e que a Polícia de Sturgis não considera o tio Nick suspeito no homicídio do *stôr* Larkin.

– Se calhar, foi mesmo um vagabundo – disse o advogado antes de sair.

Mas eu sei que não foi. Pelo menos, acho que sei.

O vento pica-me os olhos e turva-me a visão quando encolho os ombros e olho para o horizonte. Será que aquilo é... Sim. *Finalmente*. Levanto a mão e recebo um aceno lânguido em troca.

– Desculpa o atraso... – diz Charlotte, e para a alguns metros de distância. Está a usar um casaco preto elegante e não tem chapéu, empurrando o cabelo castanho para trás com uma mão enquanto olha à nossa volta.

– Para... o que quer que isto seja. Por que razão estamos aqui?

Não tenho uma boa resposta, exceto que, de certa forma, foi aqui que tudo começou – na reunião que me juntou ao Tripp.

– Gosto de vir aqui – respondo. – E queria falar contigo em privado. – Ouve-se um apito alto, quando a equipa de basebol entra no campo abaixo de

nós para aquilo a que chamam, com otimismo, *treino de primavera*. – Mas não demasiado em privado.

Charlotte arqueia uma sobrançelha.

– Que começo interessante.

– A questão é a seguinte – digo. – Não consigo parar de pensar no *stôr* Larkin...

– Esse é o teu primeiro erro – interrompe-me Charlotte.

– Disseste-me no auditório, durante o Baile de Inverno, que podia ser perigoso continuar a bisbilhotar, o que acabou por ser verdade. Mas também me disseste que eu podia não gostar do que ia encontrar, e pergunto-me... Porque é que disseste isso?

O olhar frio de Charlotte percorre-me durante alguns segundos antes de responder:

– O teu tio, claro. A discussão na floresta com o *stôr* Larkin. Para ser honesta, estou surpreendida por a polícia não estar mais preocupada.

– Mas o Shane estava sozinho quando ouviu isso – replico. Isso veio à tona durante os interrogatórios recentes de Shane com a polícia; ele estava sozinho, longe de Tripp e a caminho do seu encontro com Charlotte, quando se deparou com o corpo do *stôr* Larkin. Alguns minutos depois, disse ele, a Charlotte surgiu por entre as árvores e começou a gritar. Presumo que a polícia também tenha voltado a interrogar Charlotte, mas, se assim foi, ela tem estado calada. – Não estavas com ele.

Charlotte pisca os olhos antes de me oferecer um sorriso educado.

– Eu também ouvi.

– Sim – digo. – Foi o que eu pensei. – Ela franze as sobrançelhas, e eu acrescento: – Mas não faz sentido, sabes. Todo este drama em torno do *stôr* Larkin... O pai abusivo, o irmão escondido, o dinheiro roubado, a discussão com o tio Nick. Não faz sentido que *nada* disso esteja relacionado com o seu homicídio. Por isso, comecei a pensar: E se estiver *tudo* relacionado?

– Oh, ótimo. – Os lábios da Charlotte curvam-se num sorriso. – Estamos a partilhar teorias. Mas porque é que eu sou o Watson sortudo do teu Holmes, exatamente?

– Por causa do que disseste no auditório.

– Olha, Brynn, eu estava a ter uma noite péssima – diz Charlotte com o primeiro indício de impaciência. – Nem sequer me lembro de te ter dito para parares de bisbilhotar, mas...

– Não foi isso – interrompo-a. – Tu perguntaste «o *Mason* é o irmão do *stôr* Larkin?»

Ela encolhe os ombros.

– E depois? Tinha acabado de vos ouvir falar disso.

– Sim, mas não foi a tua pergunta que me tem estado a incomodar. Foi a ênfase que puseste no nome do Mason. «O *Mason* é o irmão do *stôr* Larkin?» – repito. – Se aquela tivesse sido a primeira vez que ouviste dizer que o *stôr* Larkin tinha um irmão em Saint Ambrose, não terias dito isso assim. Terias

ênfâtizado de uma maneira diferente. Terias dito algo do gênero: «o Mason é irmão do *stôr* Larkin?»

Charlotte não está a usar cachecol, por isso reparo no seu engolir nervoso, e sinto arrepios nos braços que não têm nada a ver com o frio. Mas a sua voz está calma como sempre quando ela diz:

– Desculpa, mas não vejo qual é a importância disso. Provavelmente ouviste mal, de qualquer forma. Estavas muito stressada.

– Ouvi muito bem. O que eu acho é o seguinte: disseste aquilo daquela maneira porque já sabias que o *stôr* Larkin tinha um irmão em Saint Ambrose, mas até àquele momento, no auditório, achaste que era o Shane. – Sinto uma centelha de triunfo quando Charlotte engole de novo. – Tu costumavas seguir o Shane por todo o lado no oitavo ano, e o cacifo dele é mesmo ao lado da sala de aula do *stôr* Larkin. Acho que foste à procura dele no dia em que o *stôr* Larkin disse ao Mason quem ele era, e paraste à porta da sala de aula enquanto eles estavam a falar. Ou melhor, enquanto o *stôr* Larkin estava a falar, porque o Mason não disse uma única palavra. Acho que ouviste tudo, viste o *stôr* Larkin a sair, e depois viste o Shane a sair da sala de aula. Ele estava a dormir no bengaleiro, mas não sabias isso. E não sabias que o Mason ainda estava sentado no mesmo lugar onde o *stôr* Larkin o tinha deixado, totalmente em choque e em silêncio. Tudo o que viste foi o Shane, por isso pensaste que ele tinha acabado de saber que havia um meio-irmão que o queria mandar de volta para um pai perigoso.

Charlotte, já composta de novo, solta uma risada leve e desdenhosa.

– A tua imaginação é prodigiosa, Brynn. Esquece o jornalismo. É um desperdício dos teus talentos. Devias ser escritora.

– Acho que querias ajudar o Shane – continuo. – Farias qualquer coisa por ele, certo? Por isso, primeiro escreveste uma carta anónima ao diretor Griswell, acusando o *stôr* Larkin de ter roubado o dinheiro das visitas de estudo. É o tipo de coisa que os miúdos da nossa idade fariam, resolver o problema livrando-se da fonte. Mas o meu tio recebeu a carta por engano e foi falar com o *stôr* Larkin na floresta perto do Parque Shelton, precisamente quando tu lá estavas, prestes a encontrares-te com o Shane. Por isso, sim, ouviste essa conversa.

Avanço alguns passos, mantendo os meus olhos fixos nos de Charlotte.

– Depois disso, sabias o que estavas a enfrentar com o *stôr* Larkin. Ele não era o tipo de pessoa que ia recuar por causa de uma carta anónima, ou que se deixaria intimidar pela tua família. Ele gostava de uma boa *luta*. O que é que disseste na biblioteca? – Aproximo-me ainda mais, sem esperar por uma resposta. – Há mais do que uma maneira de se ser horrível. O *stôr* Larkin deve ter-te parecido bastante horrível na altura. Acho que estavas zangada e por isso atacaste. Antes mesmo dele se aperceber da tua presença. – Baixo os olhos para as mãos dela, cobertas por luvas de pele macia. – E não deixaste impressões digitais, porque estavas a usar estas luvas. Ou outras parecidas.

– Ena – diz Charlotte, enquanto o vento lhe sacode artisticamente o

cabelo, como se tivesse sido contratado exatamente para esse efeito. – Estás mesmo a tentar ir até ao fim com isto.

– Acho que não o querias matar – continuo. Consigo imaginar a Charlotte do oitavo ano, incapaz de acreditar no que tinha feito. Provavelmente ficou paralisada ao lado do corpo do *stôr* Larkin até ouvir Shane a aproximar-se, e depois escondeu-se, talvez à espera que ele passasse por outro caminho e não reparasse no *stôr* Larkin. Mas reparou, e Charlotte teve de fazer uma escolha: continuar a esconder-se e dizer às pessoas que afinal tinha decidido não se encontrar com Shane na floresta, ou juntar-se a ele e fingir que estava em estado de choque.

Como sempre, Charlotte escolheu a opção que a aproximava de Shane.

– Foi um azar – termino. – Mas tu não estavas disposta a assumir a culpa e o Tripp deu-te uma saída. Não sabias porquê, mas aceitaste de bom grado. E tens mantido o Tripp por perto desde então.

Charlotte não se consegue conter.

– Não ultimamente – replica ela.

– Mas não por opção – contraponho.

Quando partilhei esta teoria com Tripp, ele resistiu, e não o posso censurar. De muitas formas, Charlotte foi uma boa amiga para ele. Mas quanto mais falávamos sobre o assunto, mais ele começava a aceitar e, embora não o diga, acho que parte dele está aliviado por Charlotte ser a assassina do *stôr* Larkin fazer mais sentido do que ser Lisa Marie. Ele queria vir comigo hoje, mas eu não achei que fosse boa ideia. Para mim, Charlotte não deixaria escapar nada se ele estivesse cá.

Ficamos a olhar uma para a outra em silêncio, até que Charlotte pergunta por fim:

– Já acabaste?

– Sim – digo, e endireito os ombros, contrariando o súbito e quase irresistível desejo do meu corpo de ficar mole.

– Ótimo – diz ela. – Foi um pequeno delírio interessante, mas não passa disso, e não tens uma única prova que diga o contrário. – Os seus olhos azuis cristalinos fixam-se nos meus. – Não te aconselho a andares por aí a repetir isto. Nem toda a gente tem a minha paciência.

Aceno com a cabeça, sem me perturbar com a sua ameaça educada. Só me surpreende que ela tenha demorado tanto tempo. Vira-se para se ir embora, e eu digo:

– Adeus, Charlotte.

– Vai procurar ajuda – diz ela sem olhar para trás.

Talvez eu não a devesse ter confrontado, mas o problema com Charlotte é que eu tenho a certeza de que é melhor estar preparada para a enfrentar. E ela não tem inteiramente razão; tenho uma *pequena* prova.

Ontem à noite, peguei na fotocópia da carta anónima que o tio Nick tinha recebido – ele tinha-a guardado todos estes anos e lá conseguiu encontrá-la. Levei-a para o sótão e remexi na minha caixa de recordações da

escola secundária Saint Ambrose até encontrar o que procurava: a pasta que continha o projeto das folhas que eu tinha feito com Charlotte no oitavo ano. Depois de tudo o que aconteceu com o *stôr* Larkin, atrasámo-nos a entregá-lo e eu fiz quase todo o trabalho. A única contribuição de Charlotte foi uma folha de rosto bem escrita com os nossos nomes.

A carta anónima a acusar o *stôr* Larkin estava dactilografada, mas o envelope em que vinha estava escrito à mão, e a letra coincidia com a página de rosto do nosso projeto. Em particular, o «G» de Griswell era idêntico ao «G» de Gallagher – mais parecido com o número seis do que com uma letra.

Não é muito, eu sei. E não tenho a certeza, para ser honesta, se quero que Charlotte venha a ser castigada pelo que fez. Estava a falar a sério quando disse que acho que ela não tencionava matar o *stôr* Larkin. Mas matou, e muitas pessoas sofreram porque ela não assumiu o que fez. Não quero que Charlotte passe o resto da vida a fazer o que bem lhe apetece, sem nunca ter de pagar por isso. Porque, quando isso acontece, acabamos com uma Lisa Marie.

Aqueles «G» iguais não são a prova de que Charlotte matou o *stôr* Larkin, mas são um começo. O primeiro passo, por assim dizer. Vejo Charlotte a afastar-se até ser apenas um ponto ao longe, desbloqueio o telemóvel e procuro a mensagem de ontem de Carly.

Ainda sentimos a tua falta no Motivo. Consigo convencer-te a voltar?

Segundo passo, penso eu, antes de responder:

Sim. Que tal amanhã?

Agradecimentos

Nada Mais a Dizer é o meu livro da pandemia; uma história que comecei a escrever na primavera de 2020, a partir de uma ideia com mistério que tinha tido anos antes. Durante meses, lutei para a fazer arrancar, culpando o caos do mundo à minha volta, antes de me aperceber de que tinha centrado a história nas personagens erradas. Depois de recriar os meus dois protagonistas a partir do zero, o livro arrancou e foi um prazer escrevê-lo.

Dedico-o às minhas agentes Rosemary Stimola e Allison Remcheck, não apenas porque não teria uma carreira sem estas mulheres fantásticas, mas também porque as sugestões iniciais delas para este livro foram inestimáveis. Toda a equipa da Stimola Literary Studio é incrível, e estou especialmente grata a Alli Hellegers pelo seu trabalho na parte internacional, e a Pete Ryan e Nick Croce pela sua ajuda na gestão das operações.

Este é o meu sexto livro, e sou uma escritora muito melhor agora do que era no início, graças à minha brilhante editora, Krista Marino, que leva sempre as minhas histórias a níveis que eu não tinha a certeza que pudessem atingir. Obrigada também às minhas editoras, Beverly Horowitz, Judith Haut e Barbara Marcus, pelo vosso apoio, e à fantástica equipa da Delacorte Press e da Random House Children's Books, incluindo Kathy Dunn, Lydia Gregovic, Dominique Cimina, Kate Keating, Elizabeth Ward, Jules Kelly, Kelly McGauley, Jenn Inzetta, Emma Benshoff, Adrienne Weintraub, Felicia Frazier, Becky Green, Enid Chaban, Kimberly Langus, Kerry Milliron, Colleen Fellingham, Alison Impey, Kenneth Crossland, Martha Rago, Tracy Heydweiller, Tamar Schwartz, Linda Palladino e Denise DeGennaro.

Obrigada aos meus colegas excelentes dos direitos internacionais da Intercontinental Literary Agency, da Thomas Schlueck Agency e da Rights People por terem encontrado casas em todo o mundo para *Nada Mais a Dizer*. Estou profundamente agradecida aos meus editores e editoras internacionais pela forma como apoiam este livro e a minha carreira em geral.

Agradeço a Kit Frick pelo *feedback* atenciosos sobre este manuscrito, à minha mãe e ao meu pai pelo vosso apoio e à minha irmã Lynne por ter sido a minha primeira leitora (obrigada também à Lynne e ao Luis Fernando por me

terem emprestado o vosso cão, *Al*, para um papel pequeno mas fundamental em *Nada Mais a Dizer*).

Obrigada ao meu filho, Jack; às minhas sobrinhas, Gabriela e Carolina; e ao meu sobrinho, Erik, que são, de repente, o meu público-alvo e, por vezes, os meus consultores não remunerados das redes sociais. Estou muito grata à minha sobrinha, Shalyn, pelas suas incríveis ilustrações dos meus personagens.

Agradeço também aos meus dois clubes de leitura, aos meus vizinhos da EC e à equipa da Holden, que me ajudaram a celebrar alguns grandes momentos este ano.

E, por fim, um enorme obrigada aos meus leitores, que continuam a aparecer nas apresentações dos meus livros de uma forma que me faz sentir profundamente agradecida, e me recorda da importância de contar histórias.

Contents

1. Ficha Técnica
2. Capítulo 1
3. Capítulo 2
4. Capítulo 3
5. Capítulo 4
6. Capítulo 5
7. Capítulo 6
8. Capítulo 7
9. Capítulo 8
10. Capítulo 9
11. Capítulo 10
12. Capítulo 11
13. Capítulo 12
14. Capítulo 13
15. Capítulo 14
16. Capítulo 15
17. Capítulo 16
18. Capítulo 17
19. Capítulo 18
20. Capítulo 19
21. Capítulo 20
22. Capítulo 21
23. Capítulo 22
24. Capítulo 23
25. Capítulo 24
26. Capítulo 25
27. Capítulo 26
28. Capítulo 27
29. Capítulo 28
30. Capítulo 29
31. Capítulo 30
32. Capítulo 31
33. Capítulo 32
34. Capítulo 33
35. Capítulo 34
36. Capítulo 35
37. Capítulo 36
38. Capítulo 37
39. Capítulo 38
40. Capítulo 39

41. [Capítulo 40](#)
42. [Capítulo 41](#)
43. [Capítulo 42](#)
44. [Capítulo 43](#)
45. [Capítulo 44](#)
46. [Epílogo](#)
47. [Agradecimientos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)